



Marcela Machado Vianna Torres

**“Vi o Senhor”: Maria Madalena, a primeira testemunha
ocular da ressurreição, segundo Jo 20,11-18**

Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Waldecir Gonzaga

Rio de Janeiro,
Março de 2024.



Marcela Machado Vianna Torres

**“Vi o Senhor”: Maria Madalena, a primeira
testemunha ocular da ressurreição, segundo Jo
20,11-18**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Dr. Waldecir Gonzaga
Orientador
PUC-Rio

Prof. Dr. Heitor Carlos Santos Utrini
PUC-Rio

Prof. Dr. Alessandra Serra Viegas
Seminário Metodista César Dacorso Filho

Rio de Janeiro, 21 de março de 2024.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Marcela Machado Vianna Torres

Graduou-se em Direito na Universidade Cândido Mendes em 1995. Graduou-se em Teologia na PUC-Rio em 2021. Desenvolveu junto com a PUC-Rio o Mestrado em Teologia com ênfase em Teologia Bíblica. É integrante do grupo de pesquisa de Análise Retórica Bíblica Semítica, constante no Diretório do CNPq e da Rede Brasileira de Teólogas (RBT).

Ficha Catalográfica

Torres, Marcela Machado Vianna

“Vi o Senhor” : Maria Madalena, a primeira testemunha ocular da ressurreição, segundo Jo 20,11-18 / Marcela Machado Vianna Torres ; orientador: Waldecir Gonzaga. – 2024.

170 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Jo 20,11-18. 3. Maria Madalena. 4. Ressurreição. 5. Testemunha. 6. Mulher. I. Gonzaga, Waldecir. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para Maria Madalena e às “Madalenas” que
anunciam o ressuscitado com a força do seu amor.

Agradecimentos

A Deus que despertou em meu coração o amor às Sagradas Escrituras.

Ao Professor Dr. Pe. Waldecir Gonzaga, meu orientador e amigo, pelo estímulo e parceria para a realização deste trabalho.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus pais, Beatriz e Antonio Alberto (*in memoriam*), pela educação e pelo amor.

Ao meu marido, Marcelo, e às minhas filhas, Manoela, Mariana e Maria Clara, pela paciência e carinho ao longo desta jornada de estudos.

Aos familiares e amigos que me incentivaram a continuar os estudos na Teologia.

Ao amigo e professor Antonio Marcos Santos, por me encorajar a seguir em frente e me aconselhar na elaboração deste trabalho, e à amiga e professora Letícia Duarte, pelas aulas de grego e pelo apoio constante. A contribuição de vocês foi fundamental para a realização desta dissertação.

Aos meus colegas de mestrado da PUC-Rio, pelo apoio, pela generosa troca acadêmica e amizade.

Aos colegas da Análise Retórica Bíblica Semítica (ARBS) e às membras da Rede de Teólogas Brasileiras (RBT) pela partilha de conhecimento.

Aos professores que gentilmente aceitaram participar da Comissão Examinadora deste trabalho.

Aos professores do Departamento de Teologia, em especial, à Profa. Maria de Lourdes Corrêa Lima, Pe. Fabio Siqueira, Pe. Heitor Carlos Santos Utrini, Pe. Leonardo Agostini Fernandes e Pe. Waldecir Gonzaga pelos ensinamentos e disponibilidade.

Aos funcionários da PUC-Rio e, especialmente, aos do Departamento de Teologia pela ajuda e colaboração.

Resumo

Torres, Marcela Machado Vianna. **“Vi o Senhor”: Maria Madalena, a primeira testemunha ocular da ressurreição, segundo Jo 20,11-18**. Rio de Janeiro, 2023. 161p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação de Mestrado estuda a perícopes de Jo 20,11-18, na qual é apresentada a narrativa, em forma de diálogo, da aparição de Jesus ressuscitado a Maria Madalena. A pesquisa volta-se para a dimensão teológica do “ver” em distintas perspectivas ao longo da perícopes. Por meio da pesquisa bibliográfica, do método Histórico-Crítico e do método da Análise Retórica Bíblica Semítica, o texto é analisado, tendo como foco a personagem de Maria Madalena, como a primeira testemunha ocular da ressurreição. A expressão de Maria Madalena, “Vi o Senhor” (Jo 20,18), destaca-se como o ponto culminante da narrativa, elemento que simboliza a transformação do medo e tristeza em alegria, força e esperança. A validação de Maria Madalena como a primeira testemunha ocular da ressurreição sublinha a importância do encontro pessoal com Jesus como meio de reconhecimento do ressuscitado.

Palavras-chave

Jo 20,11-18; Maria Madalena; Ressurreição; Testemunha; Mulher.

Abstract

Torres, Marcela Machado Vianna. **“I saw the Lord”: Mary Magdalene, the first eyewitness to the resurrection, according to John 20:11-18.** Rio de Janeiro, 2023. 161p. Master's Thesis - Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

This Master's thesis studies the pericope of John 20:11-18 in which the narrative is presented, in the form of a dialogue, of the appearance of the resurrected Jesus to Mary Magdalene. The research focuses on the theological dimension of “seeing” in different perspectives throughout the pericope. Through bibliographical research and the Historical-Critical Method, as well as the Semitic Biblical Rhetorical Analysis approach, the text is analyzed, focusing on the character of Mary Magdalene as the first eyewitness to the resurrection. Mary Magdalene's expression, “I saw the Lord” (John 20:18), stands out as the culmination of the narrative, an element that symbolizes the transformation of fear and sadness into joy, strength and hope. The validation of Mary Magdalene as the first eyewitness to the resurrection highlights the importance of the personal encounter with Jesus as a means of recognizing the resurrected One.

Keywords

John 20:11-18; Mary Magdalene; Resurrection; Witness; Woman.

Sumário

1. Questões Introdutórias	10
1.1. Tema	10
1.2. Objeto formal	11
1.3. Objeto material	13
1.4. Método, fontes de pesquisa e os limites acadêmicos	13
1.5. Apresentação dos capítulos da dissertação	14
2. Estado da questão (<i>Status Quaestionis</i>)	16
2.1. Comentários e livros	16
2.2. Teses e dissertações	56
2.3. Artigos	64
2.4. Conclusão	68
3. Texto, delimitação e crítica textual	71
3.1. Segmentação e tradução	71
3.2. Crítica textual	73
3.3. Notas filológicas	79
3.4. Delimitação do texto e estrutura literária	85
3.4.1. Jo 20,1-29 e as aparições de Jesus ressuscitado nos Sinóticos	85
3.4.2. Os ciclos pascais no Evangelho de João e a localização de Jo 20,11-18... ..	87
3.4.3. Delimitação	88
3.4.4. Contexto antecedente próximo (Jo 20,1-10)	89
3.4.5. Contexto posterior próximo (Jo 20,19-29)	90
3.4.6. Unidade de Jo 20,11-18	92
3.4.7. Elementos internos que favorecem a unidade	93
3.4.8. Estrutura literária Retórica Semítica	95
3.5. Gênero literário	101
3.6. Conclusão	103
4. Comentário à perícopes de Jo 20,11-18	105
4.1. Introdução: v.11	106
4.2. A busca de Maria Madalena pelo corpo do Senhor e o diálogo com desconhecidos: v.12-15	110
4.3. O reconhecimento de Jesus e seu ensinamento: v.16-17	119
4.4. Ida e anúncio de Maria Madalena aos discípulos: v.18	131
4.5. Maria Madalena e as testemunhas masculinas da ressurreição	137
4.6. Análise <i>ad-intra</i> : Jo 20,11-18 em relação ao Quarto Evangelho	145
4.7. Análise <i>ad-extra</i> : Jo 20,11-18 em relação ao AT	150
5. Conclusão	153
6. Referências Bibliográficas	160

“Maria, eu te conheço pelo nome, aprenda a me conhecer pela fé”.

Monge Anônimo, *Meditatio de Passionis
et Resurrectione Christi*

“As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou”.

Ranier Maria Rilke

“Espera um pouco, filha, e verás grandes coisas”

Santa Teresa D’Ávila

1

Questões introdutórias

Segundo Jo 20,11-18, Maria Madalena é reconhecida como a primeira testemunha ocular da ressurreição de Jesus Cristo. Este texto se desenvolve ao longo de um contexto mais amplo, no qual se inicia o relato da ressurreição por meio de sinais que preparam a aparição de Jesus, primeiro a Maria Madalena (Jo 20,1-10), aos discípulos, com o envio do Espírito Santo (Jo 20,22), a Tomé (Jo 20,24-29), até o epílogo do Quarto Evangelho (Jo 21,1-25), um dos cinco textos do *corpus joanino*¹. Jo 20,11-18 é uma narrativa em forma de diálogo que visa preparar a comunidade para uma nova forma de relação com Jesus e para assumir uma nova identidade eclesial.

1.1

Tema

Para o autor do Quarto Evangelho, Maria Madalena é a primeira testemunha ocular do ressuscitado. O tema deste trabalho visa destacar que Jesus legitima Maria Madalena como a primeira testemunha da ressurreição e, também quer demonstrar que o reconhecimento do ressuscitado se dá a partir de um encontro pessoal com ele.

Partindo da realidade patriarcal da sociedade no século I d.C., tem-se que a validação de um fato perante o tribunal judaico era feita pelo depoimento de duas testemunhas apenas do sexo masculino. Isto é, naquele tempo e sociedade, as mulheres não eram consideradas testemunhas legais², pelo contrário, em muitos casos, desprezadas e condenadas, enquanto os homens eram protegidos em seus erros³. Em Jo 20, o evangelista insiste no tema do testemunho, evidenciado pela

¹ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do *Corpus Joanino* no Cânon do Novo Testamento, p. 681-704. Os cinco textos do *corpus joanino* são: o Evangelho segundo João, Primeira, Segunda e Terceira Cartas de João e Apocalipse.

² Talvez esta possa ser a razão pela qual Paulo não elencou nenhuma mulher na profissão de fé presente em 1Cor 15,3-8, texto mais antigo de todo o NT. Outro possível motivo pela exclusão das mulheres no credo primitivo, seria a possibilidade de Paulo ter seguido uma tradição diferente ou não ter tido contato com o relato da aparição do ressuscitado a alguma mulher. Sobre esta temática, confira o estudo de GONZAGA, W.; VIANNA TORRES, M. M., O Ressuscitado: Suas aparições a homens e não a mulheres em 1Cor 15,3-8, p. 69-94.

³ GONZAGA, W.; VIANNA TORRES, M. M. Raab, a meretriz: mulher de fé (Hb 11,31) e de boas obras (Tg 2,24-25), p. 161-202.

narrativa da ida de Pedro e do Discípulo Amado ao sepulcro, na menção dos dois seres angélicos ladeando a pedra sepulcral e na figura do “jardineiro-Jesus” / “Jesus-ressuscitado” na narrativa. Pelo que se percebe, o autor do Quarto Evangelho se utiliza de pares de testemunhas masculinas como sinais “confiáveis” do fato da ressurreição. No entanto, mesmo assim, ele narra que Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena e a comissiona a transmitir a Boa-Nova da ressurreição aos discípulos. Este fato tem valor indiscutível pois, mesmo estranho aos costumes da época, figuram na narrativa evangélica, além disso, sua relevância se dá pela multiplicidade de testemunhos nos Sinóticos.⁴

A primeira vez que Maria Madalena vê Jesus ressuscitado, ela não o reconhece, mas confunde-o com o jardineiro.⁵ Ela só se familiariza com Jesus quando este a chama pelo nome, de forma personalizada. Parece que João deseja mostrar ao ouvinte-leitor que é necessário adquirir uma fé pós-pascal para encontrar-se com Jesus.⁶ Maria Madalena procurava um corpo, e não passava pelo horizonte lógico a possibilidade de um diálogo com alguém já falecido, provavelmente, por isso, ocorreu a confusão. O “ver” no sentido sensível é diferente do “ver” espiritual. Em Jo 20,1, a visão de Maria Madalena do sepulcro, expressa pela raiz verbal “βλέπω/*ver*”, denota a relevância do sentido da visão. No final do capítulo ela exclama que viu o Senhor, sendo utilizada a raiz “ὀράω/*ver*” com os olhos da fé, ou seja, ver em um “sentido espiritual”. Ainda há outra raiz verbal empregada no texto para expressar que Maria Madalena viu os anjos e o jardineiro: “θεωρέω/*observar, perceber*”.⁷ O evangelista explora esses níveis de compreensão e de amadurecimento de Maria Madalena, isto é, o processo de ampliação da sua fé pré e pós-pascal.

1.2

Objeto formal

A expressão de Maria Madalena, “Vi o Senhor” (Jo 20,18), é o ponto culminante do tema da primeira aparição de Jesus como o Senhor ressuscitado. Esta frase carrega em si a libertação do medo e da tristeza, que se convertem em alegria,

⁴ PAGOLA, J., A., Jesus, p. 595-596.

⁵ CARD, M., John, p. 205-206.

⁶ GARRIDO, J., Lectura y relectura de Juan, el discípulo, p. 179.

⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 293.

força e esperança. A primazia deste testemunho antecede a mensagem que Jesus delega a Maria Madalena sobre sua condição diante do Pai e a relação filial que é compartilhada com seus discípulos, a partir de então, irmãos. A narrativa de Jo 20,11-18 pode ser analisada sob a ótica feminina a partir de personagens prototípicos que têm um encontro pessoal Jesus. O “ver” de Maria Madalena é muito mais do que estar diante de alguém, mas experimentar a força da presença do ressuscitado ressignificando-a para a vida.

O que chama atenção nas narrativas da ressurreição dos evangelhos é justamente que uma mulher tenha sido escolhida pelo ressuscitado para se dar a conhecer deste modo pela primeira vez. Sabe-se que na tradição judaica, a mulher não era reconhecida legalmente como testemunha, no entanto em Jo 20,11-18, Maria Madalena, além de testemunha é igualmente enviada com uma mensagem de cunho teológico, totalmente inovadora, em relação aos Sinóticos. A busca pela legitimação da ressurreição é evidente, embora não seja nos moldes reconhecidos pela lei judaica. Este fato confirma que Jesus resgata a dignidade da mulher no seu sentido ontológico, isto é, Jesus mostra que a dignidade deriva do próprio ser humano, todos a têm em idêntico grau.

Outro aspecto importante na temática é a relação de intimidade entre Maria Madalena e Jesus, que se desdobra pela busca incansável e corajosa pelo corpo do Senhor, o seu sentimento de perda e de sofrimento, a alegria pelo reconhecimento, além do desejo de “retê-lo”, querendo permanecer em sua presença física. Existem, por outro lado, diversos elementos que preparam a revelação do ressuscitado. Tais elementos indicam uma preocupação pessoal do autor para que este evento fosse acolhido e compreendido não só por Maria Madalena, mas pelo ouvinte-leitor de sua comunidade. Nota-se que as diversas “evidências” fornecidas pelo narrador levam a um novo modo de compreensão da relação entre a comunidade e o ressuscitado, na qual busca-se sedimentar a fé em Jesus e ao mesmo tempo estabelecer a continuação da missão da comunidade.

1.3

Objeto material

O texto de Jo 20,11-18 é bem testemunhado pela tradição cristã e que, indubitavelmente, está relacionado com o Quarto Evangelho, presente na maioria dos catálogos antigos;⁸ no entanto, questiona-se se a origem do material encontrado em Jo 20,11-18 seria originalmente uma narrativa independente oriunda de uma outra tradição. De fato, a presença de Jo 20,11-18 em seu contexto suscita algumas questões de continuidade, uma vez que parecem existir lacunas narrativas: as que conectam o texto imediatamente anterior, a ida de Pedro e do Discípulo Amado ao sepulcro (Jo 20,1-10); e das consequências do anúncio de Maria Madalena aos discípulos após a ressurreição. O texto apresenta uma estrutura em forma narrativa, permeada por diálogos, e pode ser dividida da seguinte forma: a) introdução (v.11); b) a busca de Maria Madalena pelo corpo do Senhor e o diálogo com desconhecidos (v.12-15); c) o reconhecimento de Jesus e seu ensinamento (v.16-17); d) ida e anúncio de Maria Madalena aos discípulos (v.18).

1.4

Método, fontes de pesquisa e os limites acadêmicos

Ao se desenvolver o estudo do tema “*Vi o Senhor*”: *Maria Madalena primeira testemunha ocular da ressurreição segundo Jo 20,11-18*, busca-se a utilização da metodologia que parte da análise sincrônica por meio dos métodos de análise textual, desde a crítica dos testemunhos manuscritos, tradução e segmentação, assim como a análise dos verbos e vocábulos mais relevantes. O estudo do texto levou em consideração as relações semânticas e sintáticas, iluminadas pela Análise Retórica Bíblica Semítica.⁹

Com o auxílio dos recursos diacrônicos, como a contextualização sociocultural e religiosa, ambiente literário contemporâneo ao texto, de modo específico a situação feminina como testemunha no mundo antigo, e a dimensão do

⁸ GONZAGA, W., Compêndio do Cânon Bíblico, p. 76-79.

⁹ GONZAGA, W., Palavra de Deus: na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 15: “Hoje já não conseguimos mais olhar para os textos das Sagradas Escrituras se não for com os olhos da retórica Semítica, própria dos textos bíblicos, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento”.

discipulado das mulheres nas comunidades cristãs primitivas, percebem-se dados para evidenciar que Jesus acolhia as mulheres como discípulas e que desafiou o sistema legal de sua época ao escolher e ratificar Maria Madalena como primeira testemunha ocular da ressurreição. Deste modo, é de suma importância a união e a complementariedade dos métodos de análise para o aprofundamento do tema, a novidade trazida e sua aplicação para os dias atuais.

Como fonte para a pesquisa utilizou-se de pesquisa bibliográfica focada na temática de autoras e autores no arco temporal dos últimos 70 anos. Estas obras compreendem livros, teses e artigos. Como instrumentos de trabalho, utilizou-se de gramáticas, léxicos e dicionários especializados, bem como de comentários exegéticos e literatura complementar. Ainda foram utilizados recursos eletrônicos de bancos de dados e de *softwares* de análise bíblica (*Logos Bible e BibleWorks*).

Partindo da natureza de um trabalho de dissertação de mestrado, visa-se oferecer um panorama sobre a dimensão da novidade trazida por Jesus da validação de Maria Madalena como a primeira testemunha ocular da ressurreição. O encontro pessoal é desenvolvido por meio de sinais que preparam para uma abertura cada vez mais profunda com o ressuscitado gerando uma nova consciência sobre o evento e as consequências deste para a dimensão individual e comunitária.

1.5

Apresentação dos capítulos da dissertação

O presente trabalho está dividido em **seis partes**, que se desenvolvem a partir da estrutura acadêmica e dos passos do Método Histórico-Crítico,¹⁰ análise textual e literária, e comentário exegético-teológico.

O **primeiro capítulo** contém os objetivos e a metodologia empregados na pesquisa e apresentação da estrutura dos capítulos. O **segundo capítulo** oferece o estado da questão, por meio de obras, dentre livros, teses, dissertações e artigos publicados desde a década de 1950, por homens e mulheres que se debruçaram sobre o tema estudado, tornando-se referências para este trabalho.

¹⁰ LIMA, M. L. C., Exegese bíblica, p. 64-65: “...é mister, além de ultrapassar os pressupostos ideológicos originais do método histórico-crítico, trabalhar considerando a dimensão divina das palavras humanas. Isto exige do exegeta uma atenção ao estudo histórico, mas também uma particular abertura ao sentido teológico dos textos”.

O **terceiro capítulo** apresenta segmentação e tradução, crítica textual, notas filológicas, delimitação do texto e estrutura literária que abrange a relação entre Jo 20,1-29 e as aparições de Jesus ressuscitado nos Sinóticos; os ciclos pascais no Evangelho de João e a localização de Jo 20,11-18; a delimitação do texto, o contexto antecedente próximo (Jo 20,1-10), o contexto posterior próximo (Jo 20,19-29), a unidade de Jo 20,11-18, os elementos internos que favorecem a unidade, estrutura literária Retórica Semítica; em seguida, gênero literário e a conclusão.

No **quarto capítulo** encontra-se o comentário de Jo 20,11-18, baseada na Análise Retórica Bíblica Semítica, que divide o texto em pequenas segmentações, a saber: introdução (v.11); a busca de Maria Madalena pelo corpo do Senhor e o diálogo com desconhecidos (v.12-15); o reconhecimento de Jesus e seu ensinamento (v.16-17); ida e anúncio de Maria Madalena aos discípulos (v.18); e ainda uma breve explanação sobre o tema do impacto do anúncio de Maria Madalena aos discípulos. Por fim, é desenvolvida a análise por comparação temática *ad intra* e *ad extra* de Jo 20,11-18 com unidades textuais do próprio evangelho e, também veterotestamentárias.

No **quinto capítulo** tem-se a conclusão da pesquisa indicando os elementos teológicos mais relevantes, as implicações exegéticas e hermenêuticas em diálogo com o nosso contexto, assim como a contribuição para a reflexão de novas pesquisas acadêmicas sobre o tema estudado.

Por fim, o **sexto capítulo** oferece as **referências bibliográficas** consultadas e mencionadas ao longo do trabalho. Em suma, este trabalho visa enriquecer a compreensão de Jo 20,11-18 e sua relevância dentro do contexto mais amplo da teologia e da exegese bíblica.

2

Estado da questão (*Status Quaestionis*)

Neste capítulo é tratado o horizonte temático de Jo 20,11-18, por meio de uma revisão bibliográfica dos principais autores que abordaram o tema da aparição de Jesus a Maria Madalena, iniciando com a significativa pesquisa e contribuição de Lagrange. A partir disto, foca-se nos trabalhos de autores a partir de meados do século XX, partindo de 1950, com Barret, e estendendo-se até os autores mais contemporâneos. Depois, traz-se algumas teses e dissertações sobre a aparição do ressuscitado a Maria Madalena, bem como recentes artigos que abordam esta temática.

2.1

Comentários e livros

Antes da década de 1950, um dos precursores sobre o estudo do Evangelho de João foi **Lagrange**, que em 1936 escreveu sua obra *Évangile selon Saint Jean*. Nela, ele argumenta que a presença de Maria Madalena junto ao sepulcro, no v.11, não está relacionada ao episódio anterior, mas poderia ser conectada ao v.1. No entanto, o estudioso sugere que o leitor deve assumir que Maria Madalena voltou após os discípulos e permaneceu perto do sepulcro quando estes saíram. Para Lagrange o verbo “εἰστήκει/*estava de pé*” corrobora este argumento. Ele comenta que Madalena chorou porque imaginou que seu mestre tinha sido removido, porque o amava e por ser uma mulher. Enquanto ela chorava e olhava para dentro do sepulcro, os discípulos partiram sem lhe dizer nada.¹¹ Segundo o autor, no v.12, dois anjos são descritos como homens vestidos de maneira deslumbrante com ênfase no lugar e posição em que se encontram.¹²

Segundo Lagrange, Maria Madalena estava tão absorta em sua tristeza que mal notou a presença dos anjos no sepulcro (v.13). Ele atesta que a aparição de Jesus a Maria Madalena é sutil, refletindo um aspecto da natureza da ressurreição.

¹¹ LAGRANGE, M. J., *Évangile selon Saint Jean*, p. 509.

¹² LAGRANGE, M. J., *Évangile selon Saint Jean*, p. 509-510.

Jesus se manifesta quando deseja.¹³ Destaca a abordagem cuidadosa de Jesus ao questionar Maria Madalena sobre o motivo do seu choro e quem ela procura, indicando um desejo de prepará-la delicadamente para o reconhecimento (v.15).

O estudioso observa que, no v.16, quando Jesus chama “Maria” de uma maneira específica, ela o reconhece, indicando que ele fala diretamente ao seu coração. Para Lagrange, no v.14, o fato de que Maria Madalena se volta novamente sugere que seu olhar possa ter retornado ao sepulcro, ou que João quis enfatizar que, antes, ela estava prestando pouca atenção ao jardineiro, mas agora se volta para ele completamente. No v.16, o vocábulo transliterado do aramaico “*παββουν/meu mestre*”, é traduzido pelo autor por “*διδάσκαλε/mestre*”.¹⁴

Lagrange aponta a dificuldade de interpretação do v.17, em que Jesus diz “*μή μου ἄπτου/não me retenhas*”. Segundo o autor, o uso do imperativo presente indica que Maria Madalena já havia tocado Jesus, levando a pensar que ela estava prestes a agarrar seus pés. No entanto, a declaração de Jesus parece contradizer isso. A tentativa de reconciliar essas partes pode levar a várias interpretações, incluindo a ideia de que Jesus ainda não havia subido ao Pai, mas estava prestes a fazê-lo. Ele sugere que o termo “*ἀναβαίνω/subir*” pode ser interpretado como uma referência à ascensão, indicando uma nova fase espiritual de Jesus. Maria Madalena não deve se apegar à presença física, mas compreender as implicações da ressurreição. Salienta a urgência de Maria Madalena em comunicar aos outros discípulos o que viu, enfatizando sua pressa e desejo de compartilhar a notícia (v.18).¹⁵

Conclui-se que Lagrange tinha uma percepção mais psicológica do texto, considerando uma ótica feminina, contextualizada pelo seu período histórico, que considerava a mulher, de modo geral, como um ser mais frágil e negava ao homem a expressão pública da emoção, desconsiderando que nos Evangelhos, o próprio Jesus, assim como Pedro choraram (Lc 19,41; 22,62; Jo 11,35). Destaca-se igualmente a compreensão de que a ressurreição e a ascensão constituem um único evento, dentro de um processo que abrange uma perspectiva presente (*ἀναβέβηκα*) e futura (*ἀναβαίνω*), por meio do presente histórico.

Barret escreveu a obra *The Gospel according to St. John: an introduction with commentary and notes on the Greek text*, em 1955. O autor afirma que a

¹³ LAGRANGE, M. J., Évangile selon Saint Jean, p. 510.

¹⁴ LAGRANGE, M. J., Évangile selon Saint Jean, p. 510.

¹⁵ LAGRANGE, M. J., Évangile selon Saint Jean, p. 511-513.

presença dos anjos no relato de João pode indicar que ele está se baseando nos Sinóticos ou em alguma tradição muito semelhante. A descrição dos anjos sentados na cabeceira e nos pés do local onde Jesus estava pode ser uma adição elaborada de uma fonte.¹⁶ Quanto ao título “κύριε/*senhor*”, presente no v.15, o autor observa que este não corresponde ao “κύριόν μου/*meu Senhor*” do v.13 ou a “τὸν κύριον/*o Senhor*” do v.18c, pois no v.15g, Maria Madalena pensa que seu interlocutor é o jardineiro. Seria, portanto, uma forma educada de se dirigir a um estranho. O estudioso destaca que o verbo “βαστάζω/*remover*”, no v.15, é o mesmo de Jo 12,6 presente no relato de que Judas “surrupia” o dinheiro da bolsa comum do grupo. Quando Jesus chama Maria Madalena pelo nome, ela o reconhece, uma alusão a Jo 10,3, em que o nome por si só convence Maria Madalena de sua identidade. No v.16, Maria Madalena chama Jesus de ραββουνι, um título usado pelo cego Bartimeu em Mc 10,51.

Ele afirma que a forma transliterada, *rabbouni*, provém do antigo aramaico palestino, é demonstrado por sua aparição nos fragmentos do Targum da *Genizah* do Cairo e do *Targum Onkelos*, com a forma *ribboni*.¹⁷ No v.17, o autor diz que o presente imperativo negativo “μή μου ἄπτου/*não me retenhas*” indica a interrupção de uma ação já em andamento ou a tentativa de realizar uma ação. Barrett insinua que Maria Madalena pode ter agarrado os pés de Jesus (baseado em Mt 28,9) ou então que ela estava a ponto de fazê-lo quando Jesus a impediu.

Barret confronta as dificuldades presentes no v.17 e menciona que Bernard¹⁸ propõe a possibilidade de uma corrupção textual. De acordo com Bernard,¹⁹ a posição do “μου/*meu*” varia, e a leitura do manuscrito original poderia ter sido simplesmente “μή ἄπτου/*não toques*” sendo ela própria uma corruptela de um “μή πτόου/*não temas*”. O verbo πτόου encontra-se na segunda pessoa do singular, presente do imperativo médio-passivo do verbo πτοέω que é a forma contrata desse verbo, “πτοω/*temer*”. Barrett enfatiza que essa conjectura deve ser considerada somente se todas as outras tentativas de interpretação do versículo falharem. A frase “οὐπω γὰρ ἀναβέβηκα πρὸς τὸν πατέρα/*porque ainda não subi junto ao Pai*”, no v.17c, apresenta uma dificuldade, uma vez que o uso do advérbio temporal “ainda”

¹⁶ BARRET, C. K., *The Gospel according to St John*, p. 469.

¹⁷ BARRET, C. K., *The Gospel according to St John*, p. 469.

¹⁸ BARRET, C. K., *The Gospel according to St John*, p. 470.

¹⁹ BARRET, C. K., *The Gospel according to St John*, p. 470.

sugere implicitamente que seria possível e permitido tocar em Jesus após sua ascensão, embora não antes. Isso contraria as expectativas, pois em Jo 20,27, Jesus não proíbe Tomé de tocá-lo; pelo contrário, ele o convida a fazê-lo.²⁰

O autor sugere que pode ser plausível considerar que João acreditava que havia ocorrido a ascensão de Jesus ou ao menos sua completa glorificação, entre a narrativa da aparição do ressuscitado a Maria Madalena (v.17) e a aparição a Tomé (v.22). No entanto, ele reconhece que João não explicita isso, o que é estranho, já que seria um evento vital a ser deixado como uma questão de inferência. A ressurreição abriu caminho para uma união espiritual mais profunda entre Jesus e seus discípulos, tornando os antigos contatos físicos inadequados. Mesmo assim, o toque (v.27) ainda pode ser utilizado como prova de que o Senhor glorificado é o mesmo que foi crucificado.²¹

Para ele, no Evangelho de João, a relação entre Jesus e Deus/Pai difere da relação entre os discípulos e Deus, apesar de serem expressas nos mesmos termos e de os discípulos serem considerados seus irmãos. Jesus é eternamente o Filho de Deus; ele concede aos crentes o poder de se tornarem filhos de Deus (Jo 1,11).²²

Conclui-se que Barret afirma que o anúncio confiado a Maria Madalena destaca a importância do novo relacionamento entre Jesus ressuscitado e os discípulos. Ele não é mais o mestre que andava entre eles neste mundo, pois foi exaltado ao trono de Deus.

Van den Bussche escreveu sua obra *Jean. Commentaire de L'Evangile spirituel* em 1967. O autor observa que os anjos (a realidade celeste) enquadram o lugar preciso onde descansou o corpo de Jesus. Para ele, este detalhe poderia ter sido o sinal para a compreensão de Maria Madalena do ocorrido, porém o tema da incompreensão é uma característica do Quarto Evangelho. O Jesus ressuscitado se dá a conhecer apenas àqueles cujos olhos são abertos pela fé. Quando Maria Madalena reconhece Jesus, o chama de *Raboni*, termo, segundo o autor, mais solene do que “rabino”, é usado especialmente quando se trata de Deus.²³ O exegeta afirma que Jesus está novamente presente, mas isto não implica um mero retorno, pois sua paixão e morte não são negadas ou reduzidas a ilusões sensoriais.²⁴

²⁰ BARRET, C. K., *The Gospel according to St John*, p. 470.

²¹ BARRET, C. K., *The Gospel according to St John*, p. 470.

²² BARRET, C. K., *The Gospel according to St John*, p. 471.

²³ VAN DEN BUSSCHE, H., *Jean*, p. 547.

²⁴ VAN DEN BUSSCHE, H., *Jean*, p. 547.

Segundo o estudioso, Maria Madalena, muito alegre ao reencontrar Jesus, expressa seu afeto beijando os seus pés, de acordo com a tradição oriental. No entanto, no v.17, Jesus a proíbe de tocá-lo. O autor considera que há a possibilidade de se interpretar “não me retenhas” como se o ressuscitado se sentisse profanado pelo contato humano,²⁵ mas na verdade, a vulnerabilidade está na fé de Maria Madalena e não no ressuscitado.

Ele explica que, na visão de João, a ressurreição não é apenas um estágio entre o sepulcro e a morada celestial. O propósito da manifestação do ressuscitado é fazer os discípulos entenderem que sua morte é, na verdade, uma ascensão, e que esta equivale à sua vinda aos discípulos. Maria Madalena tenta segurar Jesus para impedi-lo de partir para o Pai, mas na realidade, ele já está com o Pai. O gesto de Maria Madalena busca manter uma conexão humana que não tem significado ou propósito. Em sua percepção, Jesus ainda está presente na terra e não houve um retorno ao Pai. Portanto, Jesus utiliza uma linguagem compreensível para Maria Madalena ao comunicar que está indo em direção ao Pai. No entanto, Maria Madalena precisa aprofundar sua fé para compreender totalmente esses eventos. Ela deve perceber que essa aparição é apenas uma expressão momentânea de uma condição já completamente realizada: Jesus está em união plena com o Pai.²⁶

Destaca que o aspecto central da mensagem confiada a Maria Madalena é comunicar aos discípulos que, a partir desse ponto, o Pai de Jesus é genuinamente também o Pai deles. Essa filiação é realizada através da graça. Deste modo, o autor conclui que a mensagem pascal resume o discurso de despedida e confirma sua realização. Ele ressalta que com a vinda de Jesus, a promessa do Antigo Testamento, expressa na fórmula da aliança “vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus” (Ex 6,7), atingiu seu ápice de realização. Anteriormente, a paternidade de Deus na aliança judaica era promessa de proteção e ajuda, mas agora se tornou uma presença interior, definitiva e eficaz em seu grau mais alto. A divina designação YHWH “Eu-Sou”, da promessa (Ex 6,7), se concretiza plenamente em Jesus como o “Eu Sou” definitivo (Jo 8,24-28).²⁷

O estudioso argumenta que, segundo o evangelista, a visão do ressuscitado é tanto física quanto espiritual. Ele destaca que Maria Madalena não compreendeu

²⁵ VAN DEN BUSSCHE, H., Jean, p. 548.

²⁶ VAN DEN BUSSCHE, H., Jean, p. 548.

²⁷ VAN DEN BUSSCHE, H., Jean, p. 549.

completamente sua experiência inicialmente. Ela anunciou principalmente que tinha visto o Mestre com seus próprios olhos (Jo 20,2.13), mas para o evangelista essas palavras têm uma ressonância pascal: Jesus é o Senhor da ressurreição e está vivo entre nós.²⁸ Conclui-se que para Van den Bussche o foco da narrativa está na mensagem pascal que anuncia que a filiação de Jesus torna possível a dos homens. Em Jesus há a realização escatológica da paternidade divina, pois o Pai ama os homens como ama o Filho (Jo 16,27), com o Filho, a humanidade é assumida no amor paterno de Deus.²⁹

Boor escreveu a obra *Evangelho de João II: comentário esperança*, em 1968. Ele descreve Maria Madalena em luto, permanecendo próxima à entrada do sepulcro onde Jesus foi sepultado. Ela está chorando e, embora não seja explicitamente mencionado, o autor presume que ela retornou ao sepulcro com os dois discípulos. A narrativa não detalha uma conversa com eles ou qualquer interação significativa. Maria Madalena parece estar absorvida em sua dor.

Mais tarde, enquanto Maria Madalena continua chorando, ela se abaixa e olha para dentro do sepulcro e vê dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus tinha sido colocado, um junto à cabeça e um junto aos pés. Os anjos só agora se tornam visíveis para ela. Quando os anjos lhe perguntam por que ela chora, Maria Madalena responde que está procurando o corpo de Jesus, pois ela não sabe onde o colocaram. Esta resposta revela sua devoção e amor por Jesus, referindo-se a ele como “meu Senhor”. Ela não parece se surpreender com a presença dos anjos e sua atenção está completamente voltada para encontrar Jesus, mostrando que nem mesmo seres angelicais podem substituir seu desejo de estar com ele.³⁰

Segundo o autor, João descreve o amor profundo de Maria Madalena para com Jesus. O evangelista ressalta que foi a ela que Jesus escolheu para o primeiro encontro após a ressurreição. O estudioso afirma que as aparições de Jesus após a ressurreição têm um caráter particular, em que ele se apresenta de forma humana, não revelando inicialmente sua glória resplandecente.³¹ Os discípulos muitas vezes só percebem a presença de Jesus por meio de atos específicos. O mesmo acontece com Maria Madalena, pois, quando Jesus apareceu, ela não o reconheceu

²⁸ VAN DEN BUSSCHE, H., Jean, p. 549.

²⁹ VAN DEN BUSSCHE, H., Jean, p. 548-549.

³⁰ BOOR, W., Evangelho de João II, p.188

³¹ BOOR, W., Evangelho de João II, p.189.

imediatamente. Quando Jesus a questiona sobre o motivo de suas lágrimas e quem ela está procurando, ela supõe que ele é o jardineiro. Para o estudioso, a narrativa destaca como Jesus se revela de maneira sutil e como o amor profundo não impede a falta de reconhecimento.³²

Jesus interrompe o sofrimento de Maria Madalena com uma interpelação marcante. Ele a chama pelo nome, dizendo apenas “Maria”. Essa simples palavra carrega consigo um profundo significado: ao ouvir seu nome sendo pronunciado por Jesus, Maria Madalena compreende que está sendo completamente reconhecida e amada. Essa conexão única só pode ser realizada por Jesus.³³ Diante da interpelação divina, Maria Madalena responde com uma exclamação cheia de emoção, refletindo sua súbita compreensão e alegria indescritível: *Raboni!* Essa resposta revela como Jesus, ao chamá-la pelo nome, realiza o que ele próprio afirmou em Jo 10,27 sobre o relacionamento com seus seguidores.³⁴

Jesus proíbe Maria Madalena de tocá-lo, uma proibição que pode parecer estranha à primeira vista. Segundo Boor, a justificativa de Jesus é intrigante, pois, se ele já tivesse subido junto ao Pai, seria impossível para Maria Madalena tocá-lo. No entanto, justamente, a razão pela qual Jesus ainda não subiu “junto ao Pai” permite que Maria Madalena o toque. O exegeta afirma que o v.17 contrasta com outras passagens nas quais Jesus é tocado após a ressurreição, como quando as mulheres o abraçam (Mt 28,9) ou quando ele convida Tomé a tocar suas feridas (Jo 20,27). De acordo com o estudioso, a proibição de Jesus pode estar direcionada especificamente a Maria Madalena.

Ele a envia em missão, dizendo: “mas vai junto a meus irmãos e dize-lhes: “Subo junto a meu Pai e vosso Pai e meu Deus e vosso Deus”. O autor diz que Jesus está enfatizando sua relação com o Pai e a ascensão iminente, mostrando que ele não está retornando para uma relação terrena com os discípulos, mas sim entrando em uma comunhão mais profunda com o Pai. A mensagem de Maria Madalena aos discípulos é a prova do Evangelho: “Jesus ressuscitou”. Isso restaura a comunhão com os discípulos, que anteriormente o haviam negado e abandonado.

O exegeta diz que ao chamar Deus de “vosso Pai e vosso Deus”, Jesus indica que agora os discípulos compartilham uma relação especial com o Pai, um

³² BOOR, W., Evangelho de João II, p.188-189.

³³ BOOR, W., Evangelho de João II, p.189.

³⁴ BOOR, W., Evangelho de João II, p.189.

relacionamento que foi conquistado por sua obra e crença nele. Embora Jesus chame Deus de “meu Pai”, ele também reconhece Deus como “vosso Pai”, mas a natureza dessa relação é diferente, enfatizando a distinção qualitativa entre o relacionamento de Jesus como Filho e o relacionamento dos discípulos como irmãos reconciliados.³⁵

Ele constata que Jesus guiou Maria Madalena para fora de sua concepção equivocada em relação a ele. Jesus a conduz a uma nova realidade trazida pela crucificação e ressurreição. Ela sai em missão e informa aos discípulos que viu o Senhor.³⁶ Em síntese, Boor conclui que a declaração de Jesus em Jo 14,21 e Jo 15,10 foi realizada em Maria Madalena, uma vez que ela demonstrou um amor verdadeiro por Jesus, no entanto, esse amor não deve se estabelecer por meios de sentimentos impulsivos nem em interações físicas.³⁷

Dodd, em 1968, escreveu *A Interpretação do Quarto Evangelho*. Ele observa que nos Sinóticos, o corpo de Jesus foi ungido para o sepultamento, fato que não ocorre no Quarto Evangelho. Desse modo, a finalidade da visita ao sepulcro narrada em Jo 20 é sem sentido. O estudioso afirma que João salienta o testemunho do sepulcro vazio na narrativa da ressurreição, uma vez que relata que Madalena, Pedro e o Amado testemunham o fato.³⁸ Assevera que no Quarto Evangelho, a morte e ressurreição de Cristo constituem um evento global, pois para João a cruz de Cristo é a sua exaltação e glória. Para João, ao morrer, Cristo está “indo para o Pai” (Jo 14,28; 16,10.16) e isto é viver em plenitude (Jo 14,19). O autor diz que a ressurreição é uma realidade no plano espiritual e que o evangelista quer mostrar que é também um evento histórico e temporal. “Para que a morte-e-ressurreição de Cristo possa constituir um evento que ‘marca época’ para a humanidade, é necessário que ele aconteça de fato – que todo o evento, morte-e-ressurreição juntos, aconteçam neste mundo” e que este evento teria sua culminância histórica com o envio do Espírito.³⁹ Quanto ao sentido de “μή μου ἄπτον/ não me retenhas”, no v.17, o estudioso afirma que a frase possui sentido ambíguo. Ele recorre a uma regra gramatical sobre o emprego da partícula negativa “μή/não” com o imperativo que resulta em uma construção semântica que significa “cessar de”, “parar de fazer

³⁵ BOOR, W., Evangelho de João II, p.189-190.

³⁶ BOOR, W., Evangelho de João II, p.191.

³⁷ BOOR, W., Evangelho de João II, p.191.

³⁸ DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 551.

³⁹ DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 569.

isto”. Assim, “μή μου ἄπτου” poderia significar “cessa de tocar-me” implicando que de fato Maria Madalena estivesse tocando Jesus. Todavia, “μή/não” com o imperativo pode negar o sentido específico deste tempo, prevenindo uma ação que estaria prestes a acontecer, sem ser necessário admitir que Maria Madalena estivesse fazendo isto.⁴⁰ Em síntese, Dodd entende que o evento da ressurreição é histórico e espiritual, que Jesus é glorificado na cruz, que a morte e ressurreição e o envio do Espírito se dão simultaneamente, mas diz que, a subida ou exaltação de Cristo só pode se realizar plenamente em relação à história humana com o envio do Espírito.

Raymond Brown, em 1970, publicou o segundo volume de *O comentário ao Evangelho segundo João*. O autor insere o capítulo 20 no que denomina o “Livro da Glória” que narra desde o relato da última ceia até o final do Quarto Evangelho. Os v.1-18 constituem a primeira cena da ressurreição de Jesus ambientada próxima ao sepulcro. Segundo o autor, a aparição de Jesus ressuscitado a Maria Madalena apresenta uma transição (v.11-13) em que Maria Madalena olha para dentro do sepulcro e vê anjos e uma ação principal (v.14-18) em que Jesus aparece a Maria Madalena e não é reconhecido de imediato. Depois, Madalena vai em missão proclamar o Senhor aos discípulos.

O autor assevera que Jo 20,1-18 possui muitas inconsistências que revelam uma mão redacional que combinou material heterogêneo. Brown elenca algumas dificuldades contidas em Jo 20,11-18. No v.11a, não é explicado como ou quando Maria Madalena voltou ao sepulcro. No v.12, ela vê os anjos no sepulcro e não os panos vistos por Pedro e o Amado. No v.13, a conversa com os anjos não desencadeia nenhuma ação e há repetição do ato de volver-se para olhar para Jesus nos v.14b e v.16b.

Brown comenta que ao comparar o relato joanino com os Sinóticos, percebe-se mais ainda a presença da mão redacional.⁴¹ Os dados mais próximos de Jo 20,11-18 com os Sinóticos são: a) Nos v.11-12, Maria Madalena vê dois anjos no sepulcro e o diálogo entre eles contém paralelos com os Sinóticos. b) Nos v.14b-18, Jesus aparece a Maria Madalena; ela o abraça; ele lhe confia a mensagem aos discípulos; ela anuncia (Mt 28,9-10). Brown destaca material próprio de João

⁴⁰ DODD, C. H., *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 569.

⁴¹ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*, p. 1469.

encontrado no v.13, a conversa de Maria Madalena e os anjos e, nos v.14b-18, a fala de Jesus sobre sua ascensão ao Pai e suas consequências.⁴²

Quanto à antiguidade de Jo 20,14-18, considera que os v.11-13 vieram de uma fonte de João e que os v.14-18 constituem uma livre criação do evangelista. Para o autor, os v.11-13 seriam uma forma tardia e reelaborada para servir de conexão entre os dois relatos (v.3-10; v.14-18) que seriam independentes. O autor destaca que o não reconhecimento de Jesus ressuscitado ocorre em todos os relatos evangélicos. Isso demonstra que o custoso reconhecimento possui um propósito apologético e uma dimensão teológica. O propósito apologético ocorre porque os discípulos não estariam dispostos a reconhecer Jesus ressurreto. A dimensão teológica enfatiza que Jesus ressuscitado sofreu uma transformação. Outro aspecto teológico se dá quando Maria Madalena reconhece Jesus quando ele a chama pelo nome.

Brown concorda com Barrett sobre Maria Madalena confundir Jesus com o jardineiro para destacar que ver Jesus ressuscitado não automaticamente leva à fé ou compreensão.⁴³ Assim como em Lc 24,30-31, os discípulos de Emaús só reconhecem Jesus no partir do pão, isto é, na Eucaristia, Maria Madalena só reconhece Jesus quando é chamada pelo nome, isto é, na palavra expressa por Jesus.⁴⁴ O autor entende que o texto foi interpretado como um modelo no sentido eclesial e sacramental, principalmente ao utilizar a figura da mulher de Cântico dos Cânticos (símbolo da comunidade de fé que busca ao seu Deus) e o comparativo com o Evangelho de Lucas, em especial ao episódio dos discípulos de Emaús. Neste sentido, Maria Madalena foi vista como uma figura coletiva (comunidade). No entanto, o autor não concorda com especulação exagerada dessas dimensões, como se o relato fosse uma figura da dimensão eclesial e sacramental. Para o autor, Maria Madalena representaria mais a busca individual por Jesus.⁴⁵

Conclui-se que Brown destaca bastante o processo de redação da perícopes. O autor percebe grande número de inconsistências no texto que, provavelmente, é fruto de uma mão redacional que combinou material heterogêneo. Outro aspecto

⁴² BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1469-1470.

⁴³ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1486.

⁴⁴ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 86.

⁴⁵ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1487.

valorizado por ele é de que o reconhecimento de Jesus ressuscitado possui um propósito apologético e uma dimensão teológica.

Ghiberti, em 1972, escreveu sua obra *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni*. No estudo sobre as tradições e formação das narrativas do sepulcro de Jo 20, o autor divide o capítulo em duas cenas: o testemunho do sepulcro vazio (v.1-10) e o encontro de Maria Madalena com Jesus (v.11-18). Essas cenas diferem, com a primeira seguindo uma abordagem sinótica resumida, enquanto a segunda é autônoma e tipicamente joanina. A segunda cena se concentra em Maria Madalena e se divide em dois momentos, sendo o primeiro breve e inconclusivo e o segundo mais desenvolvido, com um clímax e uma mensagem clara. Isso sugere a presença de múltiplas tradições e origens na composição deste capítulo de João.⁴⁶

Ghiberti considera algumas evidências que sugerem uma separação de uma tradição específica, centrada somente em Maria Madalena, e a dos encontros das mulheres nos Evangelhos Sinóticos. No entanto, ele também destaca pontos em comum entre as tradições, indicando que ambas podem ter influenciado a narrativa de João. Sugere que o relato da ida de Maria Madalena ao sepulcro (v.1-2), pode ter sido uma inserção posterior no texto, enquanto o seu diálogo com os anjos e o encontro com o ressuscitado parecem refletir influências de tradições sinóticas (Mt 28,9-10).⁴⁷ Ele argumenta que as fontes para entender as tradições de Maria Madalena no sepulcro são os relatos dos Evangelhos, identificando três tradições principais: a ida das mulheres ao sepulcro, tradição sinótica, (Jo 20,1-2.11-13; Mc 16,1-4; Lc 24,1-3.22-24); os encontros das mulheres com os anjos (Jo 20,12-13; Mc 16,5-7; Lc 24,4-7), e a aparição de Jesus às mulheres (Mt 28,9-10).⁴⁸

O autor aponta que a presença de apenas um protagonista em João em vez das várias mulheres, de acordo com os Sinóticos, é uma divergência importante que levanta a questão se existiria outra tradição centrada apenas em Maria Madalena. No entanto, ele considera duas razões contra essa hipótese: a) a tendência de João de individualizar experiências que outras fontes atribuem a grupos; b) o plural “οἶδαμεν/sabemos”, no v.2, que possivelmente indica a experiência de várias

⁴⁶ Ghiberti, G., *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni*, p. 79-80.

⁴⁷ Ghiberti, G., *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni*, p. 79.

⁴⁸ Ghiberti, G., *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni*, p. 81.

peessoas. Para ele, embora não sejam conclusivas, essas razões são aceitas como hipóteses para explicar a relação entre os relatos joanino e os Sinóticos.⁴⁹

Ele entende que o diálogo de Maria Madalena com os anjos (v.12) pode ter sido inspirado na cena de Ct 3,1-4, que narra o diálogo da noiva com os guardas em patrulha na busca pelo amado. Para ele, a analogia com os guardas de Ct 3,1-4 não é suficiente para explicar o propósito da intervenção dos anjos em João (v.12), assim como os guardas não a têm em Ct 3,1-4.⁵⁰

Ghiberti propõe uma hipótese geral sobre a origem das tradições das aparições das mulheres no sepulcro de Jesus, identificando três tradições distintas: a) A primeira tradição inicialmente não se concentrava no encontro com os anjos, mas sim na repercussão do anúncio do sepulcro vazio transmitido aos apóstolos. Em Jo 20,1-2, essa cena pode ser uma versão reduzida de um evento mais abrangente, destacando a visita de Pedro e do Discípulo Amado ao sepulcro como evidência da ressurreição; b) A segunda tradição conecta a visita das mulheres ao sepulcro ao encontro com os anjos e é posterior na tradição. Essa tradição enfatiza o que as mulheres ouvem dos anjos, que as encorajam e enviam de volta aos discípulos com a mensagem da ressurreição. João a apresenta de maneira diferente em relação aos Sinóticos, omitindo a visita ao sepulcro e destacando Maria Madalena; c) A terceira tradição descreve uma aparição de Jesus às mulheres no sepulcro e é encontrada em Mt 28,9-10 e Jo 20,14-18. Essa tradição é uma exceção, pois a maioria das aparições é direcionada aos apóstolos. Em Mateus, o foco está nos anúncios dos anjos, enquanto em João, a cena com os anjos parece carecer de motivação e não fornece uma resposta, que é dada apenas por Jesus. Há uma impressão de conexão primitiva entre a história da aparição dos anjos e a aparição de Jesus, incluindo a identidade da saudação e, em Mateus, também o envio.⁵¹

O autor sugere que a narrativa da visita dos discípulos ao sepulcro em João pode ter sido influenciada pelo relato de Lucas. A presença de um Discípulo Amado é debatida, mas ambos os evangelhos concordam que os testemunhos das mulheres e dos discípulos confirmam a ausência do corpo de Jesus no sepulcro, indicando uma possível tradição comum entre estes evangelhos sobre este evento.⁵²

⁴⁹ Ghiberti, G., *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni*, p. 81.

⁵⁰ Ghiberti, G., *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni*, p. 83.

⁵¹ Ghiberti, G., *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni*, p. 89-92.

⁵² Ghiberti, G., *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni*, p. 92-98.

Ghiberti busca reconstruir as fontes que João utilizou para narrar a história de Maria Madalena no sepulcro, destacando elementos Sinóticos dentro de uma perspectiva teológica joanina.

No ano de 1976, **Boismard e Lamouille** escreveram sobre o Evangelho de João na obra da coleção *Synopse des Quatre Évangiles*, tomo III. Os autores analisam a narrativa exclusiva de João sobre a aparição do ressuscitado a Maria Madalena. Eles afirmam que existem diferentes teorias sobre a sua evolução literária. Algumas sugerem que os v.11-13, que narram a presença dos anjos, formam o núcleo original, enriquecido posteriormente com a aparição do ressuscitado, nos v.14-18. Outros defendem o oposto, afirmando que a aparição do ressuscitado a Maria Madalena vem de uma fonte pré-joanina, sendo os anjos adicionados para harmonização. Segundo Boismard e Lamouille, a hipótese mais convincente identifica um núcleo primitivo (v.11a; v.14b e v.18a)⁵³ como uma aparição querigmática do ressuscitado a Maria Madalena, remontando ao Documento C, a fonte primária de João nas narrativas da paixão e da ressurreição. João II-A teria inserido o diálogo de Maria Madalena com Jesus, enquanto João II-B acrescentou a aparição dos anjos para harmonizar com os relatos Sinóticos. O texto resultante é uma composição complexa com diferentes níveis editoriais (C, II-A, II-B), destacando a narrativa da ressurreição e a missão de Maria Madalena para anunciar a visão do Senhor aos discípulos.⁵⁴

Os estudiosos abordam as adições de João II-B ao Evangelho de João, especificamente em relação à aparição dos anjos a Maria Madalena e outras inserções. Destaca-se que a aparição dos anjos é uma adição posterior, atribuída a João II-B, evidenciada por fórmulas editoriais e elementos emprestados de outros relatos, como a visita das mulheres ao sepulcro nos Evangelhos Sinóticos. A análise aponta para uma harmonização da narrativa joanina com os Sinóticos. Além disso, Boismard e Lamouille mencionam uma glossa explicativa em Jo 20,16, onde a explicação “em hebraico” foi adicionada por João II-B para esclarecer o título *Raboni*, que poderia ser incompreensível para leitores que não conheciam hebraico. Outro ponto ressaltado é a identificação de “Maria de Mágdala” em Jo 20,11a,

⁵³ Os versículos mencionados acima correspondem à segmentação dos autores.

⁵⁴ BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 459.

indicando o interesse especial de João II-B por esta personagem, conforme demonstrado em passagens anteriores do evangelho.⁵⁵

Os autores discorrem sobre as adições de João II-A ao Evangelho de João, focando especialmente no encontro entre Maria Madalena e Jesus. Destaca-se a análise dos vv.14c-16, onde questiona-se a autoria deste segmento e sua relação com o gênero literário de “aparição de reconhecimento”. A hipótese levantada pelos autores sugere que João II-A é o autor desses versículos, apontando para a semelhança com o estilo de João II, especificamente no uso de expressões e construções gramaticais. Além disso, eles destacam a relação entre a aparição de Jesus a Maria Madalena e a pesca milagrosa, ambos considerados exemplos de “aparição de reconhecimento”. A análise do estilo, vocabulário e construções gramaticais reforça a atribuição desses versículos à João II-A.⁵⁶

Boismard e Lamouille discutem a mensagem de Jesus para Maria Madalena, especialmente as palavras registradas em Jo 20,17b. A autenticidade do v.17 é questionada, sendo considerado uma adição posterior. Elementos estilísticos e literários sugerem que os vv.17 e v.18c são atribuídos a João II-A, enquanto a análise das conexões entre Jo 20,17 e Mt 28,9-10 aponta para uma possível dependência ou uma fonte comum, mas as semelhanças são consideradas vagas e contraditórias. Os estudiosos concluem que esses contatos não são suficientes para sustentar uma dependência clara entre os evangelhos.⁵⁷

Os estudiosos discutem a narrativa do Documento C, isentando-a dos acréscimos de João II-B e João II-A. Eles afirmam que a história primitiva, sem essas adições, é atribuída ao Documento C, fonte utilizada por João nas narrativas da paixão e ressurreição. A estrutura simples da narrativa joanina é examinada em detalhes, enfatizando o significado de Jesus estar “de pé” e a ligação semântica entre “de pé” e “ressuscitado”. A análise destaca a expressão grega “ἵστημι/*permanecer, estar de pé*” e como ela está intrinsecamente conectada à ideia de ressurreição.⁵⁸

Na visão dos autores, no contexto da narrativa, Maria Madalena testemunha a ressurreição de Jesus e anuncia aos discípulos: “Eu vi o Senhor”. A mudança do nome de Jesus para o título “o Senhor” não seria apenas estilística, mas refletiria

⁵⁵ BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 460.

⁵⁶ BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 460- 461.

⁵⁷ BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 461.

⁵⁸ BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 462.

uma intenção teológica específica. Segundo o Documento C, Jesus, inicialmente crucificado pelos judeus, torna-se o Senhor após a ressurreição. Segundo Boismard e Lamouille, para o autor do Documento C, há uma continuidade entre o Jesus da história terrena, conhecido por Maria Madalena, e o Senhor exaltado à direita de Deus, reconhecido por outros seguidores, como Estêvão e Tomé.⁵⁹

Na narrativa de João II-A, Maria Madalena chora do lado de fora do túmulo e, ao se virar, vê Jesus de pé, sem reconhecê-lo imediatamente. Jesus pergunta por que ela chora e a quem procura, e Maria Madalena, pensando que ele é o jardineiro, pede ajuda para encontrar o corpo de Jesus. Jesus a chama pelo nome, “Μαριάμ”, e ela o reconhece. Contudo, Jesus a instrui a não tocá-lo, mas a anunciar aos discípulos de que ele está ascendendo ao Pai. Maria obedece, indo aos discípulos e anunciando: “Eu vi o Senhor, e ele me disse isto” (Jo 20,11-18).⁶⁰

Para os exegetas, no Documento C, a aparição de Jesus a Maria Madalena é originalmente querigmática, no entanto, a modificação de João II-A transforma tal gênero literário em uma “aparição de reconhecimento”.⁶¹ O episódio destaca a profundidade dos sentimentos entre Maria Madalena e Jesus, revelando a capacidade de Maria Madalena de reconhecê-lo simplesmente ao mencionar o seu nome. A adição dos v.14c-16 sugere que João II-A tinha uma intenção sutil. Ele compõe a cena com base na história vocacional dos primeiros discípulos em Jo 1,38. O reconhecimento de Jesus e o chamado de Maria Madalena pelo nome podem indicar uma conexão entre Maria Madalena e a vocação dos discípulos, destacando-a como discípula por excelência. Ao chamá-lo de “Raboni/*meu Mestre*”, Maria Madalena se revela como uma discípula de Jesus. A aparição de Jesus a Maria Madalena e o uso do termo “virar-se” revelam uma dimensão espiritual de conversão necessária para ser discípulo. Esse “virar-se” é um sinal psicológico que todo discípulo de Jesus experimenta ao ser chamado.⁶²

Segundo os autores, no v.17, Jesus pede a Maria Madalena que não o toque mais, indicando uma mudança na natureza do relacionamento, preparando-a para a separação definitiva. A mensagem que Jesus instrui Maria Madalena a transmitir aos “irmãos” envolve a ascensão ao Pai e a identificação de Deus como Pai e Deus

⁵⁹BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 462-463.

⁶⁰BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 464.

⁶¹ O Documento C, segundo a segmentação dos autores, compreende os v.11a-14b.18a; João II-A teria inserido os v.14c-16, compondo um gênero de aparição de reconhecimento.

⁶² BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 464.

de Jesus, além de uma referência ao Sl 89,27, associando a vitória sobre a morte. A expressão “irmãos” destaca a glorificação de Jesus como o primogênito, líder de uma multidão de irmãos. Jesus ressuscitado chama Maria Madalena pelo nome, simbolizando a relação íntima, como um pastor chama suas ovelhas. Maria Madalena é vista como o novo Israel, citando Is 43,1-7, onde Deus a consola, afirmando seu amor e a presença protetora.⁶³

Neste trecho, João II-B introduz transformações finais na história, mas sua importância é menor que as introduzidas por João II-A, pois adiciona a aparição dos anjos a Maria Madalena, buscando harmonizar o Evangelho de João com os Evangelhos Sinóticos. Os autores consideram que a cena com os anjos visa dar solenidade à futura aparição de Cristo e pode sugerir que não se deve procurar o vivo entre os mortos. No entanto, a ausência de uma mensagem clara dos anjos indica que João II-B não tinha uma intenção teológica precisa ao compor essa cena.⁶⁴

Boismard e Lamouille fazem uma análise aprofundada sobre a narrativa da aparição de Jesus a Maria Madalena no Evangelho de João revelando que esta é uma complexa composição com diferentes níveis editoriais. Os estudiosos destacam a presença de João II-A e João II-B, responsáveis por adições e modificações na história original presente no Documento C.

Schnackenburg escreveu uma obra em quatro volumes, intitulada *Das Johannes Evangelium*, com o terceiro volume publicado em 1979, foco deste trabalho. Sobre Jo 20,11-18, ele destaca que no v.11, Maria Madalena é apresentada chorando fora do sepulcro, mas alguns manuscritos omitem a palavra “fora”, que descreve sua localização. Seu choro é devido à tristeza pela ausência do corpo de Jesus. Ao se inclinar para olhar dentro do sepulcro, ela vê dois anjos de branco (Lc 24,4). O medo comum nas aparições de seres celestiais está ausente, enfatizando o foco do evangelista no testemunho dos anjos sobre o mistério do sepulcro.⁶⁵

O autor observa semelhanças entre a pergunta dos anjos a Maria Madalena em Jo 20,13 e textos semelhantes como Lc 24,5, bem como a menção do local onde colocaram Jesus, compartilhada com Mc 16,6 e Mt 28,6. Essas semelhanças sugerem a possibilidade de uma influência da exposição sinótica, indicando que a

⁶³ BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 464-465.

⁶⁴ BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 465-466.

⁶⁵ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni. Parte seconda*, p. 390.

tradição sobre esse evento pode ter evoluído ao longo do tempo ou ter sido influenciada por diferentes fontes.⁶⁶ A fonte joanina começou com o relato do encontro de Jesus com Maria Madalena e adicionou elementos tradicionais a ele, atribuindo a revelação do evento pascal ao próprio Jesus Ressuscitado.

No v.14, argumenta que a cena com os anjos parece ser inserida de forma artificial, pois Maria Madalena se afasta deles enquanto espera sua resposta. Isso é necessário para conectar a cena aos eventos envolvendo Jesus, destacando o caráter secundário da cena com os anjos. O fato de Maria Madalena não reconhecer imediatamente Jesus, sugere que os círculos joaninos possuíam histórias de aparições nas quais ele não era prontamente identificado.⁶⁷

O exegeta assevera que Jesus inicia a conversa chamando Maria Madalena de “mulher”, como uma forma de tratamento corriqueira (v.15). Sua pergunta seguinte, “Quem procuras?”, é comum em narrativas desse tipo e serve para direcionar a atenção para a pessoa que se revela. A ideia de Jesus sendo confundido com o jardineiro vem da descrição do sepulcro como estando em um “jardim” em Jo 19,41. Maria Madalena responde com cortesia, chamando-o de “senhor”, suspeitando que ele possa ter movido o corpo. A narrativa reflete a dedicação de Maria Madalena em buscar seu Senhor, apesar das dificuldades de sua tarefa como uma mulher sozinha.⁶⁸

No v.16, o autor destaca que o reconhecimento de Jesus por Maria Madalena é facilitado pelo tratamento e tom de voz, demonstrando que o ressuscitado se revela àqueles que o buscam e creem, conhecendo-os pelo nome.⁶⁹ No v.17, Maria Madalena recebe a missão de ir “junto aos irmãos” de Jesus, possivelmente influenciado por tradições semelhantes a Mt 28,9, onde as mulheres encontram Jesus após serem informadas pelo anjo sobre sua ressurreição. Segundo Schnackenburg, João oferece uma interpretação própria sobre a ascensão de Jesus ao Pai, que ainda não ocorreu, explorando a tensão entre o “ainda não subi” e o “subo” de Jesus ressuscitado.⁷⁰

O autor afirma que a cena em que Maria Madalena compartilha sua experiência da aparição de Jesus com os discípulos (v.18) com a expressão: “Vi o

⁶⁶ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni. Parte seconda*, p. 390.

⁶⁷ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni. Parte seconda*, p. 391.

⁶⁸ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni. Parte seconda*, p. 391-392.

⁶⁹ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni. Parte seconda*, p. 392.

⁷⁰ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni. Parte seconda*, p. 392-394.

Senhor”, encerra uma unidade narrativa que começou com sua visita ao sepulcro. A mudança da linguagem direta para a indireta, embora tenha sido padronizada por alguns copistas é possível, mas rara no Novo Testamento. No entanto, é improvável que a fonte original tenha optado por essa mudança devido à sua narrativa dinâmica.

Ele argumenta que não há evidências de uma dependência direta entre os Evangelhos de João e de Mateus em relação à narrativa de Maria Madalena. As semelhanças narrativas se devem provavelmente a uma fonte compartilhada. Além disso, a ausência de uma aparição de Jesus às mulheres no Evangelho de Lucas é notável, apesar de Lucas atribuir um papel importante às mulheres. O autor enfatiza que o valor da narrativa de João está mais em seu significado teológico do que na historicidade dos eventos. João se concentra na importância teológica da ressurreição de Jesus para a comunidade dos discípulos.⁷¹

Em suma, Schnackenburg faz uma análise minuciosa de Jo 20,11-18, sinalizando detalhes textuais e teológicos como o papel dos anjos, a interação entre Maria e Jesus, e a importância do reconhecimento pessoal do ressuscitado. Ele sugere a possibilidade de evolução da tradição ao longo do tempo e a influência de diferentes fontes nas narrativas sobre o evento pascal. Assinala a interpretação única de João sobre a ascensão de Jesus ao Pai e enfatiza a relevância teológica da ressurreição para a comunidade dos discípulos, apesar das variações na tradição histórica.

Blank escreveu sua obra *O Evangelho segundo João (3ª parte)* em 1980, porém, somente em 1991 foi publicada em língua portuguesa. Ele afirma que existia uma lenda de que o corpo de Jesus teria sido retirado do sepulcro pelo jardineiro, que era um personagem da tradição, usado pelo evangelista para refutar acusações de roubo do corpo de Jesus. Para Blank, o v.11 é uma inserção, pois o evangelista muda o foco da narrativa.⁷² Em João, a presença dos anjos indica a sacralidade do local, diferentemente dos Sinóticos, que enfatizam o aspecto da mensagem ou anúncio. A pergunta que fazem a Maria Madalena, no v.13b, prepara o encontro de Maria Madalena e Jesus, pois depois do diálogo com eles, Maria Madalena vira-se e olha para trás. Blank interpreta que o verbo “virar-se” inverte a situação anterior que ela se encontrava. Seu olhar se depara com aquele que ela considerou o “jardineiro” e dialogam.

⁷¹ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni. Parte seconda*, p. 395-396.

⁷² BLANK, J., *O Evangelho segundo João*, p. 164-165.

O estudioso considera a cena do encontro e do reconhecimento, o ponto culminante da história entre Jesus e Maria Madalena e, também a capacidade do evangelista de sintetizar os traços essenciais de uma cena. Ele vê o encontro como a retomada de um relacionamento pessoal amoroso e confiante que existia previamente, mas que agora adquire uma consistência definitiva. Sugere que João viu na cena o amante de Ct 3,1-4 chamando a amada e esta, respondendo-lhe. Ele deduz que a fala de Jesus, no v.17, “não me retenhas”, poderia indicar que Maria Madalena quisesse abraçar, tocar Jesus. Blank afirma que esta frase demonstra que o ressuscitado não pode ser retido neste mundo e que o contato com ele ocorre unicamente no âmbito da fé.

O autor entende que a partida permanente de Jesus para o Pai estabelece a base para uma comunhão duradoura entre os discípulos e Jesus. Afirma que a comunicação material e sensível não é a única forma de comunicação com o ressuscitado. Para o evangelista, a Páscoa, ascensão e Pentecostes formam uma realidade única.⁷³ Além disso, o autor aborda a missão confiada a Maria Madalena de anunciar aos discípulos (v.17d). Ressalta que Jesus introduz seus seguidores em sua própria relação com Deus, enfatizando que não há distinção entre a relação de Jesus com o Pai e a relação dos discípulos com Ele. Isso implica que, para a comunidade dos crentes, a sua relação com o Pai é equivalente à de Jesus com o Pai.

Ele vê semelhança na fórmula do v.17, com Rt 1,16 “teu povo é meu povo e teu Deus é meu Deus”, mas observa uma diferença significativa na concepção de revelação segundo João. Enquanto em Rute, o homem pode escolher seu Deus, em João, o homem é escolhido por Deus através de Jesus. O fundamento do Evangelho de João está na comunhão divina permanente inaugurada pela Páscoa, e Maria Madalena tem a tarefa de transmitir a mensagem jubilosa da Páscoa aos discípulos, isto é, mediante a volta de Jesus para o Pai, inaugura-se uma nova comunidade escatológica de Deus.⁷⁴

Em síntese, Blank valoriza o personagem do jardineiro e refuta as acusações correntes na época do evangelista de que o corpo de Jesus tinha sido roubado. Também dá importância aos anjos cuja presença no sepulcro assinala que este era um lugar sagrado. Blank enfatiza o uso do verbo “virar-se” como um elemento que

⁷³ BLANK, J., O Evangelho segundo João, p. 170.

⁷⁴ BLANK, J., O Evangelho segundo João, p. 171.

inverte a situação de tristeza de Maria Madalena, transformando-a em alegria à medida que ela reconhece o ressuscitado. O autor destaca o encontro e reconhecimento de Jesus como o ponto culminante da narrativa e interpreta a frase de Jesus “não me retenhas” (v.17) como indicativa de que o ressuscitado não pode ser retido neste mundo e que o contato com ele ocorre pela fé. A incumbência dada por Jesus a Maria Madalena de anunciar aos discípulos a mensagem pascal, enfatiza a igualdade na relação dos discípulos com o Pai, semelhante à relação de Jesus com o Pai. A Páscoa cristã inaugurou uma nova comunidade escatológica, onde os crentes são inseridos na comunhão divina permanentemente.

Bruce escreveu o livro *The Gospel of John - Introduction, Exposition and Notes*, em 1983, traduzida e publicada em português no ano de 1987, com o título *João: Introdução e Comentário*, versão esta que usamos aqui.⁷⁵ O autor destaca o verbo “*παρακίπτω/inclinar-se*” usado para descrever o movimento que fizeram Maria Madalena e o Discípulo Amado (v.5), na perícopes anterior, para olhar dentro do sepulcro. O autor ressalta que em Lc 24,4 há dois homens com roupas brilhantes, em Mc 16,5, há um jovem, estes dizem a Maria Madalena que Jesus havia ressuscitado dos mortos, porém isto não ocorre com os dois anjos no relato de João. Ele diz que Maria Madalena não reconhece Jesus de imediato, como também ocorre em Lc 24,16 com os discípulos de Emaús. Ele referencia a maneira gentil que o suposto jardineiro se dirige a ela, fazendo com que ela se anime por achar que ele poderia lhe informar sobre o paradeiro do corpo de Jesus.

Ele cita as seguintes passagens do Quarto Evangelho, nas quais Jesus se refere às personagens femininas como “mulher”, gentilmente: – para com sua mãe (Jo 2,4; 19,26); – para com a samaritana (Jo 4,21); – para com a mulher adúltera (Jo 8,10). O estudioso descreve Maria Madalena como uma mulher de iniciativa, pois se dispõe a achar o corpo de seu Mestre. Ela seria, provavelmente, uma pessoa de posses (como se deixa entrever em Lc 8,2s), uma vez que estava disposta a pagar pelo trabalho e outras despesas para encontrar o Senhor e sepultá-lo num local definitivo.

Quando Jesus chama Maria Madalena pelo nome, ela o reconhece imediatamente e o chama de *Raboni*. Esta forma aparece duas vezes na Sagrada

⁷⁵ BRUCE, F. F., João, p. 333. O autor afirma que Dodd assevera que há algo indefinivelmente especial no sentimento contido no relato de sua aparição a Maria. Não há nada parecido nos Evangelhos.

Escritura, Jo 20,16 e Mc 10,51, nos lábios do cego Bartimeu. O autor mostra que o hebraico inclui o aramaico e esta forma de se referir a Jesus em aramaico é mais enfática e honrosa que “rabino”. Em essência, complementa que há pouca diferença de significado entre *raboni* e “rabino” e que João usa o vocativo grego “διδάσκαλε/*mestre*” para traduzir as duas formas. O estudioso informa que no hebraico rabínico, as pessoas se dirigem a Deus como “ribbônô shel ‘ôlām/*Senhor do mundo*”. O título *Rabbān* era dado a rabinos de destaque, como Gamaliel.⁷⁶

O uso do imperativo negativo presente indica que Jesus ordena que Maria Madalena pare de fazer o que está fazendo, isto é, tem o sentido de “solte-me, não me retenhas, pois ainda não subi “junto ao Pai” e não o sentido de “não me toques”. Esta fala de Jesus mostra uma nova fase de relacionamento dele com o Pai, sem o qual não poderia confirmar a sua presença espiritual junto aos discípulos pela eternidade. Maria Madalena e os discípulos deveriam se acostumar com a nova situação. Não seria mais possível vê-lo ou tocá-lo como antes.⁷⁷

O autor percebe que Jesus chama seus discípulos “meus irmãos” (Jo 20,18; Mt 28,10). Ele afirma que Jesus chama “os discípulos de irmãos porque todos têm o mesmo Pai”.⁷⁸ O estudioso entende que há uma alusão ao Sl 22,22 na temática da superação da aflição do sofredor e o anúncio desta Boa-Nova aos seus irmãos. O autor lembra que o relato de Rt 1,16 “o teu povo é meu povo, o teu Deus é meu Deus”, se assemelha à fala de Jesus, quando ele menciona “meu Pai e vosso Pai e meu Deus e vosso Deus”, destacando que o relacionamento de Jesus com o Pai se distingue dos discípulos e ao mesmo tempo, cria unidade.

Em síntese, Bruce destaca o verbo “παρακίπτω/*inclinarse*” empregado para descrever a ação de Madalena e do Discípulo Amado para olhar dentro do sepulcro. Ele assinala que em João, os anjos nada dizem sobre a ressurreição de Jesus. Este autor enfatiza o novo relacionamento de Jesus com o Pai, seu foco concentra-se no ressuscitado e não na aparição a Maria Madalena.

Beasley-Murray escreveu a obra *John* para a coleção *Word Biblical Commentary*, em 1987. O autor ressalta que quando Maria Madalena vê dentro do sepulcro não é atraída pelas roupas de Jesus que ali estavam (Jo 20,5), mas sim pela

⁷⁶ BRUCE, F. F., João, p. 332. Bruce entende que “o título respeitoso “Rabi” (literalmente “meu grande”) é traduzido pelo evangelista para que os seus leitores gregos pudessem entendê-lo.

⁷⁷ BRUCE, F. F., João, p. 332.

⁷⁸ BRUCE, F. F., João, p. 333.

presença de dois anjos (Jo 20,11). O autor explica que ela se afastou dos anjos porque sentiu a presença de outra pessoa por perto, voltando-se para ver quem era. Segundo o estudioso, os anjos servem como testemunhas de algo que ainda será revelado: foi Deus que levou Jesus e não os ladrões. O estudioso frisa que, nas narrativas da ressurreição, Jesus se apresenta de uma forma diferente e isto faz com que seus interlocutores não o reconheçam imediatamente. O reconhecimento só ocorre quando a palavra do ressuscitado toca o seu coração.⁷⁹ Ao chamar Maria pelo nome, Jesus restabelece o relacionamento pessoal que ela pensava ter perdido para sempre.

Quanto à confusão de Maria Madalena sobre o jardineiro, afirma que esta pode ser algo relevante e não um detalhe sem importância, pois esta poderia ser uma refutação à alegação de que os discípulos roubaram o corpo de Jesus, como atesta Mt 28,12-14.⁸⁰ O autor assinala que provavelmente Jesus diz a Maria Madalena “μή μου ἄπτου/*não me retenhas*”, no v.17, porque segundo os costumes orientais, Maria Madalena teria se prostrado diante de Jesus e procurado abraçar seus pés de modo análogo à narrativa de Mt 28,9 em que as mulheres “ἐκράτησαν/*agarram*” (κρατέω) os pés de Jesus.⁸¹ O autor enfatiza que o v.17 traz uma dificuldade especialmente ao conceito de ascensão nele apresentado. Maria Madalena anuncia aos discípulos que Jesus está prestes a ascender ao Pai. Se a ascensão “indica” Jesus indo para o Pai, como isso pode ser separado de sua morte e ressurreição como uma “elevação” para o Pai? Pode parecer ao leitor que a ascensão ocorre entre as duas ocasiões.⁸²

O autor afirma que a ressurreição e a ascensão são fundamentalmente uma e indissoluvelmente ligadas à morte de Jesus. A substituição da linguagem ressurreição pela da ascensão é virtual, isto é, que não é real. Ele afirma que para João, a “ascensão” de Jesus é a conclusão de sua “hora” pela qual se opera a salvação do Reino de Deus.⁸³

Em síntese, Beasley-Murray considera o papel dos anjos relevante na cena, pois a sua presença serve como testemunho de que o corpo de Jesus não foi levado pelos ladrões, mas tomado pela intervenção divina. Além disso, afirma que a

⁷⁹ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 375-376.

⁸⁰ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 376.

⁸¹ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 376.

⁸² BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 377.

⁸³ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 378.

confusão de Maria Madalena sobre o jardineiro pode ser algo relevante, pois refutaria o conteúdo de Mt 28,12-14 que ventila que os discípulos teriam roubado o corpo de Jesus.⁸⁴ Outro ponto destacado pelo autor é que o v.17 apresenta dificuldades para o leitor, especialmente no conceito de ascensão apresentado, porém conclui que o Mistério Pascal em João ocorre numa única etapa, ou seja, paixão, morte, ascensão, ressurreição, glória são condensadas em um único acontecimento.

Flanagan escreveu a obra *João* para o terceiro volume da coleção Comentário Bíblico em 1989. Ele afirma que o capítulo 20 de João é organizado em dois atos. O autor divide o primeiro ato em duas cenas na manhã de domingo e diante do sepulcro. A primeira cena se dá diante do sepulcro e os protagonistas são Pedro e o Discípulo Amado. Na segunda cena, os protagonistas são Maria Madalena e Jesus. O segundo ato se passa na sala superior e apresenta 2 cenas: a primeira na tarde daquele mesmo domingo e a segunda cena, uma semana depois. O autor afirma que ao percorrer as quatro cenas um personagem secundário passa a ser a principal na cena seguinte: Maria Madalena, os discípulos e Tomé.⁸⁵

Para o autor, o v.14, pertence a uma tradição sobre os diversos relatos da ressurreição, nos quais o Senhor não é reconhecido por seus discípulos, sendo o mesmo, mas de modo distinto (Lc 24,16; Jo 20,19.26; 21,4). Em Jo 20,16c parece ser um reflexo de uma tradição litúrgica comunitária na qual Jesus ressuscitado só é reconhecido por determinados gestos (Lc 24,30-31; 30,31-32; Jo 20,8; 21,7). Neste sentido, o v.16c faz ressoar Jo 10,4 em que o evangelista relata a célebre sentença de Jesus sobre as ovelhas que reconhecem a sua voz.⁸⁶

Ele reconhece que é difícil determinar o significado do v.17bc, onde a interpretação deve girar em torno das questões se Maria Madalena estaria “atrapalhando” a passagem de Jesus a caminho do Pai ou se ela estaria abraçando seus pés, como um eco do relato de Mt 28,9. Da mesma forma, o autor oferece duas possibilidades de interpretação do v.17f. Na primeira, coloca em evidência a diferença do relacionamento que Jesus tem com o Pai e conosco. E, na segunda

⁸⁴ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 376.

⁸⁵ FLANAGAN, N. M., João, p. 136.

⁸⁶ FLANAGAN, N. M., João, p. 137.

possibilidade, indica uma proximidade filial ao afirmar que o Pai de Jesus é nosso e seu Deus é também nosso.⁸⁷

Conclui-se que Flanagan percebe uma progressão no protagonismo de Maria Madalena. Na primeira cena do primeiro ato, ela corre para avisar a Simão Pedro e o Discípulo Amado sobre o sepulcro vazio. O destaque da cena é dos discípulos Pedro e o Amado. Na segunda cena do primeiro ato, Maria Madalena e Jesus são destacados dos demais personagens anjos, discípulos e narrador. O estudioso reconhece a dificuldade de interpretação do v.17.

Sebastiani, em 1992, escreveu o livro *Maria Madalena: de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida*, escrita e publicada originariamente em língua italiana. Ela faz uma análise da figura de Maria de Madalena ao longo da história cristã, destacando como sua identidade e papel foram interpretados e distorcidos ao longo dos séculos. A autora argumenta que Maria Madalena, discípula predileta de Jesus e testemunha de sua ressurreição, foi erroneamente associada à imagem de uma prostituta arrependida devido a interpretações equivocadas e preconceitos. Ela também menciona a tendência de confundir Maria Madalena com outras mulheres mencionadas nos Evangelhos. Tal confusão, perpetuada ao longo da história com o Papa Gregório Magno, que proclamava a identificação de Maria Madalena com tais personagens. Ela observa que os antigos autores cristãos, mesmo sem sentimentos de ternura em relação às mulheres, usavam termos como “apóstola” para descrevê-la devido ao seu papel como testemunha da ressurreição de Jesus. Ela destaca a importância de entender a relação de Jesus com as mulheres em sua época e como esses encontros transformaram tanto as mulheres quanto Jesus. Este resumo se concentrará no capítulo IX, “Releitura livre de Jo 20,1-18”, em que a autora trata do assunto desta pesquisa.⁸⁸

Afirma que os anjos (v.12) simbolizam a corporeidade transfigurada do ressuscitado, e suas vestes brancas têm um significado escatológico e apocalíptico, indicando uma manifestação intensificada de Deus. Maria Madalena é questionada pelos seres angélicos o motivo de seu choro, no entanto, sua resposta reflete a falta de compreensão em relação ao significado espiritual da pergunta. Maria Madalena interpreta a indagação de forma literal, referindo-se ao desaparecimento do corpo

⁸⁷ FLANAGAN, N. M., João, p. 137.

⁸⁸ SEBASTIANI, L., Maria Madalena, p. 11-17.

de Jesus, sem compreender a verdadeira natureza da ressurreição. A autora salienta a falta de compreensão de Maria Madalena neste momento em relação ao mistério que está se desdobrando diante dela.⁸⁹

No v.14, Maria Madalena vê Jesus de pé, inicialmente não o reconhece. A estudiosa interpreta que a presença de Jesus de pé simboliza sua autoridade e glorificação. A natureza do corpo glorificado de Jesus torna difícil o reconhecimento imediato, e suas expectativas centradas na busca por um cadáver a impedem de compreender plenamente a realidade da ressurreição.⁹⁰

No v.16, Maria Madalena reconhece Jesus quando ele a chama pelo nome, e esse reconhecimento tem um significado profundo na narrativa da ressurreição. Maria Madalena chama Jesus de “Raboni”, que significa “Mestre”. O uso deste termo em hebraico, em vez do aramaico comum, é enfatizado pelo evangelista.⁹¹

No v.17, Jesus instrui Maria Madalena a não o reter, mas a anunciar aos discípulos que ele está subindo para seu Pai e seu Deus. Isso destaca a missão de Maria Madalena como a primeira testemunha da ressurreição, tornando-a uma apóstola da ressurreição.⁹²

Em suma, Sebastiani oferece uma análise profunda e esclarecedora da interação entre Maria Madalena e o Cristo ressuscitado. Ela mostra como elementos simbólicos, como os anjos e as vestes brancas, estão intrinsecamente ligados à revelação da ressurreição de Jesus e à incompreensão inicial de Maria Madalena. A narrativa revela a transformação da percepção de Maria Madalena, de uma mulher que buscava o corpo de seu Mestre a uma apóstola da ressurreição, com a simples chamada de seu nome por Jesus. Essa metamorfose espiritual e a missão de testemunhar a ressurreição destacam a importância de Maria Madalena na história cristã e resgatam sua verdadeira identidade do obscurantismo que fomentaram preconceitos ao longo dos séculos.

Léon-Dufour escreveu a obra *Leitura do Evangelho segundo João* em 1996. Ele percebe que Mt 28,8-10 e Jo 20,11-18 apresentam uma estrutura tripartite: iniciativa (de Jesus que se manifesta), reconhecimento (pelas mulheres, em Mateus, e por Maria Madalena, em João) e missão (dada por Jesus). O relato joanino tem

⁸⁹ SEBASTIANI, L., Maria Madalena, p. 216-218.

⁹⁰ SEBASTIANI, L., Maria Madalena, p. 219-221.

⁹¹ SEBASTIANI, L., Maria Madalena, p. 221-222.

⁹² SEBASTIANI, L., Maria Madalena, p. 223-227.

certas particularidades destacadas por Léon-Dufour: a confusão de Maria Madalena, a carga emotiva no encontro, o conteúdo da mensagem confiada a ela que revela que a aliança entre Deus e os homens está consumada. Na busca de Maria Madalena pelo corpo de Jesus, o autor realça que ela chora do lado de fora do sepulcro, diferentemente de Mt 16,5, em que as mulheres entram no sepulcro e ao verem um jovem de roupa branca, se assustam. No Quarto Evangelho, Maria Madalena não reage à presença de anjos vestidos de branco. O autor frisa a devoção de Maria Madalena, em resposta à pergunta dos anjos, para referir-se ao corpo de Jesus no v.15. Os verbos “retirar” e “colocar” empregados por ela refletem sua preocupação em encontrá-lo e, segundo Léon-Dufour, dar-lhe um novo sepultamento.

Ele percebe que a palavra de Maria Madalena ao jardineiro “onde o colocaste?”, no v.15, corresponde à de Jesus em Jo 11,34, “onde o puseste?”, a respeito da sepultura de Lázaro. O estudioso assinala que em Jo 20,12, os anjos marcam o lugar exato onde tinha repousado o corpo de Jesus e correlaciona este fato com os dois querubins que adornam cada lado do propiciatório, acima da Arca da Aliança, local em que YHWH falava ao seu povo. O autor diz que o não reconhecimento imediato do Ressuscitado por Maria Madalena mostra, como em outros relatos pascais (Lc 24,30-31), que Jesus aparece de outra forma, ele mesmo deve se revelar. Ao confundir-lo com o jardineiro, o autor percebe que há um reflexo sobre a localização do sepulcro em um jardim, em Jo 19,41, e pode evocar a ideia do jardim como uma referência ao Éden.⁹³

Correlaciona a pergunta que os discípulos do Batista fazem a Jesus: “que procurais?” e “Mestre, onde moras?” (Jo 1,38) com a pergunta de “Jesus-jardineiro” a Maria Madalena “quem procuras?” e a pergunta de Maria Madalena ao suposto jardineiro: “onde o puseste?” (v.15). O elemento topográfico está presente nas duas ocasiões. O lugar de Jesus é junto do Pai e os discípulos descobrirão isto ao acompanhá-lo e Maria o descobrirá na revelação de Jesus, em seu encontro pascal.⁹⁴ O autor vê ecos de Ct 3,1-4 na busca de Maria Madalena por Jesus em Jo 20,11-18. Ele não compartilha da ideia de que Maria Madalena representa uma figura coletiva, isto é, a comunidade messiânica à procura de Jesus, mas levanta a questão se o texto

⁹³ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, v. IV (capítulos 18–21), p. 157

⁹⁴ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, v. IV (capítulos 18–21), p. 157.

de Ct 3,1-4 pode ter inspirado o quarto evangelista para apresentar a busca de Maria Madalena.⁹⁵

Ressalta que o verbo “στρέφω/*virar-se, voltar-se*” (v.14) também pode indicar o movimento de aproximação de algo ou alguém. Este verbo pode vir acompanhado da preposição “πρός/*em direção a, junto a*” (Lc 7,44; 10,23; 23,38) ou sem ela (Lc 22,61). Outro detalhe destacado é que Jesus nunca é abordado por terceiros pelo seu nome. A expressão aramaica com que Maria Madalena se refere a ele, “Rabûni”, um diminutivo de “Rabi”, acrescenta um tom de afeição ou familiaridade.⁹⁶

De acordo com o estudioso, o v.17 traz um problema de interpretação porque os autores divergem muito em sua leitura. A recusa de Jesus em deixar-se apreender por Maria Madalena pode ser motivado pela missão de anunciar aos discípulos acerca da mensagem do ressuscitado. O pensamento joanino contempla num único mistério a ressurreição, exaltação e glorificação. O estudioso interpreta que a expressão “subir para junto do Pai” pode significar a saída de Jesus desta terra e não conotar a exaltação que se dá com a morte. E, desta forma, ele pode aparecer a Maria Madalena de maneira sensível, mas transitoriamente. Porém, ao mesmo tempo, Léon-Dufour apresenta a possibilidade das palavras de Jesus significarem “deixe de me tocar”, o que revela que sua condição é diferente da anterior; agora a presença dele se dará pelo Espírito e não mais pela proximidade sensível.⁹⁷ Segundo o exegeta, o verbo “ἀναβαίνω/*subo*” é uma ação presente, convém que este verbo seja interpretado imediatamente em referência à exaltação de Jesus na esfera celeste, atuante desde a sua morte. O estudioso salienta que “γάρ/*porque*”, presente no v.17c, se contrapõe à partícula “δὲ/*mas*”, no 17d. Desta forma, o motivo pelo qual Jesus opõe-se ao toque de Maria Madalena é antecipado. A maneira que Jesus fala a Maria Madalena deveria ser interpretada como “deixa de me tocar!”, pois imperativo presente no grego indica que a ação iniciada não deve ter continuidade. A estrutura tripartite das narrativas da aparição mostra que estas têm por finalidade a missão. Maria Madalena deve anunciar aos discípulos e não pode se manter ligada fisicamente com o Ressuscitado.

⁹⁵ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, v. IV (capítulos 18–21), p. 158.

⁹⁶ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, v. IV (capítulos 18–21), p. 158.

⁹⁷ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, v. IV (capítulos 18–21), p. 160.

Chama a atenção para o contraste da designação do vocábulo “irmãos”, no v.17, com o termo “Filho”, sempre apresentado com natureza superior a todos ao longo do Evangelho. E, neste sentido, foi pela exaltação junto ao Pai que a filiação divina dos homens foi obtida. A passagem pascal inaugura um novo modo de relacionamento entre o Pai e os discípulos, entre Deus e os discípulos. A distinção “meu Pai e vosso Pai” mostra que a relação de Jesus com o Pai transforma-se na relação dos discípulos com o Pai. O autor percebe no v.17 ecos do Sl 89,27,⁹⁸ de Rt 1,16, na profissão de fé de Rute a Noemi, relacionando-as com a declaração de Jesus a Maria Madalena. No entanto, o autor considera que o uso precedente do pronome “meu” em relação ao “vosso”, marca a anterioridade da relação de Jesus com o Pai.⁹⁹ Assinala que o v.18 pode ser compreendido incorretamente, pois pode dar a entender que o relato poderia ser considerado apenas um longo prelúdio ao reencontro de Jesus com os discípulos, uma vez que a mensagem é destinada a eles. Todavia, o exegeta diz que a narrativa é polarizada de fato entre Maria Madalena e Jesus, e a mulher recebe a missão de anunciar a Boa-Nova, portanto, ela deve ser considerada uma autêntica protagonista.¹⁰⁰

Em síntese, Léon-Dufour destaca as particularidades do relato de João, como a confusão de Maria Madalena, a carga emotiva no encontro com o ressuscitado, e a mensagem que revela a consumação da Aliança entre Deus e os homens. O autor sugere que Jesus proíbe Maria Madalena de tocá-lo (v.17) porque que a presença do ressuscitado não mais se dará pela proximidade física e sim pelo Espírito. Ele contrasta o uso do termo “irmãos” com o termo “Filho” e destaca que a filiação divina dos homens foi obtida pela exaltação de Jesus junto ao Pai. Ele enfatiza a importância de Maria Madalena como testemunha da ressurreição de Jesus e como uma personagem central na narrativa. Ela não é considerada uma figura coletiva da comunidade, mas uma protagonista que testemunha o ressuscitado e que recebe a missão para anunciar aos discípulos a sua mensagem.

Simoens escreveu o livro *Secondo Giovanni: una traduzione e un'interpretazione*, em 2000. O autor destaca que a etimologia da palavra “μνημεῖον/*sepulcro*” se relaciona com o verbo “μυμνήσκω/*recordar*”, sendo sublinhado desta forma o carácter “memorial” do sepulcro. Ele diz que o termo

⁹⁸ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, v. IV (capítulos 18–21), p. 161-162.

⁹⁹ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, v. IV (capítulos 18–21), p. 162.

¹⁰⁰ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, v. IV (capítulos 18–21), p. 163.

grego mais corrente para “tumba” seria τάφος. Uma visita a um sepulcro implica lembrança.¹⁰¹

Em Jo 20, o autor discute a simbologia e os significados associados à ressurreição de Jesus Cristo, particularmente enfocando a personagem de Maria Madalena e a sua ida ao sepulcro vazio. Para Simoens, a pedra removida do sepulcro possui grande significado, pois esta inicialmente simbolizava o fechamento e o fim, e sua mudança de lugar é transformada em um sinal de abertura e de um novo desenvolvimento. A ressurreição é associada à ideia de que a morte aponta para a vida, e de que o fechamento definitivo se torna uma abertura para uma nova esperança. Assim, para Simoens, a pedra retirada do sepulcro sinaliza a transformação do obstáculo em mediação, a ideia de um “memorial aberto” em vez de “sepulcro vazio”.¹⁰²

Ele também explora a representação simbólica dos anjos e o seu papel como mediadores entre o corpo de Jesus e Maria Madalena, enfatizando a conexão entre o sensível e o espiritual. A presença angélica representa o divino e reflete a relação entre criador e criatura, e que no texto de João mediam a relação entre Maria Madalena e o corpo de Jesus.¹⁰³

Associa a raiz verbal “ζητέω/*buscar, procurar*” (v.15c) às passagens bíblicas e escritos sapienciais. A alusão a Ct 3,1-7; 4,12-13 destaca elementos sapienciais de busca e encontro, como a imagem do jardim fechado; a conversa entre Maria Madalena e Jesus, o título de “jardineiro”, atribuído a Jesus, alude ao simbolismo nupcial de Cânticos. Simoens analisa que a simbologia do “jardim” e da relação entre amada e amado em Ct 3,1-4, sugere que Maria Madalena e Jesus também estão envolvidos em uma relação profunda.¹⁰⁴

O vocábulo “irmãos” (v.17), empregado por Jesus, transforma a dinâmica de mestre-servo em algo mais estreito, destacando a filiação comum de todos os crentes no Pai. A referência à ascensão do Filho ao Pai implica uma relação imediata e profunda com Deus. Nesta relação, o Filho revela a natureza da nova aliança e o cumprimento da aliança anterior. A ressurreição de Jesus é central na

¹⁰¹ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 794.

¹⁰² SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 795.

¹⁰³ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 799-800.

¹⁰⁴ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 801-802

formação da fé dos discípulos, levando-os a uma mais profunda relação de filiação.¹⁰⁵

Em síntese, o autor enfatiza o caráter “memorial” do sepulcro, indicando que uma visita a ele implica lembrança. Simoens conclui que pedra que inicialmente simbolizava o fechamento e o fim do sepulcro é interpretada como um sinal de abertura e novo desenvolvimento. Isso simboliza a transformação da morte em vida e a ideia de que o fechamento definitivo se torna uma abertura para uma nova esperança. Para ele os anjos representam o divino e refletem a relação entre criador e criatura, desempenhando um papel na mediação entre o sensível e o espiritual. Ele destaca elementos sapienciais de busca e encontro, especialmente a imagem do “jardim fechado” e o título de “jardineiro” atribuído a Jesus, aludindo ao simbolismo nupcial encontrado no Cântico dos Cânticos. Conclui que a ascensão de Jesus promove um estreitamento na relação de Jesus com os discípulos. A frase “Porque ainda não subi junto ao Pai” (v.17c) pode ser interpretada como uma indicação da transição entre a antiga relação de mestre-servo para a nova relação de irmãos, em que todos se tornam filhos de Deus. A mensagem dada a Maria Madalena é vista como uma missão de proclamar essa nova aliança, isto é, a nova relação entre Deus e os crentes.

Em 2003, **Fabris** publicou a obra “*Giovanni: Traduzione e commento*”, na qual identifica inconsistências em Jo 20,11-18 que impactam a lógica da narrativa, como a repetição da pergunta sobre o choro pelos anjos (v.13) e pelo jardineiro (v.15). A resposta de Maria Madalena parece ser uma repetição do que ela já havia dito. As palavras de Jesus a Maria Madalena também parecem contradizer a coerência lógica ao afirmar que ainda não subiu “junto ao Pai”, mas instrui Maria a ir aos discípulos e anunciar sua ascensão. Tais inconsistências levam o autor a questionar a autenticidade e a origem literária do relato joanino sobre a ressurreição. Ele sugere uma possível dependência literária dos Sinóticos ou o uso autônomo de uma tradição comum.¹⁰⁶

No episódio anterior (Jo 20,3-10), os discípulos se afastam (v.10) enquanto Maria Madalena permanece próxima ao sepulcro chorando (v.11). O autor afirma que a presença dos anjos e sua posição, sentados e ladeando o local onde jazia o

¹⁰⁵ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 802-803.

¹⁰⁶ FABRIS, R., *Giovanni*, p. 777.

corpo de Jesus, sugere uma mudança no significado do sepulcro, não mais associado à morte, mas à ressurreição (v.12).¹⁰⁷

O autor observa que a posição de Jesus de pé (v.14), contrasta com aquela atribuída ao seu corpo na sepultura no lugar demarcado pelos anjos (v.12). Este pode ser um sinal de que Jesus está ressuscitado e vivo (At 7,55-56; Ap 5,6; 11,11; 20,12). Todavia, Maria Madalena não está em condições de reconhecê-lo, ela está preocupada, pois não sabe onde colocaram o Senhor.¹⁰⁸

O autor afirma que neste relato, o gênero literário é o de reconhecimento e, acrescenta que uma das suas características é a superação do estranhamento e confusão iniciais, superadas graças à iniciativa de Jesus ressuscitado (Jo 21,4.12; Lc 24,16.31).¹⁰⁹

A iniciativa de Jesus em chamar Maria Madalena pelo nome resulta em seu reconhecimento. Segundo o estudioso há uma transformação significativa na relação de Maria Madalena com Jesus ressuscitado, sinalizada pela raiz verbal “στρέφω/virar-se, voltar-se” no v.16. O gesto de Maria Madalena de virar-se, ao ouvir seu nome, simboliza não apenas um movimento físico, como no v.14, mas também uma mudança espiritual interna.¹¹⁰

Maria chama Jesus pelo título “Raboni” revelando uma relação de proximidade entre ambos. Fabris percebe que a narrativa destaca a importância do nome e da voz na relação entre o pastor que chama suas ovelhas individualmente, e estas o seguem por reconhecerem sua voz (Jo 10,3-4.27). Essa metáfora também se conecta à tradição bíblica, na qual o Senhor chama Israel pelo nome (Is 43,1), além de evocar a metáfora das relações conjugais no Cântico dos Cânticos, em que a noiva reconhece a voz do noivo (Ct 2,8; 5,2).¹¹¹

Segundo o estudioso, a declaração enigmática de Jesus em Jo 20,17, “não me retenhas, porque ainda não subi junto ao Pai”, pode ser interpretada de duas maneiras. Maria pode ter entendido que sua relação com Jesus foi restabelecida como antes de sua morte, pensando que ele retornou entre os vivos. Segundo a outra

¹⁰⁷ FABRIS, R., Giovanni, p. 777.

¹⁰⁸ FABRIS, R., Giovanni, p. 777.

¹⁰⁹ FABRIS, R., Giovanni, p. 777.

¹¹⁰ FABRIS, R., Giovanni, p. 778.

¹¹¹ FABRIS, R., Giovanni, p. 778.

interpretação, a ênfase não está na proibição inicial, mas na missão de informar aos discípulos sobre sua iminente ascensão ao Pai.¹¹²

Para Fabris, a dinâmica da ascensão é crucial para entender a urgência da mensagem, representando não apenas um evento temporal, mas um processo dinâmico culminando na comunhão plena com Deus. Na perspectiva joanina, a ascensão de Jesus ao Pai é um processo que engloba toda a trajetória desde sua morte. Para João, a ressurreição não representa o fim, mas uma etapa da ascensão. Ao dizer a Maria “Porque ainda não subi junto ao Pai”, Jesus indica que a ascensão não está completa. A frase “οὐπω γὰρ ἀναβέβηκα/*porque ainda não subi*” expressa o dinamismo contínuo da subida, não sendo um estado definitivo. A dinâmica da ascensão de Jesus não está limitada a um prazo temporal. Ao instruir Maria Madalena a dizer aos discípulos que “Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”, Jesus mostra que sua ascensão é o fundamento e a revelação da nova e definitiva comunhão com Deus Pai, resultante da experiência pascal.¹¹³

O autor assevera que a afirmação de Maria Madalena “Vi o Senhor” (Jo 20,18) é o resumo de sua fé pascal, iniciada junto ao sepulcro vazio. Maria Madalena, após o encontro transformador com o ressuscitado, é comissionada por ele a anunciar o testemunho pascal aos discípulos. Sua função como mensageira da ressurreição é paradigmática na compreensão da ressurreição e na transmissão do evangelho pascal, também se destaca a importância da experiência pessoal na transmissão da fé e no testemunho apostólico.¹¹⁴

Fabris observa a progressão na fé pascal de Maria Madalena, que inicialmente chora pela ausência do corpo, reconhece-o de forma espiritual e, finalmente, anuncia aos discípulos que viu o Senhor.

Sánchez, em 2008, escreveu sua obra *Evangelio de Juan*. Ele intitula o comentário ao capítulo 20 de João de “O esposo do Cantares, o Senhor do Êxodo, o doador do Espírito”.¹¹⁵ Para o autor, Madalena não alcançou a alegria pascal, ela é retrata chorando duas vezes porque acredita que o corpo de Jesus foi roubado. Isso sugere que ela ainda não tem fé em Jesus, mas seu amor por ele é profundo, levando-a a procurar o corpo no sepulcro, mesmo sabendo que não se encontra ali.

¹¹² FABRIS, R., Giovanni, p. 780.

¹¹³ FABRIS, R., Giovanni, p. 780.

¹¹⁴ FABRIS, R., Giovanni, p. 781.

¹¹⁵ SÁNCHEZ, S. C., *Evangelio de Juan*, p. 349.

A presença dos dois anjos testemunha os eventos e conecta a narrativa de João com os Sinóticos que também mencionam anjos. Segundo o estudioso, o termo “mulher” para se referir à Madalena (v.13b.15b) tem conotações matrimoniais no Quarto Evangelho.¹¹⁶ Diante dos anjos, Madalena chama Jesus de “meu Senhor” em vez de “o Senhor”. Isso sugere que a palavra *Kyrios* pode ter conotações matrimoniais. O uso repetido do termo “virar-se” (v.14b.16b) pode estar relacionado às passagens do Cântico dos Cânticos, indicando um aspecto nupcial.¹¹⁷

Para o estudioso, a referência a um jardineiro quando Madalena confunde Jesus levanta questões sobre possíveis significados ocultos. Na narrativa de João, nada profano substitui Jesus, tornando a referência a um jardineiro aparentemente sem sentido. Pode simbolizar a dificuldade da comunidade em compreender o papel de Jesus após sua morte. Sánchez estranha o fato de que Madalena não questiona os anjos sobre o desaparecimento do corpo de Jesus, considerando a possibilidade de o jardineiro ser o autor do roubo, mesmo com os anjos presentes. Isso levanta a questão se Maria Madalena, representando a comunidade, poderia ter acreditado que Deus (YHWH) havia levado Jesus para sempre. A figura do jardineiro gerou dificuldades na interpretação ao longo da história, refletindo o debate na Igreja primitiva sobre o significado de Jesus após sua morte.¹¹⁸

Maria Madalena reconhece Jesus quando o chama pelo nome, uma alusão ao tema do Bom Pastor, em que as ovelhas conhecem a sua voz, semelhante ao Cântico dos Cânticos, onde é mencionado “A voz do meu Amado que chama!” (Ct 5,2). O autor percebe uma conexão entre o reconhecimento de Jesus e o relacionamento das ovelhas com seu pastor, que é uma metáfora comum na narrativa joanina.¹¹⁹

De acordo com Sánchez, o imperativo negativo “não me retenhas” (v.17), no grego, sugere a interrupção de uma ação já iniciada. Isso contrasta com o relato de Mateus, em que as mulheres agarram os pés de Jesus e o adoram (Mt 28,9). O Cântico dos Cânticos também destaca a ideia de segurar o amado e não o deixar ir, (Ct 3,4). Novamente o autor contrasta o livro de Cântico dos Cânticos com o Evangelho de João: Jesus opõe a casa do Pai à casa da mãe no Cântico. O v.17d-f

¹¹⁶ SÁNCHEZ, S. C., Evangelio de Juan, p. 355.

¹¹⁷ SÁNCHEZ, S. C., Evangelio de Juan, p. 355.

¹¹⁸ SÁNCHEZ, S. C., Evangelio de Juan, p. 356.

¹¹⁹ SÁNCHEZ, S. C., Evangelio de Juan, p. 356

indica as novas relações que Jesus estabelece com seus seguidores, introduzindo-os em sua relação com Deus. Ele menciona primeiro o Pai e depois Deus, possivelmente para enfatizar que o Pai de Jesus também é o Pai deles, e, portanto, ele não os abandonará. Isso sugere que a missão da comunidade está apenas começando, e é hora de se engajar na missão.¹²⁰

No último verso, há uma ressonância com o Cântico dos Cânticos, onde o anúncio de Madalena aos discípulos se assemelha à ideia de ouvir a voz da amada (Ct 8,13). A corrida de Maria Madalena também evoca a imagem da amada fugindo (Ct 8,14), apontando uma nova fase que se inicia.¹²¹

Sánchez salienta o estado emocional abalado de Madalena, sugerindo que ela ainda não tem fé plena em Jesus, mas seu amor por ele é profundo; atribui conotações matrimoniais ao texto pelo uso da palavra “mulher” pelos anjos e por Jesus em referência a Maria Madalena; ressalta que a presença de um jardineiro misterioso no texto levanta questões sobre possíveis significados ocultos e a dificuldade da comunidade em compreender o papel de Jesus após sua morte; o reconhecimento pela voz relaciona-se ao tema do Bom Pastor; o v.17b é interpretado de maneira diferente, sugerindo uma interrupção de uma ação já iniciada, em contraste com outras passagens onde as mulheres agarram os pés de Jesus; o envio de Maria Madalena, no v.17d-f, indica a introdução de novas relações entre Jesus e seus seguidores, bem como a importância da missão da comunidade cristã; percebe ressonância deste texto com o Cântico dos Cânticos em várias passagens, evidenciando paralelos e contrastes entre os dois textos, especialmente no que diz respeito ao relacionamento entre amados.

Zumstein escreveu o livro *Il Vangelo secondo Giovanni* em 2016. Ele destaca que o relato da aparição do ressuscitado a Maria Madalena (v.11-18) apresenta tensões com o relato anterior (v.1-10), visto que o evangelista não explica por que, no v.11, Maria Madalena está novamente perto do sepulcro. O autor sagrado parece ignorar completamente a inspeção do sepulcro vazio pelos dois discípulos e a fé do Discípulo Amado. O estudioso lembra que o enredo não é dramático, mas temático e que o centro do discurso é a narração do nascimento da

¹²⁰ SÁNCHEZ, S. C., Evangelio de Juan, p. 356.

¹²¹ SÁNCHEZ, S. C., Evangelio de Juan, p. 356-357.

fé pascal¹²² e não a ordem cronológica entre os acontecimentos ocorridos na manhã de Páscoa.¹²³

Ele divide a cena em três momentos: a) encontro de Maria Madalena com os anjos (v.11-13); b) encontro de Maria Madalena com o ressuscitado (v.14-17); c) o seu testemunho Pascal (v.18). Para o autor, a superação da angelofania pela cristofania tem um objetivo teológico: somente o ressuscitado pode comunicar a sua identidade e suscitar a fé. A presença dos anjos indica que o sepulcro não é um lugar dominado pela morte, mas de Deus vivente. O ressuscitado sinaliza isto, pois somente ele pode comunicar sua verdadeira identidade e evocar a fé em Maria Madalena.¹²⁴

Em relação aos Sinóticos, nota que a angelofania e a cristofania fazem parte desta tradição, pois o evangelista João retoma os temas antigos da tradição pascal e combina-os com os seus próprios. Em João, Maria Madalena vai sozinha ao sepulcro, a angelofania é abreviada pois os anjos não transmitem nenhuma mensagem e por fim, a angelofania é seguida de uma cristofania que detecta a função de revelação que era própria dos anjos na tradição sinótica.¹²⁵

Observa que a figura de Maria Madalena está em relevo e destaca dois elementos: a) o narrador retoma a ordem missionária dada às mulheres para desenvolvê-la e assim formular sua concepção do evento pascal (v.17). A ressurreição é entendida como uma ascensão ao Pai; b) o estilo do v.18c não concorda com o v.18b, e por isso pode ser um acréscimo do evangelista. A fórmula tradicional do testemunho pascal é importante “Vi o Senhor”, mas também o ensinamento transmitido no v.17.¹²⁶

Segundo o autor, a aparição de Jesus a Maria Madalena tem sido frequentemente comparada a Ct 3,1.¹²⁷ Para o estudioso, o ciclo pascal joanino aborda a suspeita do furto do corpo de Jesus em várias ocasiões (Jo 20,2.12.13.15). Essa abordagem pode ser relacionada a debates judaicos sobre a ressurreição de Jesus, nos quais se alegava que os discípulos esconderam seu corpo para sustentar

¹²² ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 921-922.

¹²³ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 918. O tema que une os capítulos 19 e 20 no Quarto Evangelho é o sepulcro e o desafio do ciclo pascal consiste em explicar por que o sepulcro não permaneceu um lugar de tristeza e desespero, mas tornou-se um lugar de uma descoberta decisiva.

¹²⁴ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 930.

¹²⁵ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 931.

¹²⁶ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 931.

¹²⁷ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 931.

a ideia da ressurreição (Mt 28,13). O Evangelho de João contrapõe esta alegação, afirmando que a ordem presente no sepulcro refuta esta acusação.

Outra controvérsia judaica envolvia um jardineiro chamado Judas, que teria removido o corpo de Jesus do sepulcro para evitar que os discípulos o roubassem. Quando os discípulos alegaram a ressurreição com base no sepulcro vazio, Judas teria recolocado o corpo no sepulcro, expondo o engano dos discípulos. Zumstein observa que o narrador não busca necessariamente refutar essa acusação, mas utiliza o motivo do jardineiro e do mal-entendido para introduzir a aparição de Cristo ressuscitado. Quando o Evangelho de João foi redigido, as polêmicas sobre o furto do corpo de Jesus já não eram pertinentes ou não possuíam um propósito evidente. Portanto, a inclusão dessas suspeitas no Evangelho pode ter tido uma intenção narrativa e teológica, em vez de ser uma reação direta a controvérsias da época.¹²⁸

Zumstein valoriza a angelofania e cristofania do relato. Ele chama atenção para a existência de tensões entre a narrativa da aparição do ressuscitado a Maria Madalena (v.11-18) com o relato anterior (v.1-10). O autor reconhece o protagonismo de Maria Madalena e retoma os temas Sinóticos da tradição pascal, combinando-os com os seus próprios para formular sua própria concepção da Páscoa. Ele assevera que a narrativa é temática e não cronológica, pois seu ponto central é a narração do nascimento da fé pascal, e não a sucessão (cronologia) dos acontecimentos ocorridos na manhã de Páscoa.

Malzoni escreveu a obra *Evangelho segundo João* em 2018. Ele destaca as interpretações de quem seria a personagem Maria presente no relato e recorre a um comentário de Efrém de Nisibe que não é um comentário ao Quarto Evangelho, mas é chamado Comentário ao Evangelho Concordante que identifica Maria como a mãe de Jesus. Neste texto aparece somente o nome Maria. Segundo o autor, Efrém de Nisibe refere-se a um texto a partir dos evangelhos e outros relatos evangélicos, escrito em siríaco por Taciano (o sírio), uma antiga Harmonia Evangélica. O estudioso afirma que no Quarto Evangelho o nome da mãe de Jesus é sempre citado como “a mãe de Jesus” e que este refere-se a ela como “mulher” em Canã (Jo 2,4) e aos pés da cruz (Jo 19,26). Os anjos e Jesus ressuscitado (na primeira vez que se dirige a Maria Madalena) referem-se a Maria Madalena como “mulher”. No v.18,

¹²⁸ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 931.

o evangelista escreve que Maria Madalena foi anunciar aos discípulos e assim não resta dúvidas sobre qual Maria o texto fala.¹²⁹

Ele chama a atenção para o verbo de movimento “inclinarse” e com isto demonstra que o sepulcro estaria num local baixo, simples como eram os sepulcros dos pobres. Destaca que a pergunta de Jesus a Maria Madalena “A quem buscas?” (v.15) remete à pergunta de Jesus a André e seu companheiro em Jo 1,38 “Que buscais?”. No entanto, aponta uma diferença: a pergunta a Maria Madalena traz um “quem” e não um “que”. O autor ressalta que Maria Madalena não reconhece Jesus Ressuscitado imediatamente (v.15) como ocorre na beira do lago (Jo 21,4) e em Emaús (Lc 24,16). Ela somente percebe que é Jesus ressuscitado após ouvir seu nome pronunciado por ele (v.16). Este acontecimento remete às ovelhas que reconhecem a voz do seu pastor em Jo 10,3-4.¹³⁰

O estudioso salienta que a forma com a qual Maria Madalena se refere a Jesus, “Raboni”, é o diminutivo de “Rabi” (presente em Jo 1,38), porém o evangelista traduz ambas formas como “Mestre”. Considera que o imperativo do texto “não me retenhas” (v.17), um imperativo presente, como um pedido para que Maria Madalena deixe de tocá-lo, atenta que há um vínculo desta frase com a próxima “pois ainda não subi junto ao Pai” (v.17). Ambas preparam a fala seguinte de Jesus a Maria Madalena para que ela vá anunciar aos discípulos a subida de Jesus ao Pai (v.17). Ele afirma que não se deve desvincular as duas frases porque poderia dar a impressão equivocada de que Maria Madalena poderia impedir Jesus de subir ao Pai. Ele destaca que Dodd afirma que o sentido da frase é ambíguo e que se pode pressupor que ela não estivesse tocando Jesus, não é necessário pensar que ela estivesse tocando nele, como sugere a tradução “cessa de tocar-me”, “Noli me tangere/*Não me toques*” na versão latina. Malzoni destaca que a ressurreição e assunção aparecem juntas, mostrando que a ressurreição significa que Jesus se faz presente de um novo modo: pelo Espírito.¹³¹

Quanto à intertextualidade, relaciona à passagem de Mc 16,5-8, que também destaca a figura de Maria Madalena como a primeira testemunha do ressuscitado. Menciona também a semelhança entre a busca de Maria Madalena pelo seu Senhor à busca do amado pela amada em Ct 3,1-4. Jesus ressuscitado chama os discípulos

¹²⁹ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 302.

¹³⁰ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 304.

¹³¹ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 304-305.

de irmãos em Jo 20,17 e em Mt 28,10 e acrescenta que ela deve anunciar que ele subirá ao Pai e esta missão conferida a ela, lhe fez receber da Igreja o título de “Apóstola dos Apóstolos”.¹³²

O pensamento de Malzoni ressalta a identificação de Maria como Maria Madalena, a escolhida pelo ressuscitado para ser a mensageira de sua ressurreição. O local do sepulcro também é destacado pelo autor, estava num local baixo, típico dos sepulcros dos pobres. Ele depreende isto a partir do verbo de movimento “inclinar-se”, pois Maria Madalena inclina-se para olhar para dentro da sepultura, indicando um local baixo. O autor enfatiza que Maria Madalena não reconhece Jesus imediatamente e só o faz quando ele a chama pelo nome. Destaca também que João traduz “Raboni”, diminutivo de Rabi, por Mestre e que o imperativo presente nos lábios de Jesus “não me retenhas” é uma fala ligada ao seu destino, pois ele explica em seguida que ainda não subiu “junto ao Pai”. Conecta a ressurreição de Jesus ressuscitado com sua subida ao Pai, isto é, sua ascensão.

Lémonon escreveu a obra *Pour lire l'évangile de saint Jean* em 2020. O autor afirma que Jo 20 seria uma conclusão da obra, iniciada com a confissão da identidade de Jesus em Jo 1,1, culminando no reconhecimento de sua identidade em Jo 20,28. A narrativa do sepulcro vazio é inseparável das histórias da paixão, dando significado a esses eventos. O autor observa que Jo 19 termina com Jesus sendo depositado em um sepulcro novo, e o capítulo 20 se inicia com o relato de que este se encontrava vazio. Maria Madalena, presente na crucificação, testemunha o sepulcro com a pedra rolada. O texto estabelece ligações com os capítulos anteriores (Jo 18–19) por meio de uma data (o primeiro dia da semana), três nomes (Maria Madalena, “o discípulo que Jesus amava” e Pedro), e algumas palavras (faixas, corpo de Jesus, crucificar/pregos e o lado).¹³³

O autor divide Jo 20 em duas partes (v.1-18 e v.19-29), cada uma com duas perícopes (v.1-10; v.11-18; v.19-23; v.24-29). Os v.1-18 contribuem para a reconstituição do grupo de discípulos e os v.19-29 estão orientados para o futuro; a situação de cada crente é então esclarecida (v.28-29). Jo 20,1-18 encontra sua unidade na pessoa de Maria Madalena, enquanto Jo 20,19-29 centra-se nos discípulos, com destaque para Tomé. Desde o início, a narrativa é direcionada aos

¹³² MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 306.

¹³³ LÉMONON, J. P., Pour lire l'évangile de saint Jean, p. 545-546.

discípulos, com Maria Madalena dirigindo-se a Pedro¹³⁴ e “o discípulo que Jesus amava” (v.2) e, no v.17, Jesus envia Maria Madalena aos discípulos, chamando-os de seus irmãos. Cada parte tem um início indicado temporalmente (v.1.19) e termina com uma confissão de fé (v.16.18 e v.28). A primeira parte (v.1-18) é marcada pela busca do corpo de Jesus, com cada perícopes conduzindo a uma confissão de fé baseada em diferentes realidades (v.8.18). Por outro lado, a segunda parte destaca a vinda de Jesus aos discípulos, apresentando duas confissões de fé (v.20.28), sendo que a primeira, implícita (v.20), confirmada no v.25.¹³⁵

O relato de Jo 20,1-23 ocorre no mesmo dia, o primeiro da semana. Ao final desse dia, uma missão é confiada aos discípulos, e o Espírito é concedido a eles. Jo 20,1-10.24-29 culmina com uma confissão de fé; Jo 20,11-18.19-23 inclui uma missão: Maria Madalena é enviada por Jesus aos seus irmãos (v. 17b); ela cumpre a missão que lhe foi confiada (v.18). Jesus confia uma missão aos discípulos, concedendo-lhes o Espírito (v.22-23). A localização de Jo 20,11-18 ocorre perto do sepulcro e Jo 20,19-29 na sala onde os discípulos se refugiam. De acordo com Lémonon, o capítulo 20, proporciona uma conclusão rica e coesa para o Evangelho de João, reafirmando a identidade de Jesus e estabelecendo a continuidade da missão dos discípulos.

Lémonon afirma que Jo 20,11-18 se divide em duas unidades: o diálogo inicial de Maria Madalena com os anjos e o subsequente diálogo com Jesus. No v.11, Maria Madalena está junto ao sepulcro, mas o texto omite seu retorno, sugerindo uma possível lacuna ou o uso de uma fonte adicional. No v.12, ela vê dois anjos de branco, sentados ladeando o lugar onde o corpo de Jesus jazia. O autor explica que os anjos são portadores da mensagem da ressurreição, e isto é sinalizado pelas vestes brancas, símbolo da ressurreição, da vida. Na tradição bíblica, os seres celestiais e as pessoas transfiguradas estão vestidos de branco. A sua posição realça o vazio do espaço “onde foi colocado o corpo de Jesus”. Eles perguntam a Maria Madalena o motivo do seu choro e então, ela lhes revela repetindo as palavras que disse a Pedro e ao “Discípulo Amado”. No entanto, ela responde na primeira pessoa do singular (v.13d-f), diferentemente do v.2 em que usa a segunda pessoa do plural. Os anjos estão como que em suspense; o diálogo com Maria Madalena é

¹³⁴ LÉMONON, J. P., Pour lire l'évangile de saint Jean, p. 546. Segundo Lémonon, Pedro e o Discípulo Amado contribuem para a validação do testemunho de Maria Madalena (Dt 19,15).

¹³⁵ LÉMONON, J. P., Pour lire l'évangile de saint Jean, p. 546-547.

interrompido pela chegada do ressuscitado confundido como jardineiro. Para Lémonon, a menção aos anjos parece dever-se ao desejo de estabelecer uma certa harmonização com os Sinóticos. Além disso, a sua presença não é inútil, porque exprime um novo estatuto do túmulo, Deus tomou posse de um lugar de morte e transformou-o, pôs fim ao seu reinado.¹³⁶

Antes de reconhecer Jesus ressuscitado, Maria Madalena confunde-o com o jardineiro, sendo este o reflexo de sua busca desesperada e da ideia que tinha de um possível roubo do corpo de Jesus. No v.15b, Jesus repete a mesma pergunta dos anjos, ampliando-a, no v.15c, para “A quem buscas?” (Jo 1,38). O não reconhecimento inicial é comum nos relatos de aparição de Jesus, evidenciando a falta de expectativa dos discípulos quanto à sua ressurreição imediata, pois estes só esperavam a ressurreição no final dos tempos.

Para o autor, é sempre Jesus ressuscitado quem se revela, mas para ser reconhecido, ele fornece pistas relacionadas à sua vida na história. O padrão clássico dos relatos de aparição é delineado, começando com a aparição inesperada de Jesus ressuscitado, seu não reconhecimento inicial, um gesto ou palavra que leva ao seu reconhecimento. No v.16, quando Jesus chama seu nome, diz-se que Maria Madalena “virou-se”, indicando a conversão espiritual. Ao chamar Maria Madalena pelo nome, ela responde *Raboni*, em aramaico e não hebraico, traduzido pelo evangelista como “mestre”, em grego. Ao reconhecer Jesus, Maria Madalena se dirige a ele com um termo que ainda está marcado pela sua condição terrena. É necessária uma palavra de Jesus para que Maria Madalena passe de *Raboni* (v.16) a *Senhor* (v.18).¹³⁷

No v.17, a fala de Jesus, no imperativo negativo, esclarece os limites do seu reconhecimento, pois ele ordena “Não me retenhas!” Lémonon aponta para um sentido de fé cristológico nesta resposta. Maria Madalena não deve mais procurar Jesus na sua antiga condição, porque ele está numa nova situação, uma vez que agora seu corpo é glorioso. O ressuscitado deve ascender ao seu Pai e entrar em plena comunhão com ele. Ele confia a Maria Madalena uma mensagem para os seus discípulos, a quem chama “meus irmãos”. Apesar da paternidade comum, Jesus introduz uma distinção: “meu Pai e vosso Pai”, “meu Deus e vosso Deus”. A filiação de Jesus e a dos discípulos não é igual, pois ele é o Filho único, enquanto

¹³⁶ LÉMONON, J. P., Pour lire l'évangile de saint Jean, p. 556.

¹³⁷ LÉMONON, J. P., Pour lire l'évangile de saint Jean, p. 557.

os discípulos são filhos através da sua mediação. Maria Madalena confessa Jesus ressuscitado como “Senhor” no anúncio aos discípulos (v.18).¹³⁸

O autor observa que Jo 20 proporciona uma conclusão rica e coesa para o Evangelho de João, reafirmando a identidade de Jesus ressuscitado e estabelecendo a continuidade da missão dos discípulos.

2.2

Teses e dissertações

McCarthy escreveu sua tese de mestrado em 2013, junto à Murdoch University, na Austrália, intitulada *John 20:11-18: an Exegesis through Art and Text*. A autora examina tanto o texto bíblico de Jo 20,11-18, quanto as obras de arte relacionadas, visando uma compreensão mais profunda da ressurreição e de sua representação ao longo da história. O foco desta pesquisa encontra-se no capítulo 3 do trabalho de McCarthy em que a autora realiza uma aproximação/análise exegética do texto de Jo 20,11-18, abordando conceitos como ressurreição, sepulcro vazio e aparições pós-Páscoa.

Para a autora, a presença dos anjos na sepultura destaca que o corpo de Jesus não foi levado e que a mensagem sobre a ressurreição é divina e deve ser acreditada. Eles falam com Maria Madalena sem lhe causar medo, ao contrário do que geralmente acontece quando anjos aparecem.¹³⁹ Ao ver Jesus ressuscitado após a conversa com os anjos, ela não o reconhece imediatamente, o que é comum nos evangelhos. A autora apresenta algumas interpretações para a sua incredulidade: a) a angústia diante da ausência do corpo de Jesus; b) a natureza inesperada das aparições; c) a diferença entre o Jesus ressuscitado e o Jesus histórico; d) ela não esperava conversar com uma pessoa ressuscitada.¹⁴⁰

No início, Maria Madalena presume que Jesus seja o jardineiro, um paralelo que McCarthy associa à narrativa da criação no Éden. A estudiosa também percebe que o texto aponta conexão poética e simbólica entre a experiência de Maria Madalena e da amada narrada em Ct 3,1-4, em que ela procura seu amado em um jardim. Ela observa que quando Jesus chama Maria Madalena pelo nome, ocorre

¹³⁸ LÉMONON, J. P., Pour lire l'évangile de saint Jean, p. 558.

¹³⁹ MCCARTHY, A., John 20:11-18, p. 56.

¹⁴⁰ MCCARTHY, A., John 20:11-18, p. 57-58.

uma transformação radical em sua compreensão. Ela se volta para ele, indicando a conversão.

Maria Madalena responde chamando Jesus de “*παββουν/meu mestre*”, refletindo o reconhecimento de Jesus como aquele a quem ela seguiu e amou durante seu ministério. O ato de Maria Madalena nomear Jesus após ele tê-la chamado é significativo, pois os nomes revelam identidade e relacionamento. É evidenciada a restauração de Maria Madalena, que agora experimenta a alegria da redescoberta e o despertar da fé pascal.¹⁴¹

Ela explica que muitos teólogos têm tentado explicar a frase “*μή μου ἄπτου/não me retenhas*”, no v.17, e diz que esta significa literalmente “pare de me tocar”. O presente imperativo grego implica que Maria Madalena já estava tocando Jesus, mas Jesus estava pedindo a ela que parasse de fazê-lo. A autora lembra que Brown enfatiza o aspecto contínuo deste imperativo, sugerindo que Jesus estava pedindo a ela que não se agarrasse a ele. Sugere que a ação de Maria Madalena pode ter sido um ato de adoração, semelhante ao relatado em Mt 28,9 em que as mulheres adoram Jesus ressuscitado e seguram seus pés.¹⁴²

A proibição de Jesus pode ser vista como uma representação simbólica da transição da relação anterior com os discípulos para uma nova realidade espiritual. McCarthy explana que a fala de Jesus, no v.17c, é o cumprimento da promessa anunciada no Prólogo do Evangelho de João: que os crentes se tornem filhos de Deus (Jo 1,12-13). Não há mais restrição na pertença pessoal à divindade; agora, todos pertencem ao Pai da mesma forma que Jesus pertence ao Pai. Essa linguagem simbólica anuncia uma nova relação para aqueles que acreditam nos eventos da Páscoa.¹⁴³

A autora demonstra que a cristofania de Maria Madalena possui três dimensões distintas.¹⁴⁴ Primeiramente, é prospectiva, representando uma visão de esperança, já que ela testemunhou a glória final por meio da ressurreição de Jesus. Em segundo lugar, é retrospectiva, uma vez que ela o reconheceu quando ele a chamou pelo nome. Por fim, é uma experiência pessoal, pois ao virar-se e reconhecê-lo em seu estado ressuscitado, ela foi chamada ao apostolado. Esse

¹⁴¹ MCCARTHY, A., John 20:11-18, p. 58.

¹⁴² MCCARTHY, A., John 20:11-18, p. 50-60.

¹⁴³ MCCARTHY, A., John 20:11-18, p. 59-60.

¹⁴⁴ MCCARTHY, A., John 20:11-18, p. 61-62.

conhecimento transformador proporcionou a ela a compreensão de que a presença do “Senhor” não é mais como era antes, mas agora é plenamente revelada à medida que todos os discípulos são atraídos para o relacionamento de Jesus ressuscitado com o Pai.

Sua declaração inicial de incerteza sobre o paradeiro do Senhor é invertida quando ela proclama com confiança: “Eu vi o Senhor”, graças à visão que lhe foi dada pelo próprio Senhor ressuscitado. A perseverança de Maria Madalena em busca do Senhor e sua prontidão em responder ao seu chamado exemplificam as características do verdadeiro discipulado. Para McCarthy, Maria Madalena não se apega ao passado, mas sim proclama a ressurreição aos discípulos e afirma que ela é transformada em Apóstola dos Apóstolos.

A autora destaca que a presença dos anjos simboliza a mensagem divina da ressurreição. A falta de reconhecimento de Maria Madalena nas aparições pós-ressurreição é explicada por diversas interpretações, como a angústia diante da ausência do corpo de Jesus e a diferença entre o Jesus ressuscitado e o Jesus histórico. O paralelo com a narrativa da criação no Éden destaca Jesus ressuscitado como o novo Adão, restaurando o relacionamento com Deus.

McCarthy também identifica conexões poéticas e simbólicas entre Maria Madalena e a amada de Ct 3,1-4, realçando a importância do chamado de Jesus pelo nome e a transformação em sua compreensão. Maria Madalena reconhece Jesus como seu mestre, e essa mudança reflete a restauração de sua fé e alegria.

Segundo a estudiosa, a análise da frase “não me retenhas” destaca a transição para uma nova realidade espiritual e uma relação mais profunda com Deus. A autora concorda que Maria Madalena é, de fato, testemunha da ressurreição e “Apóstola dos Apóstolos”, exemplificando o verdadeiro discipulado por meio de sua busca pelo Senhor e sua prontidão em proclamar a mensagem da ressurreição aos discípulos.

Em 2018, **Velandia Cocunubo**, escreve sua tese doutoral, em língua espanhola, intitulada *Una nueva mujer para una nueva sociedad. Una experiencia de liberación a la luz de Juan 20,11-18*, junto à Pontificia Universidad Javeriana em Bogotá. Ele divide sua pesquisa em três capítulos. Destaca-se para esta dissertação o segundo capítulo que aborda a realidade vivida pelas mulheres na paróquia, avaliada a partir da teologia feminista, como uma reflexão contextual em busca da libertação. O foco deste trabalho encontra-se no item 1.9 do segundo

capítulo denominado pelo autor como “João 20,11-18: Uma Abordagem para Compreender o Ser e a Missão da Mulher, a partir da Realidade de ‘Maria Madalena, a Apóstola dos Apóstolos’”.

O estudioso destaca Maria Madalena como modelo de discípula e apóstola e explora o significado da aparição do ressuscitado a Maria Madalena. Segundo ele, a experiência de Maria Madalena ajuda a mulher oprimida e marginalizada a encontrar a verdade e, assim, reconstruir sua relação e imagem de Deus.¹⁴⁵

Velandia Cocunubo afirma que o texto de João difere da tradição sinótica ao mencionar apenas Maria Madalena em vez de outras mulheres com o objetivo de destacar a figura dela. O autor assevera que o foco em Maria Madalena é relevante para abordar o tema da mulher como testemunha e mensageira da ressurreição.¹⁴⁶ O estudioso considera a importância da exegese bíblica na teologia feminista para compreender a intenção e a mensagem original do autor do Quarto Evangelho.¹⁴⁷

A cena de Jo 20,11-18 se passa no primeiro dia da semana, ainda escuro. Velandia Cocunubo afirma que este dado é significativo teologicamente, pois no Quarto Evangelho, a escuridão sinaliza a falta de fé. Neste caso, Maria Madalena passa pela escuridão da fé.¹⁴⁸ O autor destaca que ela chora junto ao sepulcro em busca de Jesus; segundo o autor, Maria Madalena representa a comunidade dos discípulos e não apenas as mulheres.¹⁴⁹ O texto destaca emoções comuns do luto: choro, tristeza, angústia. Os anjos são representados como seres celestiais vestidos com vestes resplandcentes e desempenham um papel na revelação da ressurreição de Jesus. Sua posição no sepulcro lembra a posição dos querubins que cuidavam da arca da aliança. Eles perguntam o motivo do choro de Maria Madalena a fim de que ela tome consciência da ressurreição.

Segundo o autor, Maria Madalena pode ter confundido Jesus ressuscitado com o jardineiro por causa da transformação que ele experimentou após a ressurreição. Para Velandia Cocunubo, o jardineiro representa uma tentativa de explicar o sepulcro vazio sem envolver a ideia de roubo do corpo de Jesus.

¹⁴⁵ VELANDIA COCUNUBO, W. F., *Una nueva mujer para una nueva sociedad*, p. 34.

¹⁴⁶ VELANDIA COCUNUBO, W. F., *Una nueva mujer para una nueva sociedad*, p. 35.

¹⁴⁷ VELANDIA COCUNUBO, W. F., *Una nueva mujer para una nueva sociedad*, p. 34.

¹⁴⁸ VELANDIA COCUNUBO, W. F., *Una nueva mujer para una nueva sociedad*, p. 35.

¹⁴⁹ VELANDIA COCUNUBO, W. F., *Una nueva mujer para una nueva sociedad*, p. 35.

Maria Madalena somente reconhece Jesus quando ele a chama pelo nome, no entanto, ela compreende gradualmente que Jesus ascendeu à glória celestial e que o caminho do discipulado ainda precisa ser percorrido antes que a união completa se realize. O autor destaca a conexão de Maria Madalena e Jesus com o amado e a amada de Cântico dos Cânticos (Ct 3,1-4) e com o casal primordial no relato do Jardim do Éden (Gn 2,8-25).¹⁵⁰

Sobre o tema do testemunho, para o autor, Maria Madalena desempenha um papel fundamental como representante e mensageira de uma experiência significativa, que é a presença viva de Jesus. Sua mensagem marca o início de uma nova comunidade centrada em Jesus ressuscitado. Ela é apresentada por João como testemunha e apóstola da ressurreição, uma personagem que desafia as normas culturais e religiosas da época e ajuda a superar o desequilíbrio e a exclusão das mulheres.

Velandia Cocunubo destaca que Jesus desafia as normas sociais de sua época ao dar um papel significativo às mulheres em seu ministério. Também menciona a importância de reconhecer Maria Madalena como “Apóstola dos Apóstolos”. A experiência de Maria Madalena com o ressuscitado quebra os papéis de gênero da cultura hebraica e realça a misericórdia e o amor de Jesus pelas mulheres. Ele pede a Maria que não o segure, indicando uma mudança em sua relação com os discípulos após a ressurreição.

Lima escreveu sua tese doutoral intitulada *A voz de Maria Madalena a partir da narrativa de João (Jo 20,1-2.11-18)* junto à PUC-Goiás no ano de 2021. A pesquisadora analisa o papel da voz de Maria Madalena na narrativa de Jo 20,1-2.11-18 e destaca sua importância como uma figura feminina que desafia as normas patriarcais da época. Maria Madalena é apresentada como uma mulher que fala e testemunha entre os homens, representando uma ruptura com o sistema patriarcal da época.

A autora argumenta que o Evangelho de João transmite a mensagem inclusiva do Reino de Jesus através da voz de Maria Madalena ao relatar a ressurreição. Destaca-se neste trabalho, o segundo capítulo da tese, denominado *O Quarto Evangelho: o Evangelista e a Comunidade*, dedicado ao estudo da perícopa Jo 20,1-2.11-18.

¹⁵⁰ VELANDIA COCUNUBO, W. F., Una nueva mujer para una nueva sociedade, p. 45-46.

A autora enfatiza a continuidade entre os v.2.11, ressaltando a interrupção dessa continuidade pela narrativa da ida dos dois discípulos ao sepulcro. Ela afirma que os v.11-18 concentram-se na figura de Maria Madalena, que passa da tristeza à alegria ao encontrar o ressuscitado. O tema principal de Jo 20,11-18 é o encontro de Maria Madalena com o ressuscitado, simbolizando a comunidade como esposa. A cena se desenrola no horto-jardim, onde esse novo “casal” representa o início de uma nova humanidade.

A narrativa começa com o choro de Madalena e seu diálogo com os anjos (v.11-13). Para a autora, a cena central se concentra no encontro de Maria Madalena com o ressuscitado, mas ela ainda não o reconhece (v.14-17). A perícopes se encerra com o cumprimento da ordem do ressuscitado por parte de Maria Madalena (v.18). A pesquisa destaca que Maria Madalena persiste em sua busca, mesmo quando diante dos anjos, ela fixa-se na ideia de que o corpo de Jesus foi levado por alguém.¹⁵¹ Lima argumenta que esta narrativa reflete a dificuldade da comunidade em compreender a ressurreição e a persistência da concepção da morte como algo definitivo.

A reviravolta na narrativa ocorre quando Jesus a chama pelo nome, “Maria”, e apenas nesse momento ela o reconhece. O nome pronunciado por Jesus é o que a faz perceber sua presença. A autora afirma que marca o início da nova criação e o início da compreensão da ressurreição. Lima afirma que o Evangelho de João demonstra que na comunidade joanina as mulheres tinham voz e vez, rompendo com o sistema patriarcal predominante.¹⁵² Madalena se torna a primeira mensageira da ressurreição e do ressuscitado, inaugurando uma nova comunidade centrada na mensagem da ressurreição de Jesus.

Lima aponta que Maria Madalena desempenha um papel fundamental na transformação da comunidade, anunciando a ressurreição e estabelecendo uma nova relação entre os discípulos e Jesus ressuscitado. A autora interpreta Maria Madalena como a comunidade de fiéis. Para a estudiosa, Maria Madalena permanece como um símbolo de coragem, testemunho e importância na história do cristianismo.¹⁵³

¹⁵¹ LIMA, E. C. D., A voz de Maria Madalena a partir da narrativa de João (Jo 20,1-2.11-18), p. 71-72.

¹⁵² LIMA, E. C. D., A voz de Maria Madalena a partir da narrativa de João (Jo 20,1-2.11-18), p. 82-83.

¹⁵³ LIMA, E. C. D., A voz de Maria Madalena a partir da narrativa de João (Jo 20,1-2.11-18), p. 94-95.

Brady escreveu sua tese de doutorado, intitulada *Women in the Gospel of John: Reassessing Jesus's Interactions with Women Within the Context of First-Century Palestinian Culture*, em 2023, junto ao Seminário Teológico Batista do Meio-Oeste. Nesta tese, Brady compara o Evangelho de João com textos da literatura palestina do Segundo Templo e outros textos judaicos antigos para examinar as atitudes históricas e culturais em relação às mulheres.

A tese argumenta que o autor do Evangelho de João retrata Jesus agindo de acordo com uma corrente de pensamento anteriormente não identificada na literatura palestina do Segundo Templo, que difere das atitudes misóginas mais comumente encontradas na mesma literatura em relação às mulheres. Para fins desta pesquisa, detém-se no capítulo seis da tese em que o autor analisa a aparição de Jesus ressuscitado a Maria Madalena em Jo 20,1-18.

Segundo Brady, o tratamento que Jesus dispensou a Maria e Marta de Betânia estava em conformidade com as expectativas culturais relacionadas à propriedade e à compreensão feminina da ressurreição. Sua visita à casa de Marta e a aceitação do presente de óleo de unção de Maria não representaram um apoio contracultural à propriedade feminina. Na literatura do Segundo Templo, algumas mulheres de fato possuíam propriedades. Da mesma forma, a discussão de Jesus com Marta sobre a ressurreição era consistente com a ideia de que certas mulheres possuíam conhecimento teológico suficiente para compreender a importância da doutrina da ressurreição. Portanto, Jesus não agiu de maneira contracultural ao endossar a propriedade das mulheres ou sua educação teológica. Na antiga Palestina, pelo menos uma corrente de pensamento permitia que algumas mulheres recebessem uma educação teológica básica e tivessem propriedades.¹⁵⁴ O autor explora a aparição ressurreta de Jesus a Maria Madalena em Jo 20,1-18. Ele destaca as expectativas culturais em relação ao papel das mulheres judias nos ritos fúnebres do primeiro século, sugerindo que a visita de ao sepulcro de Jesus no final do sábado era uma prática culturalmente aceitável.¹⁵⁵

Brady revela que um ponto de debate acadêmico se concentra nos vv.11-18, em que Jesus comissiona Maria Madalena para levar uma mensagem aos discípulos. A questão central é se João descreve Maria Madalena como uma testemunha ou apóstola. Embora haja argumentos teológicos sobre as mulheres como testemunhas

¹⁵⁴ BRADY, J. S., *Women in the Gospel of John*, p. 236.

¹⁵⁵ BRADY, J. S., *Women in the Gospel of John*, p. 236.

da ressurreição de Jesus, o autor afirma que não existe nenhuma evidência de que o Quarto Evangelho pretendesse apresentar o seu trabalho a qualquer tribunal judaico, portanto, ele defende que esta não é uma narrativa de julgamento legal. Ele argumenta que não há evidência de que a intenção do Evangelho fosse elevar o estatuto das mulheres como testemunhas em contextos legais ou na cultura judaica, mas sim apelar para a fé em Jesus.¹⁵⁶

Além disso, Brady estuda a discussão se Maria Madalena é uma apóstola, pois alguns estudiosos afirmam que ela foi a primeira apóstola e outros acreditam que seu papel se limitou a anunciar aos discípulos.¹⁵⁷ O autor sugere que, independentemente do debate teológico sobre o apostolado, é importante considerar Maria Madalena como uma mensageira.

Brady estuda o envio de Maria Madalena por Jesus como mensageira aos outros discípulos e investiga evidências da literatura do Segundo Templo que sugerem que as mulheres ocasionalmente serviam como mensageiras na Palestina do primeiro século. As evidências indicam que havia alguns precedentes no Judaísmo para as mulheres atuarem como mensageiras, embora não fosse uma prática comum. A maioria dos casos envolvia um homem enviando uma mulher a outro homem ou a vários homens com uma mensagem importante. Em muitos casos, as mensagens tinham um componente real, e algumas mensagens tinham conteúdo teológico significativo.¹⁵⁸

No geral, o estudo de Brady conclui que a comissão de Jesus a Maria Madalena para transmitir uma mensagem não era sem precedentes no Judaísmo, embora fosse uma prática rara. Isso ajuda a contextualizar o papel de Maria Madalena como mensageira e a entender que o comportamento de Jesus estava dentro dos limites da cultura judaica da época.¹⁵⁹

¹⁵⁶ BRADY, J. S., *Women in the Gospel of John*, p. 238.

¹⁵⁷ BRADY, J. S., *Women in the Gospel of John*, p. 239.

¹⁵⁸ BRADY, J. S., *Women in the Gospel of John*, p. 242-247. O autor atesta que Josefo fornece vários exemplos de mulheres atuando como mensageiras em diferentes momentos da história judaica. Alguns desses exemplos incluem Abigail, que interveio como mensageira para evitar a ira de Davi quando Nabal, seu marido, ofendeu o futuro rei (1Sm 25,18-19). A história da esposa de Jeroboão também destaca seu papel duplo como mensageira, transmitindo mensagens entre Jeroboão e um profeta sobre a doença de seu filho (1Rs 14,1-18). Hulda, a profetisa, é referida como uma mensageira de Deus, entregando uma mensagem divina sobre julgamento ao povo (2Cr 34,22-28). Josefo também registra casos em que mulheres foram mensageiras para reis, como Herodes, o Grande, e seu irmão Pheroras, onde as mulheres desempenharam um papel na entrega de mensagens importantes. Outro exemplo é Antônia, que abordou o imperador romano Tiberiades com uma mensagem encorajada por Agripa.

¹⁵⁹ BRADY, J. S., *Women in the Gospel of John*, p. 249.

2.3

Artigos

O artigo de **Guzmán**, publicado em 2014, na revista *Estudio Agustiniano*, sob o título “*He visto al Señor*” (Jn 20, 18a): *Tradiciones de discipulado de María Magdalena em Jn 20, 11-18 y em algunas tradiciones posteriores (s. I-IV)*, tem como objetivo principal desvendar o significado da afirmação de Maria Madalena no Evangelho de João, “Vi o Senhor” (Jo 20,18a), e explorar seu papel nas primeiras comunidades cristãs. A pesquisa também busca entender a experiência profunda por trás dessas palavras e porque o autor do Evangelho a escolheu como protagonista da narrativa da ressurreição. Além disso, pretende revelar a importância de Maria Madalena para as primeiras comunidades cristãs e sua relevância para as mulheres na fé cristã.¹⁶⁰ É um trabalho detalhado e extenso, mas esta síntese contempla apenas alguns pontos relevantes para este estudo.

A autora descreve a tradição da descoberta do sepulcro vazio por parte das mulheres que acompanharam Jesus em sua paixão e morte, bem como a tradição das aparições de Jesus após sua ressurreição. Ela menciona a existência de duas tradições diferentes: as fórmulas mais antigas encontradas nas cartas paulinas e nos discursos de Atos, que resumem os eventos da paixão e ressurreição, e a tradição narrativa posterior presente nos evangelhos, que descreve as aparições de Jesus de maneira mais detalhada. Essas tradições podem diferir em seus relatos e ênfases.¹⁶¹

Declara que o capítulo 20 do Quarto Evangelho é complexo e apresenta várias narrativas. Começa com o encontro de Maria Madalena com o Senhor ressuscitado, destacando a experiência pessoal da fé e o desafio de reconhecer Jesus como Senhor. Em seguida, descreve o encontro de Jesus com todos os discípulos, capacitando-os com o Espírito Santo para continuar sua missão. Finalmente, aborda a dúvida de Tomé, enfatizando a corporeidade e a proximidade na nova relação que Jesus estabeleceu com Deus. O capítulo ressalta a importância da fé e do testemunho na ressurreição de Jesus.

A autora assevera que o Quarto Evangelho não enfatiza hierarquia ou destaque para os Doze apóstolos, ao contrário dos Evangelhos Sinóticos. Ser discípulo implica ter Jesus como mestre e compartilhar uma relação de amizade e

¹⁶⁰ GUZMÁN, C. P., “He visto al Señor” (Jn 20, 18a), p. 6-7.

¹⁶¹ GUZMÁN, C. P., “He visto al Señor” (Jn 20, 18a), p. 10-17.

intimidade com ele. A cena de Maria Madalena reconhecendo o Senhor ressuscitado mostra a natureza pessoal e íntima da relação entre Jesus e seus seguidores.¹⁶²

Quanto ao v.18a, foco do estudo da autora, ao dizer “Vi o Senhor”, Maria Madalena compartilha uma experiência direta e pessoal de encontro com o divino, usando o verbo “ὥραω/ver” que é comumente usado no contexto bíblico para descrever experiências de visão relacionadas a Deus e ao sagrado. Isso enfatiza a importância deste encontro na narrativa e na compreensão da fé, sugerindo uma revelação divina na experiência de Maria Madalena.¹⁶³

Ela sintetiza a passagem de Jo 20,11-18 como sendo rica em simbolismo e emoção, destacando o encontro de Maria Madalena com Jesus ressuscitado e sua subsequente missão de testemunhar o que viu. Embora possa conter diferentes tradições e camadas textuais, a passagem apresenta uma estrutura literária coerente e um profundo significado teológico.¹⁶⁴

Guzmán se concentra na afirmação de Maria Madalena em Jo 20,18a, enfatizando sua importância na narrativa e na compreensão da fé. Ela interpreta a fala de Maria Madalena como o compartilhamento de uma experiência direta e pessoal de encontro com o ressuscitado. A autora também destaca a teologia central do Evangelho de João, que é a salvação por meio do encontro íntimo com Deus e explora seu papel nas primeiras comunidades cristãs. A estudiosa analisa a tradição da descoberta do sepulcro vazio e das aparições de Jesus após sua ressurreição, destacando a existência de duas tradições diferentes nas escrituras. Ela enfatiza que o Quarto Evangelho valoriza a igualdade entre todos os discípulos e enfoca a natureza pessoal e íntima da relação com Jesus. A estudiosa ressalta a riqueza simbólica e emocional do encontro de Maria Madalena com Jesus ressuscitado e sua subsequente missão de testemunhar o que viu. Mesmo com diferentes tradições e camadas textuais, a passagem é vista por Guzmán como coesa e carregada de significado teológico.

Kunnath, escreveu o artigo *L’Apparizione de Gesù a Maria di Magdala, Gv 20,1-18*, em 2015, destacando o sepulcro vazio como indicativo da ressurreição de Jesus. Segundo o autor, o v.11 liga a primeira e a segunda parte da narrativa. Ele

¹⁶² GUZMÁN, C. P., “He visto al Señor” (Jn 20, 18a), p. 22-26.

¹⁶³ GUZMÁN, C. P., “He visto al Señor” (Jn 20, 18a), p. 74-75.

¹⁶⁴ GUZMÁN, C. P., “He visto al Señor” (Jn 20, 18a), p. 75.

atesta que o narrador utiliza formas verbais específicas para detalhar a localização e as ações de Maria Madalena e considera que o impulso principal da trama não é a permanência de Maria Madalena no sepulcro ou seu choro, mas sim a descoberta do sepulcro vazio como um sinal da ressurreição de Jesus.

O autor considera que a presença dos anjos no sepulcro tem a função de colocar Maria Madalena em contato com o divino e prepará-la para a subsequente aparição de Jesus ressuscitado, reintroduzindo o tema da busca pelo corpo de Jesus (v.12). No v.13, os anjos fazem uma pergunta com a intenção de destacar que o choro de Maria Madalena é desnecessário.¹⁶⁵ No entanto, ela não parece perceber a intenção subjacente na pergunta e responde de forma semelhante ao que havia dito aos discípulos anteriormente (Jo 20,2). O narrador reintroduz a questão do corpo de Jesus quando Maria Madalena se refere a Jesus como “meu Senhor”.

Para o autor, nota-se uma virada na narrativa, no v.14, em direção à conclusão, pois o narrador enfatiza que ela não reconhece Jesus ressuscitado, criando uma tensão dramática em torno da sua natureza. No v.15, Jesus faz uma pergunta semelhante àquela feita por “Jesus-jardineiro”, estabelecendo uma conexão com o início de seu ministério, o que, segundo Kunnath, é crucial para um novo nível de discipulado.¹⁶⁶ No v.16, Jesus chama Maria Madalena pelo nome, simbolizando sua conexão com ela como discípula. Maria Madalena reconhece Jesus como “*παῖς μου/meu mestre*” demonstrando sua profunda ligação com ele.¹⁶⁷

No v.17, Jesus revela que sua relação agora será espiritual, transcendendo a relação anterior. Ele instrui Maria a comunicar aos discípulos sobre sua ascensão, marcando uma mudança significativa em seu relacionamento com o Pai. Isso destaca que o relacionamento deles com o Pai também mudou devido à ressurreição.¹⁶⁸ No v.18, Maria Madalena parte em missão, entregando a mensagem aos discípulos. A ressurreição transformou a relação de Maria Madalena com Jesus ressuscitado e, da mesma forma, deve transformar a relação dos discípulos com ele. Ao chamá-los de “irmãos”, Jesus deseja que seus discípulos saibam que sua ressurreição traz uma mudança na relação deles com ele e com o Pai. O estudioso

¹⁶⁵ KUNNATH, N., L’Apparizione de Gesù a Maria di Magdala, Gv 20,1-18, p. 61.

¹⁶⁶ KUNNATH, N., L’Apparizione de Gesù a Maria di Magdala, Gv 20, 1-18, p. 63.

¹⁶⁷ KUNNATH, N., L’Apparizione de Gesù a Maria di Magdala, Gv 20, 1-18, p. 64.

¹⁶⁸ KUNNATH, N., L’Apparizione de Gesù a Maria di Magdala, Gv 20, 1-18, p. 65-66.

destaca a importância que Jesus confere a Maria Madalena, pois ela é a primeira testemunha do ressuscitado.¹⁶⁹

Kunnath destaca a presença dos anjos no sepulcro como um meio de colocar Maria Madalena em contato com o divino e prepará-la para o encontro com Jesus. As perguntas feitas pelos anjos e por Jesus ressuscitado estabelecem uma conexão entre o início do ministério de Jesus e este momento crucial de discipulado e mostram que não há necessidade do choro de Maria Madalena. A ordem do ressuscitado para Maria Madalena comunicar aos discípulos sobre sua ascensão marca uma mudança significativa em seu relacionamento com ele e com o Pai, indicando que a ressurreição transforma não apenas a relação de Maria Madalena com Jesus, mas também a dos discípulos. A missão confiada a Maria Madalena como a primeira testemunha da ressurreição enfatiza sua importância e o papel crucial que as mulheres desempenham na fundação da fé cristã.

Pietz escreveu o artigo *Discipleship at the Dawn of Resurrection: Dwelling with Mary Magdalene in John 20*, em 2021. O texto explora a identidade de Maria Madalena no Evangelho de João como ele difere das representações nos Sinóticos.¹⁷⁰

Segundo Pietz, o chamado de Maria Madalena para um renovado discipulado se dá quando Jesus ressuscitado chama Maria Madalena pelo nome. A autora afirma que a plena fé na ressurreição só vem por meio de um encontro pessoal com o Senhor ressuscitado. Ela é comissionada a partir do reconhecimento e da confiança nele.¹⁷¹

A autora reflete que após o reencontro entre mestre e discípula, Jesus proíbe Maria Madalena: “Não se apegue a mim”. Pietz questiona o motivo pelo qual Jesus diz isso depois de Maria Madalena ter procurado incessantemente por seu corpo e ter experimentado o milagre de encontrá-lo vivo. Outra pergunta que a autora faz é “Por que Jesus mandou Maria Madalena anunciar sua ascensão aos discípulos se ele estava prestes a ir até eles? Eles ignoraram a proclamação de Maria Madalena ou duvidaram de sua comissão divina?” Ela comenta que o Evangelho de João não

¹⁶⁹ KUNNATH, N., L'Apparizione de Gesù a Maria di Magdala, Gv 20, 1-18, p. 66-67.

¹⁷⁰ PIETZ, J. V., Discipleship at the Dawn of Resurrection, p. 307-308. No Quarto Evangelho, Maria Madalena aparece pela primeira vez aos pés da cruz de Jesus em Jo 19,25 e os Sinóticos retratam-na como uma discípula de Jesus durante seu ministério (Mt 27,56.61; 28,1; Mc 15,40.47; 16,1.9; Lc 8,2; 24,10).

¹⁷¹ PIETZ, J. V., Discipleship at the Dawn of Resurrection, p. 311-312.

fornece todas as respostas à medida que se aproxima do fim, e Jesus não deixa um manual detalhado sobre como segui-lo após a ressurreição. A autora reflete que a natureza do discipulado pós-pascal está se desenvolvendo.

Pietz destaca que, embora Maria Madalena seja a primeira a encontrar o Cristo ressuscitado e proclamar seu retorno ao Pai, ela não é mencionada novamente no Quarto Evangelho após cumprir sua comissão. Isso levanta questões sobre como é o discipulado de Cristo nesses momentos cruciais de transição, quando a morte foi derrotada e a ressurreição foi proclamada, mas as implicações completas ainda não estão claras.¹⁷²

2.4

Conclusão

Cada um dos autores parece ter uma abordagem teológica específica, interpretando a narrativa à luz de suas perspectivas teológicas e enfatizando diferentes aspectos de Jo 20,11-18. Abordam diversos temas relacionados à fé, ao novo relacionamento com Jesus ressuscitado, à comunidade, à ascensão, aos anjos, ao jardineiro, o “virar-se”, o “ver”, o “reconhecimento”, entre outras temáticas, como:

- a) o enfoque na ascensão e na nova relação com Jesus ressuscitado: muitos autores abordam no texto a ascensão de Jesus e a mudança na relação com os discípulos após a ressurreição, destacando que sua presença não será mais física, mas espiritual;
- b) o papel dos anjos: a presença de anjos no relato é comumente explorada, destacando seu papel simbólico e espiritual na experiência de Maria Madalena;
- c) ênfase na transformação pessoal de Maria Madalena: observa-se a transformação na compreensão e na fé de Maria Madalena ao longo do relato, passando da tristeza à alegria e ao reconhecimento do ressuscitado;
- d) análise crítica do texto: alguns autores, como Brown e Ghiberti, destacam inconsistências no texto e sugerem a presença de material redacional

¹⁷² PIETZ, J. V., *Discipleship at the Dawn of Resurrection*, p. 312-313.

heterogêneo, enquanto outros se concentram mais na mensagem teológica e espiritual transmitida;

e) considerações históricas e psicológicas: autores como Lagrange parecem considerar o contexto histórico e psicológico ao interpretar a narrativa, enfatizando a perspectiva feminina e as concepções sobre o papel social da mulher na sociedade judaica daquele tempo.

De modo mais específico, pode-se afirmar como relevantes nas abordagens temáticas:

- A importância da fé e do reconhecimento na narrativa: Maria Madalena passa por uma progressão na fé, reconhecendo inicialmente o sepulcro vazio, depois vendo Jesus e finalmente reconhecendo-o como Mestre. Alguns autores, como Sánchez, enfatizam que Maria Madalena ainda não tem uma fé plena, mas seu amor por Jesus é profundo. Lémonon destaca a proibição de Jesus para Maria Madalena não tocá-lo como uma transição para uma nova realidade espiritual;
- A ênfase no novo relacionamento com Jesus ressuscitado: vários autores, como Barrett e Guzmán, ressaltam o novo relacionamento entre Jesus ressuscitado e os discípulos. Ele não é mais o mestre que andava entre eles neste mundo, mas foi exaltado ao trono de Deus. Bruce concentra-se mais no novo relacionamento de Jesus com o Pai, enquanto Flanagan destaca a progressão no protagonismo de Maria Madalena ao anunciar a ressurreição aos discípulos;
- A comunidade e a missão: autores, como Blank, Lima e Kunnath, enfatizam a importância da comunidade cristã e a missão confiada a Maria Madalena de proclamar a mensagem pascal aos discípulos. Boor destaca que Jesus ressuscitado conduziu Maria Madalena a uma nova realidade trazida pela crucificação e ressurreição, enquanto Guzmán destaca a natureza pessoal e íntima da relação com Jesus ressuscitado. Boismard e Lamouille, enfatizam a importância da ressurreição na formação da comunidade cristã e na relação dos discípulos com o Pai. De modo geral, Maria Madalena é apresentada como testemunha da ressurreição, onde se destacam a importância dela como testemunha ocular e a sua missão de anunciar;

- Maria Madalena como “símbolo” da comunidade: para Velandia Cocunubo, Maria Madalena representaria a comunidade dos discípulos e não apenas as mulheres. Beutler concorda que Maria Madalena poderia representar a comunidade da nova aliança. Já Brown e Léon Dufour consideram que ela não seria uma figura coletiva. Para Brown ela seria um sinal de uma busca individual por Jesus e para Léon Dufour, a personagem seria caracterizada como protagonista na narrativa;
- Os anjos e os elementos simbólicos: Zumstein, Pietz e Sebastiani valorizam a presença dos anjos como elementos simbólicos, conectando Maria Madalena ao divino e preparando-a para o encontro com Jesus ressuscitado. Blank destaca o papel dos anjos ao assinalar que o sepulcro era um lugar sagrado, enquanto McCarthy considera que a presença dos anjos na sepultura um sinal de que o corpo de Jesus não foi levado por ladrões, mas reflete a presença divina no local.
- A ascensão: Dodd, Simoens e Zumstein concordam que a ascensão de Jesus está relacionada à sua exaltação e à transição para uma nova relação com os discípulos. Zumstein enfatiza que a narrativa é temática e não cronológica, focando na narração do nascimento da fé pascal, enquanto Dodd destaca que exaltação de Cristo só pode se realizar plenamente em relação à história humana com o envio do Espírito.

3

Texto, delimitação e crítica textual

3.1

Segmentação e tradução de Jo 20,11-18¹⁷³

Μαρία δὲ εἰστήκει πρὸς τῷ μνη μείω ἔξω	11a	Maria, porém, estava de pé diante do sepulcro, fora,
κλαίουσα.	11b	chorando. ¹⁷⁴
ὥς οὖν ἔκλαιεν	11c	Enquanto, pois, chorava
παρέκυσεν εἰς τὸ μνημεῖον	11d	inclinou-se para o sepulcro
καὶ θεωρεῖ δύο ἀγγέλους ἐν λευκοῖς	12a	e vê dois anjos de branco,
καθεζομένους, ἓνα πρὸς τῇ κεφαλῇ	12b	sentados, um junto à cabeça e um
καὶ ἓνα πρὸς τοῖς ποσίν		junto aos pés,
ὅπου ἔκειτο τὸ σῶμα τοῦ Ἰησοῦ.	12c	onde jazia o corpo de Jesus.
καὶ λέγουσιν αὐτῇ ἐκεῖνοι:	13a	E dizem-lhe aqueles:
γύναι, τί κλαίεις;	13b	“mulher, por que choras?”
λέγει αὐτοῖς	13c	Diz-lhes:
ὅτι ἤραν τὸν κύριόν μου,	13d	“porque levaram o meu Senhor,
καὶ οὐκ οἶδα	13e	e não sei
ποῦ ἔθηκαν αὐτόν.	13f	onde o puseram”.
Ταῦτα εἰποῦσα	14a	Dito estas coisas,
ἐστράφη εἰς τὰ ὀπίσω	14b	virou-se para trás
καὶ θεωρεῖ τὸν Ἰησοῦν	14c	e vê Jesus
ἐστῶτα	14d	que estava ¹⁷⁵ de pé
καὶ οὐκ ᾔδει	14e	mas não sabia
ὅτι Ἰησοῦς ἐστιν.	14f	que é ¹⁷⁶ Jesus.

¹⁷³O texto grego é retirado da edição crítica de NESTLE-ALAND (eds.), *Novum Testamentum Graece*. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012, citado a partir de então como NA28.

¹⁷⁴O participio está segmentado separadamente a fim de destacar a raiz verbal “κλαίω/chorar”, que se encontra nos v.11bc;13b;15b, uma vez que se utiliza também o método da Análise Retórica Bíblica Semítica nesta dissertação.

¹⁷⁵O verbo se encontra no participio perfeito, a tradução na língua de chegada “estava de pé” mantém a ideia de algo que aconteceu e continua acontecendo.

¹⁷⁶A forma verbal “ἐστιν/é” encontra-se na terceira pessoa do presente do indicativo ativo, porém, a tradução para o português, em várias Bíblias, prefere a tradução no imperfeito do indicativo ativo “era”. Porém, julgamos que o uso do presente histórico tem um grande valor na perícope.

λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς	15a	Diz-lhe Jesus:
γύναι, τί κλαίεις;	15b	“mulher, por que choras?
τίνα ζητεῖς;	15c	A quem buscas?”
ἐκεῖνη δοκοῦσα	15d	Aquela, pensando
ὅτι ὁ κηπουρός ἐστιν	15e	que é o jardineiro
λέγει αὐτῷ	15f	diz-lhe:
κύριε, εἰ σὺ ἐβάστασας αὐτόν,	15g	“senhor, se tu o removeste ¹⁷⁷
εἰπέ μοι	15h	dize-me
ποῦ ἔθηκας αὐτόν	15i	onde o puseste
κἀγὼ αὐτόν ἄρῶ.	15j	e eu o levarei”.
λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς Μαριάμ.	16a	Diz-lhe Jesus: “Maria!”
στραφεῖσα	16b	Virando-se
ἐκεῖνη λέγει αὐτῷ Ἑβραϊστί	16c	aquela diz-lhe em hebraico:
ραββουνι,		“Raboni!”
ὃ λέγεται διδάσκαλε.	16d	Que quer dizer: Mestre.
λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς	17a	Diz-lhe Jesus:
μή μου ἄπτου,	17b	“não me retenhas,
οὕτω γὰρ ἀναβέβηκα πρὸς τὸν	17c	porque ainda não subi junto ao Pai.
πατέρα		
πορεύου δὲ πρὸς τοὺς ἀδελφούς ¹⁷⁸	17d	Mas, vai junto a meus irmãos
μου		
καὶ εἰπὲ αὐτοῖς	17e	e dize-lhes:
ἀναβαίνω πρὸς τὸν πατέρα μου καὶ	17f	subo junto a meu Pai e vosso Pai e
πατέρα ὑμῶν καὶ θεόν μου καὶ θεὸν		meu Deus e vosso Deus”.
ὑμῶν.		
Ἔρχεται Μαριάμ ἡ Μαγδαληνὴ	18a	Vai Maria Madalena
ἀγγέλλουσα τοῖς μαθηταῖς ὅτι	18b	anunciando aos discípulos:
έώρακα τὸν κύριον,	18c	“Vi o Senhor”
καὶ ταῦτα εἶπεν αὐτῇ.	18d	e estas coisas (Jesus) disse a ela.

¹⁷⁷ Mesmo campo semântico de “levar” presente no v.15j, porém trata-se de remover algo pesado como um corpo. Pode significar trazer, carregar, portar, retirar, tirar, arrancar, arrastar.

¹⁷⁸ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 378. Irmãos está relacionado aos crentes, os “μαθηταῖς/discípulos”, presente no v.18b.

3.2

Crítica Textual

v.11: Onde a NA28 apresenta o nome próprio “Μαρία/Maria”, os manuscritos \mathfrak{P}^{66c} \aleph Ψ 050 f^1 33. 565. l 844. l 2211 sy^h apresentam a variante “Μαριαμ/Maria”. A proposta do aparato crítico não muda a compreensão do texto da NA28. O nome Μαρία também é a versão grega mais curta do nome hebraico (*lectio brevior* é a preferida)¹⁷⁹, transliterado para o grego como Μαριαμ, portanto opta-se por este; ainda no v.11, onde a NA28 apresenta a preposição “πρός/ junto a”, o manuscrito \aleph (Sinaítico) apresenta a preposição “εν/em, com, de”. Ambas as preposições podem ser usadas com o dativo “τῷ μνημείῳ/do sepulcro”, porém a frequência do uso da preposição “πρός/junto a” é um indício favorável à versão de NA28; também no v.11, onde a NA28 apresenta “ἔξω κλαίουσα/fora chorando”, os manuscritos \aleph^* A it $sy^{s,p}$ apresentam somente o verbo “κλαιουσα/ chorando”, omitindo o advérbio “ἔξω/fora”; e os manuscritos D^s K Γ Θ Ψ f^{13} 700. 892^s. 1241. 1424 \mathfrak{M} q sy^h apresentam “κλαίουσα ἔξω/chorando fora”. Os manuscritos que dão suporte ao texto de NA28 são \aleph^2 B L N W Δ 050. 1. 33. 565. (579). l 844. l 2211 aur (d) f vgco. A variante apresentada nos manuscritos \aleph^* A it $sy^{s,p}$ não informam o local onde Maria Madalena se encontrava chorando. A ausência do advérbio “ἔξω/fora”, pode indicar que o autor não se preocupou com este detalhe, deixando a entender pelo contexto que Maria Madalena não estava dentro do sepulcro. Tal informação foi tida pelo manuscrito \aleph^* ; no caso seguinte, a troca na ordem das palavras não altera o sentido do texto, uma vez que “ἔξω/fora” pode ocorrer antes ou depois do verbo nos textos do NT, e com isso, as variantes apresentadas não mudam o sentido do texto da NA28.¹⁸⁰

v.12: O aparato da NA28^[app] indica que no manuscrito \aleph^* é omitido o numeral “δύο/dois”, sustentado pela NA28. O detalhe fornecido pela NA28, além de estar presente em muitos testemunhos textuais, permite que o leitor compreenda melhor a cena descrita pelo autor. O manuscrito \aleph^* provavelmente não se preocupa com o número por causa do contexto, uma vez que é evidente que são dois anjos na cena por causa da cabeceira e pés onde jazia o corpo de Jesus. A preferência pelo

¹⁷⁹ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

¹⁸⁰ METZGER, B. M., A textual commentary on the Greek New Testament, p. 255.

texto NA28 pode ser enfatizada pelas evidências internas e pelos testemunhos textuais; ainda no v.12, onde a NA28 apresenta “ἐν λευκοῖς καθεζομένους/*de branco, sentados*” o aparato transmite variantes com a disposição das palavras diferentes “καθεζομενους εν λευκοις/*sentados (vestidos) de branco*”. A ordem trocada das palavras não interfere na compreensão do texto; também no v.13, onde a NA28 apresenta “ἐν λευκοῖς καθεζομένους/*de branco, sentados*”, o manuscrito D^s omite esta locução. O valor deste manuscrito é menor do que aqueles que apresentam a locução (independente da ordem), portanto, opta-se pelo texto da NA28.

v.13: Onde a NA28 traz a conjunção aditiva “καί/e”, o aparato (nos manuscritos & lat sy^s) omite a mesma. A conjunção “καί/e” é utilizada como uma parada contemplativa para o leitor.¹⁸¹ A omissão, principalmente no manuscrito &, pode indicar uma narrativa contínua entre o v.12 e o v.13. A omissão em si não interfere na compreensão do texto, no entanto, a pausa provocada pela conjunção parece ser coerente com o contexto geral que deseja levar o autor e Maria Madalena, progressivamente, à profundidade do evento pascal portanto, opta-se pelo texto da NA28¹⁸². Também no v.13, onde a NA28 apresenta “λέγει αὐτοῖς ὅτι/*diz-lhes*”, o aparato (nos manuscritos A* D 579. 1424 sy^s) acrescenta antes “τινα ζητεῖς;/*quem procura?*”, como um complemento à fala dos anjos (como um novo segmento “Mulher, por que choras? A quem procura?”). A adição é desnecessária para a compreensão e texto da NA28. Além disso, é uma leitura mais longa e parece ser uma harmonização (*lectio harmonizata disformis est*)¹⁸³ com o próximo segmento do v.15, no qual Jesus pergunta a Maria Madalena: “Por que choras, a quem procura?”, o que não é aconselhável. Além disso, é preferível a leitura mais breve (*lectio brevior potior*),¹⁸⁴ uma vez que ela tem sentido em si mesma. Ainda no v.13, onde a NA28 apresenta “λέγει αὐτοῖς ὅτι/*diz-lhes*”, o manuscrito B acrescenta a conjunção aditiva “καί/e” lendo-se “e diz-lhes”, como forma de tornar o diálogo mais fluido; este acréscimo não modifica o sentido do texto. Por todos esses elementos, opta-se pelo texto da NA28.

¹⁸¹ LÉON- DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João, v. IV (capítulos 18–21), p. 156.

¹⁸² LÉON- DUFOUR X., Leitura do Evangelho segundo João, v. IV (capítulos 18–21), p. 156.

¹⁸³ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

¹⁸⁴ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

v.14: Onde a NA28 apresenta “ταῦτα/*isto*”, os manuscritos K Γ Δ *f*¹³ 700. 892^s. 1241. 1424 ℣ sy^s apresentam como variante a leitura “καὶ ταῦτα/*e este (a)*”; nos manuscritos da família L lê-se “ταῦτα δε/*mas este*”, com sentido adversativo. Os seguintes manuscritos apoiam o texto da NA28 (*txt*) ∑ A B D N W Θ Ψ *f*¹ 33. 565. 579. 1844. 12211 sy^h. As evidências externas mostram que o texto da NA28 de fato seria o mais confiável, além disso, as partículas acrescentadas não modificam o sentido do texto. Portanto, opta-se pela leitura da NA28.

v.15: Onde a NA28 apresenta “Ἰησοῦς/Jesus”, vários manuscritos apresentam a adição do artigo “ο/ο”, lendo-se a expressão “ὁ Ἰησοῦς”, presente no Quarto Evangelho:¹⁸⁵ A D K N Γ Δ Θ Ψ 050 *f*^{1.13} 33. 565. 579. 700. 892^s. 1241. 1424. 1844. 12211 ℣. Os manuscritos ℞⁶⁶ ∑ B L W apoiam o texto de NA28 que dispensa o uso do artigo. Opta-se pelo texto de NA28 porque as variantes parecem ser uma harmonização do estilo joanino, além de ser a leitura mais breve (*lectio brevior potior*).¹⁸⁶

v.16: Onde a NA28 apresenta “Ἰησοῦς/Jesus” alguns manuscritos apresentam a adição do artigo “ὁ/ο”: ∑ A K N W Γ Δ Ψ *f*^{1.13} 33. 565. 700. 892^s. 1241. 1424. 1844. 12211 ℣. Dado semelhante ao caso do v.15, no qual, a explicação pode ser a mesma. Os manuscritos B D L Θ 050 apoiam o texto de NA28 que dispensa o uso do artigo. Opta-se pelo texto de NA28 por ser a leitura mais breve (*lectio brevior potior*) e fazer sentido sem o uso do artigo;¹⁸⁷ ainda no v.16, onde a NA28 apresenta “Μαριάμ/Mariam”, os manuscritos A D K Γ Δ Θ Ψ *f*¹³ 700. 892^s. 1241. 1424 ℣ grafam de forma distinta “Μαρία/Maria”, provavelmente para harmonizar com o v.11, no qual o nome é apresentado desta forma, sendo desaconselhável.¹⁸⁸ A variante assumida pelo texto da NA28 se baseia nos manuscritos: ∑ B L N W 050. 1. 33. 565. 1844. 12211 sy^hco. O Quarto Evangelho utiliza as duas formas para referir-se a Maria Madalena, no entanto, o nome com o complemento ocorre majoritariamente com o nome “Μαρία/Maria”, o que pode explicar as variações apresentadas; a grafia do nome não muda o sentido do texto. Portanto, pelo apoio dos manuscritos, opta-se pela NA28. Também no v.16, onde a NA28 apresenta “ἐκείνη λέγει αὐτῇ/*aquela diz-lhe*”, vários manuscritos

¹⁸⁵ A presença do artigo definido junto ao nome próprio Jesus é constante no Evangelho de João, dentro do capítulo 20, tem-se a ocorrência em: Jo 20,2.19.21.26.29.30.

¹⁸⁶ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

¹⁸⁷ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

¹⁸⁸ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

απτου μου/não retenhas a mim”, havendo somente uma inversão de palavras. A simples troca na ordem das palavras não altera o sentido do texto.¹⁹² Com isso, a variante apresentada é um único testemunho em relação a outros de mesmo peso, portanto, é preferível o texto da NA28; os seguintes manuscritos: \mathfrak{B}^{66} A K L N Γ Δ Θ Ψ 050 *f*^{1.13} 33. 565. 700. 892^s. 1241. 1424. *l* 844. *l* 2211 \mathfrak{M} lat sy co; Or^{pt} Eus Epiph acrescentam no final da sentença o pronome possessivo “μου/meu”. Tal acréscimo parece ser uma preparação ou uma harmonização relacionada ao uso do mesmo pronome no mesmo versículo (17d.f), portanto, sendo desaconselhável. Além disso, a leitura apresentada por NA28 é a mais curta e os testemunhos a favor do texto acadêmico são importantes, sendo que o Sinaítico e o Vaticano remetem a um período bem antigo (\aleph B D W b e; Ir^{lat} Or^{pt}). Dados estes elementos, parece ser mais confiável o texto de NA28; também no v.17, onde a NA28 apresenta “δὲ πρὸς τοὺς ἀδελφούς μου/mas aos meus irmãos”, o aparato crítico indique outra leitura: “οὖν πρὸς τοὺς ἀδελφούς μου/então [vá] aos meus irmãos”, testificada nos manuscritos \aleph^{2a} D L 050. Ambas as expressões indicam a ideia de movimento apresentada pelo verbo imperativo: “πορεύου/vá”. No Quarto Evangelho, a frequência da expressão “οὖν πρὸς/então a” (Jo 6,28.34.52; 7,3; 13,6; 19,24) é maior que “δὲ πρὸς/então ao(s)” (Jo 17,3; 20,17), podendo ter havido uma tentativa de harmonização destes manuscritos, o que desaconselha tal leitura.¹⁹³ O aparato também apresenta a omissão da partícula adversativa “δέ/mas” nos manuscritos A sa^{mss} bo^{ms}, mais tardios do que os que apoiam o texto de NA28. No que se refere à expressão “οὖν πρὸς/então a(aos)” não há modificação no sentido do texto, como dito, parece ser uma harmonização com o corpo do Evangelho. Dado que a expressão “δὲ πρὸς/então ao(s)” parece ser a mais difícil e tendo o apoio da maioria dos manuscritos, opta-se pelo texto da NA28;¹⁹⁴ ainda no v.17, onde a NA28 apresenta “ἀδελφούς μου/meus irmãos” alguns manuscritos omitem o pronome possessivo “μου/meus” \aleph^* D W e bo^{mss}; Ir^{lat}. Apesar dos testemunhos textuais apresentarem uma versão mais curta, e alguns destes textos serem bastante antigos, parece que o pronome possessivo explicita melhor o sentido do texto, no qual tem-

¹⁹² NESTLE-ALAND (eds.), Novum Testamentum Graece Ed. XXVII, p. 316. Chama a atenção que no NA27^[app], a menção de que no testemunho de *Lipsius* não haja a partícula negativa “μή/não”, criando uma sentença imperativa na qual Jesus pede que Maria Madalena o retenha. Talvez seja uma referência à aparição de Jesus a Tomé na qual ele pede que o discípulo o toque. Como apenas é um testemunho menos importante, é preferível seguir a edição crítica.

¹⁹³ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

¹⁹⁴ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

se um campo semântico familiar (pai, irmãos). Isto indica que a fala de Jesus inclui a sua comunidade numa relação de adoção com o Pai, mediada pelo Filho. Leva-se também em consideração que outros manuscritos com importância maior, próximos ao Sinaítico, por exemplo, o Vaticano (B) também do séc. IV, corroboram a edição de NA28. Por isso, opta-se pelo texto acadêmico de NA28. Talvez a omissão do pronome possessivo nas variantes apresentadas seja uma harmonização com o v.17c que também omite a preposição “μου/meu” em relação ao Pai.

v.18: Onde a NA28 apresenta o nome “Μαριὰμ ἡ Μαγδαληνή/*Maria, a Madalena*”, os manuscritos A D K N W Γ Δ Θ Ψ *f*¹³ 700. 892^s. 1241. 1424. *l* 2211 ℣ sa^{ms} pbo bo apresentam com o nome grafado de forma mais breve: “Μαρια/*Maria*”. Talvez apareça grafado desta forma porque “Μαρια/*Maria*” ocorre mais vezes no Quarto Evangelho. Os seguintes manuscritos apoiam a versão de NA28: ℣⁶⁶ ⋈ B L 1. 33. 565. *l* 844 sy^h sa^{mss} ly. Apesar de mais numerosos os manuscritos que apoiam a variante “Μαρια/*Maria*”, os manuscritos que apoiam a NA28 são mais antigos e de maior importância, dando o peso na decisão em favor da leitura assumida pelo texto. Portanto, opta-se pelo texto da NA28, que embora apresente a versão mais longa, apresenta evidências externas mais confiáveis; também no v.18, onde a NA28 apresenta o particípio presente ativo “ἀγγέλλουσα/*anunciando*”, o aparato apresenta duas variantes: 1) a primeira, também no particípio presente ativo “ἀπαγγέλλουσα/*informando*”, cuja raiz é “ἀπαγγέλλω/*informar, revelar, trazer resposta*”, tem o apoio dos manuscritos ℣^{66c} ⋈² D K L N Γ Θ *f*^{1.13} 565. 700. 892^s. 1241. 1424. *l* 844. *l* 2211 ℣; 2) a segunda, “ἀναγγέλλουσα/*anunciar*”, no infinitivo, é apoiada pelos manuscritos W Δ Ψ 33. O texto da NA28 é apoiado pelos manuscritos ℣^{66*} ⋈* A B 078 a d e. As três formas verbais possuem a mesma raiz, diferenciando-se pelo prefixo preposicional, estando no mesmo campo semântico, conotam o anúncio, dar a notícia. Contudo, o texto da NA28 é amparado pelos manuscritos mais importantes, optando-se pelo mesmo; ainda no v.17, onde a NA28 apresenta “ἐώρακα/*vi*”, o aparato apresenta duas variantes: 1) a primeira apresenta o sufixo de terceira pessoa singular feminino “εν”, “εωρακεν/*ela viu*”, e é atestado pelos manuscritos A D K L Γ Δ Θ Ψ 078 *f*^{1.13} 565. 700. 1241. 1424. *l* 844. *l* 2211 ℣ it sy^{p.h} sa^{mss} bo^{ms}; 2) a segunda variante traz o sufixo de primeira pessoa comum plural “μεν”, “εωρακαμεν/*nós vimos*”, que é apoiado pelo manuscrito 33. O texto da NA28 é apoiado pelos manuscritos ℣⁶⁶ ⋈ B N W 892^s a aur vg sy^s sa^{mss} ly pbo bo. O texto da NA28 indica uma narrativa um

pouco confusa na qual a voz do narrador é interrompida bruscamente pela fala de Maria Madalena em primeira pessoa. Provavelmente, esse estranhamento foi percebido e houve uma tentativa de correção dos testemunhos do aparato para que o texto se tornasse mais fluido, deixando-o todo em terceira pessoa.¹⁹⁵ No entanto, a lição mais difícil parece ser preferível, e não a *lectio corrigenda*,¹⁹⁶ primeiro porque a *lectio difficillima* é atestada pelos manuscritos mais importantes, e o texto faz sentido em si mesmo. Por isso, opta-se pela NA28. Vale a pena acrescentar que o plural “vimos” tem apenas um único testemunho favorável e parece ser uma harmonização com o v.2, que apresenta a frase com o verbo no plural: “E não sabemos...”; por fim, no v.13, onde a NA28 apresenta “ταῦτα εἶπεν αὐτῇ/essas coisas disse a ela (lhe disse)”, o aparato indica: “α εἶπεν αὐτῇ ἐμνησεν αὐτοῖς/pois o que (ele) disse a ela (lhe disse), ela revelou a eles”, testemunhado por D (c e sy^s). Tais variantes são tardias em relação aos textos que apoiam a edição de NA28. As variantes também acrescentam um processo de transmissão de Jesus para Madalena e dela para os apóstolos, enquanto a edição de NA28 apenas conserva a informação do v.18b, na qual o narrador indica o ato do anúncio. Parece que os textos apresentados pelo aparato como variantes têm a necessidade de explicitar tal anúncio no final da narrativa que pode indicar uma melhora estilística ao texto, configurando-se em uma *lectio quae alias explicat*,¹⁹⁷ sendo desaconselhável. Considerando estes elementos, parece mais confiável o texto acadêmico de NA28, por ser melhor testemunhado e mais conciso, sem perder o sentido narrativo.

3.3

Notas Filológicas

A raiz “ἵστημι/ficar de pé” pode implicar a posição de ficar de pé, mas a ênfase se encontra na localização e não na postura.¹⁹⁸ Esta raiz ocorre duas vezes,

¹⁹⁵ MACCINI, R. G., *Her Testimony Is True*, p. 226. Maccini observa que a presença do discurso direto e indireto em Jo 20,11-18 foi tido como um fator de dificuldade na leitura da perícope ao longo da história da transmissão do texto, de forma que muitos escribas tentaram criar harmonizações no texto, mas é possível que esta estrutura linguística seja originária na própria forma de expressão joanina, na qual a fala direta de Maria Madalena, no v.18, seja, na verdade, uma ênfase à primeira parte do texto, sem a necessidade da repetição das palavras de Jesus para os discípulos no final da narrativa.

¹⁹⁶ GONZAGA, W., *A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia*, p. 221.

¹⁹⁷ GONZAGA, W., *A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia*, p. 221.

¹⁹⁸ LOUW, J.; NIDA, E., ἵστημι, p. 647 (85.40).

em Jo 20,11a.14d. O verbo relaciona-se com pessoas, entretanto, ambas ocorrências de fato, demonstram a localização dos personagens, mas revelam também uma atitude de estar diante de alguém ou de algo. No primeiro caso, refere-se a Maria Madalena parada diante do sepulcro e no segundo caso, refere-se a Jesus parado atrás de Maria Madalena. Esta raiz verbal, no v.11a, encontra-se no mais que perfeito indicando uma ação passada que ocorreu antes de outra, também no passado.¹⁹⁹ A raiz verbal “ἵστημι/*ficar de pé*” (v.14d) mostra que o interlocutor de Maria Madalena é Jesus ressuscitado, embora ela ainda não saiba disso.

A raiz verbal “κλαίω/*chorar*” ocorre quatro vezes, em Jo 20,11b.11c.13b.15b. De modo geral, esta raiz significa chorar ou prantear, lamentar com ênfase no som que acompanha o choro.²⁰⁰ Possivelmente em contextos de rituais fúnebres.²⁰¹

Nos dois primeiros casos, tem-se uma ação continuada expressa com duas formas verbais distintas: um particípio presente e um indicativo imperfeito. O particípio presente (v.11b) reflete o ato de chorar de Maria Madalena diante do sepulcro. O imperfeito (v.11c) relaciona-se com esta ação, mas é utilizada com a locução adverbial de tempo “ὡς οὖν/*enquanto pois*” que transmite a ideia de mudança de foco do ato de chorar para outro acontecimento concomitante. Nos demais casos (v.13b; v.15b) a mesma estrutura aparece acompanhada da partícula “τί/*por que?*” formando uma sentença interrogativa, que no contexto refere-se a Maria Madalena.

A raiz “παρακύπτω/*inclinar-se para olhar*” é formada pela preposição ou advérbio παρά (que possui uma ampla gama de usos e significados)²⁰² e o verbo “κύπτω/*abaixar-se, curvar-se*”, isto é, abaixar-se para ficar numa posição curvada, como se encontra Maria Madalena em Jo 20,11d:

¹⁹⁹ CHAMBERLAIN, W. D., Gramática exegética do grego neo-testamentário, p. 103.

²⁰⁰ LOUW, J.; NIDA, E., κλαίω, p. 273 (25.138).

²⁰¹ SWANSON, J., κλαίω, DBLSD. Logos Research Systems.

²⁰² MALHADAS, D.; CONSOLIN, M. C. C.; NEVES, M. H. M., παρά, Dicionário Grego-Português, p. 783. Seu uso adverbial pode significar junto, perto, vizinho, ao lado. Como preposição, apresentamos somente alguns de seus muitos significados com os casos genitivo, dativo e acusativo. O uso da preposição παρά com o caso o dativo, entre outros significados, pode ser traduzida como *perto de*, ao lado de, diante de, na presença de, com movimento para junto de, para a casa de. O uso da preposição παρά com o caso genitivo pode significar uma ideia de movimento (de, vindo de, junto de, uma ideia de origem de, da parte de) com verbo na passiva ou também significar *perto de*, vizinho de. O uso da preposição παρά com o caso acusativo pode conotar um movimento: *para*, em direção a, no curso de, durante, entre outros significados.

Parece que em παρακύπτω existem dois elementos semânticos coordenados: “abaixar-se” e “olhar para dentro”. Naturalmente, é possível entender o segundo elemento como implícito no propósito do primeiro, mas ao se traduzir é essencial, especialmente no contexto de Jo 20,11, que os dois elementos sejam devidamente levados em conta. O fato de haver dois elementos semânticos significativos em παρέκλυεν significa que esse termo pertence simultaneamente a dois domínios diferentes, a saber, o domínio 17 que trata de Posturas, e o domínio 24, Acontecimentos e estados sensoriais.²⁰³

O conectivo καί ocorre 11 vezes no texto (v.12a; v.12b; v.13a; v.13e; v.14c; v.14e; v.17e; v.17f (3xs); v.18d). A grande frequência dessa partícula, típico de sequências narrativas, denota a importância que o autor dá à dimensão da forma do texto, pois nos momentos dialógicos, a partícula não aparece. Curiosamente, a maior parte das partículas καί se apresenta no texto em orações cujo verbo se encontra no presente narrativo, reforçando assim, a ideia de que a cadência do texto se dá numa ação que está ocorrendo naquele momento.²⁰⁴

A raiz “θεωρέω/*ver, olhar*” está presente nos v.12a e v.14c. Embora fenômenos sobrenaturais também possam ser objeto de “θεωρέω/*ver, olhar*”, seu uso em João 20,12 (visão dos anjos) não é um termo técnico para visão sobrenatural.²⁰⁵ A raiz verbal “θεωρέω” pode ser traduzida também por perceber, presenciar, ser testemunha de, constatar, ter diante de, etc. Este termo ocorre 23 vezes (22 vezes no presente) no Quarto Evangelho e de modo geral, denota a percepção de uma realidade cuja presença de alguém ou algo se coloca diante de um sujeito. Esta evidência pode ser física ou não.²⁰⁶

No v.18c, o verbo “ἐώρακα/*vi*”, da raiz “ὁράω/*ver*” significa uma visão ou experiência visual imediata com o ressuscitado. O verbo “ὁράω/*ver*” pode ser traduzido como “observar algo com atenção”, “ser um espectador, olhar, observar, perceber, ver (sentido da visão)”.²⁰⁷ Está relacionado com a experiência pessoal a partir do testemunho de Jesus com o Pai e de Jesus com os próprios discípulos. Isto mostra que é por meio de Jesus que os discípulos se relacionam com o Pai, de modo particular após a experiência com o ressuscitado (Jo 20,18).²⁰⁸

²⁰³ LOUW, J.; NIDA, E., παρακύπτω, p. 198 (17.31).

²⁰⁴ WALLANCE, D. B., Gramática Grega, p. 526.

²⁰⁵ BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G., θεωρέω, p. 146.

²⁰⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 290.

²⁰⁷ BAUER, W. *et al.*, A Greek- English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature, p. 638-639.

²⁰⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 291-293.

Mesmo que o sentido do verbo “ἕζομαι/sentar-se” expresse a posição em que os anjos se encontravam, o autor adotou este verbo associado à preposição “κατά/em”. Talvez, para reforçar para o leitor a importância da posição dos anjos. Dessa forma, a raiz verbal composta “καθέζομαι/sentar-se” denota estar numa posição sentada ou assentar-se, ou o ato de estar sentado (v.12b).²⁰⁹

Os substantivos “κεφαλῇ/cabeça” e “ποσί/pés” não estão sendo usados no texto como partes do corpo, mas para demarcar onde o corpo de Jesus jazera, funcionando como cabeceira e pés de um leito funerário. Os termos em si não geram dúvidas, mas a ênfase de João na demarcação dos espaços, levam o leitor a refletir na relevância dessa informação. Alguns autores, como Léon-Dufour, correlacionam este fato com os dois querubins que adornam cada lado no propiciatório, acima da Arca da Aliança.²¹⁰

A raiz verbal “κεῖμαι/deitar” tem o sentido básico de algo que é colocado e que permanece em algum lugar, mas também pode significar permanência, inclusive como em Jo 20,12c, o jazer de um corpo. A raiz é também utilizada para indicar uma permanência em sentido moral ou jurídico de uma lei ou de uma regra, indicando assim uma conotação de continuidade.²¹¹ O substantivo “σῶμα/corpo” está diretamente ligado ao verbo “κεῖμαι/deitar”, no v.12c, e tanto um quanto o outro, ocorrem apenas uma única vez no texto. “σῶμα/corpo” refere-se geralmente ao corpo físico das pessoas, animais ou plantas, vivos ou mortos, mas também pode expressar algo que se vivencia ou se experimenta (1Cor 6,20).²¹²

A grande presença da raiz verbal “λέγω/dizer” no texto (12 ocorrências) mostra que se trata de um texto que contém diálogos. Mesmo sendo um verbo muito comum, percebe-se que o uso frequente no indicativo presente (v.13a; v.13c; v.15a; v.15f; v.16a; v.16c; v.16d; v.17a) e ainda 2 ocorrências no particípio aoristo presente (v.14a; v.18d) e 2 ocorrências no imperativo aoristo (v.15h; v.17e) indica a importância do narrador no texto, pois ele cadencia o texto preparando o leitor para o momento e conteúdo dos diálogos. É importante notar que os verbos no imperativo saem dos lábios dos personagens Maria Madalena (v.15h) e Jesus (v.17e) em discurso direto.

²⁰⁹ LOUW, J.; NIDA, E., καθέζομαι, p. 195 (17.12).

²¹⁰ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João, v. IV (capítulos 18–21), p. 157.

²¹¹ LOUW, J.; NIDA, E., κεῖμαι, p.197.645.142-143 (17.26; 85.3; 13.73).

²¹² LOUW, J.; NIDA, E., σῶμα, p. 85-86 (8.1).

O vocativo “γύναι/*mulher!*” ocorre 6 vezes no Quarto Evangelho (v.2,4; v.4,21; v.8,10; v.19,26; v.20, v.13.15). Com exceção de Jo 20,13, é Jesus quem se dirige, num discurso direto, a uma personagem feminina que está na sua presença. O diálogo nestas passagens demonstra um encontro pessoal com Jesus dentro de contextos diversos. No grego *koiné* é usado como forma de tratamento respeitosa para o sexo feminino. Pode significar também uma pessoa adulta do sexo feminino na idade de casar-se.²¹³

A raiz verbal “αἶρω/*levar, erguer, remover*” ocorre 4 vezes no capítulo 20 do Quarto Evangelho (Jo 20,1.2.13d.15j). Refere-se ao ato de mover algo de um local para outro, pegar, tirar. Sua ocorrência geralmente se dá em conexão com a remoção de pessoas ou objetos físicos (Mc 2,9; Lc 17,31; Jo 11,41; 20,15; At 21,11).²¹⁴ Na Septuaginta, αἶρω traduz o verbo hebraico נָשָׂא/*erguer* (nāsā’), como em Is 49,22.²¹⁵ No Novo Testamento αἶρω está geralmente relacionado a contextos em que um erro cometido é retirado (perdoado). Nestas ocasiões, o protagonista é sempre Jesus (Jo 1,29; 1Jo 3,5). Nota-se que a raiz verbal “αἶρω/*levar, erguer, remover*” encontra-se em contraposição à raiz verbal “τίθημι/*colocar, deitar*”²¹⁶ em Jo 20,2.13f.15i. No v.13d.f, Maria Madalena diz aos anjos o motivo de seu choro, referindo-se ao corpo de Jesus que “levaram” e ela não sabe onde o “puseram”. No v.15i.j, Maria Madalena se dirige ao “jardineiro” pedindo que lhe dissesse onde ele o havia posto e que ela o levaria uma vez que ela pensou que ele poderia ter removido o corpo de Jesus do sepulcro.

A raiz verbal “οἶδα/*conhecer, saber*”²¹⁷ está presente no capítulo 20 nos v.2.9.13e.14e. Nos v.2.13, a raiz verbal refere-se a um conhecimento material ligado à posição do objeto ou do sujeito que se busca, procura. No v.9, a raiz verbal conota o entendimento intelectual, compreensão. O v.14e indica o reconhecimento de alguém, neste caso, Maria Madalena não reconheceu Jesus (a dificuldade em reconhecer o Cristo ressuscitado também ocorre em Lc 24,16). De modo geral, a

²¹³ LOUW, J.; NIDA, E., γυνή, p. 99 (9.34).

²¹⁴ STARK, J. D., αἶρω, Lexham Theological Wordbook. (recurso eletrônico, Logos-Bible).

²¹⁵ SWANSON, J. (org.), נָשָׂא, 5951. RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.), Septuaginta, p. 634.

²¹⁶ MOULTON, J. H.; MILLIGAN, G., τίθημι, p. 634.

²¹⁷ LOUW, J.; NIDA, E., οἶδα, p. 299 (28.1). Os significados que aparecem no domínio 28, conhecer, raramente são expressos ou representados por itens lexicais metafóricos, uma vez que expressões para “conhecer, conhecido, tornar conhecido” são fundamentalmente primitivos semânticos. Em outras línguas, o “olho” é considerado o órgão do conhecimento e conhecer algo pode ser, literalmente “ter no olho”. Algumas línguas empregam um termo para “figado”, em expressões idiomáticas relacionadas com conhecer e conhecimento.

Septuaginta propõe, com essa raiz verbal, traduzir a raiz hebraica “יָדָע/*conhecer*” que se refere a um conhecimento mais profundo (Sl 1,6), íntimo (Sl 9,11) ou mesmo de cunho sexual (Gn 4,1; Lc 1,34).²¹⁸

A raiz verbal “στρέφω/*virar-se, voltar-se*” presente em 14b.16b indica basicamente um movimento de voltar-se para algo,²¹⁹ mas pode também adquirir a conotação de provocar uma mudança ou transformação no sentido físico (Ap 11,6) ou interior, moral, ético (Rm 11,26).²²⁰ No v.14b, Maria Madalena volta-se fisicamente para trás para ver quem havia chegado. No v.16b, Maria Madalena já está de frente para o “jardineiro”, mas “volta-se” novamente agora reconhecendo Jesus, dando ao verbo uma conotação de transformação interior.

A palavra “κηπουρός/*jardineiro*”, no v.15e, é um *hápax legómenon* que aparece somente uma vez no Novo Testamento.²²¹ O substantivo “κηπος/*jardim*” é raro no NT, concentrando-se basicamente no Quarto Evangelho.²²² Está presente em Jo 18,1.26; Jo 19,41 (2 ocorrências), todas as vezes o jardim aparece no contexto da paixão de Jesus e para finalizar, em Jo 20,15e, a palavra “κηπουρός/*jardineiro*” se encontra no contexto da ressurreição.

A raiz verbal “ἀναβαίνω/*subir, ascender*”²²³ ocorre duas vezes em Jo 20,17cf. O verbo é empregado em dois tempos diferentes: perfeito do indicativo (“ἀναβέβηκα/*subi*”, v.17c) e presente do indicativo (“ἀναβαίνω/*subo*”, v.17f). O verbo βαίνω²²⁴ possui uma ampla gama de significados, dentre eles ir; descer; subir. Daí a importância da preposição “ἀνά/*para o alto*” associada ao verbo que indica mais precisamente o movimento verbal, neste caso, para o alto, para cima, subindo.²²⁵

O substantivo vocativo “ραββουνι/*meu mestre*”, no v.16c, é uma transcrição do aramaico que expressa um título honorífico para um mestre nas Escrituras dos judeus, mas que implica um importante relacionamento pessoal, “meu mestre”.²²⁶

²¹⁸ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 40. Sobre a raiz verbal; “οἶδα/*conhecer, saber*”, Malzoni afirma que em João, o sentido está próximo ao do AT: conhecer por experiência, por convivência, por intimidade (relação sexual). Conhecer Deus significa ter experiência (da presença) de Deus.

²¹⁹ VANNI, U., Il Tesoro Di Giovanni, p. 214.

²²⁰ LOUW, J.; NIDA, E., στρέφω, p. 141 (13.63).

²²¹ PÉREZ-MILLOS, S., Juan, p. 1763,

²²² Há uma única ocorrência em Lc 13,18, no contexto da parábola do grão de mostarda.

²²³ LOUW, J.; NIDA, E., ἀναβαίνω, p. 177 (15.99).

²²⁴ MALHADAS, D.; CONSOLIN, M. C. C.; NEVES, M. H. M., βαίνω, Dicionário Grego-Português, p. 160.

²²⁵ MALHADAS, D.; CONSOLIN, M. C. C.; NEVES, M. H. M., ἀνά, Dicionário Grego-Português, p. 55.

²²⁶ LOUW, J.; NIDA, E., ραββουνι, p. 372 (33.247).

O pronome possessivo de primeira pessoa singular encontra-se contraído no substantivo, dando esta ideia de proximidade. O substantivo “*ραββουνι/meu mestre*” é cognato ao substantivo “*ῥαββί/mestre*”, pois este último é um empréstimo do aramaico. Significa um professor judeu erudito, reconhecido pelo largo conhecimento das Escrituras.²²⁷ Nota-se que o evangelista optou pela tradução de “*ραββουνι*” para “*διδάσκαλε/mestre*”, sem o pronome possessivo “meu”.

3.4

Delimitação do texto e estrutura literária

3.4.1

Jo 20,1-29 e as aparições de Jesus ressuscitado nos Sinóticos

A narrativa do ciclo pascal joanino apresenta tradições antigas e parece possuir pontos de contato com os Sinóticos, sendo possível identificar distintos materiais: a) materiais com paralelos mais estreitos com os Evangelhos Sinóticos; b) materiais que se assemelham às notícias mais breves dos Sinóticos; c) materiais próprios de João. Com base no que foi dito, pode-se perceber três vertentes narrativas distintas no capítulo 20 de João, cada uma delas com paralelos nos Sinóticos. A visita de Maria Madalena ao sepulcro na manhã de Páscoa (Jo 20,1-2) e a presença dos anjos no mesmo local (Jo 20,11-13) assemelham-se ao encontro das mulheres com o jovem na versão de Marcos (Mc 16,1-8); a corrida de Pedro e do Discípulo Amado e a inspeção do sepulcro (Jo 20,3-10) se assemelham à narrativa lucana na qual Pedro corre, igualmente, ao local onde Jesus estivera sepultado (Lc 24,9-12); a aparição de Jesus a Maria Madalena próxima ao sepulcro (Jo 20,14-18) assemelha-se à aparição de Jesus ao grupo das mulheres e o envio para anunciar aos outros discípulos (Mt 28,9-10); a aparição do ressuscitado aos discípulos em Jerusalém num lugar fechado (Jo 20,19-22) é paralelo à entrada de Jesus no local onde se encontravam os discípulos atemorizados (Lc 24,36-43); mas, no entanto, a aparição a Tomé é própria de João (Jo 20,24-31).²²⁸ Por sua vez, outros pontos de contato são mais incidentais e mais aproximados como a presença

²²⁷ LOUW, J.; NIDA, E., *ῥαββί*, p. 372 (33.246).

²²⁸ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 919.

“angélica” no sepulcro (Mt 28,2-7; Mc 16,5-8; Lc 24,4-7), o diálogo com as mulheres e a menção de que elas abraçam os seus pés (Mt 28,9).²²⁹

Brown destaca a importância do material próprio de João. No v.13, há a conversa de Maria Madalena com os anjos e, nos v.14-18, ocorre a fala de Jesus sobre sua ascensão ao Pai e suas consequências. Quanto à antiguidade de Jo 20,14-18, Brown considera que os v.11-13 vieram de uma fonte de João e que os v.14-18 constituem uma livre criação do evangelista. Para o autor, os v.11-13 seriam uma forma tardia e reelaborada para servir de conexão entre os dois relatos (v.3-10; v.14-18) que seriam independentes.²³⁰

Brown considera que 20,14-18 passou por um processo de reelaboração e classifica o v.14b como uma transição entre o que precede ao v.14 e a cristofania dos v.14c-18. O v.14b introduz o leitor para o momento ápice da narrativa, na qual a protagonista irá compreender melhor e com detalhes o motivo pelo qual o corpo do Senhor não se encontrava mais no sepulcro e o seu encontro com o ressuscitado.²³¹

Outro ponto que deve ser mencionado diz respeito às divergências nas listas de mulheres nos Evangelhos. Tais diferenças são importantes e não devem ser vistas como um problema, mas sim como variações normais da tradição oral. Cada evangelista nomeava as mulheres que sabiam ser testemunhas de cada evento, e essas diferenças não comprometem a credibilidade das histórias. Bauckham destaca a proeminência de Maria Madalena entre as mulheres e observa que as omissões de nomes são mais compreensíveis do que as adições. Ele destaca a importância de levar a sério todas as mulheres nomeadas como testemunhas confiáveis dos eventos nos Evangelhos.²³²

A presença de Maria Madalena como testemunha ocular da ressurreição de Jesus é atestada nos quatro Evangelhos, com diferença em alguns detalhes. Sobre o tema do critério de testemunho múltiplo, pode-se dizer que: a) a ausência de testemunho múltiplo não implica automaticamente na inautenticidade de um dado. De fato, o critério negativo não pode ser aplicado, pois o silêncio de outras fontes não fornece base para deduções; o silêncio das fontes não pode ser interpretado

²²⁹ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 919.

²³⁰ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*, p. 1480.

²³¹ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*, p. 1479.

²³² BAUCKHAM, R., *Gospel Women*, p. 301-302.

como negação (“Quitacet, nihildicit”); b) quando um dado é respaldado por testemunho múltiplo, a não-autenticidade deve ser positivamente demonstrada. Ou seja, a responsabilidade da prova recai sobre aqueles que afirmam a falta de autenticidade. A aplicação efetiva desse critério segue a seguinte lógica: quanto mais abrangente for o escopo da investigação (englobando aspectos gerais e não pontos específicos do material evangélico) e quanto mais frequente for a presença do dado em diversas formas, mais seguros serão os resultados alcançados. O nível de certeza é ainda mais elevado quando o critério é combinado com outros indícios favoráveis e critérios adicionais que serão examinados, como a continuidade e descontinuidade.²³³

3.4.2

Os ciclos pascais no Evangelho de João e a localização de Jo 20,11-18

O Evangelho de João sincroniza a vida de Jesus com as festas judaicas e menciona três Páscoas sucessivas (Jo 2,13.23; 6,4; 21,1), o que indica que o ministério de Jesus durou por volta de três anos, segundo o evangelista. Além disso, ele destaca outras festas em que Jesus esteve na Judeia, diferentemente dos Evangelhos Sinóticos que focam mais a atividade de Jesus na Galileia. O evangelista também fornece dados precisos como o primeiro milagre de Jesus em Caná da Galileia e apresenta a data da condenação e crucificação de Jesus, que ocorreu no dia 14 de *Nisan* (março-abril), na vigília do sábado da Páscoa (Ex 12,6).²³⁴

A primeira festa da Páscoa é mencionada em Jo 2,13.23, onde Jesus expulsa os mercadores do templo. Este episódio é narrado nos quatro evangelhos, porém João o situa no início do ministério de Jesus e os Sinóticos no final deste. Esta ação de Jesus reforça o tema teológico da nova aliança presente no relato anterior na narrativa das Bodas de Caná (Jo 2,1-12).²³⁵ A segunda Páscoa é mencionada em Jo 6,4 quando Jesus multiplica os pães em Tiberíades, no outro lado do Mar da Galileia. Este milagre é relatado em todos os evangelhos, porém João une esta passagem ao discurso do pão da vida (Jo 6,35-59). Este episódio é o prenúncio da instituição da Eucaristia na última ceia que também se passa numa festa de Páscoa.

²³³ LAMBIASI, F., Autenticidade histórica dos Evangelhos, p. 154-155.

²³⁴ NICCACCI, A.; BATTAGLIA, O., Comentário ao Evangelho de São João, p. 18.

²³⁵ HAHN, S. MITCH, C., O evangelho de São João, p. 34-35.

A terceira Páscoa é apresentada em cinco diferentes capítulos do Quarto Evangelho. A Páscoa estava próxima e muitos judeus subiam para Jerusalém. Jesus era procurado e foi sentenciado de morte pelas autoridades religiosas. Em Jo 12,1, faltam seis dias para a Páscoa. Jesus vai à Betânia, onde mora seu amigo Lázaro, a quem havia ressuscitado dos mortos e Maria unge os pés de Jesus. Em Jo 13,1 é narrado o *lava-pés* que ocorreu durante a ceia, antes da festa da Páscoa; em Jo 18,28, Jesus é levado de madrugada ao palácio do governador. Os judeus que levaram Jesus não entraram no palácio das autoridades romanas para não se tornarem impuros e poderem comer a Páscoa. O costume de soltar um preso na ocasião é narrado em Jo 18,39, quando a multidão escolhe soltar Barrabás ao invés de Jesus.²³⁶ Em Jo 19,14 é narrado que era o dia de preparação para a Páscoa, Pilatos apresenta Jesus aos judeus (machucado, com a coroa de espinhos, manto púrpura) e diz: “Eis vosso Rei!”. A narrativa de Jo 20,11-18 localiza-se na época da terceira Páscoa, perto do amanhecer de domingo, logo após a comemoração do “*shabbat hagadol*”, ou seja, o grande sábado (Jo 19,31). Esta denominação ocorre porque este foi dia de dupla comemoração: o dia de sábado e da Páscoa judaica, o *Pessah*.²³⁷

3.4.3

Delimitação

A perícope de Jo 20,1-11 encontra-se no macro conjunto literário da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, pois a perícope em questão depende de elementos literários presentes em Jo 19,25.40.41.42; 20,1.2 que ajudam a entendê-la melhor. É importante notar que Maria Madalena estava aos pés da cruz junto com Maria, mãe de Jesus e Maria de Cléofas, sua irmã (Jo 19,25); que Jesus já havia sido enrolado em panos de linho e embalsamado com óleos perfumados por José de Arimatéia e Nicodemos (Jo 19,40), procedimento este realizado por mulheres nos Sinóticos;²³⁸ que Jesus foi crucificado e sepultado num jardim (Jo 19,41-42) e parece que seu sepultamento foi realizado às pressas, sem outras pessoas por perto para chorar sua morte por causa da preparação da Páscoa. Naquele ano, a

²³⁶ NICCACCI, A.; BATTAGLIA, O., Comentário ao Evangelho de São João, p. 246. Niccacci e Battaglia afirmam que este costume “não encontra paralelo em nenhum documento extrabíblico, mas todos os evangelistas o registram”.

²³⁷ LIGHTFOOT, R. H., St. John's Gospel, p. 355.

²³⁸ MAZZAROLLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 202.

festividade pascal caiu num sábado, por isso, era um dia que unificava as duas celebrações, portanto, um *shabbat* muito solene para os judeus “σαββάτω, ἦν γὰρ μεγάλη/o *grande sábado*” (Jo 19,31).

3.4.4

Contexto antecedente próximo (Jo 20,1-10)

No contexto antecedente próximo percebe-se uma continuidade (v.1) e uma quebra no desenvolvimento da narrativa (v.3-10). Talvez isto ocorra porque o evangelista combinou três narrativas da ressurreição que subjazem a Jo 20,11-18: duas narrativas de visitas ao sepulcro vazio e uma aparição do ressuscitado a Maria Madalena.²³⁹

Os personagens de Jo 20,1-10 são o narrador, Maria Madalena, Pedro e o Discípulo Amado, já os personagens de Jo 20,11-18 são o narrador, Maria Madalena, os anjos, o presumido “jardineiro” e Jesus ressuscitado. A temática tem pontos em comum e outros diferentes. Em comum, tem-se a procura pelo corpo de Jesus que não se encontra mais no sepulcro (v.1-2.13.15); o encontro de Maria Madalena com dois personagens: com Pedro e o Amado (v.2) e os dois anjos (v.12); Pedro e o Amado entram no sepulcro (v.6.8), os anjos estão no sepulcro (v.12).

Quanto ao espaço em Jo 20,1-10, Maria Madalena vai ao sepulcro que ficava localizado num jardim (Jo 19,41) e depois ela desloca-se até onde estavam Pedro e o Amado (v.2), todavia o narrador não identifica este local. Nota-se algumas descontinuidades no contexto antecedente próximo. A figura de Maria Madalena só aparece nos v.1-2, e reaparece, sem nenhuma explicação, no v.11a, chorando fora do sepulcro.²⁴⁰ Entre os v.3-10, Pedro e o Amado são os protagonistas, entre os v.1-2.11-18, é Maria Madalena.²⁴¹ Ela vê anjos dentro do sepulcro (v.12) enquanto Pedro e o Amado veem panos (v.5-7).

Nos v.1-2, a ausência do corpo de Jesus se relaciona com a pedra removida do sepulcro; nos v.5-7,²⁴² a ausência do corpo de Jesus se relaciona com os panos de linho e o sudário; e no v.12, a ausência do corpo de Jesus se relaciona com os

²³⁹ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1468.

²⁴⁰ GIBERTI, G., I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni, p. 79-80.

²⁴¹ PIETZ, J. V., Discipleship at the Dawn of Resurrection, p. 309-310.

²⁴² SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 795.

anjos. A ausência do corpo em todas as situações é uma maneira do evangelista atestar/indicar a ressurreição. Assim como o Discípulo Amado (v.5), Maria Madalena inclinou-se para olhar dentro do sepulcro (v.11d), ao contrário de Pedro que entra imediatamente (v.6). O ato de inclinar-se pode significar uma reverência ao local sagrado onde repousara o corpo de Jesus, ou que se tratava de um sepulcro destinado aos pobres, pois ficava num local baixo.²⁴³ Também pode significar que tanto o Amado quanto Maria Madalena estão num itinerário de perceber, acreditar na ressurreição. Brodie comenta que a raiz verbal “βλέπω/*ver*” (v.1.5) relacionada à visão do Discípulo Amado (v.5) parece refletir a visão limitada de Maria Madalena no v.1.²⁴⁴ Para o Discípulo Amado, este processo de “ver com os olhos, fisicamente” (“βλέπω/*ver*”), para “ver com os olhos da fé” (“ὁράω/*ver*”) foi breve (v.8), para Maria Madalena, só se deu quando Jesus ressuscitado a chamou pelo nome (v.16) e quando foi anunciar (v.18c). Em momento algum, o evangelista diz que Pedro acreditou, mas que observou atentamente (θεωρέω).²⁴⁵

Há um duplo movimento: Maria Madalena corre do sepulcro em direção aos discípulos (v.1-2), Pedro e o outro discípulo correm em direção ao sepulcro.²⁴⁶ Ao ver o sepulcro vazio, Pedro e o Discípulo Amado voltaram para casa (v.10), mas Maria Madalena sai em missão: anuncia aos discípulos que ela viu o Senhor e o que ele lhe havia dito. A fala de Maria Madalena “Vi o Senhor!” reflete sua experiência com o ressuscitado e a alegria deste encontro. O Discípulo Amado acreditou, porém não anunciou. Talvez para o evangelista a função deste personagem seja mais catequética ou simbólica do que histórica, pois o tema da fé naquilo que não se vê é o centro do capítulo 20 (Jo 20,29).²⁴⁷

3.4.5

Contexto posterior próximo (Jo 20,19-29)

No contexto posterior próximo, nota-se uma mudança temporal, pois, seguindo a lógica narrativa, Jesus ressuscitado apareceu para Maria Madalena primeiro dia da semana, de madrugada (v.1), ainda escuro e apareceu aos discípulos

²⁴³ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 304.

²⁴⁴ BRODIE, T. L., The Gospel According to John, p. 561.

²⁴⁵ LIDDELL, H. G. (et al.), A Greek-English Lexicon, p. 796.

²⁴⁶ POPPI, A., I quattro Vangeli, p. 673.

²⁴⁷ ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni, p. 921-922.

sem Tomé, à tarde do mesmo dia (v.19). Oito dias depois, isto é, no primeiro dia da semana seguinte a estes acontecimentos (v.26), apareceu novamente aos discípulos com a presença de Tomé.

Há também uma mudança espacial, porque a cena se passa num ambiente fechado (v.19). O narrador, mesmo identificando que este local poderia ser próximo de Jerusalém, não especifica com detalhes a localidade. Os personagens também mudam: narrador, discípulos, Tomé, Jesus ressuscitado. Nota-se que há uma grande cena dividida em dois atos: aparição do ressuscitado aos discípulos sem a presença de Tomé (v.19-25) e a aparição do ressuscitado aos discípulos com a presença de Tomé (v.26-29). O narrador não especifica quais discípulos se encontravam no local, nem se este era utilizado esporadicamente por eles ou era residência de algum membro do grupo na região.

O tema da prova da aparição do ressuscitado aos seus seguidores está em continuidade com todo o capítulo 20, presente também está o tema da fé no ressuscitado (v.8.16.18.25.28.29.31). Outro tema é o da alegria que experimentam aqueles que têm a experiência com o ressuscitado (v.16.18.20).²⁴⁸ Brown observa que Jo 20,1-11 possui uma série de inconsistências mostrando a existência de uma mão redacional que organizou, e combinou material textual heterogêneo. Nota-se que a missão atribuída a Maria Madalena para com os discípulos parece não ter tido repercussão no sentido narrativo, uma vez que não existe menção a este acontecido e eles estavam com medo e por isso parece que nada sabiam do desaparecimento do corpo e da ressurreição de Jesus. É provável que literariamente as narrativas não estejam coadunadas, uma vez que as informações do texto são desconexas em pontos centrais do relato.

Parece também que a aparição de Jesus aos discípulos, no mesmo dia em que se revela a Maria Madalena, enfraquece o seu pedido de anúncio a ela. A figura de Maria Madalena desaparece completamente a partir do v.19. Percebe-se, pois, que Jo 20,11-18 é uma unidade literária, mas não é uma unidade redacional. No entanto, Brodie afirma que por mais que as fontes textuais sejam múltiplas, o texto possui coerência interna.²⁴⁹ Brown inclina-se a pensar que o evangelista combinou três narrativas da ressurreição que subjazem a Jo 20,11-18: duas narrativas de

²⁴⁸ MCCARTHY, A., John 20:11-18, p. 58.

²⁴⁹ BRODIE, T. L., The Gospel According to John, p. 560.

visitas ao sepulcro vazio (de Maria Madalena, de Pedro e do Amado) e uma aparição do ressuscitado a Maria Madalena.²⁵⁰

A dinâmica da experiência sensível, que desempenha um papel crucial na fé, é vista como uma característica permanente no processo revelador da salvação. Mesmo após a morte na cruz, essa dinâmica continua, como evidenciado no capítulo 20 do Evangelho de João. Este capítulo explora como a experiência sensorial na fé é transformada de maneira única após a ressurreição de Jesus. Os relatos envolvendo Maria Madalena e Tomé destacam como os discípulos tiveram o encontro pessoal a partir da nova presença e modo de interação de Jesus, agora ressuscitado e agindo através da comunidade eclesial.²⁵¹

3.4.6

Unidade de Jo 20,11-18

Os v.10.11.18.19 têm a função de preparar o leitor para uma mudança de cenário/tempo. O v.10 encerra a narrativa anterior na qual Pedro e o Discípulo Amado vão ao sepulcro do Senhor e “os discípulos” retornaram para casa.²⁵² O v.11 apresenta uma quebra não necessariamente do cenário, mas de tema e de personagem. É evidente que existe uma lacuna narrativa sobre Maria Madalena, uma vez que ela retorna aos discípulos para contar que o sepulcro estava vazio (v.2). Após esse acontecimento nada mais é dito sobre ela até o v.11. É possível que esteja implícito que ela tenha retornado com os discípulos ao sepulcro ou tenha se deslocado para lá posteriormente, no entanto, esta informação não é apresentada pelo evangelista, sendo esta apenas uma conjectura. Por este motivo, causa certa estranheza a presença dela no sepulcro, no v.11, com a informação de que ela permanecia junto ao sepulcro. Tal lacuna não exclui a possibilidade de camadas redacionais distintas compiladas em uma edição final do texto.²⁵³ Porém, parte-se do princípio de que o texto canônico é a fonte da qual o estudo literário e exegético

²⁵⁰ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1473.

²⁵¹ SCHNEIDERS, S. M., Touching the Risen Jesus, p. 34.

²⁵² BRODIE, T. L., The Gospel According to John, p. 563. Brodie destaca que a frase “e voltaram para casa”, no v.10, é uma variação do Jo 19,27. Assim como Jo 19,27 indica uma reunião de pessoas ou aspectos distintos, Jo 20,10 também indica isto. À medida que vão embora, eles não são mais “Simão Pedro” e “o outro discípulo”. Pelo contrário, pela primeira vez na passagem, ambos são descritos simplesmente como “os discípulos”. E no texto grego é essa descrição unificadora que é a última palavra.

²⁵³ BLANK, J., O Evangelho segundo João, p. 164-165.

se desenvolve e por meio dela deve-se buscar um sentido narrativo integral oferecido pelo texto.²⁵⁴

O fechamento da narrativa, no v.18, indica que Maria Madalena foi anunciar aos discípulos. Este versículo apresenta predominantemente a fala do narrador e é interpolado pela voz de Maria Madalena em primeira pessoa. No v.19, tem-se uma mudança de tempo (tarde daquele dia), lugar (portas fechadas do local onde estavam os discípulos) e personagens (os discípulos). Tais mudanças são suficientes para indicar o início de uma nova perícopa, cujo tema é a aparição de Jesus aos discípulos e a “catequese” por meio da figura de Tomé, que estava ausente. Chama a atenção a não continuidade do anúncio de Maria Madalena e o seu desaparecimento.

O texto de Jo 20,11-18, apresenta coerência interna no desenvolvimento dos seus temas na narrativa, pois nota-se que há uma progressão cadenciada permeada por diálogos entre a protagonista e os demais personagens (anjos, jardineiro, Jesus, discípulos). A narrativa vai se desenrolando de modo que o problema inicial, tanto em relação ao desaparecimento do corpo quanto ao estado emocional de Maria Madalena, encontra uma solução: da tristeza ela passa à alegria pelo encontro com o ressuscitado. Apesar de ser considerado pelos estudiosos com um versículo problemático,²⁵⁵ o v.17 possui conteúdo catequético, pois pretende informar que de fato Jesus ressuscitou, que ele ainda não subiu “junto ao Pai”, que Maria Madalena é testemunha escolhida e qualificada por Jesus para o anúncio aos discípulos e que a paternidade de Deus Pai é agora partilhada com os “irmãos”.

3.4.7

Elementos internos que favorecem a unidade

O nome Maria ocorre três vezes em Jo 20,11-18 (v.11a.16a.18a). Inicialmente, no v.11a, o narrador a localiza próxima ao sepulcro. No v.16a, Jesus é quem a chama pelo nome e fala com ela. No v.18a, o narrador relata que Maria Madalena saiu para anunciar aos discípulos. O nome de Maria funciona como uma espécie de moldura, aparecendo no início, meio e fim da narrativa. Além disso, é interessante notar que a grafia do nome varia nos versículos v.11a (Μαρία), v.16a (Μαριάμ) e que, no v.18a, lhe é acrescentado o local de sua procedência como uma

²⁵⁴ LIMA, M. L. C., Exegese bíblica, p. 25-26.

²⁵⁵ BARRET, C. K., The Gospel according to St John, p. 470

forma de identificação (Μαριὰμ ἢ Μαγδαληνή). Tais elementos, também discutidos na crítica textual, podem indicar tradições diferentes sobre Maria Madalena ou simplesmente modos distintos de chamá-la por algum motivo contextual ou cultural. A grafia “Μαριάμ/*Mariam*” pode ser uma aproximação da forma hebraica/aramaica do nome.²⁵⁶

A raiz verbal “κλαίω/*chorar*” aparece nos v.11b, v.11c, v.13b, v.15b. As duas formas verbais do v.11 reforçam a condição de tristeza da personagem, dando o tom da primeira parte do relato e preparando o ouvinte-leitor para o desfecho do relato em forma de contraste. Nos v.13b e v.15b, a estrutura verbal se repete nos lábios de personagens distintos: os anjos e depois Jesus. A pergunta “Por que choras?” antecipa para o leitor a realidade velada ainda para Maria Madalena da ressurreição. Deste modo, as formas verbais são utilizadas também para criar a mesma sensação de contraste que Maria Madalena vai experimentar a partir da revelação.

A preposição “πρός/*para, com, junto a*” ocorre 6 vezes no texto (v.11a, v.12a [2x], v.17c, v.17d, v.17f). Nos três primeiros casos, indica posicionamento e no v.17, destino e encontro. O uso dessa expressão, nos v.11 e v.12, consta na fala do narrador e, no v.17, na fala de Jesus. A fala do narrador tem um tom mais material, ligado a uma ideia espacial, de posicionamento e localização.²⁵⁷ A fala de Jesus denota o processo de ascensão enquanto perspectiva e realização e o envio para a missão.²⁵⁸ Neste sentido, percebe-se a intencionalidade da mudança semântica da preposição como uma forma de enfatizar o processo que se inicia de forma material e passa para uma dimensão teológica.

A raiz verbal “λέγω/*dizer*” é a mais frequente na perícopa (v.13a, v.13c, v.14a, v.15a, v.15f, v.15h, v.16a, v.16c, v.16d, v.17a, v.17e e v.18d) por caracterizar a dimensão dialogal do texto. Em uma única ocorrência, a forma verbal é uma explicativa (v.16d). O uso constante da raiz cria um movimento textual, corroborando a sua unidade. Na grande maioria das vezes, a raiz “λέγω/*dizer*” está

²⁵⁶ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1463. No tempo de Jesus o hebraico *Mrym* (forma consonantal encontrada no Texto Massorético como o nome da irmã de Moisés) era pronunciado *Maryam*, conforme atesta a transliteração na LXX.

²⁵⁷ LOUW, J.; NIDA, E., πρὸς, p. 637 (83.24). Segundo os autores, πρὸς pode denotar “uma posição próxima a outra localização ou objeto, muitas vezes com a implicação de estar voltado naquela direção – a, junto a, perto de, diante de, perto de”.

²⁵⁸ LOUW, J.; NIDA, E., πρὸς, p. 643 (84.18). Segundo os autores, πρὸς também pode denotar “extensão em direção a um alvo, com a probabilidade de algum tipo de interação ou reciprocidade implícita–pode ser traduzida pelas partículas “para” ou “a”.

acompanhada do pronome pessoal para introduzir a pessoa que fala e seu interlocutor. A oração “λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς/*diz-lhe Jesus*” é apresentada no início dos v.15a, v.16a e v.17a, indicando a fala de Jesus numa estrutura que se repete. No v.15a, Jesus dá início ao diálogo com Maria Madalena; o v.16a mostra Jesus que se revela e Maria Madalena que o reconhece. Esta é a única vez que ela responde diretamente a Jesus tendo consciência de quem ele era; no v.17a tem-se a catequese sobre a ascensão e o envio de Maria Madalena aos discípulos.

A partícula conectiva “καὶ/*e, mas*” ocorre 11 vezes no texto (v.12a; v.12b; v.13a; v.13e; v.14c; v.14e; v.17e; v.17f (3xs); v.18d). No v.14e, “καὶ οὐκ ᾔδει/*mas não sabia*”, a conjunção é expressa como uma conjunção adversativa que marca uma diferença, contrariedade.²⁵⁹ Desta forma, esta frase funciona como prolepse para o que está prestes a ser revelado a Maria Madalena. Assim, o v.14e, serve de transição de cena: antes e depois do reconhecimento de Jesus por ela, isto é, a transição entre o que precede o v.14 e a cristofania dos v.15-18.²⁶⁰ O uso constante da partícula καί cria uma cadência e conexão entre as cenas da narrativa, assim como a sua unidade.

O uso da raiz “κύριος/*Senhor*” marca o início, meio e fim da perícopes. Nos v.13d e v.18c, κύριόν, no acusativo, refere-se respectivamente ao corpo de Jesus que havia sumido, contrastando o início da narrativa com o Senhor ressuscitado no final desta. O vocativo κύριε, no v.15g, é um elemento central dessas duas ocorrências, e serve de elo entre o corpo morto e o ressuscitado que também antecipa o reconhecimento de Maria Madalena de que o jardineiro é Jesus ressuscitado, no v.16c (παββουvi).

3.4.8

Estrutura literária Retórica Semítica

Pode-se pensar o texto em três grandes momentos: a) a busca de Maria Madalena pelo corpo do Senhor e o diálogo dela com desconhecidos (v.11-15); b) o reconhecimento de Jesus e seu ensinamento (v.16-17); c) ida e anúncio de Maria Madalena aos discípulos (v.18). A estrutura, condensada dentro de um quadro,

²⁵⁹ MALHADAS, D.; CONSOLIN, M. C. C.; NEVES, M. H. M., καὶ, Dicionário Grego-Português, p. 519.

²⁶⁰ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1469

encontra-se no início do capítulo quarto. A opção em trazê-la nesta disposição se dá pelo fato de que em seguida ela é comentada em suas subdivisões.

No primeiro momento, Maria Madalena é retratada por meio de sua angústia diante do sepulcro e do desaparecimento do corpo de Jesus. É nesse contexto que ela vê e dialoga com dois anjos que ladeiam o local onde jazia o corpo de Jesus. O diálogo é iniciado pelos anjos que desejam saber o motivo do seu choro. Ela expõe os motivos, mas não lhe é oferecida uma contra-resposta. A cena é interrompida pela presença de uma terceira pessoa que chama a atenção de Maria Madalena e que repete a pergunta dos anjos. Ela novamente expõe seus motivos e presume que o suposto jardineiro tenha tirado o corpo do Senhor.²⁶¹ Ela indaga onde ele o colocou e explica que ela vai buscá-lo.

O narrador busca contextualizar a cena, nos v.11-12, os diálogos com os anjos e com Jesus ocorrem nos v.13 e v.15 e a voz do narrador localiza-se novamente, no v.14, em uma espécie de adendo sobre o não reconhecimento de Maria Madalena de que o homem seria Jesus. O segundo momento é marcado por três acontecimentos importantes: a) pela fala de Jesus e o reconhecimento de Maria Madalena de que ele, de fato, é o Senhor; b) Jesus proíbe que Maria Madalena o retenha e justifica o motivo; c) o envio e a catequese voltada para os discípulos. A fala do narrador serve ao diálogo, ajudando a intercalar as falas dos personagens e explicar alguns elementos obscuros para o ouvinte-leitor. Prevalecem os diálogos entre Jesus e Maria Madalena e os ensinamentos voltados para a comunidade dos discípulos.²⁶²

O terceiro momento conclui a visita de Maria Madalena ao sepulcro, enfatizando a sua ida aos discípulos e o seu testemunho de que viu o Senhor. Maria Madalena é nomeada no v.1 e no v.18, início e desfecho da descoberta do sepulcro vazio com a aparição do ressuscitado a ela. A expressão “Vi o Senhor” (v.18c), na voz ativa, interrompe o discurso indireto dos v.18ab.²⁶³ No v.18d, o narrador conclui a narrativa. O narrador apresenta a primeira testemunha da ressurreição,

²⁶¹ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 686. Para R. Bultmann, Maria Madalena, equivocadamente, pensa que Jesus seria o jardineiro e que, possivelmente, teria removido o corpo para outro lugar. Esta falsa percepção e conclusão seria análoga aos mal-entendidos e incompreensões em Jo 7,35; 8,22, assim como οὐκ ᾔδει lembra ao ouvinte-leitor de Jo 2,9 e da ignorância de Pedro em Jo 13,7 e dos discípulos em Jo 16,18. É possível que Jesus esteja presente e, ainda assim, uma pessoa não o reconheça até que sua palavra chegue até ela. Assim também δοκοῦσα ὅτι tem paralelos em Jo 11,13; 13,29.

²⁶² CASNEDA, A., *Giovanni 20*, p.167.

²⁶³ COLWELL, E. C., *The Greek of the Fourth Gospel*, p. 113.

uma mulher com uma missão dada por Jesus: levar a notícia de sua ressurreição. Na verdade, Maria Madalena foi testemunha ocular dos acontecimentos do *kerigma* primitivo, isto é, ela testemunhou a paixão, morte, e ressurreição de Jesus.²⁶⁴

Introdução (v.11)

- Maria Madalena diante do sepulcro chorando (v.11ab)
- Chorando, Maria Madalena inclina-se e olha para dentro do sepulcro (v.11cd)

A busca de Maria Madalena pelo corpo do Senhor e o diálogo com desconhecidos (v.12-15)

- Maria Madalena vê dois anjos (v.12abc)
 - diálogo com os anjos (v.13)
- Maria Madalena *percebe* a presença de outra pessoa (v.14)
 - diálogo com o “jardineiro” (v.15)

O reconhecimento de Jesus e seu ensinamento (v.16-17)

- Jesus chama Maria pelo nome (v.16a)
- Maria Madalena reconhece Jesus (v.16bc)
- Narrador explica o termo aramaico *Raboni* (v.16d)
- Justificativa e ensinamento de Jesus exclusivamente a Maria Madalena (v.17bc)
- Envio de Maria Madalena e catequese de Jesus aos “irmãos” (v.17def)

Ida e anúncio de Maria Madalena aos discípulos (v.18)

- Maria Madalena sai para anunciar aos discípulos (v.18ab)
- Vi o Senhor! [fala em primeira pessoa] (v.18c)
- Complemento do narrador sobre o conteúdo do anúncio (v.18d)

Introdução

O v.11 é uma espécie de introdução contendo duas partes (v.11ab). A primeira descreve o estado emocional de Maria Madalena, ela chora, pois está triste; e onde ela se localiza geograficamente na cena, próxima ao sepulcro (v.11a). A segunda parte reforça que ela está chorando, seu ânimo é enfatizado mais uma vez. A sua postura abaixada é descrita para mostrar o interesse de Maria Madalena em

²⁶⁴ TOMMASO, W. S., Maria Madalena, p. 31. Para W. S. Tommaso, os evangelistas citaram Maria Madalena na descrição histórica de Jesus porque ela é a testemunha-chave da morte, do sepultamento, do sepulcro vazio e da revelação da ressurreição de Jesus. Esses fatos demonstrariam também sua coragem diante das autoridades romanas e judaicas da época.

achar o corpo de Jesus (v.11b). O substantivo “μνημεῖον/*sepulcro*” é repetido duas vezes v.11ab. As duas referências diretas a este local evidenciam a preocupação do evangelista em descrever Maria Madalena em relação a este local. Esta introdução faz referência a Maria Madalena duas vezes, uma direta (v.11a) e uma indireta (v.11b).

A busca de Maria Madalena pelo corpo do Senhor e o diálogo com desconhecidos (v.12-15)

Diálogo com os anjos (v.12-13)

Maria Madalena vê dois anjos de branco. Não há uma expressão de espanto ou de surpresa com esta cena. A figura dos dois anjos parecem ser uma espécie de *adorno*, testemunhando que o corpo de Jesus se encontrava naquele local. Ela busca algo que não se encontra mais ali. A iniciativa do diálogo parte dos anjos com a pergunta “mulher, por que choras?”, no v.13b. A pergunta conecta a visão que Maria Madalena tem dos anjos dentro do sepulcro com o objeto de sua procura: o corpo de Jesus. Percebe-se que na primeira parte deste bloco, a ênfase se encontra nos anjos, todavia o pano de fundo é demarcado pelo tema do corpo procurado por Maria Madalena. Na segunda parte do bloco, o foco passa a ser estritamente o corpo de Jesus.²⁶⁵ Nota-se que a pergunta dos anjos, no v.13b, reflete uma insistência no sentimento de Maria Madalena.²⁶⁶

Diálogo com o “jardineiro” (v.14-15)

O diálogo de Maria Madalena com os anjos é interrompido bruscamente pela presença de Jesus, uma vez que não há uma resposta dos anjos à indagação de Maria Madalena a eles. Esta falta de interação pode caracterizar a figura dos anjos, como dito, como um *adorno* à sepultura, uma vez que eles não desencadeiam nenhuma ação ou reação em Maria Madalena. Ao perceber a presença de alguém, o foco da cena é desviado para o novo personagem. Neste momento da narrativa, nota-se um contraste literário: o narrador explicita que a nova presença é de Jesus ressuscitado, todavia, Maria Madalena não percebe isso e o confunde com um

²⁶⁵ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 203.

²⁶⁶ Há 6 referências diretas e indiretas aos anjos neste bloco (v.12a; v.12b (3x); v.13a; v.13c) e 5 referências diretas e indiretas de Maria Madalena (v.12a; v.13b; v.13c; v.13d; v.13e) e 3 referências ao corpo de Jesus (v.12c; v.13d; v.13f).

jardineiro. Assim como os anjos, a iniciativa do diálogo parte de Jesus.²⁶⁷ Ele faz a mesma pergunta presente no v.15b: “mulher, por que choras?”, porém Jesus acrescenta o elemento retórico que complementa a pergunta, no v.15b: “A quem buscas?”.²⁶⁸ No v.15g, Maria Madalena responde ao jardineiro chamando-o “κύριε/senhor”. Ela se dirige a seu interlocutor de uma forma respeitosa e sem intenção confessional, todavia pode-se pensar que o autor inseriu uma espécie de prolepse daquilo que está por vir: o reconhecimento do ressuscitado que está diante de Maria Madalena seguida pela sua confissão de fé (v.16c). Neste bloco, nota-se a presença de uma informação que o narrador fornece ao leitor, mas que é ignorada pela personagem.²⁶⁹

O vocábulo “ποῦ/onde” ocorre 3 vezes no texto (v.12c.13f.15i). A primeira ocorrência da conjunção adverbial de lugar marca uma posição indefinida e irrestrita no espaço, referência a uma posição: “onde”, “onde quer que seja”.²⁷⁰ As demais ocorrências de “ποῦ” são uma referência interrogativa a uma posição – “onde?”.²⁷¹ Todas as ocorrências referem-se ao corpo de Jesus. Nesta passagem há um triplice movimento verbal ligado ao corpo, que descreve duas ações para o jardineiro no imaginário de Maria Madalena: “ἐβάστασας/removeste” (v.15g); “ἔθηκας/puseste” (v.15i) e uma ação diretamente ligada a ela “ἂρῶ/levarei, removerei” (v.15j). As palavras de Maria Madalena mostram seu desespero e compromisso com o corpo de Jesus.²⁷² Ela busca encontrá-lo e intenciona até mesmo removê-lo sozinha. Mesmo que isso pareça inviável, ela se propõe a realizar esta tarefa.²⁷³

O reconhecimento de Jesus e seu ensinamento (v.16-17)

Maria Madalena reconhece Jesus (v.16c)

Jesus chama Maria Madalena pelo nome. Neste momento, ela o reconhece como “Raboni/mestre”. Maria Madalena que até então conversava com Jesus pensando que era o jardineiro, não o reconheceu pela voz, mas, somente no

²⁶⁷ GARRIDO, J., *Lectura y relectura de Juan, el discípulo*, p. 181.

²⁶⁸ Esta pergunta remete ao episódio do chamado de André, em Jo 1,38.

²⁶⁹ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, v. IV (capítulos 18–21), p. 157

²⁷⁰ LOUW, J.; NIDA, E., ὅπου, p. 712 (83.5).

²⁷¹ LOUW, J.; NIDA, E., ποῦ, p. 712 (83.6).

²⁷² CASNEDA, A., *Giovanni 20*, p. 203.

²⁷³ Segundo a lei judaica, tocar um cadáver deixava a pessoa impura por sete dias (Nm 19,11; Lv 21,11) devendo esta purificar-se após o contato com o morto. Maria Madalena não se importa com isso, mas em dar dignidade ao corpo de Jesus.

momento em que ele pronuncia seu nome, seja pela entonação ²⁷⁴, seja pelo jeito de se referir a ela, algo que denota uma intimidade entre os dois e revela uma dimensão de oralidade não possível de apreender por meio do texto escrito. Nota-se novamente a necessidade de se abrir um canal de diálogo entre o narrador e o ouvinte-leitor por meio da explicação do significado do termo *Raboni*, não traduzido literalmente “meu mestre”, mas pelo significado usual “*διδάσκαλε/mestre*”. Ao ouvir seu nome, Maria Madalena volta-se para Jesus e declara o seu reconhecimento. Esse movimento de corpo não parece ser necessário uma vez que já dialogavam, mas a intenção do autor por trás desta descrição talvez possa indicar que ela estava apegada ao passado, mas que ao reconhecer Jesus ressuscitado, ela adquire a fé pascal.

Justificativa e ensinamento de Jesus exclusivamente a Maria Madalena (v.17bc)

O texto deixa uma lacuna narrativa entre a fala de Maria Madalena, no v.16d, e a resposta de Jesus, no v.17b. Algo que não foi narrado teria acontecido neste intervalo, uma vez que Jesus refuta o que parece ser uma intenção de toque por parte de Maria Madalena. O v.17a-c mostra uma espécie de interlúdio entre a fala de Maria Madalena, no v.16d, e a ordem expressa de Jesus, no v.17b, “não me retenhas”. Este vazio pode, de certa forma, ser considerado *texto* enquanto pode ser preenchido pela imaginação do ouvinte-leitor. No entanto, o *texto em si* nada diz, ficando implícito que a advertência de Jesus antecede qualquer ação de Maria Madalena e impede qualquer intenção de sua parte.²⁷⁵ Jesus explica o motivo de sua proibição: ele ainda não subiu “junto ao Pai” (v.17c). A justificativa é direcionada exclusivamente a Maria Madalena e, também possui um tom de ensinamento. Deste modo, pode-se dizer que Maria Madalena não é apenas a primeira testemunha do ressuscitado, mas também a primeira a receber o seu ensinamento: o de que ainda não subiu “junto ao Pai”.

Ensinamento e catequese de Jesus para junto aos “irmãos” (v.17d)

A partir do v.17d, em forma de envio, Jesus profere uma catequese destinada aos irmãos (discípulos) e a Maria Madalena. Ele explica que ascenderá ao Pai (e

²⁷⁴ TAMEZ, E., Las mujeres em el movimiento de Jesús, p. 166.

²⁷⁵ BARRET, C. K., The Gospel according to St John, p. 470. Barret afirma que o imperativo negativo indica a interrupção de uma ação já em andamento ou a tentativa de realizar uma ação.

Deus) e partilha a filiação divina com seus discípulos/as. Com o uso dos pronomes pessoais em primeira pessoa do singular, “meu”, e segunda pessoa plural, “vosso”, cria-se um paralelismo entre os v.17fa.17fb; conectado ao termo “pai”²⁷⁶ e v.17fg.17fd conectados ao termo “Deus”.²⁷⁷

Jesus deseja mostrar que com sua ascensão, ele eleva a humanidade à condição de filhos de Deus. Doravante, o Pai de Jesus é pai dos crentes e o Deus de Jesus é o Deus dos crentes. A segunda Pessoa da Santíssima Trindade em sua glória, é exaltado como Deus pelo Pai. A ressurreição confirma a divindade de Jesus. Jesus ensina que a partir de agora, ele se fará presente de outra forma. Ele é o mesmo Jesus, mas aparece de modo diferente.²⁷⁸

Ida e anúncio de Maria Madalena aos discípulos (v.18)

Maria Madalena permaneceu no mesmo lugar, próximo ao sepulcro, desde o v.11. Ao receber a ordem do ressuscitado, nos v.17d e v.18a, ela *entra em ação*: sai e anuncia aos irmãos. No v.18c, a fala de Maria Madalena interrompe a do narrador, em uma curta sentença em primeira pessoa,²⁷⁹ que de forma emblemática, resume toda a narrativa de Jo 20,11-18 e igualmente revela a importância desta personagem. O narrador volta, no v.18d, para dar continuidade ao relato e de forma genérica ao conteúdo que Jesus transmitiu a Maria Madalena voltado à comunidade dos discípulos.

3.5.

Gênero literário

O gênero literário de Jo 20,11-18 pode ser identificado como uma narrativa permeada por três diálogos, contendo uma visão, uma revelação com um

²⁷⁶ Referente a discípulos/irmãos existem 3 referências diretas (v.17d; v.17e; v.18b) e 3 indiretas (v.17f^b; v.17f^d; v.18d); 2 referências diretas a Pai (v.17f^a.17f^b) e 2 referências diretas a Deus (v.17f^c.17f^d).

²⁷⁷ GRASSO, S., Giovanni, p. 102. No Evangelho de João, Jesus é aludido à escada de Jacó “...e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem” (Jo 1,51); se autoproclama à porta e ao caminho. Ele diz que quem o viu, viu o Pai. Isto significa que Jesus é o mediador entre os homens e o Pai, é através dele, de seu exemplo, de sua vida que o homem e a mulher têm acesso ao Pai. Ele é escada que sobe, a porta que abre e o caminho que leva a humanidade ao Pai celestial. Os seres humanos se tornam filhos no Filho.

²⁷⁸ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição, p. 244-245. A ressurreição ocorre dentro da história, mas a ultrapassa, inaugurando uma nova dimensão, habitualmente chamada de escatológica. A matéria é transformada num novo gênero de realidade. Jesus sobe para o Pai e passa a pertencer à esfera do divino, fora do tempo e na eternidade.

²⁷⁹ COLWELL, E. C., The Greek of the Fourth Gospel, p. 113.

ensinamento. O elemento narrativo é a base fundamental do texto de Jo 20,11-18. Além da predominância da terceira pessoa, tem-se a necessidade do narrador como personagem. O narrador dialoga diretamente com o ouvinte-leitor e introduz as falas das personagens, além de descrever os espaços, sentimentos, ações e informações que não são acessíveis apenas pelos diálogos. Percebe-se que os diálogos, apresentados em três sequências, são evidenciados pelo emprego das segundas e primeiras pessoas. Os diálogos de Maria Madalena se dão com os anjos (v.12-13), com o “jardineiro” (v.14-15) e com Jesus (v.16-17), ocupando a maior parte da narrativa, no entanto, sempre intermediadas pela voz do narrador.

O conteúdo dos diálogos indica elementos que são características de relatos de visão, mas que não são propriamente um gênero literário, e sim dão ao texto um tom de revelação e de ensino. Especificamente nas visões, ocorre um contraste entre dois níveis do texto. Inicialmente, há uma narrativa que é interrompida quando o relato da visão tem início. Durante a visão, descreve-se o que acontece dentro dela. Após a conclusão da visão, a narrativa inicial é geralmente retomada. Além disso, a narrativa inicial engloba as reações do vidente, como medo, susto, alegria e a execução de ordens dadas durante a visão.²⁸⁰ Segundo Berger, “Depois de Jo 20,11-13, à visão com a pergunta dos dois anjos segue-se, nos v.14-17, a aparição do próprio Jesus; o que liga as duas fases é o típico ‘voltar-se’”.²⁸¹ O diálogo em Jo 20,13-16 é um caso especial de esclarecimento mais detalhado da identidade da figura principal, isto é, a interpretação do que era enigmático. Este é um exemplo de um texto no qual se esclarece a identidade de um personagem antes desconhecido²⁸², neste caso, “o jardineiro” que na verdade é Jesus ressuscitado. Desta maneira, percebe-se que Jo 20,11-18 apresenta ao ouvinte-leitor uma narrativa que contém um relato de visão, mas que este não constitui o gênero deste texto, uma vez que este envolve uma “história” que se desenrola a partir da presença de Maria Madalena no sepulcro, sendo as visões esclarecimentos para a nova presença de Jesus entre os seus. Neste sentido, a perícopes poderia ser igualmente classificada como um relato de testemunho presencial.²⁸³

²⁸⁰ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 255.262.

²⁸¹ BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 257.

²⁸² BERGER, K., As formas literárias do Novo Testamento, p. 257.262.

²⁸³ GARCÍA, J. M., “La aparición de Jesús Resucitado a María Magdalena (Jn 20,11-18)”, p. 76

O texto apresenta grande uso do presente histórico, típico das narrativas. No grego antigo, este tempo verbal é usado principalmente na narrativa de eventos passados que são majoritariamente relatados no imperfeito ou no aoristo do indicativo. O aoristo abrange os principais eventos históricos, enquanto o imperfeito fornece informações secundárias, como as circunstâncias envolvidas nos eventos. O fluxo desses eventos pode ser interrompido por um presente do indicativo, chamado de presente histórico ou narrativo. Essa forma verbal entra em conflito com sua função principal de indicar o presente, pois não pode descrever ações passadas. Seu uso específico tem efeitos particulares. Em algumas situações, o uso do presente cria uma sensação de “pseudo-presente” ou momento de narração fictício, fazendo o narrador agir como uma testemunha ocular.²⁸⁴

Percebe-se que o quarto evangelista se utiliza da narrativa, com grande uso do presente histórico com o objetivo de introduzir a revelação de Jesus ressuscitado, sua catequese a Maria Madalena e o seu envio aos discípulos. A partir das características do texto, pode-se dizer que Jo 20,11-18 é uma narrativa constituída por diálogos com elementos de relato de visão que apontam para a escatologia cristã.²⁸⁵ Pode-se também afirmar que a aparição de Jesus, nos v.14-18, trata-se de uma aparição de reconhecimento.²⁸⁶

3.6

Conclusão

Este capítulo apresentou a segmentação do texto grego, bem como sua tradução e notas de crítica textual com base na NA28. No geral, as decisões de manter o texto da NA28 são baseadas em evidências de manuscritos mais antigos e de maior concordância. As variantes são geralmente consideradas como tentativas de harmonizar ou de melhorar o estilo do texto original. A análise crítica do texto de Jo 20,11-18 reforça a importância da edição crítico-acadêmica de Nestle-Aland 28 como uma reconstrução confiável do Evangelho de João. Esta edição tem sido

²⁸⁴ RIJKSBARON, A., *Form and Function in Greek Grammar*, p. 9.402; SIKORSKI, C. F., *O presente histórico como estratégia oral na prosa de Andócides*, p. 100.

²⁸⁵ ANCONA, G., *Escatologia Cristã*, p. 220-221: “A escatologia cristã possui um poder construtivo. Ela provoca e obriga a sociedade a construir o presente histórico na lógica das promessas escatológicas”.

²⁸⁶ BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A., *Synopse des Quatre Évangiles*, p. 461. BERGER, K., *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 257.262.

fundamental para confirmar as variantes e leituras adotadas pelo comitê de avaliação.

Em seguida, no tópico “Notas Filológicas”, estudou-se as várias raízes verbais e substantivos no texto, com a análise do significado e a importância dessas palavras no contexto do de Jo 20,11-18. Essas observações filológicas contribuíram para uma compreensão mais profunda da perícopes em questão e dos detalhes linguísticos e semânticos nela contidos.

Posteriormente, comenta-se que Jo 20,1-11 faz parte do contexto literário que aborda a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus (Jo 19,25.40-42; 20,1-2). Mostra-se a delimitação do texto, sua estrutura literária, com foco nas aparições de Jesus ressuscitado, nos Sinóticos, os ciclos pascais e a localização de Jo 20,11-18 no Quarto Evangelho. Em seguida, define-se o contexto anterior próximo (Jo 20,1-10) e o contexto posterior próximo (Jo 20,19-29). Percebe-se que a perícopes estudada é uma unidade narrativa que prepara a transição para um novo cenário e tempo na história. Apresenta-se alguns elementos internos que favorecem a unidade de Jo 20,11-18, que contribuem igualmente para a coesão e para a unidade da perícopes, ajudando a criar uma narrativa fluida e coesa. Essas observações contribuem para uma melhor compreensão do contexto e de sua estrutura.

Mostra-se que a estrutura literária e retórica semítica do texto reflete uma progressão da narrativa, destacando a transformação de Maria Madalena, de uma figura aflita e confusa, para a primeira testemunha da ressurreição e *receptora do* ensinamento de Jesus sobre sua relação com Deus. Evidenciou-se a *ir* feminina no testemunho e no anúncio da ressurreição aos discípulos.

O gênero literário de Jo 20,11-18 pode ser identificado como uma narrativa permeada de diálogos, contendo uma visão, uma revelação, com um ensinamento e envio. A narrativa se desenvolve por meio de três diálogos envolvendo Maria Madalena e outros personagens, com uma ênfase especial na revelação de Jesus ressuscitado e de seu ensinamento. O narrador desempenha um papel importante, introduzindo as falas das personagens, descrevendo os espaços e fornecendo informações que não são acessíveis apenas pelos diálogos. Tendo considerado os passos desde a delimitação até o gênero literário de Jo 20,11-18, passa-se aos comentários desta perícopes.

4

Comentário à perícopes de Jo 20,11-18

Os comentários desta perícopes levam em consideração a divisão de uma estrutura segundo os critérios da Análise Retórica Bíblica Semítica, estruturada entre: Introdução (v.11); a busca de Maria Madalena pelo corpo do Senhor e os diálogos (v.12-15); o reconhecimento de Jesus e seu ensinamento (v.16-17); ida e anúncio de Maria Madalena aos discípulos (v.18). Para tanto, oferece-se uma estrutura global do texto, em formato de tabela, para, em seguida, comentar seus trechos. Na estrutura, valoriza-se especialmente as duas principais figuras narrativas: **Jesus**, o ressuscitado, e a **Mulher**, Maria Madalena; bem como os verbos que sinalizam os movimentos e o diálogo entre ambos:

¹¹**MARIA**, porém, **estava de pé** *diante* do sepulcro, **fora**, chorando.
Enquanto, pois, chorava, *inclinou-se* para o sepulcro

¹²e **VÊ** **dois anjos** de branco, *sentados*, um junto à cabeça
e um junto aos pés, *onde* jazia o corpo de **JESUS**.

¹³E **dizem-lhe** aqueles: **MULHER**, por que choras?
Diz-lhes: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.

¹⁴**Dito** estas coisas, *virou-se* para trás
e **VÊ JESUS**, que **estava de pé**, mas **não sabia** que é **JESUS**.

¹⁵**Diz-lhe JESUS**: **MULHER**, por que choras? **A quem buscas**?
Aquele, *pensando* que é o jardineiro, **diz-lhe**:

Senhor, se tu o **removeste**, **dize-me**, onde o **puseste** e eu o **levarei**.

¹⁶E diz-lhe **JESUS:** **MARIA!**
Virando-se, aquela **disse-lhe** em hebraico: **Raboni!**
Que quer **dizer**: **Mestre**.

¹⁷**Diz-lhe** **JESUS:** Não me retenhas,
porque ainda **não subi** **junto** ao PAI.
Mas **vai** **junto** a meus irmãos e **dize-lhes**:
Subo **junto** a meu PAI e vosso PAI,
e meu DEUS e vosso DEUS.

¹⁸**Foi** **MARIA** **MADALENA**
anunciando aos discípulos: “**Vi o Senhor!**”.

E estas coisas (Jesus) **disse** a ela.

4.1

Introdução: v.11

Μαρία δὲ εἰστήκει πρὸς	<i>11a</i>	Maria, porém, estava de pé diante
τῷ μνημείῳ ἔξω		do sepulcro, fora,
κλαίουσα.	<i>11b</i>	chorando
ὥς οὖν ἔκλαιεν	<i>11c</i>	Enquanto, pois, chorava
παρέκυσεν εἰς τὸ μνημεῖον	<i>11d</i>	Inclinou-se para o sepulcro

Em sentido narrativo, o evangelista não explica como ou o motivo de Maria Madalena retornar ao sepulcro, no v.11. Parece que a narrativa não segue uma ordem cronológica, mas se desenvolve de forma temática, ressaltando a dimensão

da fé pascal.²⁸⁷ Percebe-se que as duas cenas envolvendo Maria Madalena no sepulcro (v.1-2 e v.11-13) não podem ser facilmente reconciliadas e sugerem a existência de duas tradições distintas: os v.1-2 representariam uma determinada tradição mais breve, enquanto os v.11-13 representariam outra. A repetição da declaração de Maria Madalena sobre o desaparecimento do Senhor da sepultura (Jo 20,2.13) e a descontinuidade entre as duas cenas (Jo 20,1-2.11) parecem indicar que ambas testemunham tradições distintas.²⁸⁸

No entanto, a forma canônica da narrativa pode ser compreendida a partir da temática da permanência de Maria Madalena no sepulcro. Mesmo, que a presença de Maria Madalena junto ao sepulcro, no v.11a, não esteja diretamente relacionada ao evento anterior, pode ser associada ao v.1. Deste modo, é razoável supor que Maria Madalena tenha retornado ao sepulcro depois que os discípulos saíram e permaneceu nas proximidades. A utilização do verbo “εἰστήκει/*permaneceu, estava de pé*” corrobora este argumento.²⁸⁹

A raiz verbal “ἵστημι/*permanecer, estar de pé*” é utilizada para descrever que Maria Madalena se encontrava de pé, diante do sepulcro (v.11a) e também indica, em outra perícopes, que ela estava aos pés da cruz (Jo 19,25).²⁹⁰ Maria Madalena se encontrava diante do sepulcro após a partida de Pedro e do Discípulo Amado, segundo a narrativa anterior (Jo 20,10). A raiz verbal ἵστημι é muito frequente no Novo Testamento, ocorre cerca de 155 vezes. No Evangelho de João, as 20 ocorrências²⁹¹ revelam dimensões semânticas distintas, indicando tanto a presença de alguém em meio de um grupo de pessoas, assim como a sua permanência, seja para indicar a importância de uma liderança ou, de forma passiva, a escuta e a acolhida de sua pregação; a raiz verbal pode indicar também o estar de

²⁸⁷ ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni, p. 930.

²⁸⁸ GIBERTI, G., I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni, p. 79-80.

²⁸⁹ LAGRANGE, M. J., Évangile selon Saint Jean, p. 509.

²⁹⁰ REINECKER, F.; ROGERS, C., Chave Linguística do Novo Testamento Grego, p. 191.

²⁹¹ Jo 1,26 – João diz que há alguém no meio deles que não conhecem; Jo 1,35 – estava ali João (no Jordão) viram Jesus caminhando; Jo 3,29 – parábola do noivo, onde o amigo está presente e se alegra; Jo 6,22 – multidão permanecia com Jesus; Jo 7,37 – Jesus de pé disse à multidão; Jo 8,3 – e colocando a mulher adúltera no meio; Jo 8,44 – imagem sobre o diabo não permaneceu na verdade; Jo 12,29 – na oração ao Pai, Jesus fala sobre a glória, multidão estava ali; Jo 18,5 – Quando Jesus é preso, Judas estava (ali) com eles; Jo 18,16 – Pedro ficou junto à porta, de fora; Jo 18,18 – estavam ali / Pedro ficou parado/de pé aquecendo-se; Jo 18,25 – Pedro ficou parado/de pé aquecendo-se; Jo 19,25 – mulheres estavam de pé junto à cruz; Jo 20,11 – Maria Madalena estava junto ao sepulcro (de pé) chorando; Jo 20,14 – Jesus de pé (quando mostra-se como jardineiro); Jo 20,19 – Jesus aparece, pondo-se no meio dos discípulos; Jo 20,26 – Jesus aparece, pondo-se no meio dos discípulos (com a presença de Tomé); Jo 21,4 – Jesus ficou de pé/pôs-se na praia.

pé, para evidenciar justamente a presença como sinal de importância, mesmo de glória, (Jo 12,29), ou de exposição e desprezo, como é o caso da mulher adúltera (Jo 8,3); pode ser utilizada igualmente de forma parabólica, como na história do amigo que se alegra com a felicidade do noivo (Jo 3,29), ou para ilustrar imagens como a do diabo, que não permaneceu na verdade (Jo 8,44). Da mesma forma que Judas permanece no mesmo local quando Jesus é preso (Jo 18,5), as mulheres permanecem junto à cruz quando o Mestre é morto, indicando uma resiliência tanto negativa quanto positiva da parte dos seus discípulos. Esta “ambiguidade” da raiz verbal estabelece uma ligação especial com Pedro, que permanece em busca de Jesus, após a sua prisão, mas não tem coragem de assumir a sua conexão de discípulo com o mestre quando este é questionado (Jo 18,16.18.25). Isto pode se estender igualmente à “não-permanência” dos outros discípulos nos momentos decisivos e difíceis, que antecedem e se desenvolvem na paixão do Senhor. Talvez, este seja o motivo da raiz verbal estar presente também nas aparições de Jesus aos discípulos (Jo 18,19.26), e em especial, na praia, em uma narrativa que enfatiza a necessidade de Pedro assumir, de fato, sua liderança para com a comunidade dos discípulos (Jo 21,4).

O permanecer de Maria Madalena revela, além de seu amor e fidelidade ao Mestre, a sua coragem.²⁹² “Permanecer” tem aqui o sentido de resistência diante das adversidades, revelando a dimensão ideal do discipulado das primeiras comunidades. Maria Madalena representa esta imagem, que retratada, de modo especial, nas mulheres do grupo, que estão presentes em todo o ministério de Jesus, e que permanecem junto a Jesus na cruz,²⁹³ assim como o Discípulo Amado. A figura do Discípulo Amado tem a função de ser modelo para um discipulado ideal, especialmente para Pedro, no Quarto Evangelho;²⁹⁴ Maria Madalena assume na narrativa de Jo 20,11-18 igualmente esta função para a comunidade. A distinção, no entanto, é que o Discípulo Amado parece ser uma idealização final de como os

²⁹² MAIA, G. L., Maria Madalena p. 54.

²⁹³ WINKETT, L., Go Tell! Thinking About Mary Magdalene, p. 29-30. Winkett, publicou em 2002 o artigo Go Tell! Thinking About Mary Magdalene, sobre Maria Madalena, contando sua história e como podemos interpretá-la. Ela assevera que o Evangelho de João destaca que Maria Madalena desempenhou um papel significativo nos últimos dias de Jesus, estando presente em sua morte (Jo 19,25), e visitando seu sepulcro após sua crucificação. Ela foi fiel, não se escondeu por medo (Jo 20,1-18) como os discípulos (Jo 20,19). Jesus a instrui a não ficar em silêncio, mas a falar e ensinar seus irmãos (Jo 20,17-18). Maria Madalena é uma figura bíblica que transcende estereótipos e oferece um modelo de discipulado notável.

²⁹⁴ UTRINI, H. C. S., Discípulo ou rival? A imagem de Simão Pedro no Quarto Evangelho a partir de Jo 21,1-14, p. 608.

discípulos devem ser, enquanto em Maria Madalena, revela-se o processo e o desenvolvimento gradual até a adesão incondicional à vida e aos ensinamentos do ressuscitado.²⁹⁵

Maria Madalena “estava de pé diante do sepulcro”, o que não apenas descreve sua localização física, mas também simboliza sua confrontação com a realidade da morte. No entanto, a ambiguidade da situação impede de chegar a uma compreensão imediata sobre o desaparecimento do corpo. Ela chega na ausência de luz, o que simbolicamente pode indicar que faltava algo em sua experiência de fé que será lhe desvelado ao longo do relato.²⁹⁶

O uso dos advérbios de lugar incorpora ao texto detalhes importantes sobre a localização de Maria Madalena: ela se encontra “πρός/diante, junto a” e “ἐξω/fora” do sepulcro. Estes detalhes parecem ser uma contraposição à entrada dos discípulos (v.6.8). Pode-se dizer que Maria Madalena contempla uma realidade que não pode mais ser sustentada, isto é, a morte não prevaleceu, no entanto, ela ainda não consegue perceber totalmente esta dimensão.

O v.11bc traz a raiz verbal “κλαίω/chorar”. A repetição da raiz indica que o choro de Maria Madalena é uma dimensão relevante para a narrativa, expondo um lamento, que ressoa como uma indignação, diante do desrespeito com os mortos (v.15) e ao mesmo tempo o estado de comoção e tristeza.²⁹⁷ A ênfase neste estado de tristeza fortalece o contraste da experiência com o ressuscitado. É uma espécie de prolepse literária que prepara a narrativa para o encontro de Maria Madalena e Jesus. O choro indica também uma condição de fragilidade, mas que não retira dela o seu protagonismo e o exercício corajoso diante do desaparecimento do corpo de Jesus, sendo também uma expressão da sua força. A ênfase no choro de Maria Madalena evidencia a valorização da cultura judaica na manifestação da dor em vez de sua repressão.²⁹⁸

A raiz verbal παρακύπτω, de acordo com a sua derivação, sugere principalmente um olhar para algo que não está imediatamente na linha de visão, que pode ser visto esticando-se ou inclinando-se e, “quando usado figurativamente, implica um olhar rápido e superficial, nunca o contrário”.²⁹⁹ Este verbo ocorre 5

²⁹⁵ GUZMÁN, C. P., “He visto al Señor” (Jn 20, 18a), p. 50.

²⁹⁶ VELANDIA COCUNUBO, W. F., Una nueva mujer para una nueva sociedad, p. 35.

²⁹⁷ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 374.

²⁹⁸ KEENER, C. S., Comentario del Contexto cultural de la Biblia, p. 314,

²⁹⁹ MOULTON, J. H.; MILLIGAN, G., παρακύπτω, p. 486.

vezes no NT, sendo duas vezes neste capítulo (Jo 20,5.11). O significado original é “curvar-se para olhar”, “olhar para dentro”.³⁰⁰ O verbo conjuga uma dimensão postural (inclinarse) e um estado sensorial (olhar).³⁰¹ Maria Madalena se inclina para olhar dentro do sepulcro. Essa ação demonstra não apenas seu interesse e busca de compreensão, mas também uma atitude de reverência e curiosidade. Ela não apenas se curva, mas direciona seu olhar para dentro do sepulcro. Isso reflete sua tentativa de entender a situação visualmente, de captar os detalhes e obter informações sobre o que aconteceu com o corpo de Jesus.

A mesma raiz verbal, no contexto do Quarto Evangelho, é atribuída ao Discípulo Amado, destacando sua sensibilidade, interesse profundo e capacidade de perceber o significado dos eventos, como a ressurreição de Jesus.³⁰² Em Jo 20,1-2, Maria vê a pedra do sepulcro removida, no entanto a narrativa omite qualquer ação ligada ao olhar dentro do sepulcro, mesmo que isto pareça implícito, uma vez que ela anuncia aos discípulos o desaparecimento do corpo do Senhor.

A raiz παρακύπτω relaciona-se primeiramente com o Discípulo Amado que chegou primeiro ao sepulcro, mas, ao contrário de Pedro, ele não entra imediatamente. Em vez disso, ele se inclina para olhar dentro do sepulcro (Jo 20,5). Sua postura sugere a mesma atitude de curiosidade e contemplação buscando uma compreensão mais profunda da situação, além de reconhecer a importância do momento, pois ao ver os panos e entrar no sepulcro, ele acredita (Jo 20,6).

A dupla ocorrência de “μνημεῖον/sepulcro” (Jo 20,11^[2x]) indica ou reafirma a situação de morte, mas, como característico do evangelista, se coloca de forma ambígua, uma vez que existe o local do corpo, mas não há o corpo. Sepulcro se torna um lugar de transição e de desvelamento.

4.2

A busca de Maria Madalena pelo corpo do Senhor e o diálogo com desconhecidos: v.12-15

καὶ θεωρεῖ δύο ἀγγέλους ἐν λευκοῖς	12a	E vê dois anjos de branco,
καθεζομένους, ἓνα πρὸς τῇ κεφαλῇ	12b	sentados, um junto à cabeça e um
καὶ ἓνα πρὸς τοῖς ποσίν		junto aos pés,

³⁰⁰ BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G., παρακύπτω, p. 29.

³⁰¹ BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G., παρακύπτω, p. 29.

³⁰² MAIA, G. L., Maria Madalena, p. 54.

ὅπου ἔκειτο τὸ σῶμα τοῦ Ἰησοῦ.	12c	Onde jazia o corpo de Jesus.
καὶ λέγουσιν αὐτῇ ἐκεῖνοι:	13a	E dizem-lhe aqueles:
γύναι, τί κλαίεις;	13b	“Mulher, por que choras?”
λέγει αὐτοῖς	13c	Diz-lhes:
ὅτι ἦραν τὸν κύριόν μου,	13d	“Porque levaram o meu Senhor,
καὶ οὐκ οἶδα	13e	e não sei
ποῦ ἔθηκαν αὐτόν.	13f	onde o puseram”.
Ταῦτα εἰποῦσα	14a	Dito estas coisas,
ἐστράφη εἰς τὰ ὀπίσω	14b	virou-se para trás
καὶ θεωρεῖ τὸν Ἰησοῦν	14c	E vê Jesus
ἐστῶτα	14d	Que estava ³⁰³ de pé
καὶ οὐκ ᾔδει	14e	Mas não sabia
ὅτι Ἰησοῦς ἐστίν.	14f	que é Jesus.
λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς	15a	Diz-lhe Jesus:
γύναι, τί κλαίεις;	15b	“Mulher, por que choras?”
τίνα ζητεῖς;	15c	A quem buscas?”.
ἐκεῖνη δοκοῦσα	15d	Aquela pensando
ὅτι ὁ κηπουρός ἐστίν	15e	que é o jardineiro
λέγει αὐτῇ	15f	diz-lhe:
κύριε, εἰ σὺ ἐβάστασας αὐτόν,	15g	“Senhor, se tu o removeste ³⁰⁴
εἰπέ μοι	15h	dize-me
ποῦ ἔθηκες αὐτόν	15i	onde o puseste
κάγω αὐτόν ἄρῶ.	15j	e eu o levarei”.

A partir da ação de Maria Madalena de olhar para dentro do sepulcro, segue-se um novo momento na narrativa onde novos personagens são apresentados. Os dois anjos sentados³⁰⁵ são descritos com vestes brancas,³⁰⁶ indicando uma realidade sobrenatural, cuja forma se assemelha à presente nos Evangelhos Sinóticos. No entanto, a narrativa possui uma especificidade na qual os elementos de localização

³⁰³ O verbo se encontra no particípio perfeito, a tradução na língua de chegada “estava de pé” mantém a ideia de algo que aconteceu e continua acontecendo.

³⁰⁴ Mesmo campo semântico e tradução para “levar”, porém trata-se de remover algo pesado como um corpo.

³⁰⁵ CLARK-SOLES, J., *Mary Magdalene*, p. 635. Segundo Clarke-Soles, em João, os anjos e a revelação da identidade de Jesus coexistem (Jo 1,51; 12,29). Jesus está sentado em Jo 4,6 (possivelmente ecoando a narrativa sobre Jacó no poço) e na narrativa da morte de Lázaro, Maria, que está sentada, enquanto Marta sai correndo para encontrar Jesus (Jo 11,20). Segundo o autor, parece que aqueles que permanecem sentados de forma ativa, proclamatória e emocional têm uma chance de encontrar Jesus de maneira transformadora.

³⁰⁶ CLARK-SOLES, J., *Mary Magdalene*, p. 635. De acordo com Clarke-Soles, o vocábulo “λευκός/branco” aparece apenas em Jo 4,35, na história da mulher samaritana em que Jesus declara que os campos estão “brancos para a colheita”, isto é, “maduros para a colheita”. A mulher samaritana é a primeira evangelista pré-ressurreição na narrativa e Maria Madalena é a primeira evangelista pós-ressurreição.

espacial possuem característica simbólica. Se por um lado, chama a atenção a não reação de Maria Madalena a esta visão, uma vez que não há indicação de espanto, medo ou admiração; por outro, a figura dos dois anjos como uma espécie de *adorno*, testemunham que o corpo de Jesus se encontrava naquele local.³⁰⁷

Para McCarthy, a ausência de medo dos anjos sugere que o autor não pretende que esta seja uma angelofania, mas que a história está focada no encontro de Maria Madalena com o ressuscitado.³⁰⁸ A precisão da descrição dos elementos espaciais da cena conecta a imagem dos anjos, diante da pedra do sepulcro, com a dos querubins da arca da aliança, dando ao ouvinte-leitor uma impressão de sacralidade e teofania. A necessidade de explicitar a presença de dois anjos pode estar relacionada com a narrativa da paixão na qual Jesus foi crucificado ao lado de dois ladrões.³⁰⁹ A dupla dimensão narrativa, ou seja, a perspectiva de Maria Madalena e a dos anjos, realça que o protagonismo da narrativa não está nas figuras angélicas, mas em Maria Madalena, tornando esta narrativa única, se comparada aos Sinóticos.³¹⁰

O v.12 é marcado por uma mudança no tempo verbal, no qual a dimensão do presente narrativo é transformada em um indicativo imperfeito, que reforça retoricamente o sentido do verbo ἔκειτο, como um indicador de algo que não pode ser mais compreendido no presente. O corpo de Jesus não está mais no sepulcro e esta realidade é definitiva. A expressão “ὅπου ἔκειτο τὸ σῶμα τοῦ Ἰησοῦ/*onde estava o corpo de Jesus*” (v.12c) é uma explicação do que Maria Madalena vê, e através dela, o narrador reintroduz o tema da busca pelo corpo de Jesus na narrativa. A presença dos anjos no sepulcro conecta Maria Madalena com o mundo divino e prepara o cenário para a aparição de Jesus.³¹¹ A presença dos anjos pode sugerir ainda que não foram os ladrões que levaram o corpo de Jesus e que o sepulcro não é dominado pela morte, mas pelo Deus vivo. Eles não resolvem o enigma do desaparecimento de Jesus, mas com sua pergunta, no v.13b, sugerem ao ouvinte-leitor e a Maria Madalena que a dor não é o que o momento presente exige.³¹² O

³⁰⁷ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, v. IV (capítulos 18–21), p. 157.

³⁰⁸ MCCARTHY, A., *John 20:11-18*, p. 56.

³⁰⁹ BERNARD, J. H., *A critical and exegetical commentary on the Gospel According to St. John*, p. 664. CLARK-SOLES, J., *Mary Magdalene*, p. 635.

³¹⁰ BARTOLOMÉ, J. J., *Cuarto Evangelio cartas de Juan*, p. 360.

³¹¹ KUNNATH, N., *L'Apparizione de Gesù a Maria di Magdala*, Gv 20, 1-18, p. 60.

³¹² BURGE, G. M., *The NIV Application Commentary. John*, p. 866.

verbo “κεῖμαι/deitar” e o substantivo “σῶμα/corpo” (v.12c) podem expressar duas realidades: jazer um corpo sem vida ou uma pessoa em repouso.³¹³

A partir do v.13 iniciam-se ciclos de diálogos que se inserem na estrutura narrativa predominante. No primeiro, a iniciativa do diálogo parte dos anjos com a pergunta: “mulher, por que choras?” (v.13b). A pergunta conecta a visão que Maria Madalena tem dos anjos dentro sepulcro com o objeto de sua procura: o corpo de Jesus. Percebe-se que o tema do corpo é reintroduzido na narrativa. Nota-se também que a pergunta dos anjos, no v.13b, reflete mais a insistência no sentimento de Maria Madalena do que na visão dos anjos.³¹⁴ O narrador reforça este tema como uma forma de enfatizar ao ouvinte-leitor o mistério do paradeiro do corpo, que parece ser mais obscuro para Maria Madalena do que para o ouvinte-leitor. A pergunta retórica dos anjos revela a situação inusitada e enigmática na qual a mulher se encontra: em sua perspectiva, busca um corpo morto, enquanto na perspectiva dos anjos, o seu choro se contrasta com a realidade da ressurreição de Jesus. Esta dupla dimensão narrativa leva ao desvelamento gradual desta realidade, na qual sempre o ouvinte-leitor está à frente da personagem. Com a resposta de Maria Madalena, no v.13d-f, revela-se a razão por trás do seu choro.³¹⁵ “Maria Madalena é uma personagem fragilizada pela dor, mas forte pelo amor que a impele a buscar o corpo do Senhor”.³¹⁶

O v.14 pode ser compreendido como uma espécie de interlúdio, no qual o narrador prepara o segundo ciclo de diálogo.³¹⁷ Sendo um versículo de transição, indica um novo foco à cena, na qual outro personagem é apresentado sob duas características, seguindo, como anteriormente, perspectivas distintas: para o ouvinte-leitor, o narrador revela que este novo personagem é o próprio Jesus; para

³¹³ HUBNER, H., *Exegetical Dictionary of the New Testament*, p. 280. Κεῖμαι aparece 24 vezes no NT, das quais 3 estão em Mateus, 6 em Lucas, 7 em João, 4 em Paulo e 1 em cada um em 1 Timóteo, 1 João e Apocalipse. Seu significado básico é deitar/estar deitado (pessoas e coisas), ser colocado, então menos definitivamente encontrar-se, existir, aparecer. De relevância teológica é o significado de ser destinado (por Deus), que é visto em Lc 2,34 (Jesus “está destinado à queda e ascensão de muitos em Israel”); Fl 1,16 (Paulo foi “posto em posição de defesa do Evangelho”); e 1Ts 3,3 (a Igreja está destinada às aflições escatológicas). Da mesma forma, em um texto apocalíptico, é usado nas palavras do Batista em Mt 3,10 em paralelo com Lc 3,9: “o machado já está posto à raiz das árvores”.

³¹⁴ Há 6 referências diretas e indiretas aos anjos neste bloco (v.12a; v.12b (3x); v.13a; v.13c) e 5 referências diretas e indiretas de Maria Madalena (v.12a; v.13b; 13c; v.13d; v.13e) e 3 referências ao corpo de Jesus (v.12c; v.13d; v.13f).

³¹⁵ KUNNATH, N., *L’Apparizione de Gesù a Maria di Magdala*, Gv 20, 1-18, p. 61.

³¹⁶ DE LUCAS, L.; TORRES, M. M. V., “Vi o Senhor”, p. 57.

³¹⁷ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 753.

Maria Madalena isto permanece obscurecido. O evangelista descreve a próxima ação de Maria Madalena com uma variedade de tempos verbais (particípio aoristo, indicativo aoristo passivo, indicativo presente, indicativo mais que perfeito) que capturam a tensão entre ação e cognição.³¹⁸ O v.14a conecta, deste modo, a cena de transição com a anterior, indicando que é imediatamente após o diálogo, na fala de Maria Madalena, que a nova cena de desenrola. A aparição de Jesus se dá justamente quando é esperada alguma resposta ou fala dele, algo que não ocorre. Deste modo, parece que a aparição de Jesus se torna a própria “resposta”, como mais um elemento que leva à compreensão cada vez mais clara desta nova realidade sobre Jesus.

A ação em evidência, no v.14b, (virar-se para trás) agrega às diversas raízes e vocábulos que indicam ações corporais no texto, principalmente as de Maria Madalena, mas que no v.14d, (estar de pé) está relacionada ao próprio Jesus. Um evidente contraste da posição do corpo deitado de Jesus, no v.12b. Tem-se, deste modo a contraposição entre morte e vida, que funciona retoricamente ao longo da narrativa.³¹⁹ Estar de pé é uma expressão de vitalidade. Ela procurava Jesus morto e inesperadamente encontra Jesus vivo.³²⁰ Um segundo conjunto de verbos, indica ações mais internas ligadas à compreensão de Maria Madalena sobre o episódio. O presente histórico “θεωρεῖ/ve”, indica a visão que Maria Madalena possui do “novo” personagem. Esta ação é complementada pela perspectiva de incompreensão indicada pela expressão “καὶ οὐκ ᾔδει ὅτι Ἰησοῦς ἐστίν/mas não sabia que é Jesus”, criando um contraste entre o ver e o compreender, como uma das etapas do processo de desvelamento iniciado deste a descoberta do sepulcro vazio.

Percebe-se que em toda a perícopa há o uso do singular para expressar a ideia de “saber” (οἶδα), algo que contrasta com o v.2, na qual a expressão é de cunho coletivo, referindo-se que as mulheres não sabiam onde se encontrava o corpo de Jesus (οἶδαμεν – Jo 20,2). No v.14, é o narrador que indica que Maria não sabia que o personagem que surge era o Mestre, redirecionando o “saber” para o reconhecimento da pessoa de Jesus (v.14f; v.15de). Para Lagrange, a escolha do

³¹⁸ BRANT, J. A. A., John, p. 269.

³¹⁹ KUNNATH, N., L’Apparizione de Gesù a Maria di Magdala, Gv 20, 1-18, p. 60.

³²⁰ WENGST, K., Il Vangelo di Giovanni, p. 733; MAGGI, A. A loucura de Deus, p. 120.

verbo “οἶδα/sei” em vez de “οἶδαμεν/sabemos” se dá porque Maria Madalena é questionada pessoalmente.³²¹

O verbo “buscar” (também referido a Jesus em Jo 1,38; 6,24-26; 13,33) é sempre carregado de valor teológico em João.³²² O caráter de uma pessoa (ou grupo) é determinado pelo que busca,³²³ desta forma, a pergunta “τί ζητεῖτε;/que buscais?” (Jo 1,38), feita já no início da missão de Jesus a André e ao seu companheiro, discípulos do Batista, expressa a busca pelo sentido da existência.³²⁴

A estrutura interrogativa se desenvolve de modos distintos ao longo do Evangelho. Ora a raiz ζητέω indica a ação da multidão que “busca/procura” por Jesus, não pelos seus sinais, mas pelo “pão” (Jo 6,24.26);³²⁵ ainda, os que de forma incipiente “buscam/desejam” a própria glória, mas deveriam entender a glória de quem os enviou (Jo 7,4.18); mesmo os discípulos que buscavam pelo Mestre, mas que não o compreendiam plenamente (Jo 7,34.36; 13,33); os poderosos que ao presumir inocência, buscavam libertar o Mestre (Jo 19,12); no entanto, a maior incidência está na ação de busca por Jesus como um meio de condená-lo ou de levá-lo à morte (Jo 5,18; 7,1.11; 8,21; 11,56; 18,4.7-8). Deste modo, Jo 20,15c demarca a última ocorrência da raiz ζητέω no Quarto Evangelho e, de certa forma, emoldura a narrativa com o início de João (Jo 1,38), concluindo o tema da busca do sentido da vida por meio do encontro pessoal com o ressuscitado.³²⁶ A pergunta do v.15c inaugura um novo início, em que Maria Madalena é a primeira escolhida por Jesus para testemunhar sua nova forma de presença e de comunhão com a comunidade.

Na sentença “ἐκεῖνη δοκοῦσα ὅτι ὁ κηπουρός ἐστιν/aquela pensando que é o jardineiro”, a raiz δοκέω indica que Maria Madalena faz inferências com aquilo que lhe é possível pressupor, mas acaba por chegar a conclusões incipientes e, aparentemente, não válidas.³²⁷ A atribuição do personagem como um “κηπουρός/jardineiro” pode estar relacionada com a descrição do lugar no qual o sepulcro se encontrava (Jo 18,1.26; 19,41), no entanto, narrativamente, é curioso que ela não tenha pressuposto nada a respeito das duas figuras angélicas do primeiro ciclo de diálogo.

³²¹ LAGRANGE, M. J., Évangile selon Saint Jean, p. 510.

³²² POPPI, A., I Quattro Vangeli, p. 673.

³²³ CLARK-SOLES, J., Mary Magdalene, p. 636.

³²⁴ MANNS, F., Sinfonia Sponsale nel Vangelo di Giovanni, p. 214.

³²⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 260.

³²⁶ KUNNATH, N., L'Apparizione di Gesù a Maria di Magdala, Gv 20,1-18, p. 63.

³²⁷ GRASSO, S., Giovanni, p. 764.

Maria Madalena, enquanto modelo de fé pré-pascal, encontra-se em um processo de desvelamento, que ainda permanece conectado à memória do que foi vivido no passado. No seu ponto de vista, diante do desaparecimento do corpo de Jesus, é justo que este deva ser respeitado e retornar ao lugar ao qual julga que pertence.³²⁸ Pode-se pensar que a cena do v.15 não é realista, pois como Maria Madalena sozinha removeria o corpo de Jesus?³²⁹

Percebe-se, no v.15, um movimento verbal no qual interagem os dois protagonistas do diálogo (Jesus e Maria Madalena), mediado pelo narrador. Em relação ao primeiro diálogo com os anjos, não há um desenvolvimento como se encontra neste momento. O ritmo narrativo é enérgico: percebe-se isto por causa das frases curtas e repletas de verbos de movimento. A mediação do narrador torna-se não apenas circunstancial ou descritiva, mas necessária, de modo mais amplo, pois além de percorrer a cena externamente, ele evidencia o pensamento e os sentimentos internos dos personagens, como alguém que possui um conhecimento “onisciente” sobre aquilo que é narrado (v.15de). Jesus indaga sobre quem ela procura e Maria Madalena responde em nível de compreensão ainda incipiente, considerando que “o jardineiro”, com quem dialoga, possa ter retirado o corpo daquele local. As ações são descritas em nível condicional e hipotético (v.15g), mas demonstram a plausibilidade para a personagem de que tais ações são viáveis, mesmo que para o ouvinte-leitor estas pareçam improváveis (v.15j). Ao mesmo tempo, a urgência destas ações é expressa pela sentença imperativa “εἰπέ μοι/dize-me”, cuja raiz λέγω raramente, com exceção do narrador, é utilizada na perícopie pelos personagens (v.15j e v.17e).

O emprego da raiz verbal “βαστάζω/remover (algo pesado), levar embora”, no v.15g, leva a algumas questões: ela é um sinônimo de “αἶρω/levar, carregar, levar embora, remover”, porém pode indicar a ação de remover algo relativamente pesado, como um corpo. O evangelista pode ter empregado este verbo para enfatizar a relação de oposição entre “αἶρω/ levar, erguer” e “τίθημι/colocar, deitar”.

O uso do verbo βαστάζω pelo evangelista supõe que Maria Madalena atribuiu ao suposto “jardineiro” o trabalho árduo de remover um corpo,³³⁰ pois outra

³²⁸ KUNNATH, N., L'Apparizione di Gesù a Maria di Magdala, Gv 20,1-18, p. 63.

³²⁹ HAENCHEN, E., John 2, p. 209.

³³⁰ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni. Parte seconda, p. 391.

raiz (αἶψα) é utilizada para indicar que ela será a agente da ação de remoção do corpo, isentando o homem de um novo possível trabalho.³³¹

A incapacidade de reconhecimento de Maria Madalena revela o bloqueio de alguém que vivencia um momento de desespero e que por isso fica aprisionada numa ideia fixa, mesmo que absurda: encontrar o corpo e levá-lo embora (v.15j). Ela não pensa se é factível o que se propôs a fazer, pois como uma mulher sozinha poderia carregar um corpo? E mais, havia ela preparado um novo local para sepultá-lo? Ela sequer chegou a considerar as leis de impureza, pois quando se ama, nada é impuro. A suposição de Maria Madalena de que Jesus é o jardineiro (v. 15d-e) revela que, apesar de sua capacidade visual, ela não consegue enxergar a situação com clareza. Vale ressaltar que isso não implica que Jesus esteja disfarçado, mas sim evidencia as limitações da observadora.³³² Também pode-se concluir que ver Jesus ressuscitado não automaticamente leva à fé ou compreensão.³³³

Deus criou um jardim onde havia vida (Gn 2,8). Segundo o relato de João, Jesus foi crucificado num jardim e, também sepultado num jardim (Jo 19,41). “A dificuldade de Maria Madalena era encontrar a morte no lugar da vida. Por isso, pensando que fosse o jardineiro (alguém que cuida das coisas vivas), ela pergunta sobre a morte”.³³⁴ João liga o início primordial da criação com a redenção de Cristo.

Segundo a tradição bíblica, Deus coloca Adão no jardim para cuidar dele e fazer plantações, deste modo, Adão foi descrito como um jardineiro (Gn 2,15).³³⁵ A partir desta imagem veterotestamentária, parece que o evangelista utiliza de modo proposital o artigo definido para indicar que quem está presente em cena não é qualquer jardineiro, mas “o jardineiro”, sendo esta imagem uma combinação de ecos do jardim da criação e do jardim do Cântico dos Cânticos, em que Jesus, o verdadeiro jardineiro e o verdadeiro amado, encontra a amada personificada como Maria Madalena, símbolo da comunidade.³³⁶

O diálogo com o “jardineiro” (v.15e) pode ter sido utilizado também como uma refutação às acusações de roubo do corpo de Jesus daquele tempo, como atesta

³³¹ Assim como αἶψα significa levantar, levar embora, tirar, também βασιτάζω significa remover, levar embora, tirar de um lugar, mas com a provável implicação de ser algo relativamente pesado (Jo 20,15). LOUW, J.; NIDA, E., βασιτάζω; αἶψα; ἀναλαμβάνω, p. 186-187 (15.201; 15.203).

³³² LARSEN, K.B. Recognizing the Stranger, p. 200.

³³³ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p.1486.

³³⁴ MAZZAROLLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 206-207.

³³⁵ COLEMAN, W. L., Manual dos tempos e costumes bíblicos, p. 147.

³³⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 79.

Mt 28,13-15. O evangelista teria inserido o jardineiro na narrativa para rebater tais acusações e eliminar dúvidas.³³⁷ Maria Madalena não levou o corpo de Jesus (v.15j), mas levou o ressuscitado no coração, na fé e no anúncio aos discípulos. A pergunta subsequente de Jesus, “Quem procuras?”, é uma fórmula típica em narrativas desse gênero e tem o propósito de focar a atenção na pessoa que está se revelando.³³⁸ A narrativa parece demonstrar que mesmo quando o coração está cheio de amor por Jesus e há uma busca sincera por ele, isso não garante o reconhecimento imediato de sua presença.³³⁹

Os verbos “retirar” e “colocar” o corpo de Jesus, empregados, no v.15, por Maria Madalena poderiam refletir sua preocupação em encontrá-lo para dar-lhe um novo sepultamento. A pergunta ao jardineiro, “onde o colocaste?”, no v.15, corresponde à de Jesus em Jo 11,34, “onde o puseste?”, a respeito da sepultura de Lázaro.³⁴⁰

Em um sentido mais teológico, Jesus poderia ser tido como a figura da nova criação, no v.15. Ele, “o jardineiro” que conduz a humanidade em direção a um novo paraíso e à restauração do relacionamento com Deus, ecoando a história de Adão, que foi formado da terra e colocado por Deus no Éden com a responsabilidade de “cultivá-lo e guardá-lo” (Gn 2,15). Jesus, o novo Adão, oferece outra oportunidade para a humanidade retornar ao Éden.³⁴¹ A alusão ao jardim onde Jesus foi sepultado, simbolizaria o Paraíso e identificaria Jesus como o novo Adão que o recupera. Deste modo, o chamado para seguir Jesus é a condição fundamental para os discípulos alcançarem o lugar onde o Cristo ressuscitado está. Seguir Jesus é a essência da condição de discípulo.³⁴²

Dentro deste quadro, chega necessariamente a um ponto da narrativa em que algo novo deve ocorrer para que Maria Madalena compreenda quem é seu interlocutor, pois nem mesmo a aparição do jardineiro a levava a crer.³⁴³

³³⁷ BLANK, J., O Evangelho segundo João, p. 164-165.

³³⁸ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni. Parte seconda, p. 391-392.

³³⁹ BOOR, W., Evangelho de João II, p. 188-189.

³⁴⁰ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João, v. IV (capítulos 18–21), p. 157

³⁴¹ MCCARTHY, A., John 20:11-18, p. 56-57.

³⁴² BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A. Synopse des Quatre Évangiles, p. 464.

³⁴³ MATERA, F. J., Em João: Maria Madalena, Tomé e os outros, p. 708.

4.3

O reconhecimento de Jesus e seu ensinamento: v.16-17

λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς Μαριάμ.	16a	E diz-lhe Jesus: “Maria!”
στραφεῖσα	16b	Virando-se
ἐκεῖνη λέγει αὐτῷ Ἑβραϊστί	16c	aquela diz-lhe em hebraico:
ραββουνι,		“Raboni!”,
ὃ λέγεται διδάσκαλε.	16d	que quer dizer: Mestre.
λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς	17a	Diz-lhe Jesus:
μή μου ἄπτου,	17b	“não me retenhas,
οὕτω γὰρ ἀναβέβηκα πρὸς τὸν	17c	porque ainda não subi junto ao Pai
πατέρα		
Πορεύ ουδὲ πρὸς τοὺς ἀδελφούς ³⁴⁴	17d	mas vai junto a meus irmãos
μου		
καὶ εἶπὲ αὐτοῖς	17e	e dize-lhes:
ἀναβαίνω πρὸς τὸν πατέρα μου καὶ	17f	subo junto a meu Pai e vosso Pai e
πατέρα ὑμῶν καὶ θεὸν μου καὶ θεὸν		meu Deus e vosso Deus”.
ὑμῶν.		

O v.16a demarca uma quebra no diálogo anterior e o início de um novo movimento narrativo. O narrador insere o verbo λέγω para preparar a revelação que se segue de forma quase que imediata. A fala do narrador é complementada pela fala do próprio Jesus, em uma estrutura em que não há como distinguir claramente entre um personagem e outro.

Deste modo, pode-se dizer que este é um momento clímax da narrativa, no qual todas as atenções voltam-se para a fala de Jesus, que se limita apenas a uma única palavra, o nome de Maria. Neste tem-se a revelação de sua identidade e da relação de intimidade do Mestre para com Maria Madalena, uma vez que não é a voz em si que o identifica, mas o modo como ele se refere a ela. É importante notar que é sempre Jesus ressuscitado que se mostra para quem ele deseja.³⁴⁵

³⁴⁴ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 378. Irmãos está relacionado aos crentes, os “μαθηταῖς/discípulos”, presente no v.18b.

³⁴⁵ FABRIS, R., Giovanni, p. 777.

Percebe-se uma mudança na relação entre os personagens que está indicada pelo uso dos vocativos no texto: nos v.13b e v.15b é utilizado o vocábulo “γύναι/*mulher*” como uma referência respeitosa à figura de Maria Madalena, onde pode-se entender uma expressão que enfatiza a formalidade da relação. O vocativo “κύριε/*senhor*” com que Maria Madalena se dirige ao “jardineiro”, no v.15g, corrobora este argumento uma vez que este vocativo se refere igualmente a uma relação formal.³⁴⁶ Estes elementos formam um paralelismo semântico no qual os termos têm um sentido de correspondência. Da mesma forma, correspondem-se os vocativos “Μαριάμ/*Maria*”, no v.16a, e “παββουvi/*mestre*”, no v.16c. Nota-se que por meio destes vocábulos a estrutura formal dá lugar a uma forma de tratamento que revela intimidade e cumplicidade.³⁴⁷ Ambos os personagens se utilizam de termos aramaicos, que expressam um realismo na maneira como o evangelista descreve o acontecimento. Por meio da língua materna, o autor, parece buscar dar sentido ou avivar de forma mais profunda este encontro.³⁴⁸

Para a fé de Israel, a crença e o reconhecimento estão associados ao ato de ouvir. Maria Madalena não reconheceu Jesus ao vê-lo, mas o fez quando ele a chamou pelo nome. Isso é significativo na cultura semita, em que chamar alguém pelo nome indica uma espécie de posse ou conexão pessoal. Ao chamar Maria Madalena pelo nome, Jesus a identificou como “sua”, estabelecendo uma relação especial entre eles.³⁴⁹ Maria Madalena pode ser compreendida como parte do rebanho de Jesus: como a ovelha que ouve a voz do “Bom Pastor” (Jo 10,3-4e), ao mesmo tempo, percebe-se que ele a conhece profundamente, chamando-a pelo nome como alguém que é verdadeiramente conhecida e amada por ele.³⁵⁰

Quando Jesus chama Maria Madalena pelo nome, ocorre uma transformação profunda em sua compreensão. O uso do verbo “στρέφω/*virar-se, voltar-se*”, no v.16b, marca uma transformação na cena, em que a tristeza inicial de Maria Madalena se transforma em alegria ao reconhecer o ressuscitado. Pode-se considerar que o ápice da narrativa é o encontro e reconhecimento entre Maria Madalena e Jesus.³⁵¹ Ela se volta para ele, simbolizando uma conversão e um

³⁴⁶ LOUW, J.; NIDA, E., γυνή, p. 99 (9.34); LOUW, J.; NIDA, E., κύριος, p. 657 (87.53).

³⁴⁷ HENDRIKSEN, W., Comentário do Novo Testamento, p. 887; CARSON, D. A., The Gospel According to John, p. 504.

³⁴⁸ MOLONEY, F. J., Il Vangelo di Giovanni, p. 461.

³⁴⁹ SEBASTIANI, L., Maria Madalena, p. 221-222.

³⁵⁰ BOOR, W., Evangelho de João II, p. 189.

³⁵¹ BLANK, J., O Evangelho segundo João, p. 165.

chamado para acreditar em Cristo ressuscitado. Essa mudança também enfatiza a importância de contemplar Jesus com os olhos da fé.³⁵²

A raiz verbal “στρέφω/*virar-se, voltar-se*” é empregada nos v.14b.16b. No v.14b, “ἐστράφη εἰς τὰ ὀπίσω/*virou-se para trás*”, o aoristo denota uma ação física terminada. O ato de virar-se para trás pode indicar um sentido simbólico de que Maria Madalena ainda estava apegada ao passado. No v.16b, o particípio “στραφεῖσα/*virando-se*” parece denotar uma ação física e espiritual, uma nova realidade estava desvelando-se e Maria Madalena finalmente é capaz de compreendê-la. Santo Agostinho descreve esta dimensão: “Antes, mudada a posição do corpo, pensou no que não era; agora, mudado o seu coração, conheceu o que era”.³⁵³

Na narrativa do chamado dos primeiros discípulos em Jo 1,38, o evangelista utiliza o particípio “στραφεῖς/*virando-se*”, para descrever uma ação praticada por Jesus a eles. Jesus “στρέφω/*virando-se*” para os discípulos que o seguiam, lhes perguntou: “Que buscais?” e eles responderam “*Rabi, onde moras?*”. Em Jo 20,14b.16b, o movimento de virar-se é feito por Maria Madalena. Semelhantemente a Jo 1,38, o “jardineiro” pergunta “A quem buscas?” (v.15c). Assim como os discípulos desejam saber onde mora Jesus, Maria Madalena procura onde “habita o seu corpo”. Nota-se semelhança entre o tema do chamamento para o discipulado no início do ministério de Jesus. No contexto do chamado dos primeiros discípulos, ele coloca a si mesmo no centro da ação, e questiona a André e o outro discípulo: “que buscais?” e chama-os “ἔρχεσθε καὶ ὄψεσθε/*vinde e vereis*” e então “ἔμειναν/*permanecem*” com ele (Jo 1,38-39). Na narrativa de Jo 20,11-18, Maria Madalena é a primeira a quem o ressuscitado se dirige; foi ela quem testemunhou os seus sofrimentos e a sua morte permanecendo de pé junto à cruz. Agora, ela é a primeira a experimentar que a comunhão de Jesus com seus discípulos transcende os limites temporais. Parece que com o uso dos mesmos termos nas duas narrativas, o evangelista pretende relacionar o início do ministério de Jesus com os discípulos com o início da relação e missão do ressuscitado com a sua comunidade.³⁵⁴ Parece que ao longo do Quarto Evangelho, o ouvinte-leitor e os personagens na narrativa

³⁵² MCCARTHY, A., John 20:11-18, p. 58.

³⁵³ Citado por CASALEGNO, A., O Evangelho de João na interpretação dos Padres da Igreja e dos Teólogos Medievais, p. 294.

³⁵⁴ VAN TILBORG, S., Comentario al Evangelio de Juan, p. 413.

são conduzidos de um extremo a outro em busca do Senhor para segui-lo, no entanto, é Maria Madalena quem, ao final, encontra primeiramente o Senhor ressuscitado.³⁵⁵

Jesus se dirige a Maria Madalena falando seu nome na sua língua materna, a mesma forma com que costumava chamá-la ao longo de seu ministério.³⁵⁶ Em resposta, Maria se volta rapidamente e exclama *ραββουvi*, igualmente em aramaico, termo que significa literalmente “meu Mestre” e que carrega um profundo reconhecimento e reverência. Parece que o evangelista deseja evidenciar um traço de proximidade implícito no recurso à língua original empregado diálogo dos dois personagens.³⁵⁷ O termo *ραββουvi* compartilha semelhanças com *ῥαββί*, porém é um título mais distintivo, associado a alguns sábios notáveis como Gamaliel I e Gamaliel II, e às vezes até usado em referência a Deus.³⁵⁸

Dalman considera que João está certo ao interpretar *ραββουvi* como “*διδάσκαλε/mestre*” (v.16d). Ele afirma que segundo o contexto de João, ao usar esta forma de tratamento, Maria Madalena deseja retomar a antiga atitude para com o “mestre” que não lhe é permitida. Para Dalman, nesta narrativa do Evangelho de João, pode-se perceber indícios de que a comunidade primitiva evitou chamar Jesus de “nosso mestre” após a ressurreição. Ele havia sido exaltado ao trono de Deus.³⁵⁹ Por outro lado, Perez Millos afirma que no Quarto Evangelho é evidente que o termo *ραββουvi* é usado para descrever Jesus, o que está em consonância com a forma comum de se referir a ele como mestre. O que se destaca é que ela não o chama de rabino, título geral para todos os mestres, mas de *ραββουvi* derivado de *ραββουν* ou *ραββαν*, que significa “grão-mestre”.³⁶⁰ O vocábulo *ραββουvi*, ou *ραββονvi*, significa “meu mestre” e é usado em referência a Jesus no Novo Testamento, principalmente em Jo 20,16.

O Evangelho de João traduz *ραββουvi* como “Mestre”, tanto em Jo 1,38, quanto em Jo 20,16.³⁶¹ Esta análise destaca a complexidade da expressão “*ραββουvi*” e como sua interpretação pode variar. A forma grega *ραββονvi* é usada no contexto de Jesus ressuscitado, e ela é vista como uma saudação carinhosa,

³⁵⁵ LANDRIVON, S., Maria Maddalena, p. 101.

³⁵⁶ BRUCE, F. F., João, p. 332.

³⁵⁷ MOLONEY, F. J., Il Vangelo di Giovanni, p. 461.

³⁵⁸ HENDRIKSEN, W., Comentário do Novo Testamento, p. 887.

³⁵⁹ DALMAN, G., The Words of Jesus, p. 340.

³⁶⁰ PÉREZ-MILLOS, S. Juan, p. 1765.

³⁶¹ CARSON, D. A., The Gospel According to John, p. 507-508.

possivelmente uma forma diminutiva de afeto, como “meu querido rabi”. Alguns argumentam que essa saudação expressa a afeição de Maria por Jesus. No entanto, alguns autores, como Brown, consideram que ao traduzir *ραββουνι* para o grego como “Mestre”, a mesma tradução dada para *ῥαββί* (Jo 1,38), não indica necessariamente o elemento afetivo da saudação. Chama a atenção que ao longo do Evangelho de João, os vocábulos relacionados com *ῥαββί* são de forma majoritária pronunciadas por homens para Jesus.³⁶² O único caso no qual uma mulher o pronuncia ocorre em Jo 20,16, por Maria Madalena, por meio da forma aramaica *ῥαββουνί*.³⁶³

A figura do narrador é cada vez mais evidente na narrativa, uma vez que ele não apenas cria as mediações de fala, mas interpola explicações direcionadas ao ouvinte-leitor ideal.³⁶⁴ Pode-se imaginar que o público que teve contato com o texto teve necessidade de compreender determinadas características das línguas utilizadas por Jesus em seu círculo mais íntimo. Nota-se que o narrador continua a se utilizar do presente narrativo como forma de apresentar uma narrativa mais vívida, como se tudo estivesse ocorrendo naquele instante em que se narra. De fato, parece que o objetivo do Quarto Evangelho é esclarecer que Jesus é o Filho de Deus, e por sua paixão, morte e ressurreição redime e eleva a humanidade à condição de filhos, e por meio do seu Espírito, permanece no meio dos seus. Esta é uma verdade permanente e fundamental para os crentes de todas as épocas.³⁶⁵

λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς	17a	Diz-lhe Jesus:
μή μου ἄπτου,	17b	“não me retenhas,
οὐπω γὰρ ἀναβέβηκα πρὸς τὸν πατέρα	17c	porque ainda não subi junto ao
		Pai
Πορεύου δὲ πρὸς τοὺς ἀδελφούς ³⁶⁶ μου	17d	mas vai junto a meus irmãos
καὶ εἰπὲ αὐτοῖς	17e	e dize-lhes

³⁶²Jo 1,38.49; 3,2.25; 4,31; 6,25; 9,2; 11,8.

³⁶³BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1464.

³⁶⁴ GRASSO, S., Giovanni, p. 753.

³⁶⁵BARRET, C. K., The Gospel according to St John, p. 471.

³⁶⁶ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 378. O vocábulo “irmãos” está relacionado aos crentes, ou seja, aos “μαθηταῖς/discípulos”, conforme o v.18b.

ἀναβαίνω πρὸς τὸν πατέρα μου καὶ 17f subo junto a meu Pai e vosso
 πατέρα ὑμῶν καὶ θεὸν μου καὶ θεὸν Pai e meu Deus e vosso Deus”.
 ὑμῶν.

O v.17a abre-se com a fala do narrador que introduz as palavras de Jesus para Maria Madalena. O mesmo verbo que é utilizado pelo narrador, λέγω, é também utilizado, no v.17e, mas de modo distinto. Enquanto, no v.17a, é uma introdução ao discurso de Jesus, em 17e, faz parte do mandato de Jesus para Maria Madalena, por meio do imperativo presente “εἰπέ/dize”.

No v.17b, após ser reconhecido por Maria Madalena, Jesus a impede de tocá-lo, o que pode sugerir que ela estava prestes a fazê-lo. A Vulgata e alguns comentaristas modernos traduzem o v.17b como “não me toques”, mas o significado exato e mais preciso seria “não me toques mais”, ou seja, “não me segures”, “não me retenhas”.³⁶⁷ Isto pode ser explicado pelo fato de que, com a ressurreição, Jesus entrou em um “estado celestial” que não permite o retorno das relações anteriores com ele.³⁶⁸ Jesus ressuscitou, mas ainda não ascendeu ao Pai. Para alcançar sua glorificação não basta apenas a ressurreição, mas também o retorno ao Pai.³⁶⁹ Embora a ação de tocar não seja explicitamente mencionada, no v.17b, Jesus diz a Maria Madalena para *não o reter*. Ele fornece uma justificativa para essa “proibição”, atestada pela conjunção adverbial causal “γάρ/porque, mas”, declarando “ainda não subi junto ao Pai”. Isso pode indicar que Jesus está em um estado de transição e que Maria Madalena não deve impedi-lo neste processo.³⁷⁰

Há a interpretação de que a expressão μή μου ἄπτου poderia aludir ao abraço de Maria Madalena após o reconhecimento do Mestre, no entanto, à luz da preposição causal, parece ser mais coerente interpretar a interdição com a semântica de “retenção”; uma vez que sublinha o possível efeito da ação de Maria Madalena sobre Jesus. Neste sentido, destaca-se a necessidade da proibição não pelo fato do possível toque de Maria Madalena ser um impeditivo para a ascensão, mas pela

³⁶⁷ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 304-305; FABRIS, R; MAGGIONI, B., Os Evangelhos II, p. 482.

³⁶⁸ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição, p. 245. O que corresponde ao processo de transição histórica, como defende Ratzinger. A ressurreição tem início na história, e até certo ponto, pertence a ela. Ultrapassa a história e deixa o seu rastro nela, por isso pode ser atestada por testemunhas como um evento de qualidade totalmente nova.

³⁶⁹ WIKENHAUSER, A., El Evangelio según San Juan, p. 506-507.

³⁷⁰ GRASSO, S., Giovanni, p. 753.

necessidade dela compreender a nova relação com o Mestre, que emerge a partir do evento da ressurreição.³⁷¹ Deste modo, o significado geral de μή μου ἄπτου parece estar vinculado à segunda parte da declaração do ressuscitado.³⁷² Esta é composta de dois elementos distintos e ao mesmo tempo complementares: a) a ascensão de Jesus ao Pai (v.17c); e b) o envio de Maria Madalena aos “irmãos” (v.17d).

Maria Madalena, assim como Tomé (Jo 20,24-29), testemunha a transição da vida terrena de Jesus para sua vida ressurreta. Embora ela anseie pelo retorno do relacionamento anterior, Jesus estabelece um novo tipo de conexão com ela, semelhante ao que os crentes ressuscitados poderão experimentar no futuro (Jo 3,16; Jo 3,36; Jo 5,21; Jo 14,2-3). Em vez de restaurar o relacionamento anterior, Maria Madalena é enviada como testemunha da ressurreição. Contrariando a convenção cultural que desconsiderava o testemunho das mulheres, Jesus a envia, usando aos destinatários o termo “ἀδελφός/*irmãos*”, para se referir aos discípulos, não mais aos familiares, como ocorre em outras partes do Quarto Evangelho (Jo 20,18; 21,23).³⁷³ Depreende-se que assim como Jesus ressuscitado estabelece uma relação de progressiva intimidade, que culmina em um novo modo de relacionamento entre ele e Maria Madalena,³⁷⁴ tal condição se estende igualmente para com aqueles que nele acreditam. Percebe-se que esta abertura à fé através do encontro pessoal com Jesus culmina no reconhecimento do ressuscitado quando este permite-se ver. Desta forma, o crente percorre o itinerário de fé participando cada vez mais profundamente no mistério pascal.

Sabe-se que a expressão imperativa “μή μου ἄπτου/*não me retenhas*” é umas das mais debatidas na interpretação de Jo 20,11-18. Além das distintas variantes textuais, a expressão apresenta dificuldades de interpretação dentro do contexto da narrativa. Bernard confronta as dificuldades presentes no v.17 e menciona a possibilidade de uma corrupção textual. A posição do “μου/*me*” poderia variar, e a leitura do manuscrito original poderia ter sido simplesmente “μή ἄπτου/*não toques*” sendo ela própria uma corruptela de um “μή πτόου/*não temas*”. O verbo πτόου encontra-se na segunda pessoa do singular, presente do imperativo médio-passivo

³⁷¹ BARRET, C. K., *The Gospel according to St John*, p. 470. Segundo Barret, o uso do advérbio temporal “γάρ/*ainda*”, no v.17c, pode sugerir implicitamente que seria possível e permitido tocar em Jesus após sua Ascensão, mas não antes. No entanto, isso contraria o que ocorre em Jo 20,27, quando Jesus não proíbe Tomé de tocá-lo; pelo contrário, ele o convida a fazê-lo.

³⁷² CASNEDA, A., *Giovanni 20*, p. 193.

³⁷³ JOBES, K. H., *John Through Old Testament Eyes*, p. 366-367.

³⁷⁴ PIKASA, X.; CALLE, F., *La Teología de los Evangelios de Jesus*, p. 472.

do verbo *πτοέω* que é a forma contrata de “*πτοω/temer*”. Partindo desta hipótese, este versículo pode ser comparado tematicamente com Mt 28,9-10 no qual as mulheres são surpreendidas pela visão do ressuscitado, e assustadas, se prostram e recebem a declaração de Jesus para que não se assustem.³⁷⁵

A expressão “*μή μου ἄπτου*” parece aludir à compreensão de que os cristãos tiveram da *ressurreição* como uma *exaltação*. Estes dois conceitos apontam um fato que ocorre simultaneamente, mas que são separados no relato para dar espaço para a compreensão humana do mistério. Somente, neste sentido mistagógico, no Quarto Evangelho, o ressuscitado seria compreendido como o “exaltado”. A cronologia, por exemplo, presente em At 1,3 marca a distância de 40 dias entre a ressurreição e a ascensão. No Terceiro Evangelho, a ascensão ocorre no mesmo domingo da ressurreição (Lc 24,51).³⁷⁶

Por exigência histórica para a obra da salvação, Jesus precisa avançar; o Espírito assumirá o seu papel (Jo 14,16-17). Este não é um momento para sentimentalismos; pelo contrário, Jesus exige ação. A presença que a comunidade deve esperar é aquela que o estabelecerá entre eles quando tiver sido glorificado.³⁷⁷ Dada as limitações impostas pelo Judaísmo do primeiro século ao testemunho das mulheres, é significativo o fato de Jesus confiar a mensagem a Maria Madalena.³⁷⁸

A proibição de Jesus a Maria Madalena, com o imperativo “não me retenhas!” pode causar estranheza ao ouvinte-leitor.³⁷⁹ Sua fala não contém mais o tom de antes (v.16a-c). Além disso, pode-se interpretar que Jesus estabelece uma hierarquia vertical quando afirma a ela que está no processo de ascensão e não é mais possível manter um relacionamento neste mundo.³⁸⁰ Por outro lado, percebe-se que Jesus contrabalança o distanciamento com uma linguagem pessoal e familiar. No v.17d-f, Jesus ordena que ela vá aos irmãos transmitir a notícia de sua ascensão e partilha da sua filiação divina. Jesus mostra a Maria Madalena que mesmo afastando-se fisicamente, seu vínculo espiritual e familiar com seus seguidores se

³⁷⁵ BERNARD, J. H., A critical and exegetical commentary on the Gospel According to St. John, p. 667-668.

³⁷⁶ LOZANO, E., M. En El Principio era la Vida, p. 446.

³⁷⁷ BOUYER, L., El cuarto Evangelio, p. 298.

³⁷⁸ KÖSTENBERGER, A., John, p. 520.

³⁷⁹ CHAMBERLAIN, W. D., Gramática exegética do grego neo-testamentário, p. 110. Segundo Chamberlain, o imperativo negativo sugere a interrupção de uma ação em curso.

³⁷⁹ SÁNCHEZ, S. C., Evangelio de Juan, p. 356.

³⁸⁰ GARCIA PEREZ, J. M.; PEREIRA, N. B. “Não me toques” ou “Não me busques”?, p. 184.

mantém.³⁸¹ Além disso, pode-se inferir que Jesus refuta o apego de Maria Madalena não para rejeitá-la, mas para redirecioná-la para o anúncio à comunidade, da qual ela é a primeira testemunha e apóstola. Jesus lhe dá uma missão que não elimina a distância entre eles, mas torna esta nova realidade compreensível: o seu Deus é também o Deus de todos; seu Pai também é o Pai de todos. Maria Madalena deve anunciar e ela mesma ser testemunha desta nova realidade.³⁸² Na figura de Maria Madalena, que no encontro inesperado com o ressuscitado se torna sua testemunha, o evangelista pretende mostrar o caminho a seguir também para a sua comunidade.³⁸³

Percebe-se ecos de Rt 1,16 em Jo 20,17, tanto na estrutura binária, como o uso dos pronomes pessoais (explícitos e implícitos), assim como a temática desenvolvida parece indicar certa dependência do evangelista a esta narrativa. Em Rt 1,16, nota-se uma estrutura que se assemelha a uma profissão de fé, pois Rute declara a Noemi que a partir daquele momento, ela faria parte do povo de Israel e adoraria ao seu Deus, enfatizando, como motivo, sua estreita ligação com sua sogra, Noemi. Em Jo 20,17, o contexto é “invertido”, uma vez que é Jesus ressuscitado quem declara que com o seu retorno ao Pai, a relação de intimidade que se estabelece entre ele e a comunidade é essencialmente de filiação. Diferente de Rute, que livremente faz a adesão ao Deus de Israel, aqui é o Deus de Israel que assume, no Filho, a comunidade em sua vida. Deste modo, pode-se perceber que o uso de Rt 1,16 é uma tentativa de criar uma estrutura invertida, na qual a gratuidade da adoção filial culmina na ressurreição, na compreensão desta e na continuidade na missão de Jesus pela comunidade, por meio do Espírito Santo (Jo 19–21).³⁸⁴

Igualmente, percebe-se que existe uma dimensão comunitária em ambos os textos, uma vez que Rute ingressa no povo e na fé de Israel, enquanto Maria Madalena torna-se mediadora da mensagem de Jesus para os discípulos, tornando-os filhos do Pai e “novo povo” de Deus.³⁸⁵ No entanto, tal dimensão comunitária necessita anteriormente de uma relação individualizada, marcada pela proximidade, afetuosidade e cumplicidade. A adesão de Rute só é possível por causa do seu amor

³⁸¹ SPENCER, F. S., ‘You just don’t understand’ (Or Do You?), p. 44. Spencer reconhece aqui um eco do Livro de Rute, pois assim como o vínculo espiritual e familiar entre Noemi e Rute permanece, o vínculo entre Jesus e Maria Madalena continua de modo mais profundo e espiritual.

³⁸² SPENCER, F. S., ‘You just don’t understand’ (Or Do You?), p. 44-45.

³⁸³ WENGST, K., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 731.

³⁸⁴ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 378.

³⁸⁵ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 378.

por Noemi, de modo parecido, a busca de Maria Madalena é antes de qualquer coisa, a busca pelo seu amado, *Raboni*, a quem acompanhou desde a Galileia. Esta dimensão de cumplicidade é anterior ao conteúdo da revelação de fé, ou mesmo, da dimensão doutrinal.

(Rt 1,16)

ὁ λαός σου/*o seu povo*
λαός μου/*meu povo*
καὶ ὁ θεός σου/*e o seu Deus*
θεός μου/*meu Deus*

(Jo 20,17)

τὸν πατέρα μου/*o meu Pai*
καὶ πατέρα ὑμῶν/*e vosso Pai*
καὶ θεόν μου/*e meu Deus*
καὶ θεὸν ὑμῶν/*e vosso Deus*

Para alguns autores, no v.17cf, deve ser evidenciado uma diferença semântica entre ἀναβέβηκα e ἀναβαίνω. A forma verbal ἀναβαίνω (v.17f) poderia indicar que a subida do ressuscitado não era ainda definitiva, ou seja, havia um processo, enquanto ἀναβέβηκα (v.17c) supõe uma volta permanente de Jesus ao Pai.³⁸⁶

A expressão “ἀναβαίνω/*subo*” deve ser tomada como um presente contínuo, referindo-se à ideia de que ele estava em um processo de ascensão. O Pai de Jesus é também o Pai dos irmãos de Cristo; no entanto, a expressão utilizada não é “nosso Pai”, pois as razões pelas quais os discípulos podem se dirigir a Deus como seu Pai são diferentes daquelas que permitem que Jesus o faça. Daí a estrutura “meu Pai” e “vosso Pai”.³⁸⁷

Mateos e Barreto consideram que a distinção semântica entre as duas formas verbais se dá pelo emprego do tempo verbal. Enquanto ἀναβέβηκα encontra-se no perfeito, ou seja, uma ação acabada, ἀναβαίνω encontra-se no presente-ativo, isto é, uma ação que está acontecendo, em andamento ainda no presente.³⁸⁸ A forma verbal ἀναβαίνω corresponde à sua ida para “junto ao Pai” (v.17f), ou seja, com a finalidade enviar o Espírito aos discípulos, como prometido (Jo 1,13; 3,6; 15,26; 20,22). Deste modo, ἀναβαίνω seria um processo de realização da humanidade, em que Jesus acompanha os discípulos (Jo 14,18); e, por isso, caracteriza-se por sua contínua vinda (Jo 20,19.26;21,13.22; 14,3.28).³⁸⁹ A subida definitiva, ἀναβέβηκα,

³⁸⁶ LOUW, J.; NIDA, E., ἀναβαίνω, p. 177 (15.101). No Novo Testamento há 82 ocorrências para a raiz verbal verbo “ἀναβαίνω/*subir*” que, geralmente, pode expressar a ação de “subir”, um movimento para cima podendo ter praticamente todo tipo de gradação, como subir geograficamente, subir em algo ou em um monte ou mesmo ascender.

³⁸⁷ TASKER, R. V. G., The Gospel According to St. John, p. 225.

³⁸⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 83-84.

³⁸⁹ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 83-84.

é mencionada apenas duas vezes (Jo 3,13; 20,17c). Com essa imagem, o evangelista indica que o processo de realização da humanidade chegará ao seu termo e alcançará sua plenitude. Jesus continua vindo (Jo 21,22), mas haverá um momento em que deixará de vir para que a sua “subida definitiva” aconteça (Jo 3,13; 20,17c) e com ela, a nova humanidade seja realizada.³⁹⁰

Percebe-se que a ênfase na palavra de Jesus a Maria Madalena não é o negativo, “não subi”, mas o positivo, “estou subindo”, que pode ser entendida como “estou a caminho”. Isso sugere que a “ascensão” a que Jesus se refere não é um evento futuro, mas um processo relacionado à conclusão de sua missão salvífica e à mediação da soberania de Deus para o mundo. A ressurreição e a ascensão de Jesus estão intrinsecamente ligadas à sua morte e não devem ser separadas. A substituição da palavra “ressurreição” pela palavra “ascensão” é mais uma questão de linguagem do que de realidade. Na perspectiva de João, a “ascensão” de Jesus representa o cumprimento do seu propósito salvífico no Reino de Deus, marcando o desfecho da sua “hora”.³⁹¹ Para o evangelista, a ressurreição não é um estágio entre o sepulcro e a morada celeste, portanto, é necessário que a fé de Maria Madalena amadureça para que ela possa compreender que essa aparição é apenas uma representação momentânea de uma condição já totalmente realizada, pois Jesus está em completa união com o Pai.³⁹² Nota-se também que nos Sinóticos, a exemplo do Evangelho de Mateus, os discípulos chamam Deus de Pai durante o ministério público de Jesus (Mt 6,9), ao passo que no Quarto Evangelho, isto se dá somente após a ressurreição de Jesus (Jo 20,17f).³⁹³

A ascensão de Jesus revela o poder soberano de Deus. Em sua descida (καταβαίνω) Jesus é o revelador do Pai e na sua ascensão, subida (ἀναβαίνω) Jesus é o mediador por meio do qual seu povo recebe Deus como Pai (Jo 20,17).³⁹⁴

Percebe-se que o v.17 se concentra em Maria Madalena e sua interação com Jesus após a ressurreição. Para alguns autores, Maria Madalena inicialmente queria

³⁹⁰ LAGRANGE, M. J., *Évangile selon Saint Jean*, p. 512-513; BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 377. Lagrange acredita que a unidade do v.17 deve ser mantida (alguns autores dividem o v.17 em duas partes). Lagrange vê apenas uma frase com uma oposição, indicada pelo tempo, entre “ἀναβέβηκα/eu subi” e “ἀναβαίνω/estou ascendendo”. Este autor considera que a força de ἀναβαίνω expressa “estou em processo de ida” e, portanto, julga que a melhor tradução seria “estou a caminho.”

³⁹¹ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 377.

³⁹² VAN DEN BUSSCHE, H., *Jean*, p. 548.

³⁹³ ORLANDO, L., *Giovanni*, p. 292.

³⁹⁴ VERBRUGHE, V. D., ἀναβαίνω, *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 58.

tocar Jesus, mas ele a proibiu de fazê-lo, indicando que ele ainda não havia ascendido ao Pai. Isso sugeriria que, após a ascensão, ela teria a oportunidade de estar com ele de forma diferente. Jesus lhe confiou a tarefa de transmitir uma mensagem aos discípulos sobre sua ascensão, enfatizando que não deviam mais esperar sua presença física, mas sim uma relação espiritual e a vinda do Espírito Santo.³⁹⁵ Isso destaca a importância da mensagem da ascensão, confiada a uma mulher, e a mudança na relação entre Deus e os crentes, que agora são chamados de “irmãos” por Jesus.³⁹⁶ Esta mensagem não deve ser obscurecida pela presença física de Jesus, pois aponta para a glorificação e a vinda do Espírito Santo.³⁹⁷

A fala de Jesus a Maria Madalena, no v.17, parece ser o cumprimento da promessa anunciada no Prólogo do Evangelho de João de que os crentes se tornarão filhos de Deus (Jo 1,12-13).³⁹⁸ A mensagem central na narrativa reside na mensagem pascal, que torna possível a filiação dos seres humanos através de Jesus. A paternidade divina é cumprida escatologicamente, uma vez que o Pai ama a humanidade da mesma forma que ama o Filho, incorporando a humanidade no amor paterno de Deus.³⁹⁹ A expressão “πατέρα μου/*meu Pai*” é mencionada pela primeira vez em Jo 2,16, referindo-se a Deus e a última vez que essa expressão dita por Jesus ocorre em seu diálogo com Maria Madalena, no v.17f.⁴⁰⁰

Há duas novidades na explicação de Jesus a Maria Madalena. A primeira, consiste que pela primeira vez desde o início da narrativa, Jesus chama os discípulos de “irmãos”. Deus, anteriormente reconhecido como Pai, agora é referido como “vosso Pai”. A mensagem do ressuscitado a Maria Madalena revela que, para aqueles que acreditaram em Jesus, o evento da ressurreição marca o início de sua plena filiação divina e consciente. O ressuscitado não apenas fala dos discípulos como filhos, mas também como “meus irmãos” e “vosso Pai”. Isso implica que a filiação divina está ligada à mediação cristológica, em que os discípulos se tornam conscientes de sua filiação através de seu relacionamento com Jesus. Além disso, a

³⁹⁵ TASKER, R. V. G., *The Gospel According to St. John*, p. 225.

³⁹⁶ SLOYAN, G., *Giovanni*, p. 267. Segundo Sloyan, pode ser que o evangelista queira expressar que a relação íntima entre discípulo e Mestre não pode ser restabelecida nos mesmos moldes anteriores. A missão de Jesus envolve sua Ascensão ao Pai para alcançar a glorificação, e é essa a mensagem que Maria Madalena deve comunicar ao grupo dos discípulos, referindo-se a eles como “meus irmãos” (v.17d). Na perspectiva terrena, a permanência de Jesus é apenas temporária, apesar de que teologicamente, ele já tenha alcançado a glória final ao lado do Pai.

³⁹⁷ PÉREZ-MILLOS, S., *Juan*, p. 1761.

³⁹⁸ MCCARTHY, A., *John 20:11-18*, p. 59-60.

³⁹⁹ VAN DEN BUSSCHE, H., *Jean*, p. 548-549.

⁴⁰⁰ RIGATO, M. L., *Giovanni*, p. 295.

mensagem enfatiza o novo relacionamento entre Jesus, os discípulos e o Pai. A filiação divina ganha significado e conteúdo através da relação com Jesus como Filho de Deus e, por meio dele, com Deus, o Pai.⁴⁰¹ A expressão “vosso Pai”, única no Evangelho de João, parece reafirmar a crescente solidariedade e comunhão de Jesus com os discípulos.⁴⁰²

A mensagem foi confiada a Maria Madalena, mas deve-se ter em mente que entre os judeus, as mulheres não tinham permissão para testemunhar. Esta proibição consta na *Mishná, Rosh Ha-Shaná* 1:8,⁴⁰³ cujo princípio é que qualquer testemunho de uma mulher é inadequado, como também são inadequados os testemunhos de ladrões e assaltantes. Embora, em certos casos, o testemunho de uma mulher seja aceito, por exemplo, para testemunhar a morte do marido de alguém, na maioria dos casos este não é válido.⁴⁰⁴

4.4

Ida e anúncio de Maria Madalena aos discípulos: v.18

Ἔρχεται Μαριὰμ ἡ Μαγδαληνὴ	18a	Vai Maria Madalena
ἀγγέλλουσα τοῖς μαθηταῖς	18b	anunciando aos discípulos
ὅτι ἑώρακα τὸν κύριον,	18c	que “Vi o Senhor”
καὶ ταῦτα εἶπεν αὐτῇ.	18d	e estas coisas (Jesus) disse a ela.

O v.18a encerra a perícopa com o desfecho da narrativa. Os elementos que indicam este movimento se dão a partir das resoluções dos problemas apresentados no início do texto: a busca pelo corpo de Jesus se transforma em encontro com o ressuscitado; o choro de Maria Madalena se transforma em alegria. Estas dimensões são sintetizadas, no v.18c, com a expressão em discurso direto: “Vi o Senhor”. Para além destas resoluções, o v.18 indica igualmente uma nova dimensão narrativa na

⁴⁰¹ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 194.

⁴⁰² FERREIRA, J., Journal for the Study of the New Testament Supplement, p. 83.

⁴⁰³ MORRIS, L., The Gospel According to John, p. 869.

⁴⁰⁴ Segue a lista dos considerados ladrões e assaltantes, inaptos para depor: 1) aquele que joga dados [*kubbiyya*] ou outros jogos de azar a dinheiro; 2) e os que emprestam dinheiro com juros; 3) e aqueles que fazem corridas de pombos e apostam no resultado; 4) e comerciantes que negociam produtos do Ano Sabático, que podem ser comidos, mas não podem ser objeto de comércio; 5) e escravos. KOREN-STEINSALTZ Mishnah Rosh Hashanah 1.8-9?lang=bi), acessado em 04/12/2023.

qual Maria Madalena deixa a postura estática, predominante na perícope, e assume seu papel de enviada ao anúncio (v.18b).

O nome “Μαριάμ/*Mariam*” aparece 10 vezes, com esta forma, no Evangelho de João. As ocorrências se dão a partir do cap. 11, referindo-se exclusivamente a Maria, irmã de Lázaro, até o cap. 20. Há uma única ocorrência da forma “Μαρίας” em Jo 11,1 dentro do binômio Μαρίας καὶ Μάρθας/*Maria e Marta*, na narrativa da morte de Lázaro. O título “Μαριάμ ἡ Μαγδαληνή/*Mariam de Mágdala*” aparece somente em 20,18 com esta grafia. O nome “Μαρία/*Maria*” ocorre 4 vezes no Quarto Evangelho (Jo 19,25^{2x}, 20,1.11). Em Jo 19,25 tem-se o nome das Marias aos pés da cruz (“Μαρία ἡ τοῦ Κλωπᾶ/*Maria de Cleófas*” e “Μαρία ἡ Μαγδαληνή/*Maria de Mágdala*); em Jo 20,1 refere-se a Maria Madalena, na narrativa da primeira de sua ida ao sepulcro; na perícope de Jo 20,11-18, o nome aparece grafado como “Μαρία/*Maria*” (v.11), no contexto inicial, referindo-se a Maria Madalena junto ao sepulcro.

Percebe-se que o nome de Maria Madalena desempenha um papel significativo, como uma moldura, quando analisado sob a perspectiva daqueles que se referem a ela. Nos v.11 e v.18, tanto o narrador quanto Jesus mencionam o nome de Maria, criando um quadro distintivo. Nota-se também que as três formas de mencionar o nome diferem em grafia e extensão. A forma mais breve, “Μαρία” (v.11), é utilizada no início da narrativa, enquanto a forma aramaica com uma consoante adicional, “Μαριάμ” (v.16), é encontrada no centro. No final, o nome é apresentado como um título de identificação geográfica, “Μαρία ἡ Μαγδαληνή” (v.18). É interessante observar que a forma central, nos lábios do ressuscitado, é onde o nome de Maria atinge sua plena expressão, deixando de ser meramente a “mulher” para adquirir uma identidade e reconhecimento mais personalizados, dando significado à sua busca.⁴⁰⁵

Μαρία (v.11) - narrador

Μαριάμ (v.16) - Jesus

Μαρία ἡ Μαγδαληνή (v.18) - narrador

⁴⁰⁵ É relevante lembrar que em Jo 20,1 o narrador grava o nome “Μαρία ἡ Μαγδαληνή/*Maria de Mágdala*” que emoldura o relato do sepulcro vazio (Jo 20,1-18).

No v. 18b, a forma “ἀγγέλλουσα/anunciando”⁴⁰⁶ é um *hápax legoumenon* em todo Novo Testamento. A raiz verbal “ἀγγέλλω/anunciar” remete ao anúncio do Evangelho, como uma boa notícia. Este elemento é significativo dado que em João não há ocorrência nem mesmo do substantivo “evangelho” e a única relação com a raiz encontra-se em três ocorrências ao longo do Evangelho em relação à referência aos anjos, cuja raiz é a mesma (Jo 1,51; 12,29 e 20,12). As três ocorrências referencem-se à angelofanias que denotam o poder de Deus na figura angélica.

Jo 1,51	os <i>anjos</i> do céu subindo e descendo sobre o filho do homem;
Jo 12,29	no anúncio de sua glorificação, a voz de Deus é compreendida por parte da multidão como um <i>anjo</i> que falava com Jesus;
Jo 20,12	os <i>anjos</i> , no sepulcro, conversam com Maria Madalena.

No entanto, ao se analisar a ação propriamente dita dos anjos nestas passagens, percebe-se que as realidades teológicas não são anunciadas por eles, mas, de modo geral, pelo próprio Jesus e por Maria Madalena, que se torna mensageira e apóstola, enquanto fala com a autoridade do Senhor, que lhe envia, e leva a sua mensagem para a comunidade.

No v.18b, o narrador refere-se aos seguidores de Jesus como “discípulos”, destoando da proclamação de Jesus, no v.17d, que se refere aos seus seguidores como “irmãos”,⁴⁰⁷ fato que ocorre somente após sua ressurreição. Isto se alinha com o propósito de sua encarnação, que é tornar aqueles que creem em seu nome, filhos de Deus (Jo 1,12). Parece que o narrador evita nomear os discípulos de “irmãos” com o objetivo de permitir que esta Boa-Nova seja anunciada por Maria Madalena. A descrição do narrador condensa toda fala de Jesus a Maria Madalena (v.17d-f), no v.18d, talvez com o intuito de não repetir o relato e não retirar o protagonismo dela.⁴⁰⁸ É curioso notar que o narrador destaca do anúncio de Maria Madalena que ela é testemunha ocular da ressurreição e que em sua experiência o mais importante é ver com os olhos da fé. Com este relato, o evangelista prepara a comunidade dos discípulos para um novo modo de “ver” Jesus, pois sua nova realidade é junto ao Pai. O conteúdo da mensagem confiada a Maria Madalena enfatiza que o Pai de

⁴⁰⁶ LOUW-NIDA, ἀγγέλλουσα, p. 367 (33.189).

⁴⁰⁷ O vocábulo “ἀδελφός/irmão”, neste caso, significa homem e/ou mulher, crente na comunidade de crentes. SWANSON, J., ἀδελφός, DBLSD. Logos Research Systems.

⁴⁰⁸ MACCINI, R. G., Her Testimony is True, p. 226.

Jesus é agora verdadeiramente Pai para os discípulos, estabelecendo assim um vínculo de parentesco, tornando-os verdadeiros irmãos e irmãs de Jesus.⁴⁰⁹ Agora que a obra da cruz estava completa é possível um novo relacionamento com Cristo.⁴¹⁰

O evangelista se utiliza de diversos recursos narrativos para descrever o itinerário de fé de Maria Madalena. Um deles, é o uso de três raízes verbais que descrevem a visão. O primeiro uso, corresponde à “visão física”, “material”, e para esta, utiliza-se a raiz verbal βλέπω (Jo 20,1); o segundo uso, indica “observar”, “ver com atenção algo que suscita interesse”, θεάομαι (θεωρέω) (Jo 20,12.14)⁴¹¹; o terceiro, com ὁράω, indica a “visão interior da fé”, “um olhar que capta o sentido oculto”, “reconhecimento” (Jo 20,18).

Para descrever a experiência de Maria Madalena, iniciada ainda muito cedo, ainda escuro, o autor se utiliza da raiz βλέπω, ou seja, em perspectiva teológica, um primeiro nível de visão. Depois, ela passa de mera expectadora para protagonista, pois interage com os dois anjos e com o “jardineiro” através de diálogos, observando-os (θεάομαι), mas sem reconhecê-los.⁴¹² Serão as palavras de Jesus e o seu amor que permitirão a Maria Madalena ir além do simples olhar e observar com um olhar novo, de reconhecimento e finalmente crer na ressurreição.⁴¹³

No v.18c, as palavras de Maria Madalena são apresentadas com o pronome possessivo explicitado, no v.13d, “κύριόν μου/*meu Senhor*” ou implicitamente em “ραββουνι/*meu mestre*” (v.16d), mas utiliza o artigo definido para expressar que viu “τὸν κύριον/*o Senhor*”.⁴¹⁴ O protagonismo de ver e ser a primeira a anunciar o ressuscitado é, de certa forma, respaldado pela autoridade de Jesus. Em sentido narrativo, o anúncio de Maria Madalena aos discípulos pode ser equiparado ao testemunho dos discípulos para Tomé (Jo 20,25) e do próprio evangelista, que garante a autenticidade de seu testemunho (Jo 21,24). Nota-se que o valor do

⁴⁰⁹ SCHNEIDERS, S. M., *Women in the Fourth Gospel and the Role of Women in the Contemporary Church*, p. 43.

⁴¹⁰ MACARTHUR, J., *Manual Bíblico MacArthur*, p. 76.

⁴¹¹ CARDONA RAMÍREZ, H., *El Evangelio Según San Juan*, p. 224.

⁴¹² KUNNATH, N., *L'Apparizione de Gesù a Maria di Magdala*, Gv 20,1-18, p. 63. Maria Madalena observa as duas figuras angélicas sentadas no sepulcro, mas parece não as identificar com anjos, uma vez que não se abala com sua presença. Talvez o autor deseje mostrar que a falta de compreensão de Maria Madalena está ligada à fé pré-pascal.

⁴¹³ MANNS, F., *Sinfonia Sponsale nel Vangelo di Giovanni*, p. 212.

⁴¹⁴ FENTON, J. C., *A Gospel According to John*, p. 202.

testemunho de Maria Madalena encontra-se neste contexto cultural, em igualdade com o testemunho masculino.⁴¹⁵

Maria Madalena sai para cumprir o mandato de Jesus, seguindo o esquema narrativo: execução da ordem – anúncio – cumprimento. O anúncio de Maria Madalena aos discípulos segue um padrão teofânico baseado nos sentidos de visão e na voz. À expressão “Vi o Senhor” é somada a uma comunicação, relatada apenas de forma essencial: “e estas coisas (Jesus) disse a ela.” (v.18d).⁴¹⁶ Os verbos de visão presentes no relato joanino têm significados específicos, consistentes com a literatura greco-helenística.⁴¹⁷

Em particular, βλέπω denota a faculdade humana de ver com os olhos e/ou perceber um objeto material com os olhos; θεωρέω significa ver, focando no objeto visto, olhando para ele, observando-o e/ou examinando-o cuidadosamente; ὁράω expressa o ato de ver, captando o significado do objeto observado. Além disso, todos os verbos de visão no relato joanino incluem a percepção visual, mesmo quando se refere a entender o que é visto. A escolha do verbo de visão usado depende da sua semântica, e cada um é geralmente empregado em um tempo específico, associado a um aspecto particular: βλέπω e θεωρέω geralmente aparecem no presente e imperfeito, apresentando o aspecto durativo da ação, ou seja, o ato de ver em processo; ὁράω é usado no aoristo e no perfeito, apresentando o ver como uma ação momentânea e pontual (aoristo) ou como um ver que continua em seus efeitos (perfeito). Essas nuances nos verbos de visão são importantes para entender o significado e a ênfase dos relatos no Evangelho de João.⁴¹⁸ Ao proclamar “Vi o Senhor”, Maria Madalena pretende anunciar que viu objetivamente o ressuscitado e que entendeu quem ele era, o significado de sua missão e mensagem.

Na comunidade de João, ela assume o papel que Pedro desempenha em Lc 22,31-32, de confirmar os seus irmãos e irmãs. Ela é a única que recebe de Jesus uma aparência individual e pessoal e uma missão. É uma expressão singular do *kerigma* pascal dado a uma mulher e só a ela. Ao longo de Jo 20, Jesus não repete o envio à comunidade reunida na tarde de Páscoa (Jo 20,19-23). Ele pressupõe que

⁴¹⁵ GUZMÁN, C. P., “He visto al Señor” (Jn 20, 18a), p. 22.

⁴¹⁶ GRASSO, S., Giovanni, p. 754.

⁴¹⁷ CASNEDA, A., Giovanni 29, p. 24-25.

⁴¹⁸ CASNEDA, A., Giovanni 29, p. 24-25.

Maria tenha cumprido a sua missão, convidando-os a sair e a espalhar o anúncio pelo mundo.⁴¹⁹

O retorno à terceira pessoa, no v.18d, resgata a dimensão narrativa por meio da expressão “καὶ ταῦτα εἶπεν αὐτῇ/ *e estas coisas (Jesus) disse a ela*”. Esta expressão condensa uma série de elementos que parecem referir-se ao conteúdo do v.17, mas que, como dito, não é explicitado pelo narrador neste versículo. O desfecho parece ser natural, mesmo que a perícopes seguinte pareça um pouco deslocada em sentido de continuidade. Toda a cena de Maria Madalena no sepulcro (Jo 20,1.2.11-18), se dá no primeiro dia da semana, bem cedo, e na tarde deste mesmo dia, Jesus aparece aos discípulos (v.19).

Percebe-se que, no v.18c, Maria Madalena não repete as palavras de Jesus de maneira literal, mas sim interpreta e comunica a mensagem de uma forma que chama a atenção. Quando ela anuncia aos discípulos, o autor ressalta que suas primeiras palavras são “Vi o Senhor”, e não uma repetição exata das palavras de Jesus sobre subir para o Pai.⁴²⁰ O texto sugere que Maria Madalena, ao transmitir a mensagem, usa suas próprias palavras de forma abrupta e direta para capturar a atenção da audiência, seja dentro do contexto narrativo ou para o ouvinte-leitor. A ênfase recai na maneira como ela, ao comunicar a mensagem de Jesus, adiciona sua própria perspectiva. João descreve os encontros com o Senhor ressuscitado em termos de “ter visto” Jesus, pois a experiência de “vê-lo” ou ter o encontro pessoal com o Mestre fundamenta o testemunho dos seus discípulos sobre ele. Da mesma forma como os discípulos testemunharam a glória de Jesus em sua vida terrena (Jo 1,14; 20,30), agora eles testemunham o Senhor ressuscitado e compartilham com os outros a interpretação do que viram.⁴²¹

Pode-se pensar, no sentido narrativo, que os discípulos, aceitam e ecoam suas palavras, testemunhando terem visto o Senhor, em Jo 20,25. Essa abordagem ressalta a importância do encontro pessoal e da transmissão da mensagem de forma envolvente.⁴²²

⁴¹⁹ GUZMÁN, C. P., “He visto al Señor” (Jn 20, 18a), p. 58.

⁴²⁰ MACCINI, R. G., *Her Testimony is True*, p. 226.

⁴²¹ THOMPSON, M. M., *John*, p. 821.

⁴²² MICHAELS, R. J., *Novo comentário bíblico contemporâneo*, p. 353.

4.5

Maria Madalena e as testemunhas masculinas da ressurreição

O Evangelho de João destaca a importância de homens e mulheres no seguimento de Jesus. Percebe-se que a valorização de Maria Madalena, como testemunha do ressuscitado, pode estar relacionada ao fato de que no Evangelho de João as mulheres têm papel de destaque. Dentre elas, algumas são incluídas como protagonistas ou possuem um papel relevante nestas narrativas: Maria, mãe de Jesus (Jo 2,1-12), a mulher samaritana (Jo 4,1-42), a mulher adúltera (Jo 7,53-8,11), Marta e Maria (Jo 11,20-40), Maria Madalena (Jo 20,11-18). No encontro com o ressuscitado, Maria Madalena custa a reconhecê-lo e só o faz quando ele a chama pelo nome. Conclui-se que o discipulado e a fé se fortalecem no encontro pessoal, que é mais do que “estar na presença de alguém”, é estar por inteiro, desfrutando plenamente a presença da pessoa. Esta intimidade com o Senhor ressuscitado desperta a certeza da sua presença pascal em todos os momentos.⁴²³

Evidentemente, o privilégio concedido a Maria Madalena de ser a eleita como a porta-voz da ressurreição aos discípulos traz alguns questionamentos sobre suas consequências efetivas na narrativa. Apesar do testemunho feminino não ser aceito legalmente no século I, Jesus valida-o na pessoa de Maria Madalena.⁴²⁴

As figuras masculinas no evangelho possuem destaque na continuidade narrativa, enquanto na perícopes subsequente, a partir do v.19, eles já ouviram o testemunho de Maria Madalena. A “reação” deles ao anúncio pode ser interpretada sob dois aspectos: a) Jesus escolhe Maria Madalena para transmitir sua *mensagem*,

⁴²³ FIORENZA, E. S., *Discipulado de Iguais*, p. 91-92. Fiorenza escreveu em 1995 o livro *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia Feminista Crítica da Libertação*, escrito e publicado originariamente em inglês. A autora afirma que Maria Madalena e outras mulheres desempenharam um papel central na proclamação da fé cristã, sendo as primeiras a testemunhar a ressurreição e a mensagem da “nova vida”. Isso é um fato histórico fundamental que não pode ser derivado do Judaísmo ou inventado pela Igreja primitiva. Fiorenza conclui que as mulheres desempenham um papel crucial na fundação da fé cristã.

⁴²⁴ LELOUP, J. Y., *O evangelho de Felipe*, p. 12-14.32-34). De acordo com Leloup, na tradição de Nag Hammadi, percebe-se que há uma tensão entre Maria Madalena e a comunidade dos discípulos (EvFp, Lógion 55,3-4). No apócrifo gnóstico “Evangelho de Filipe” (datado entre o final do séc. II e início do IV d.C.), há uma rivalidade crescente entre os discípulos e Maria Madalena por causa do relacionamento de proximidade e de predileção que o Mestre lhe confere. Neste evangelho, Maria Madalena é apresentada como “κοινωνός/companheira” de Jesus. A fragmentação e o estado do manuscrito deixam em aberto várias lacunas sobre o que de fato se compreendia por meio desta denominação, no entanto, é notório que retrata uma tensão (histórica ou teológica) não apenas sobre a relação em si entre Jesus e Maria Madalena, mas a autoridade que ela exercia na comunidade cristã primitiva.

sendo evidenciada a pouca fé dos discípulos e a possibilidade da não crença em suas palavras (Jo 20,19); ou b) a crença nas palavras de Maria Madalena pela comunidade dos discípulos, mas o medo ainda latente por causa da oposição dos judeus.⁴²⁵ Seja como for, Jesus acredita que as mulheres podem ser testemunhas válidas. No entanto, pode ser mais provável a hipótese de que os discípulos acreditaram nela, uma vez que no relato bíblico é explicitado que eles temiam os judeus, mas não se assustaram com a presença de Jesus em seu meio (Jo 20,19-21).

Nota-se que Jo 20 é dividido em cenas cujas testemunhas da ressurreição podem ser classificadas como individuais e coletivas, que buscam Jesus e são buscadas por ele. Nota-se um desenvolvimento narratológico que parte de um sinal da ressurreição (pedra removida) direcionado a uma testemunha feminina (v.1-2), depois de um sinal da ressurreição (panos) direcionado a duas testemunhas masculinas (v.3-10),⁴²⁶ depois duas testemunhas masculinas (v.12-13) que funcionam como sinal (anjos) direcionados a uma testemunha feminina (Maria Madalena), em seguida, uma testemunha masculina que serve como indício da ressurreição e do ressuscitado (jardineiro) direcionado à testemunha feminina da ressurreição e do ressuscitado (v.14-15); em seguida o próprio ressuscitado se dá como indicativo direcionado a um testemunho coletivo masculino (discípulos) e, por fim, o ressuscitado e marcas nas mãos e no lado são direcionados a um testemunho coletivo masculino, os discípulos, com foco especial no descrente Tomé, figura individual masculina.

⁴²⁵ HAENCHEN, E., John 2, p. 210; BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1500. Segundo Haenchen, esta expressão não se refere aos judeus como povo e sim a uma comunidade hostil aos seguidores de Jesus, também judeus de nascimento. De acordo com Brown, no Quarto Evangelho, são os “judeus” que causam medo e não visões sobrenaturais. Leia-se “judeus” como autoridades judaicas hostis a Jesus e seus seguidores e não como “povo”. Jesus e muitos de seus seguidores eram judeus.

⁴²⁶ KONINGS, J., Evangelho segundo João, p. 349.

Testemunha individual feminina: Maria Madalena	v.1-2	indício da ressurreição: pedra removida e sepulcro vazio ⁴²⁷
Testemunha coletiva masculina: Pedro e o Discípulo Amado	v.3-10	indício da ressurreição: panos e sepulcro vazio
Testemunha individual feminina: Maria Madalena Testemunha coletiva masculina: anjos	v.12-13	indício da ressurreição: anjos
Testemunha individual feminina: Maria Madalena	v.14-15	indício da ressurreição: “jardineiro”/ ressuscitado
Testemunha individual feminina: Maria Madalena	v.16-18	indício da ressurreição: ressuscitado
	<i>transição</i>	
Testemunha coletiva masculina: os discípulos	v.19-23	indício da ressurreição: ressuscitado
Testemunha individual/coletiva masculina: Tomé e os discípulos	v.24-31	indício da ressurreição: ressuscitado + marcas nas mãos e no lado de Jesus

Pergunta-se, por que o evangelista estabeleceu esta estrutura narrativa no texto? Por que variou os sinais e testemunhas entre coletivas e individuais, feminina e masculina? Pode-se argumentar que os sinais apresentados nos, v.1-13, funcionam como indicadores da ressurreição que preparam a aparição de “Jesus-jardineiro”, revelado ser Jesus ressuscitado ao ouvinte-leitor, nos v.14-15, mas permanece incógnito para Maria Madalena. Sua presença prepara a “solução” do mistério sobre o desaparecimento do corpo de Jesus, tema mais importante até então na narrativa. O ápice da narrativa se dá quando o ressuscitado chama Maria Madalena pelo nome e só então ela o reconhece (v.16). De fato, o não reconhecimento imediato de Jesus ocorre em diversos encontros pessoais dele com seus interlocutores e só é possível reconhecê-lo quando ele o deseja.⁴²⁸ Maria Madalena faz o salto qualitativo da fé

⁴²⁷ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição, p. 228-229. Ratzinger afirma que atualmente, existem interpretações da ressurreição em que o destino do corpo após a morte é considerado irrelevante. No entanto, nesses casos, a própria ideia de ressurreição perde sua clareza, levantando questionamentos sobre a natureza da realidade no contexto do cristianismo que adota essa abordagem. O autor aborda a relação entre o sepulcro vazio de Jesus e a ressurreição, destacando que o sepulcro vazio, por si só, não é uma prova definitiva da ressurreição. No entanto, a questão principal levantada é se a ressurreição seria possível se o corpo de Jesus ainda estivesse no sepulcro. A permanência do corpo no sepulcro tornaria a ideia de ressurreição ambígua, e a fé na ressurreição está ligada à crença na transformação do corpo. Além disso, ele argumenta que, na Jerusalém da época, anunciar a ressurreição seria impossível se o corpo ainda estivesse no sepulcro. Portanto, embora o sepulcro vazio por si só não prove a ressurreição, ele é um pressuposto necessário para a fé na ressurreição, já que a ressurreição envolve a totalidade da pessoa, incluindo o corpo.

⁴²⁸ VAN DEN BUSSCHE, H., Jean, p. 547.

pré-pascal para a fé pascal. A falta de fé dos discípulos na mensagem de Maria Madalena, atestada no v.19, pode ser explicada por dois motivos: pela lei judaica vigente e pela necessidade do encontro pessoal com o ressuscitado.

No contexto do Antigo Oriente, apenas os homens eram considerados legalmente capazes. Naquela época eram necessárias duas testemunhas do sexo masculino como prova válida de algum acontecimento. O testemunho de Maria Madalena era duplamente sem valor jurídico: ela é uma mulher e estava sozinha. Este fato era tão relevante que, por exemplo, Paulo escolhera um rol de testemunhas juridicamente válidas para constarem no credo primitivo (1Cor 15,3-8).⁴²⁹ Desta forma, Paulo garantiu que a mensagem de fé fosse aceita universalmente e não contestada.⁴³⁰ Em todos os Evangelhos, fica evidente que a mensagem da Boa-Nova foi inicialmente confiada às mulheres. Nos Sinóticos, Maria Madalena esteve na presença do Cristo ressuscitado; em João ela é a escolhida para testemunhar a ressurreição num encontro pessoal com o Senhor.

A sociedade da época do Segundo Templo era estruturada de forma patriarcal, mas Jesus desafiou esta mentalidade de seu tempo, dando destaque às mulheres como testemunhas de sua ressurreição. O Cristo ressuscitado, investido de sua autoridade celestial, confirmou a validade do testemunho feminino. O ressuscitado destacou o papel especial das mulheres na comunidade de fé e restaurou sua dignidade. O testemunho de fé das mulheres tem sido fundamental na igreja desde os tempos de Jesus até hoje.⁴³¹

Diversas fontes históricas, como Flávio Josefo e Maimônides, sustentaram a não consideração do testemunho das mulheres com base em razões como a fragilidade do sexo feminino, a tendência das mulheres a falar demais e até mesmo a reputação de serem mentirosas. Maimônides, por exemplo, listou várias categorias de pessoas que não eram consideradas competentes para testemunhar: mulheres, escravos, menores, lunáticos, surdos, cegos, perversos, desprezíveis, parentes e partes interessadas (Yad, Edut 9:1).⁴³² Flávio Josefo afirma que “as mulheres não

⁴²⁹ CERFAUX, L., *Cristo na teologia de Paulo*, p. 99. O credo presente em 1Cor 15,3-8 é o texto mais antigo sobre a ressurreição de Cristo de todo Novo Testamento. Elenca a ordem das aparições do ressuscitado cujos testemunhos contribuem para a fundação da fé da comunidade.

⁴³⁰ Sobre esta temática em Paulo, sugerimos conferir o artigo GONZAGA, W.; VIANNA TORRES, M. M., *O Ressuscitado: Suas aparições a homens e não a mulheres* em 1Cor 15,3-8, p. 69-94.

⁴³¹ JOÃO PAULO II, MD 12.

⁴³² JEWISH VIRTUAL LIBRARY. <https://www.jewishvirtuallibrary.org/witness>. Como regra geral, sempre deve haver pelo menos duas testemunhas para que o testemunho seja considerado válido (Dt 19,15; Sif. Deut. 188; Sot. 2b; Sanh. 30a; Yad, Edut 5,1). Entretanto, existem várias exceções à regra

serão recebidas como testemunhas, por causa da fragilidade de seu sexo e porque falam muito atrevidamente”.⁴³³ No entanto, havia exceções em que o testemunho feminino era aceito, como no caso do novo casamento de uma viúva, em que o testemunho de uma mulher sobre a morte do primeiro marido era admitido.⁴³⁴

Ratzinger identifica dois tipos de testemunho da ressurreição no Novo Testamento: um como tradição em forma de profissão de fé e outro como tradição em forma de narração. No primeiro, apenas homens são testemunhas devido à validade de seus depoimentos perante o tribunal de Israel, em contraste com as mulheres, cujos testemunhos não eram considerados confiáveis.⁴³⁵ O testemunho como profissão de fé é uma expressão concisa da identidade cristã que preserva o núcleo da ressurreição em fórmulas breves, geralmente apresentadas por homens devido à validade de seus testemunhos perante o tribunal de Israel. Já os testemunhos em forma de narração não seguem estruturas jurídicas e comunicam a experiência com o ressuscitado em sua plenitude. Essas tradições são frequentemente lideradas por mulheres que desempenham um papel proeminente na experiência da ressurreição nos Evangelhos. As narrativas das aparições de Jesus são valiosas e formadoras, servindo de base para as profissões de fé que preservam seu conteúdo essencial. Enquanto a estrutura jurídica da Igreja se baseou nos testemunhos juridicamente válidos, a vida eclesial viu as mulheres desempenhando

geral. No que toca às mulheres, é possível que ela possa casar novamente com o depoimento de uma única testemunha feminina de que seu marido está morto (Yev. 16:7; Eduy. 6:1, 8:5; Ber. 27a; Ket. 22b-23a). Pelo método de *gezerah shawah*, é derivado da Escritura que somente homens podem ser testemunhas competentes. Maimônides justifica que as testemunhas têm de ser homens porque o termo “testemunha” em hebraico é masculino (Sif. Deut. 190; Shev. 30a; Sh. Ar., HM 35:14; Yad, Eduy 9:2), mas Joseph Caro questionou a validade dessa derivação em vista do fato de que “toda a Torá sempre usa a forma masculina” empregada de forma genérica (Kesef Mishneh Yad, Eduy 9:2). Outra razão foi sugerida no Talmud: que o lugar de uma mulher era em sua casa e não na corte (Shev. 30a; cf. Git. 46a), pois a honra da filha do rei estava dentro da casa (Sl 45,14). As mulheres são admitidas como testemunhas competentes em assuntos de seu conhecimento particular, por exemplo, sobre costumes ou eventos em lugares frequentados apenas por mulheres (Rema HM 35:14; Darkhei Moshe HM 35, n. 3; Beit Yosef, ibid., n. 15; Terumat ha-Deshen Resp. nº 353); em questões de pureza própria e de outras mulheres (Ket. 72a; Ket 2:6); para fins de identificação, especialmente de outras mulheres (Yev. 39b); ou em assuntos fora do domínio da lei estrita (BK 114b). Nos tempos pós-talmúdicos, o depoimento de mulheres era frequentemente admitido onde não havia outras testemunhas disponíveis (Maharam de Rothenburg, ed. Praga, nº 920; Resp. Maharik, n. 179), ou em questões não consideradas importantes o suficiente para incomodar testemunhas do sexo masculino (Resp. Maharik, n. 190; Sefer Kol Bo, n. 116). Em Israel, a desqualificação de mulheres como testemunhas foi abolida pela Lei de Igualdade dos Direitos da Mulher, 5711/1951.

⁴³³ JOSEFO, F., História dos Hebreus, p.220 (Livro IV, cap. 8, Dt 19).

⁴³⁴ JEREMIAS, J., Jerusalém no tempo de Jesus, p. 492.

⁴³⁵ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição, p. 234-235.

um papel central no acompanhamento de Jesus até a cruz e no encontro com o ressuscitado.⁴³⁶

Outro motivo, mais no âmbito narrativo, é que os discípulos, assim como Maria Madalena, necessitavam de uma experiência pessoal com o ressuscitado. Quando se antevê a estrutura que prepara a aparição de Jesus a Maria Madalena, na qual distintos elementos são apresentados, percebe-se que há um progressivo desvelamento de que algo mais profundo vai se dar.⁴³⁷

Primeiro, percebe-se a dimensão da intimidade, do encontro pessoal com Jesus. O Evangelho de João tem como característica personalizar as experiências de Jesus com seus interlocutores (Nicodemos, a mulher samaritana, a mulher adúltera, Marta e sua irmã Maria, Maria Madalena). Há progressão na fé, uma revelação e reconhecimento da identidade de Jesus nestes encontros (Jo 4,25-26) ou fruto destes (Jo 7,45-51;19,39-42).⁴³⁸

Nota-se também a grande presença feminina no Quarto Evangelho que apresenta Jesus falando a sós com mulheres, como com a mulher adúltera, com a samaritana e com Maria Madalena, algo que não era permitido e nem visto com bons olhos naquela época (Jo 4,27). Ele considera que elas também precisam ouvir a Boa-Nova de Deus (Lc 10,38-42), não adota uma linguagem androcêntrica, que parte da perspectiva masculina como ponto de partida e nunca se dirige às pessoas com base em seu gênero. Jesus não admite que em nome de Deus seja possível defender ou justificar a opressão humana. Ele chama a todos para viverem como filhas e filhos do Pai. Jesus abre caminhos para a mulher, mas seria inadequado retratar Jesus como um precursor do feminismo moderno, empenhado na luta pela igualdade de direitos entre mulheres e homens, visto que isso seria anacrônico.⁴³⁹

Uma terceira dimensão destacada é o anúncio. No relato do encontro de Jesus com a mulher samaritana junto ao poço de Jacó, ela sai e anuncia e acreditam no seu testemunho (Jo 4,30.39-40). Há um desenrolar deste anúncio, pois em Jo 4,41-42, o número de crentes aumentou por causa das palavras de Jesus e estes professam a fé nele. Destaca-se que nesta passagem a adesão a Jesus por parte dos samaritanos está em contraste com a falta de fé dos judeus. Mostra-se exemplos de

⁴³⁶ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*, p. 234-235.

⁴³⁷ BINGEMER, M. C., *O segredo Feminino do Mistério*, p. 168.

⁴³⁸ GUZMÁN, C. P., "He visto al Señor" (Jn 20, 18a), p. 18.

⁴³⁹ PAGOLA, J. A., *Jesus*, p. 269.

personagens citados anteriormente que mantêm relação direta com a perícopé estudada, como por exemplo, a comunidade de discípulos (Jo 20,19) ou Nicodemos que no avançar do Evangelho, se converterá, pois se mostrará a favor de Jesus em Jo 7,45-51 e participará da preparação do corpo de Jesus em seu sepultamento Jo 19,39-42. Dois novos anúncios são narrados em Jo 20,2.18. No v.2, Maria Madalena viu a pedra removida do sepulcro e corre até Pedro e o Discípulo Amado para lhes dar este testemunho. Assim como a samaritana, este anúncio é feito por iniciativa própria. Eles o acolhem e vão correndo verificar. No v.17, Jesus ressuscitado comissiona Maria Madalena para transmitir aos irmãos o conteúdo de sua mensagem e, no v.18, o narrador diz que ela foi anunciar aos discípulos. Sua fala é interrompida pela voz de Maria Madalena que brada: “Vi o Senhor!”. Em seguida, o narrador continua sua fala dizendo que ela havia anunciado as coisas que Jesus lhe dissera. Curioso notar que ela transmite primeiro a sua experiência e somente depois vem a mensagem de Jesus. Depreende-se que para ela, a experiência com o ressuscitado havia impactado seu ser de tal maneira que a mensagem confiada a ela ficou em segundo plano. A experiência com o ressuscitado é um dom.

Em Jo 20,19-23, o ressuscitado aparece aos discípulos na tarde do mesmo dia que o faz a Maria Madalena. Eles estão reunidos num lugar fechado por medo dos judeus. Diante do desenvolvimento narrativo, nota-se que a mensagem transmitida por Maria Madalena não lhes dá tranquilidade (v.19). Eles estavam abatidos e desconsolados com os acontecimentos recentes e receosos do que poderia lhes acontecer depois da morte de Jesus. Por vezes, uma declaração pode não ter impacto suficiente, mas quando se vivencia o que é comunicado, ocorre uma ressignificação da experiência do ouvir para internalizá-la. Era necessário ter a experiência com o ressuscitado para amadurecerem na fê.⁴⁴⁰

João, da mesma forma que abordou a disposição espiritual de Maria Madalena, oferece uma visão sobre o estado dos discípulos de Jesus enquanto estavam reunidos em Jerusalém. Assim como Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus “enquanto ainda estava escuro” (Jo 20,1), os discípulos também estão reunidos na escuridão da noite (Jo 20,19), simbolizando a ausência de Cristo, a luz, e refletindo sua própria desesperança. Além disso, os discípulos estão trancados, com medo das autoridades judaicas que instigaram a execução de Jesus.⁴⁴¹ Quando

⁴⁴⁰ KUNNATH, N., *L'Apparizione di Gesù a Maria di Magdala*, Gv 20,1-18, p. 63.

⁴⁴¹ MARTIN, F.; WRIGHT IV, W. M., *The Gospel of John*, p. 748.

comparado a outros relatos, percebe-se um contraste na grande adesão da comunidade ao testemunho da samaritana,⁴⁴² por exemplo, e a falta de adesão ao testemunho de Maria Madalena por parte dos discípulos.⁴⁴³ Ambas as perícopes têm o testemunho de Jesus que se revela para as mulheres, no entanto, os seus testemunhos são posteriormente marginalizados pela dominação masculina.⁴⁴⁴

Outro aspecto importante é a inter-relação entre a morte e a ressurreição. Os sinais presentes no Quarto Evangelho apontam para a restauração em vista de uma vida feliz e digna, a transformação de uma situação de dor para alegria. A ressurreição de Lázaro é uma prolepse da Páscoa e um dos motivos para que fosse dada a sentença de morte de Jesus (Jo 11,53). A morte-ressurreição de Lázaro está intimamente ligada à morte-ressurreição de Jesus.⁴⁴⁵

Merecem atenção também os personagens Pedro e o Discípulo Amado (Jo 20,3-10) uma vez que representam as tradições dos dois discípulos que refletem dois grupos complementares.⁴⁴⁶ Ambos acreditam no testemunho de Maria Madalena de que o sepulcro se encontrava vazio, pois saem correndo para averiguar o fato narrado. Pedro não crê e o Discípulo Amado acredita mesmo sem ter visto. Este dado é importante para a compreensão uma vez que o discípulo ideal deve acreditar sem ver, pois, na medida que as testemunhas oculares fossem morrendo, somente haveria a fé no testemunho oral (Jo 20,29).

Quanto à identidade dos “discípulos”, mencionada no v.19, o texto aponta que, até o momento da narrativa, sabemos que eram apenas dois: Pedro e “aquele a quem Jesus amava”. Maria Madalena, que já os havia encontrado antes, naturalmente os procuraria novamente. No entanto, o autor argumenta que as cenas subsequentes indicam que ela leva a mensagem a um grupo maior. O texto não informa como esses discípulos reagiram à mensagem de Maria Madalena e o que

⁴⁴² VIGNOLO, R., *Personaggi del Quarto Vangelo*, p. 101.

⁴⁴³ MICHAELS, R. J., *Novo comentário bíblico contemporâneo*, p. 353. Michaels ressalta que o Evangelho de João não detalha a reação dos discípulos diante da mensagem de Maria Madalena, mas uma tradição adicionada a Marcos sugere que, ao ouvirem a notícia da ressurreição, não acreditaram (Mc 16,11-12). O medo e a incredulidade dos discípulos antes de verem Jesus e receberem o Espírito Santo são evidentes. No Evangelho de João, a incredulidade é atribuída especialmente a Tomé (v.24-25), embora não seja explicitamente mencionada no grupo de discípulos.

⁴⁴⁴ PAPPACHAN, E., *A Comparative Study of Characterization of the Samaritan Woman and Mary Magdalene in the Fourth Gospel*, p. 80.

⁴⁴⁵ BAUCKHAM, R.; MOSSER, C., *The Gospel of John and Christian Theology*, p. 223.

⁴⁴⁶ UTRINI, H. C. S., *Discípulo ou rival? A imagem de Simão Pedro no Quarto Evangelho a partir de Jo 21,1-14*, p. 628.

esperavam dela. A ênfase está nas palavras dela (v.18), que são repetidas pelos discípulos, no v.25, declarando para Tomé: “Vimos o Senhor”.⁴⁴⁷

Tendo em vista tais elementos, é provável que sejam encontrados em João os dois tipos de testemunho da ressurreição, no capítulo 20. O testemunho da tradição em forma de profissão de fé, que pode ser verificado nos v.3-10.19-31, e o testemunho como tradição em forma de narração, nos v.1-2.11-18. No entanto, é indiscutível que a primazia testemunhal é conferida a Maria Madalena.

Segundo Elizabeth Johnson, Maria Madalena desempenha papéis tanto de discípula (alguém que segue) como de apóstola (alguém que é enviado), contribuindo de maneira significativa na formação da comunidade cristã. Ela foi a primeira a ser enviada por Jesus para os discípulos, tornando-se a apóstola daqueles que mais tarde seriam enviados, conferindo-lhe o título de “Apóstola dos Apóstolos”.⁴⁴⁸

O Quarto Evangelho destaca a diversidade de papéis dentro da comunidade de fé. Assim como Pedro e o Discípulo Amado, Maria Madalena também é parte da Igreja e desempenha um papel fundamental em sua missão dentro da comunidade, onde cada indivíduo possui uma função e importância no seguimento de Jesus.⁴⁴⁹

4.6

Análise *ad-intra*: Jo 20,11-18 em relação ao Quarto Evangelho

No Evangelho de João, há relatos que se assemelham narrativamente e tematicamente à passagem de Jo 20,11-18, na qual Maria Madalena encontra Jesus ressuscitado. Entre os mais significativos, tem-se o relato do encontro de Jesus com uma mulher samaritana no poço de Jacó (Jo 4,1-42).⁴⁵⁰

⁴⁴⁷ MICHAELS, R. J., Novo comentário bíblico contemporâneo, p. 353.

⁴⁴⁸ JOHNSON, E., As faces femininas num cristianismo sem véu. Entrevista especial com Elizabeth Johnson disponível em <<https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/557525-as-faces-femininas-num-cristianismo-sem-veu-entrevista-especial-com-elizabeth-johnson>>. Acessado em 22/06/23. [indicar algum livro, se houver]

⁴⁴⁹ MAIA, G. L., Maria Madalena, p. 56.

⁴⁵⁰ BLANCHARD, Y. M., São João, p. 91. “Descendentes das populações do Reino do Norte (Israel) e colonizados pelos assírios desde o fim do século VIII, os samaritanos eram dissidentes religiosos que se misturaram aos pagãos e, por isso, eram desprezados pelos judeus de Jerusalém (Jo 4,9). O quarto evangelho atesta que o adjetivo “samaritano” poderia ser uma ofensa grave, do mesmo nível de “possuído”, que não poupou nem mesmo Jesus (Jo 8,48)”.

Na narrativa, em forma de diálogo, Jesus e a mulher discutem sobre a água do poço e o local do culto verdadeiro, se seria na Samaria ou em Jerusalém. A mulher se detém nos conflitos históricos, mas Jesus revela, de forma enigmática, que quem bebe da água da vida não terá sede. Posteriormente, a conversa se direciona para a questão esponsal, na qual a mulher reconhece Jesus como um profeta. Ele então ensina que existe uma nova forma de adorar a Deus, independente do local do santuário, baseada na adoração em Espírito e em verdade. Em seguida, ela expressa seu interesse na questão messiânica, e Jesus revela a ela que é o messias. A mulher então sai apressadamente para compartilhar a mensagem, abandonando o cântaro cheio de água. Sua pregação é bem recebida pela comunidade de sua aldeia, e muitos de seus habitantes passam a acreditar nela e no messias (Jo 4,39).

A narrativa de Jo 4,1-42 aproxima-se tematicamente de Jo 20,11-18. Isto é evidenciado devido alguns pontos de contato, tais como: as duas narrativas são apresentadas em forma de diálogo; nas duas passagens, Jesus encontra-se a sós com uma mulher; há um reconhecimento e adesão da samaritana e de Maria Madalena. Jesus ensina às suas interlocutoras e elas saem em anúncio, sendo as únicas testemunhas deste diálogo. Além dessas similaridades temáticas, nota-se que há algumas raízes verbais e substantivais comuns nestes textos, a saber: “θεωρέω/observar, perceber” (Jo 4,19; 20,6.12.14.); “ὁράω/ver” (Jo 4,29; 20,18); “γυνή/mulher”;⁴⁵¹ “κύριος/senhora”;⁴⁵² “λέγω/dizer”;⁴⁵³ “μαθητής/discípulo”.⁴⁵⁴

Em Jo 20 a raiz θεωρέω indica o ato de ver alguma coisa concreta.⁴⁵⁵ Na narrativa, esta raiz indica a visão dos panos que cobriam o corpo e o rosto de Jesus (v.6); a visão dos anjos vestidos de branco, no sepulcro, que aponta uma dimensão teológica (v.12); e a própria visão de Jesus, sem que haja uma consciência de Maria Madalena de que ele é o ressuscitado (v.14). Quando Maria Madalena olhou para trás viu o Senhor. Ela não o reconheceu pois o viu com “olhos humanos” em vez de “enxergá-lo” com os olhos da fé.⁴⁵⁶

⁴⁵¹ Jo 4, 7.9.11.15.17.19.21.25.27.28.39.42; 20,13.15.

⁴⁵² Jo 4,11.15.19; 20, 13.15.18.

⁴⁵³ Jo 4,5.7.9.11.15.16.17.19.20.21.25.26.28.31.33.34.35.42;20,2.13.15.16.17.

⁴⁵⁴ Jo 4,1.2.8.27.31.33; 20,18.

⁴⁵⁵ BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G., θεωρέω, DENT, p. 146.

⁴⁵⁶ PÉREZ-MILLOS, S., Juan, p. 1761.

Em Jo 4,19, a raiz θεωπέω indica uma dimensão de reconhecimento da samaritana, que toma consciência de que Jesus é um profeta, no entanto, esta percepção ainda é incipiente e imediata (v.19), sendo aprofundada até gerar uma ação de ida ao encontro de sua comunidade. Deste modo, pode-se pensar que o uso da raiz θεωπέω, nestas narrativas, esteja relacionado com uma dimensão de fé pré-pascal.⁴⁵⁷ A outra raiz que indica uma visão é όπάω e, nestas duas narrativas, indicam uma identidade mais clara sobre quem é Jesus tanto para a samaritana, a partir de sua identidade messiânica (Jo 4,29); quanto para a experiência de Maria Madalena com o ressuscitado. Desta forma, é uma expressão de uma visão que gradativamente leva à fé, cujo ápice revela uma “experiência” pós-pascal (Jo 20,18).⁴⁵⁸ Percebe-se que no cap. 20 de João, há uma ênfase progressiva na corporalidade de Jesus após sua morte, passando da ausência à presença. Isso destaca a ressurreição de Jesus de forma que ele possa ser literalmente visto.⁴⁵⁹

O vocábulo “γυνή/*mulher*” é utilizado, em Jo 4,21, por Jesus ao dirigir-se à samaritana; o mesmo vocábulo ocorre em Jo 20,13, nos lábios dos anjos, dirigindo-se a Maria Madalena. Isto também ocorre em Jo 20,15, em que o próprio Jesus pergunta a Maria Madalena, tendo sido tomado como um jardineiro por ela. O vocativo γύναι, no Evangelho de João, com exceção de Jo 20,13, sempre é pronunciado por Jesus para distintas mulheres: sua mãe (Jo 2,4; 19,26), a samaritana (Jo 4,21), a mulher adúltera (Jo 8,10) e Maria Madalena (Jo 20,15). Esta nomenclatura possui conotação mais genérica, formal e respeitosa.⁴⁶⁰

Manns assevera que:

A semelhança entre Madalena e Samaritana é intencional: ambas são mulheres empenhadas na busca perseverante dos sinais de vida, ansiosas por abraçar para sempre o noivo, mas investidas da responsabilidade de serem testemunhas para todos do amor vivo e vivificante do Ressuscitado.⁴⁶¹

⁴⁵⁷ SÁNCHEZ, S. C. Evangelio de Juan, p. 354-355.

⁴⁵⁸ PAPPACHAN, E., A Comparative Study of Characterization of the Samaritan Woman and Mary Magdalene in the Fourth Gospel, p. 58. O autor percebe que mesmo que a narrativa da mulher samaritana esteja em um contexto anterior ao ressuscitado, ela prepara, em sentido macro narrativo, a experiência com Jesus glorificado, ampliando as dimensões sobre o messianismo judaico e abrindo-se para um tempo pós-histórico.

⁴⁵⁹ ENGBERG-PEDERSEN, T., John and Philosophy, p. 304.

⁴⁶⁰ MANNS, F., Sinfonia Sponsale nel Vangelo di Giovanni, p. 212.

⁴⁶¹ MANNS, F., Sinfonia Sponsale nel Vangelo di Giovanni, p. 214.

Outra narrativa que se assemelha à de Maria Madalena é a da ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-44).⁴⁶² Nesse episódio, Marta e Maria de Betânia, irmãs de Lázaro, enviam uma mensagem a Jesus sobre a doença de seu irmão. Quando Jesus chega em Betânia, Lázaro já está morto e sepultado há quatro dias. Jesus chora pela morte de seu amigo, e Marta e Maria professam sua fé nele como o Messias. Jesus então ressuscita Lázaro dos mortos.

Em ambas as narrativas (Jo 11,1-44; 20,11-18), há elementos temáticos comuns: elas se passam em um contexto pascal; apresentam uma situação de morte (Lázaro e Jesus); há a presença de mulheres (Marta, Maria e Maria Madalena); a situação de tristeza e choro (Jesus, Marta, Maria, multidão e Maria Madalena); um encontro pessoal e diálogo de Jesus com Marta, Maria e Maria Madalena; há um ensinamento sobre a vida e a morte (preparação para o sinal da ressurreição de Jesus); é apresentada uma relação de proximidade de Jesus com o Pai; o sepulcro é evidenciado (com o corpo morto de Lázaro e com o “desaparecimento” do corpo de Jesus); e a experiência com o “ressuscitado” (Lázaro “reanimado” e Jesus ressuscitado).⁴⁶³

Quanto às semelhanças semânticas, nota-se que a raiz verbal “κλαίω/*chorar*” ocorre em Jo 11,31, em que os judeus supunham que Maria fora chorar próximo ao sepulcro de seu irmão; em Jo 11,33, Maria chora junto a Jesus e os judeus choram com ela; em Jo 11,35, o próprio Jesus chora.⁴⁶⁴

O substantivo “μνημεῖον/*sepulcro*”⁴⁶⁵ de Lázaro é descrito como um sepulcro em uma gruta com uma pedra na entrada, assim como na narrativa da aparição de Jesus a Maria Madalena (Jo 11,38; 19,41; 20,1.11). A narrativa da morte de Lázaro prepara a temática de morte e ressurreição no qual um corpo deixa de estar no lugar onde logicamente estaria. Mesmo com vocábulos distintos, a descrição da veste funerária em que Lázaro está envolvido, “κερία/*bandagem*”, possui um sentido semântico comum aos panos encontrados no sepulcro de Jesus,

⁴⁶² CLARK-SOLES, J., Mary Magdalene, p. 633.

⁴⁶³ CLARK-SOLES, J., Mary Magdalene, p. 634.

⁴⁶⁴ Bíblia de Jerusalém, p. 1872 (nota h). Em Jo 11,35 o a raiz verbal utilizada para descrever o choro de Jesus é “δακρύω/*chorar*”, raiz verbal que enfatiza as lágrimas do ato de chorar” (LN 25.137). Enquanto verbo, este é um *hápax legoumenon*, em todo NT, mas é utilizado como substantivo em Hb 5,7 (“δάκρυον/*lágrimas*”). Os dois textos possuem o sentido de chorar, em relação ao “choro pela morte”, no sentido do luto, e ao “choro” em relação ao sofrimento do outro, como compaixão. Maria Madalena chora pela dupla perda: a da morte de Jesus e da perda do corpo físico (fato que se contrapõe com a dupla de perguntas retóricas para dirigidas a ela).

⁴⁶⁵ Jo 11,17.31.38; 20,11.

relacionando igualmente os pés e as mãos atados e o rosto recoberto com o sudário, “σουδάριον/*sudário*” (Jo 11,44; 20,7).⁴⁶⁶ Lázaro voltou à vida num corpo ressuscitado, ainda “amarrado com bandagens”, enquanto o corpo do Senhor foi transformado num corpo glorioso, que não está sujeito às limitações físicas.⁴⁶⁷

As raízes verbais “λύω/*soltar*” e “ἀφίημι/*permitir*” (Jo 11,44) assemelham-se ao sentido semântico da raiz verbal “ἄπτω/*reter*”, pois assim como Jesus ordena que desatem as vestes funerárias de Lázaro e deixem-no ir, o ressuscitado impõe que Maria Madalena não *o retenha*, em um contexto que se compreende que é necessário que Jesus deve ir ao Pai. A forma imperativa presente nas duas narrativas indica a urgência destas ações e ao mesmo tempo a importância de uma compreensão de uma nova realidade das relações.⁴⁶⁸ Assim como Lázaro precisa ser desatado daquilo que ainda o prendia à morte, Jesus glorificado inaugura uma nova vida junto ao Pai. A ressurreição é uma demonstração de que a morte em Jesus não possui a última palavra.⁴⁶⁹

Em sentido de movimento dos personagens, na narrativa da morte de Lázaro, Marta e Maria vão ao encontro de Jesus diante do ocorrido; em Jo 20,14; Maria Madalena toma a iniciativa de ir ao local onde estava o corpo de Jesus e diante do seu desaparecimento, deseja encontrá-lo e buscá-lo por si mesma. No entanto, é Jesus quem vai ao seu encontro (Jo 20,14). Na dinâmica das narrativas nota-se um movimento inverso partindo do mesmo referencial, o sepulcro: as mulheres buscam Jesus e Jesus busca a mulher. A vida se desponha no lugar reservado para a morte.

A raiz verbal “τίθημι/*colocar, por*” é utilizada em Jo 11,34 nos lábios de Jesus e em Jo 20,15 por Maria Madalena com a finalidade de saber o local no qual

⁴⁶⁶ Percebe-se a relação com Jo 20,5, no qual há uma descrição dos panos de linho que encobriam o corpo de Jesus (“ὀθόνιον/*pano de linho*”) e com Jo 20,12 na descrição do lugar da deposição, mencionando a cabeceira e local dos pés (assim na narrativa da entrada do Pedro e do Discípulo Amado em Jo 20,5).

⁴⁶⁷ FENTON, J. C., *A Gospel According to John*, p. 201.

⁴⁶⁸ BRUCE, F. F., João, p. 214-215. Bruce afirma que segundo o evangelista João, a partir da ressurreição de Lázaro muitos judeus passam a crer em Jesus, mas ao mesmo tempo, cresce igualmente a oposição ao mestre. Os círculos das autoridades religiosas e o sumo sacerdote Caifás atestam a conveniência da morte de Jesus, pois receavam uma retaliação dos romanos por causa do crescimento de um movimento messiânico que poderia se tornar incontrolável (Jo 11,45-54). Em Jo 20,17, Jesus explica a sua condição junto ao Pai à Maria Madalena e que uma nova relação de filiação se estabelece igualmente a partir deste momento aos discípulos, neste sentido, o desenrolar desta realidade não pode mais voltar atrás e precisa necessariamente acontecer.

⁴⁶⁹ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*, p. 214.

o corpo de Lázaro e de Jesus foram colocados, o primeiro no sepulcro e o segundo, em um local que para Maria Madalena era desconhecido.

Percebe-se que as semelhanças narrativas e temáticas de Jo 4,1-42; 11,1-44 com 20,11-18 destacam a esperança e a transformação que vêm através da fé em Jesus, enquanto profeta, messias e ressuscitado.

4.7

Análise *ad-extra*: Jo 20,11-18 em relação ao AT

A busca de Maria Madalena por Jesus (Jo 20,11-18) é comparada à procura do amado pela amada em Ct 3,1-4,16, retomando o tema nupcial do livro. A voz de Maria Madalena responde à de Jesus no jardim (Jo 20,16). Metaforicamente, o diálogo entre o amado e a amada no Cântico dos Cânticos pode ser lido como pano de fundo para o encontro entre Maria Madalena e Jesus no jardim.⁴⁷⁰

Em João, a palavra “mulher” é conectada com o tema das núpcias e aliança (Jo 2,4; 4,21; 16,21; 19,26; 20,15). Numa narrativa judaica em que é mencionado um jardim, um leito e uma mulher à procura de um homem, é possível associá-la aos temas do Cântico dos Cânticos. O termo “meu Senhor” também apresenta características nupciais.⁴⁷¹

Maria Madalena inicialmente confunde Jesus com o jardineiro (Jo 20,15). A partir do reconhecimento, Jesus e Maria Madalena poderiam representar o casal primordial que inicia uma nova humanidade. Ao reconhecer a voz de Jesus, Maria Madalena é impelida a segui-lo (Jo 20,16a) e o chama de “Meu Mestre”, pensando que esse encontro significaria a união definitiva. No entanto, Jesus ensina que seu lugar agora é junto do Pai (Jo 20,17s) e a envia para anunciar sua mensagem, marcando um recomeço.⁴⁷²

O jardim onde Jesus foi sepultado (Jo 19,41) poderia ser relacionado ao jardim do Éden, lugar criado com vida e abundância.⁴⁷³ Maria Madalena buscava

⁴⁷⁰ BEUTLER, J., Comentario al evangelio de Juan, p. 820.

⁴⁷¹ SÁNCHEZ, S. C., Evangelio de Juan, p. 479.

⁴⁷² MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 200.

⁴⁷³ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João, v. IV (capítulos 18-21), p. 157. Segundo Léon-Dufour, no jardim, cujo centro havia a árvore da vida, árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2,9); o pecado entrou no jardim, a vida foi ameaçada, por causa da desobediência do primeiro casal. A cruz no Quarto Evangelho seria o lenho verde plantado no Éden. Neste lenho verde brotam novos ramos que produzem muitos frutos, suscitando nova vida (Jo 15,1-17). O Pai, através do Filho, restaurou a criação, fazendo brotar vida novamente (Jo 15,1-17; Is 11,1-9).

um corpo, mas encontrou o ressuscitado, destacando a transição da morte para a vida.⁴⁷⁴

Os paralelos entre Rt 1,16 e Jo 20,17 são evidentes tanto na estrutura binária quanto no emprego de pronomes pessoais, tanto explícitos quanto implícitos. Rute surpreende com palavras de resignação e com sua atitude de retornar para Belém de Judá com a sogra Noemi: “...para onde tu fores, irei também... o teu povo será o meu povo, o teu *Elohîm*, o meu *Elohîm*”.⁴⁷⁵ Assim, a nora declara à Noemi que se identificará como parte do povo de Israel, comprometendo-se a adorar o Deus de sua sogra. Em Jo 20,17, há uma inversão de contexto, pois é Jesus quem declara que, com seu retorno ao Pai, a relação íntima entre ele e a comunidade é fundamentalmente de filiação. Ao contrário de Rute, que escolhe livremente aderir ao Deus de Israel, é o Deus de Israel que, por meio do Filho, incorpora a comunidade em sua vida. Isso sugere que o uso de Rt 1,16 no Evangelho de João visa criar uma estrutura invertida, em que a gratuidade da adoção filial culmina na ressurreição. Essa compreensão se desdobra na continuidade da missão de Jesus pela comunidade, agora capacitada pelo Espírito Santo (Jo 19–21).⁴⁷⁶

Mesmo que tematicamente esteja mais distante, Is 43,1-7 ecoa ao tema do amor de YHWH ao povo de Israel, atribuindo o seu amor por meio da expressão “chamei-te pelo nome: tu és meu” (Is 43,1), evocando a permanência divina com seu povo por meio de todas as situações da vida, mesmo aquelas que são instauradas por meio da adversidade (Is 43,2). YHWH torna explícito este seu amor por meio de sua ação e presença na história da salvação de Israel (Is 43,3) e da declaração “Pois que és precioso aos meus olhos, és honrado e eu te amo” (Is 43,4).⁴⁷⁷ Esta última menção é significativa pois revela a dimensão do amor pela metáfora dos olhos. Ao chamar Maria Madalena pelo nome, ele a toma como sua. Ela faz parte da sua vida de modo que não ficará desamparada, pois assim como o pastor cuida das suas ovelhas, a presença divina não abandona aqueles que se encontram no coração de Deus.⁴⁷⁸

⁴⁷⁴ MAZZAROLLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 302.306.

⁴⁷⁵ VIEGAS, A. S., Uma heroína chamada Rute: análise narrativa e intertextual de Rt 3, p. 159.

⁴⁷⁶ SPENCER, F. S., ‘You just don’t understand’ (Or Do You?), p. 44-45.

⁴⁷⁷ ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.), *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, p. 741. A estrutura frasal de Is 43,4, em hebraico, está regida pelo masculino, segunda singular, uma vez que trata-se de uma declaração direta de YHWH ao povo de Israel: “מֵאֲשֶׁר יִקְרָא בְעֵינַי וְכַבְדָּתָּ וְאָנִי אֶהְבֵּתִידָּ / *Pois tu és precioso aos meus olhos, te honro e eu te amo*”.

⁴⁷⁸ KÖSTENBERGER, A., John, p. 465.

Segundo Köstenberger, o Sl 89,27 também parece ecoar em Jo 20,17. O contexto do Sl 89 refere-se a uma prece em forma de hino, sobre Davi e seu relacionamento com YHWH em meio à história do povo de Israel. Neste salmo há uma evocação sobre as obras da criação, uma declaração, por meio de um oráculo messiânico, em contraste com as humilhações nacionais, concluída por uma prece. Nos v.27-28, em meio ao oráculo de YHWH, declara Deus que o rei messiânico lhe invocará: “Tu és meu pai, meu Deus e meu rochedo salvador”. Davi é declarado primogênito e altíssimo sobre os reis da terra (v.28). Jesus ressuscitado, como primogênito entre os mortos (Cl 1,18), indica essa primazia por meio da sua intimidade com Deus, o Pai. No entanto, esta dimensão de proximidade é ampliada para que os seus irmãos possam viver plenamente esta dimensão de filiação.⁴⁷⁹

A busca de Maria Madalena por Jesus, como narrado no Evangelho de João, evoca um profundo simbolismo que se entrelaça com as tradições do Antigo Testamento, especialmente os temas do amor, busca e encontro. Ao se confundir inicialmente com o jardineiro e, posteriormente, ao ser reconhecido por Maria Madalena, Jesus não apenas revela sua identidade ressuscitada, mas também inaugura uma nova relação entre Deus e a humanidade. O diálogo entre os dois ressoa com as imagens e os temas do Cântico dos Cânticos. Percebe-se também a inversão de contexto entre a narrativa de Rute e o encontro de Maria Madalena com Jesus, algo que sugere uma nova compreensão da filiação divina, onde é Deus quem incorpora a comunidade em sua vida por meio do Filho ressuscitado. Por fim, as alusões a textos de Is 43 e do Sl 89 destacam a continuidade e a ampliação dessa relação de amor e proximidade, ressaltando a importância da identificação pessoal com Deus. Assim, o encontro de Maria Madalena com o ressuscitado não é apenas um evento isolado, mas um momento crucial que reconfigura a compreensão da relação entre Deus e a humanidade, marcando um recomeço cheio de esperança e promessa de vida eterna.

⁴⁷⁹ KÖSTENBERGER, A., John, p. 465.

5

Conclusão

Esta pesquisa contou com sete partes distintas: 1) as questões introdutórias, na qual se apresentou o tema, o objeto formal e material, o método e as fontes de pesquisa, assim como os limites acadêmicos; 2) o Estado da Questão (*Status Quaestionis*), no qual a partir de 1950, buscou-se evidenciar o pensamento central sobre Jo 20,11-18 por parte dos estudiosos e estudiosas da área. Utilizou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica a partir de livros, teses, dissertações e artigos; 3) sobre o texto, por meio dos passos do Método Histórico Crítico, foi proposta a segmentação e tradução, a crítica textual, notas filológicas, delimitação do texto e sua estrutura literária. Neste capítulo também se estudou o tema de Jo 20,1-29 e as aparições de Jesus ressuscitado nos Sinóticos; os ciclos pascais no Evangelho de João e o contexto de Jo 20,11-18; o contexto antecedente próximo (Jo 20,1-10) e contexto posterior próximo (Jo 20,19-29), a verificação da unidade literária, a estrutura Retórica Semítica, o gênero literário; 4) o comentário exegético da perícope de Jo 20,11-18; 5) a análise *ad-intra* e *ad-extra*; a perícope de Jo 20,11-18 em relação ao Evangelho, como um todo; a relação de Jo 20,11-18 com o AT; 6) a conclusão e considerações finais; 7) as referências bibliográficas.

O estudo de Jo 20,11-18 demonstrou que a figura de Maria Madalena possui o *status* de primeira testemunha da ressurreição do Senhor, o que indica o seu papel de discípula e eleva a sua condição à “Apóstola dos Apóstolos”, uma vez que lhe é confiada esta missão. As características complexas desta personagem demonstram a necessidade de um processo de compreensão das mais profundas realidades de fé, que fazem o desvelamento ser interiorizado e transformado em ação e vida.⁴⁸⁰ A pesquisa visa demonstrar a importância das dimensões de relação, entrega, intimidade, afetividade que fazem parte do processo de reconhecimento e adesão

⁴⁸⁰ BINGEMER, M. C., O segredo Feminino do Mistério, p. 168. Em 1991, Bingemer publicou o livro *O Segredo Feminino do Mistério*, constituído por uma coletânea de artigos da autora que abordam a questão da mulher em diversos contextos teológicos. Ela explica que no Novo Testamento, a palavra “*ἀποστέλλω*/enviado” está relacionada à missão dos discípulos no trabalho de Jesus. A autora destaca que não há uma compreensão institucionalizada e rigidamente transmitida do apostolado como um cargo na igreja primitiva. Assevera que um enviado é alguém que compartilha sua experiência íntima com o Senhor.

de fé no ressuscitado. Isto ocorre primeiro em nível pessoal e depois comunitário. Percebe-se também que a narrativa de Maria Madalena pode representar, em sentido pastoral e catequético, a necessidade das comunidades primitivas em fazer a transição de uma relação apegada à presença física para uma adesão a uma experiência mais internalizada e espiritual de Jesus, que se reveste de uma presença muito mais ampla e dinâmica, assim como na relação de maior intimidade com o Pai. A partir da notícia da filiação dos crentes ao Pai, Jesus delega a Maria Madalena a importante missão de comunicar aos discípulos que os laços de relação se estreitam, sendo, portanto, “irmãos”. É curioso notar que a declaração final de Maria Madalena, no v.18c, é uma síntese do itinerário de fé de todo aquele que quer se tornar um discípulo de Jesus. Por meio da experiência desta mulher, é possível se inserir no mistério da morte e ressurreição. A dimensão da visão perpassa toda a narrativa a partir do sepulcro vazio, que se desdobra na busca incessante pelo corpo de Jesus, que tem como ápice o encontro com o ressuscitado e culmina na declaração de anúncio aos discípulos desta experiência.

O Evangelho de João apresenta uma progressão no relacionamento de Jesus com os discípulos. Em Jo 13,16, ele os chama de escravos; em Jo 15,15, de amigos; e em Jo 20,17, de irmãos. Isto se dá em função da comunhão no Espírito que será derramada sobre a comunidade dos crentes que formam, a partir de então, uma única e mesma família, partilhando da mesma herança. Maria Madalena deve comunicar a mensagem do amor paternal de Deus e esta nova condição de filhos.⁴⁸¹

Apesar das limitações inerentes a uma pesquisa de mestrado, como é o caso, em que nem todos os aspectos puderam ser completamente explorados, há espaço para futuras investigações. A reflexão sobre a temática avançou, porém ainda há elementos que necessitam de aprofundamento, idealmente em uma tese doutoral e em outras pesquisas subsequentes. Entre os aspectos que podem ser ainda estudados, destacam-se a análise exegética dos textos antecedentes e subsequentes, bem como dos textos sinóticos e paulinos sobre a ressurreição, a relação com o Antigo Testamento, textos apócrifos e escritos patrísticos sobre Maria Madalena. Ainda, no âmbito pastoral, abre-se possibilidade de investigar o processo de desvelamento de Maria Madalena aplicada à Catequese e ao processo Catecumenal,

⁴⁸¹ LOPES, H. D., João, p. 499.

assim como estudar o papel e o reconhecimento das mulheres na Igreja Primitiva e no cristianismo hodierno.

A perícope de Jo 20,11-18 é uma unidade textual que trata da busca e do encontro de Maria Madalena com Jesus ressuscitado. A sua estrutura temática se assemelha com outras ao longo do Quarto Evangelho, mas ganha especificidade por ser o primeiro relato no qual Jesus se revela pela primeira vez, de forma individual, para uma mulher após a sua paixão. A narrativa desvela paulatinamente a mensagem da ressurreição através dos elementos que compõem a perícope. A vivacidade dos personagens protagonistas, assim como as sutilezas e a constante participação do narrador, caracterizam o texto como uma narrativa em forma de diálogo com elementos de um relato de revelação, contendo visão, revelação com um ensinamento e o envio.

Na narrativa, Maria Madalena demonstra sua fidelidade ao não fugir nem negar Jesus por medo, enfrentando o risco ao permanecer ao seu lado durante seu sofrimento e morte, assim como de visitar o sepulcro, encontrá-lo vazio e, por isso, tentar encontrar o corpo de seu mestre desesperadamente. Os quatro evangelistas mencionam as mulheres como primeiras testemunhas da ressurreição e, em João, Maria Madalena recebe a missão de anunciar aos outros discípulos que Jesus havia ressuscitado.

Pode-se pensar que, devido à mentalidade androcêntrica da época, seu papel e importância foram frequentemente minimizados, com tentativas de relativizá-la, argumentando que ela havia sido enviada apenas aos apóstolos, não ao mundo. Ela também foi transformada em símbolo da doutrina do pecado, confundida com uma prostituta, devido a uma interpretação bíblica “equivocada” do papa Gregório Magno em 591 d.C. A Igreja Católica Romana rejeitou oficialmente esta leitura sobre Maria Madalena em 1969. Na Igreja Oriental nunca se aceitou a interpretação do Papa Gregório.⁴⁸²

Quanto ao texto, percebe-se que através de Maria Madalena, Jesus desafiou a sociedade patriarcal e androcêntrica a aceitar uma mulher como a primeira testemunha da ressurreição, bem como a primeira enviada pelo Senhor ressuscitado.⁴⁸³ Pode-se admitir que a relevância de Maria Madalena, chamada de

⁴⁸² WINKETT, L., *Go Tell! Thinking About Mary Magdalene*, p. 21.

⁴⁸³ TEPEDINO, A. M., *As discípulas de Jesus*, p. 108.

“Apóstola dos Apóstolos” e testemunha da ressurreição, sugere que, na Igreja Primitiva, persistiu o princípio igualitário inaugurado pela prática de Jesus.⁴⁸⁴

Pode-se afirmar ainda que a fé pascal é expressão da significância da cruz. Maria Madalena surge no Evangelho de João aos pés da cruz. Quando vai ao sepulcro e vê a pedra rolada, se desespera, pois pensa que levaram o corpo do Senhor, portanto, ela é a primeira a observar que o sepulcro poderia ter sido violado.⁴⁸⁵ Ela o busca insistente e corajosamente, tanto que nem se abala pela presença de anjos. Ao ver “o jardineiro”, Maria Madalena não o reconhece, mas apenas o faz quando ele a chama pelo nome, pois nas experiências mais profundas da vida, principalmente, as que envolvem um reencontro, as palavras costumam ser poucas. Isto parece se refletir na narrativa por meio dos termos aramaicos familiares de tratamento entre Maria Madalena e o Mestre.⁴⁸⁶

Ao tentar retê-lo, ela mostra-se ainda presa à crença de que este deve permanecer junto aos seus, como fazia durante seu ministério. Jesus então ensina que ele sobe ao Pai e que dali em diante sua presença será diferente e permanente, em Espírito. Ele explica que elevará a humanidade à condição de filhos e envia Maria Madalena em missão para anunciar estas coisas “junto aos irmãos”. Os laços de parentesco familiar são transcendidos na vida da comunhão cristã.⁴⁸⁷

João evidencia que a fé de Maria Madalena, discípula próxima de Jesus, é gradualmente amadurecida. Parece que o evangelista deseja mostrar que, mesmo aqueles que conviveram no círculo mais íntimo de Jesus precisam fazer o itinerário de fé que as futuras comunidades percorrerão. Com a morte das primeiras testemunhas oculares do Jesus histórico, restará para as futuras gerações o testemunho oral e, posteriormente, o testemunho evangélico dos feitos e ensinamentos de Jesus no seu ministério. A justificativa de Jesus a Maria Madalena demonstra um cuidado especial em atender à necessidade humana de resposta para aquilo que não se compreende. Jesus, a partir de então, faz-se presente no mundo em Espírito. Ao testemunhar que Jesus ressuscitou, Maria Madalena percebe que a vida autêntica foi recriada e sai em missão para anunciar.⁴⁸⁸

⁴⁸⁴ DE ABREU LIMA, M. N., O discurso da igreja às mulheres e sobre elas, p. 114.

⁴⁸⁵ CALLE, F. de la., A Teologia do Quarto Evangelho, p. 153.

⁴⁸⁶ TASKER, R. V. G., The Gospel According to St. John, p. 225.

⁴⁸⁷ MARSH, J., St. John, p. 636.

⁴⁸⁸ THEISSEN, G.; MERZ, A., O Jesus histórico, p. 533.

Os temas de criação e renovação permeiam a narrativa do encontro de Maria Madalena com o ressuscitado. A ressurreição, de fato, pode ser compreendida como um ato de recriação. O fato do sepultamento e da ressurreição de Jesus terem ocorrido em um jardim enfatiza o contínuo esforço do Quarto Evangelho em unir o divino e o humano. A morte é uma parte inegável da experiência da vida, mas a ressurreição aponta para a realidade de uma vida abundante. Além disso, a importância do relacionamento pessoal com Deus é implicitamente sugerida por essa imagem do jardim que remete à simbologia do Jardim do Éden.⁴⁸⁹

No Evangelho de João, Maria Madalena é a primeira testemunha do ressuscitado.⁴⁹⁰ Apesar das narrativas de 1Cor 15,3-8 e Lc 24,34 afirmarem que a primeira aparição de Jesus foi a Simão Pedro, a tradição presente em Jo 20,14-17, Mt 28,1.9-10 e Mc 16,9-11, afirma que Jesus apareceu inicialmente a Maria Madalena (em Mateus, acompanhada por outra mulher).⁴⁹¹ Esta tradição desafia claramente a narrativa centrada em Pedro, e sua persistência sugere uma motivação significativa para não suprimi-la do cânon, o que seria provável se suas evidências fossem fracas.

O material sobre Maria Madalena no Quarto Evangelho evidencia o papel das mulheres na comunidade cristã. Mostra que, pelo menos, em algumas das primeiras comunidades cristãs, a mulher era considerada a primeira testemunha do Mistério Pascal, desempenhando um papel vital na transmissão da Tradição Apostólica. Sua vocação é descrita mais detalhadamente do que a de muitos dos Doze. O seu apostolado é equiparado ao de Pedro e Paulo, pois, como ambos, testemunhou o Senhor ressuscitado, recebeu diretamente dele a missão de anunciar o Evangelho. No entanto, ao contrário de Pedro, ela permaneceu fiel a Jesus durante a paixão, e ao contrário de Paulo, nunca perseguiu os seguidores de Cristo.⁴⁹²

Em todo o ensinamento de Jesus, como também no seu comportamento, não se encontra nada que denote a discriminação da mulher, própria do seu tempo. Ao contrário, as suas palavras e as suas obras exprimem sempre o respeito e a honra

⁴⁸⁹ LEWIS, K. M., John, p. 240.

⁴⁹⁰ SLOYAN, G., Giovanni, p. 267. Antes do Concílio Vaticano II, o Rito Romano da Missa incluía a recitação do Credo durante a celebração da festa de Santa Maria Madalena, em 22 de julho, seguindo a analogia com os apóstolos e evangelistas. Essa prática litúrgica pode sinalizar para a tradição cristã a importância de Maria Madalena como a principal testemunha e mensageira, a partir do Evangelho de João.

⁴⁹¹ SANDERS, J. N.; MASTIN, B. A., *A New Commentary on the Gospel According to St. John*, p. 424-425.

⁴⁹² SCHNEIDERS, S. M., *Women in the Fourth Gospel and the Role of Women in the Contemporary Church*, p. 43-44.

devidos à mulher.⁴⁹³ Num de seus Discursos, o Papa Paulo VI declarou, entre outras coisas:

No cristianismo, de fato, mais que em qualquer outra religião, a mulher tem, desde as origens, um estatuto especial de dignidade, do qual o Novo Testamento nos atesta não poucos e não pequenos aspectos (...); aparece com evidência que a mulher é destinada a fazer parte da estrutura viva e operante do cristianismo de modo tão relevante, que talvez ainda não tenham sido enucleadas todas as suas virtualidades.⁴⁹⁴

Portanto, Paulo VI afirma que, desde o início do cristianismo, as mulheres têm sido valorizadas e respeitadas por sua dignidade. Ele observa que o Novo Testamento fornece vários exemplos que ilustram essa dignidade. O Papa enfatiza que as mulheres têm uma importância vital na religião cristã tanto historicamente quanto no presente, e que suas contribuições podem ser ainda mais profundas e ricas do que as que já foram reconhecidas. Isso destaca a valorização da participação das mulheres na fé cristã e reconhece a sua capacidade de enriquecer e fortalecer a religião de maneiras que ainda podem não ter sido totalmente exploradas.⁴⁹⁵ Jesus ressuscitado se revela primeiro a Maria Madalena deixando registrado para o mundo que foi ela a eleita para anunciar a ressurreição.

Para Jesus, as mulheres estão para além da lei e do direito, por isso, em todos os Evangelhos, as primeiras testemunhas da ressurreição são mulheres. Num jardim, Jesus resgata a dignidade concedida ao homem e à mulher pelo Criador no jardim do Éden (Gn 1,26-27; 2,18-25).

João apresenta um processo gradual de reconhecimento de Jesus por parte de Maria Madalena, semelhante a Lc 24,13-35, com os discípulos de Emaús. João parece desejar transmitir que o ressuscitado tem como objetivo inspirar a fé como valor primordial na Igreja. Posteriormente, ele abre o coração do fiel, despertando a confiança que leva ao reconhecimento de sua presença. Através da fé, somos capacitados a encontrar o ressuscitado. Deus que nos criou nos quer eternamente junto de si. A ressurreição de Jesus é a resposta de Deus para o enigma da vida e da morte, dissipando as trevas das mentes e dos corações. Onde há esperança, há alegria.

⁴⁹³ JOÃO PAULO II, MD 12.

⁴⁹⁴ JOÃO PAULO II, MD 1.

⁴⁹⁵ JOÃO PAULO II, MD 13.

A narrativa de Maria Madalena encontrando o ressuscitado ilustra que o Senhor está presente em todos os momentos da vida cotidiana, e sua presença pode ser reconhecida mediante a fé e a caridade. A partir desse encontro, a vida do crente sofre uma transformação interior profunda, influenciando de maneira significativa seu caminho espiritual.⁴⁹⁶ O conteúdo das palavras de Maria Madalena aos discípulos é garantido pelo ver, que preenche paulatinamente o seu conteúdo através da experiência com Jesus ressuscitado.⁴⁹⁷ A verdadeira fé no ressuscitado só se revela quando se supera a busca superficial por sua presença física e se procura compreender seu significado mais profundo. É importante abandonar perspectivas limitadas ligadas ao tangível para compreender o mistério de Cristo na vida profunda e na intimidade com o Pai. O momento do reconhecimento ocorre quando Maria Madalena se dispõe a aceitar a verdade da ressurreição e a se deixar cativar pela fé. O diálogo entre Jesus e Maria Madalena no jardim após a ressurreição ilustra a transformação espiritual e a busca interior pela presença do ressuscitado.⁴⁹⁸

Através da narrativa de Jo 20,11-18, é possível compreender que a ressurreição de Jesus não apenas transcende a história, mas deixa um rastro na própria história.⁴⁹⁹ Maria Madalena testemunhou um evento de caráter completamente revolucionário e, por causa dessa experiência, sentiu-se compelida a compartilhá-la com os outros discípulos. Esse evento de natureza radicalmente nova, quando acolhido com o coração aberto e uma mente atenta, faz perceber que o Senhor confirma o testemunho de Maria Madalena e atesta sua própria existência, despertando em cada crente a firme convicção de que ele está vivo.⁵⁰⁰ Ela foi a primeira a testemunhar um dos princípios centrais da fé cristã, a ressurreição, e também recebeu o privilégio pascal de anunciá-la.⁵⁰¹

⁴⁹⁶ MARTINI, C. M., *O Evangelho Segundo João*, p. 111.

⁴⁹⁷ VAN TILBORG, S., *Comentario al Evangelio de Juan*, p. 414.

⁴⁹⁸ ZEVINI, J., *Evangelho Segundo João*, p. 218.

⁴⁹⁹ MACGREGOR, K. R., *A Historical and Theological Investigation of John's Gospel*, p. 16. K. R. MacGregor acredita que algumas características da perícopa indicariam a veracidade histórica desta narrativa. De acordo com o contexto patriarcal do primeiro século, o testemunho de uma mulher era considerado inválido e, portanto, ela não teria autorização para atuar como testemunha em um tribunal judaico em Israel. Para o autor, se esta história fosse lendária, provavelmente, teria retratado o Discípulo Amado e Pedro descobrindo o sepulcro vazio por conta própria, sem a participação inicial e orientação de Maria Madalena. A inclusão do relato de Maria Madalena informando ao Discípulo Amado e a Pedro sobre o sepulcro vazio, de acordo com o critério do constrangimento, sugeriria que ela realmente teria desempenhado esse papel, uma vez que isso não fortaleceria, mas até mancharia a credibilidade aos olhos de um leitor do primeiro século.

⁵⁰⁰ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*, p. 245.

⁵⁰¹ JANSEN, K. L., *The Making of the Magdalene*, p. 23.

Por meio de Maria Madalena, Jesus “elevou as mulheres à posição que lhes cabe por direito, porquanto em Cristo não há homem e nem mulher (Gl 3,28)”.⁵⁰² Maria Madalena emerge, especialmente no Evangelho de João, como um modelo perene de vida cristã. Ela personifica uma mulher consciente de seu papel como portadora da extraordinária mensagem para a comunidade. O papel existencial da mulher cristã é claramente delineado: anunciar a ressurreição de Jesus após vivenciá-la de maneira pessoal, no entanto, este papel traz consigo o risco inevitável de não ser compreendida ou acreditada.⁵⁰³

O evento da ressurreição, conforme narrado no Quarto Evangelho, reafirma o princípio da igualdade de dignidade entre homens e mulheres, estabelecido solenemente em Gn 1,27. Perceber a inversão desta igualdade na história, em que as mulheres foram sujeitas à autoridade masculina, não apenas nas comunidades eclesiais, mas também dentro da própria estrutura familiar e social, demanda uma mudança radical de mentalidade e estilo de vida. Tal transformação avalizada por Jesus e protagonizada por Maria Madalena, a primeira testemunha ocular da ressurreição, deve servir de exemplo para todas as Madalenas que refletem em suas vidas e ações, a fé no ressuscitado.⁵⁰⁴

⁵⁰² CHAMPLIN, R. N., *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*, p. 840.

⁵⁰³ RIGATO, M. L., *Giovanni*, p. 307.

⁵⁰⁴ RIGATO, M. L., *Giovanni*, p. 307-308.

Referências Bibliográficas

- ANÔNIMO. *Meditatio de Passionis et Resurrectione Christi*, 38. In: MIGNE, J. -P. (ed.). **Patrologia Latina**. v. 184. Paris: Walafridi Hortulus, 1855, p. 766.
- BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G. **Dicionário exegético do Novo Testamento**. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1990.
- BARRET, C. K. **The Gospel according to St. John**: an introduction with commentary and notes on the Greek text. London: S. P. C. K., 1975.
- BARTOLOMÉ, J. J. **Cuarto Evangelio cartas de Juan**: introducción y comentario. Madrid: Editorial CCS, 2002.
- BAUCKHAM, R. **Gospel Women**: Studies of the Named Women in the Gospels. Wm. B. Eerdmans Publishing, 2002.
- BAUCKHAM, R.; MOSSER, C. **The Gospel of John and Christian Theology**. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing; Grand Rapids, 2008.
- BAUER, W.; DANKER, F. W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. N. **A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature**. 4ed. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2021.
- BEASLEY-MURRAY, G. R. **John. v.36. Word Biblical Commentary**: John. v.36. Texas: Word Books Publisher, 1987.
- BERGER, K. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.
- BERNARD, J. H. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John**. vol II. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928.
- BEUTLER, J. **Comentario al evangelio de Juan**. v.3. Estella: Ed. Verbo Divino, 2016. Disponível em <https://pt.scribd.com/read/611341449/Comentario-al-evangelio-de-Juan>. Acessado em 17/10/2023.
- BINGEMER, M. C. **O segredo Feminino do Mistério**. Ensaios de Teologia na ótica da mulher Petrópolis: Vozes, 1991.
- BLANCHARD, Y. M. **São João**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BLANK, J. **O Evangelho segundo João (3ª parte)**. Petrópolis: Vozes, 1991.

- BOISMARD, M. É.; LAMOUILLE, A. **Synopse des Quatre Évangiles (tome III)**. Paris: LesÉditions du Cerf, 1976.
- BOOR, W. **Evangelho de João II: comentário esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.
- BOUYER, L. **El cuarto Evangelio: introducción al evangelio de Juan**. Barcelona: Editorial Estela, 1967.
- BRADY, J. S. **Women in the Gospel of John: Reassessing Jesus's Interactions with Women Within the Context of First-Century Palestinian Culture**. Midwestern Baptist Theological Seminary, 2023.
- BRANT, J. A. A. **John**. Michigan: Baker Academic, 2011.
- BRODIE, T. L. **The Gospel According to John. A Literary and Theological Commentary**. New York: Oxford University Press, 1993.
- BROWN, R. E. **Comentário ao Evangelho segundo João. Vol. 2 (1-2): introdução, tradução e notas**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020.
- BRUCE, F.F. **João: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BULTMANN, R. **The Gospel of John: a Commentary**. Philadelphia: The Westminster Press, 1971.
- BURGE, G. M. **The NIV Application Commentary: John**. Michigan: Grand Rapids, 2000.
- CALLE, F. de la. **A Teologia do Quarto Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CARD, M. **John, the Gospel of Wisdom**. Illinois: IVP books, 2014.
- CARDONA RAMÍREZ, H. **El Evangelio Según San Juan**. Rasgos bíblicos y teológicos. Medellín: Editorial Universidad Pontificia Bolivariana, 2015.
- CARSON, D. A. **The Gospel According to John**. Leicester: Apollos; Michigan: Eerdmans Publishing Group, 1991.
- CASALEGNO, A. **O Evangelho de João na interpretação dos Padres da Igreja e dos Teólogos Medievais: florilégio de Clemente Romano e Tomás de Aquino**. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- CHAMBERLAIN, W. D. **Gramática exegética do grego neo-testamentário**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo, volume 2: Lucas, João**. São Paulo: Hagnos: 2014.

- CLARK-SOLES, J. Mary Magdalene: Beginning at the End. In: HUNT, S. A.; TOLMIE, D. F.; ZIMMERMANN, R. **Character studies in the Fourth Gospel: narrative approaches to seventy figures in John**. Tübingen: MohrSiebeck, 2013, p. 636-640.
- COLEMAN, W. L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Venda Nova: Betânia, 1991.
- COLWELL, E. C. **The Greek of the Fourth Gospel: A Study of its Aramaisms in the Light of Hellenistic Greek**. Illinois: The University of Chicago Press, 1931.
- DALMAN, G. **The Words of Jesus: Considered in the Light of Post Biblical Jewish Writings and the Aramaic Language**. Edinburgh: T&T Clark, 1902.
- DE ABREU LIMA, M. N. O discurso da igreja às mulheres e sobre elas: De mulieris dignitatem de João Paulo II aos pronunciamentos de Francisco. *Annales Faje*, v. 2, n. 4, p. 111-120, 2017.
- DE LUCAS, L.; TORRES, M. M. V. “Vi o Senhor!”: a dimensão feminina do relato da primeira aparição de Jesus Ressuscitado no Quarto Evangelho e um Papa que acolhe o testemunho das mulheres. *Revista Teopraxis*, v. 40 n. 135. Julho/dezembro, 2023, p. 51-66.
- DODD, C. H. **A Interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Teológica; São Paulo: Paulus, 2003.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- ENGBERG-PEDERSEN, T. **John and Philosophy: A New Reading of the Fourth Gospel**. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- FABRIS, R; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos II**. São Paulo: Loyola, 1992.
- FENTON, J. C. **A Gospel According to John: in the revised Standard version**. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- FERREIRA, J. **Johannine Ecclesiology: Journal for the Study of the New Testament Supplement**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- FIORENZA, E. S. **Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia Feminista Crítica da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FLANAGAN, N. M. João, In: BERGANT, D. KARRIS, R. (orgs.). **Comentário Bíblico**, v. 3, Loyola, São Paulo, 2017, p. 109-141.

- GARCÍA, J. M. La aparición de Jesús Resucitado a María Magdalena (Jn 20,11-18): *Estudios Bíblicos*, 73/1 Madrid: EdicionesUniversidad San Dámaso, 2015 p. 57-77.
- GARCIA PEREZ, J. M.; PEREIRA, N. B. “Não me toques” ou “Não me busques”? Uma nova tradução de Jo 20,17? *Revista Encontros Teológicos*, [S. l.], v.30, n. 1, 2016, p. 179-185.
- GARRIDO, J. *Lectura y relectura de Juan, el discípulo*. Navarra: Verbo Divino, 2017.
- GHIBERTI, G. *I racconti pasquali del capitolo 20 di Giovanni*. Studi Biblici n.19. Brescia: Paideia Editrice, 1972.
- GONZAGA, W. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, I; FERNANDES, L. A.; CORRÊA LIMA, M. L., **Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-235.
- GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do *Corpus Joanino* no Cânon do Novo Testamento. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, n. 3, set./dez.2020, p. 681-704.
Doi: <https://doi.org/10.20911/21768757v52n3p681/2020>
- GONZAGA, W. **Compêndio do Cânon Bíblico**. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro, EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.
- GONZAGA, W.; VIANNA TORRES, M. M. Raab, a meretriz: mulher de fé (Hb 11,31) e de boas obras (Tg 2,24-25). *Yachay*, Cochabamba, Bolívia, Ano 39, n. 76, Julio -Diciembre, 2022, p. 161-202. Doi: <https://doi.org/10.35319/yachay.20227651>
- GONZAGA, W.; VIANNA TORRES, M. M. O Ressuscitado: Suas aparições a homens e não a mulheres em 1Cor 15,3-8. In: GONZAGA, Waldecir... [et al.]. **Fé, justificação e ressurreição nas Epístolas do Novo Testamento**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix; Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023, p. 69-94. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600828-02>
- GRASSO, S. **Il Vangelodi Giovanni**: commento exegetico e teológico. Roma: Città Nuova Editrice, 2008.
- GUILLET, J. **Jesucristo nel Evangelio de Juan**. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1982.

- GUZMÁN, C. P. “He visto al Señor” (Jn 20, 18a): Tradiciones de discipulado de María Magdalena en Jn 20, 11-18 y en algunas tradiciones posteriores (s. I-IV). *I. Estudio Agustiniano*, v. 49, n. 1, p. 5-75, 2014.
- HAENCHEN, E. **John 2: A Commentary on the Gospel of John. Chapters 7-21.** Philadelphia: Fortress Press, 1984.
- HAHN, S. MITCH, C. **O evangelho de São João: Cadernos de estudo bíblico.** Campinas: Ecclesiae, 2015.
- HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento: João.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2019.
- JANSEN, K. L. **The Making of The Magdalene: Preaching and Popular Devotion in the Later Middle Ages.** New Jersey: Princeton University Press, 2000.
- JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário.** São Paulo: Paulinas, 1983.
- JEWISH VIRTUAL LIBRARY.** <https://www.jewishvirtuallibrary.org/witness>, acessado em 08/09/2023.
- JOÃO PAULO II. **Carta apostólica *Mulieris Dignitatem*** do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano (MD). São Paulo: Paulinas, 2000.
- JOBES, K. H. **John Through Old Testament Eyes: A Background and Application Commentary.** Michigan: Kregel Publications, 2021.
- KEENER, C. S. **Comentario del Contexto cultural de la Biblia.** Nuevo Testamento. El paso: Ed. Mundo Hispano, 2003.
- KONINGS, J. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- KÖSTENBERGER, A. **John: Baker Exegetical Commentary on the New Testament.** Michigan: Baker Academic, 2004.
- KUNNATH, N. L'apparizione di Gesù a Maria di Magdala Gv 20, 1-18. Una rilettura narrativa. *Theologica & historica*, v. 24, p. 33-68, 2015.
- LAGRANGE, M. J. **Évangile selon Saint Jean.** Paris: J. Gabalda et C^{ie}. Éditeurs, 1936.
- LAMBIASI, F. **Autenticidade histórica dos Evangelhos: estudos de criteriologia.** São Paulo: Paulinas, 1978.
- LANDRIVON, S. **Maria Maddalena.** La fine della notte. Brescia: Queriniana, 2019.

- LARSEN, K.B. **Recognizing the Stranger: Recognizing Scenes in the Gospel of John**. Boston: Brill, 2008.
- LEÓN-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho segundo João. v. IV (capítulos 18–21)**. São Paulo: Ed. Loyola, 1988.
- LEWIS, K. M. **John**. Fortress Biblical Preaching Commentaries. Minneapolis, 2014.
- LIDDELL, H. G. (et al). **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996. Logos Software (Recurso eletrônico).
- LIGHTFOOT, R. H. **St. John's Gospel**. London: Oxford University Press, 1972.
- LIMA, E. C. D. **A voz de Maria Madalena a partir da narrativa de João (Jo 20, 1-2.11-18)**. 2021 PUC Goiás (Tese de Doutorado).
- LIMA, M. L. C. **Exegese bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- LELOUP, J. Y. **O evangelho de Felipe**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LOUW, J.; NIDA, E. (eds.) **Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- LOZANO, E. M. **En El Principio era la Vida: comentário al evangelio de Juan**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2019.
- MACARTHUR, J. **Manual bíblico MacArthur**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.
- MACCINI, R. G., **Her Testimony is True**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996.
- MACGREGOR, K. R. **A Historical and Theological Investigation of John's Gospel**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2020.
- MAGGI, A. **A loucura de Deus: João**. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.
- MAIA, G. L. **Maria Madalena: discípula predileta do Senhor**. São Paulo: Paulinas, 2023.
- MALHADAS, D.; CONSOLIN, M. C. C.; NEVES, M. H. M. **Dicionário Grego-Português**. Ateliê Editorial: Cotia; Editora MNEMA: Araçatuba da Serra, 2022.
- MALZONI, C. V. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MANNS, F. **Sinfonia Sponsale nel Vangelodi Giovanni**. Napoli: Chirico, 2019.

- MARSH, J. **The Gospel of St John**: The Pelican New Testament Commentary
London: Penguin Books, 1985.
- MARTIN, F.; WRIGHT IV, W. M. **The Gospel of John**: Catholic Commentary on
sacred scripture. Michigan: Baker Academic, 2015.
- MARTINI, C. M. **O Evangelho Segundo João**. São Paulo: Loyola, 1981.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário Teológico do Evangelho de São João**.
São Paulo: paulinas, 1989.
- MATERA, F. J. Em João: Maria Madalena, Tomé e os outros. In: Doré, J. **Jesus**: a
enciclopédia. Petrópolis: Vozes, 2020.
- MAZZAROLLO, I. **Nem aqui, nem em Jerusalém**. Evangelho de São João-
exegese e comentário. 2ª edição. Rio de Janeiro: Mazzarollo Editor, 2015.
- MCCARTHY, A. **John 20: 11-18**: An exegesis through art and text. 2013.
Murdoch University, 2013. (Tese de Doutorado).
- METZGER, B. M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. New
York: United Bible Societies, 1971.
- MICHAELS, R. J. **Novo comentário bíblico contemporâneo: João**. São Paulo:
Vida, 1994.
- MOLONEY, F. J. **Il Vangelodi Giovanni**. Torino: EditriceElledici, 2007.
- MORRIS, L. **The Gospel According to John**. Michigan: Grand Rapids, 1995.
- MOULTON, J. H.; MILLIGAN, G. **The vocabulary of the Greek Testament**.
London: Hodder and Stoughton, 1930.
- NESTLE-ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece** Ed. XXVII. Stuttgart:
Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- NESTLE-ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart:
Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- NICCACCI, A.; BATTAGLIA, O. **Comentário ao Evangelho de São João**.
Petrópolis: Vozes, 2000.
- ORLANDO, L. **Giovanni**. Il vangelo dela vita. Bari: EcumenicaEditrice, 2022.
- PAPPACHAN, E. **A Comparative Study of Characterization of the Samaritan
Woman and Mary Magdalene in the Fourth Gospel**. Pontificia Università
S. Tommaso D'Aquino, 2021. (Tese de doutorado).
- PÉREZ-MILLOS, S. **Juan**: Comentário Exegético al Texto Griego del Nuovo
Testamento, Barcelona: Editorial CLIF, 2016.

- POPPI, A. **I quattro Vangeli**: commento sinottico. v.II. Padova: Edizione Messaggero, 1997.
- PIETZ, J. V. Discipleship at the Dawn of Resurrection: Dwelling with Mary Magdalene in John 20. *Word & World*, v. 41, n. 4, p. 307-314, 2021.
- PIKASA, X.; CALLE, F. **La Teologia de los Evangelios de Jesus**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1977.
- RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.). **Septuaginta**. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- RAMOS, F. F. João. In: OPORTO, S. G.; GARCÍA, M. S. **Comentário ao Novo Testamento**. São Paulo: Ave Maria, 2006.
- RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. Principia Editora, 2011.
- RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**: do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- RIGATO, M. L. **Giovanni**: l'enigmista Presbitero il culto Il Tempiola cristologia. Edizioni Dehoniane Bologna, 2007.
- RIJKSBARON, A. **Form and Function in Greek Grammar**: Linguistic Contributions to the Study of Greek Literature. Michigan: Grand Rapids, 2011.
- RILKE, R. M.; RÓNAI, P.; MEIRELES, C. **Cartas a um jovem poeta**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2001.
- SÁNCHEZ, S. C. **Evangelio de Juan**. Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén. España: Desclée de Brouwer, 2008.
- SÁNCHEZ, S. C. **Evangelio de Juan**: comprensión exegético-existencial. Sevilla: Universidad Pontificia Comillas, 2001.
- SANDERS, J. N.; MASTIN, B. A. **A New Commentary on The Gospel According to St John**. London: Adam & Charles Black, 1977.
- SCHNACKENBURG, R. **Il Vangelo di Giovanni. Parte seconda**. Commentario Teologico del Nuovo Testamento. Brescia: Paideia Editrice, 1977.
- SCHNEIDERS, S. M. Women in the Fourth Gospel and the Role of Women in the Contemporary Church. *Biblical Theology Bulletin*, v.12, n. 2, p. 35-45, 1982. <https://doi.org/10.1177/014610798201200202> acessado em 05/10/23.

- SCHNEIDERS, S. M. Touching the Risen Jesus: Mary Magdalene and Thomas the Twin in John 20. **Proceedings of the Catholic Theological Society of America**, 2005.
- SEBASTIANI, L. **Maria Madalena**: de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SIKORSKI, C. F. **O presente histórico como estratégia oral na prosa de Andóides**. Universidade de Brasília: Brasília, 2013.
- SIMOENS, Y. **Secondo Giovanni**. Una traduzione e un'interpretazione. Bologna: EDB, 2002.
- SPENCER, F. S. 'You just don't understand' (Or Do You?). Jesus, Women, and Conversation in the Fourth Gospel. In: LEVINE, A. J.; BLICKENSTAFF, M. (eds.) **A Feminist Companion to John**. New York: Bloomsbury Publishing, 2002, p.15-47. Disponível em <https://www.perlego.com/book/803722/feminist-companion-to-john-volume-1-pdf>. Acessado em 7/11/2023.
- STARK, J. D. **Lexham Theological Wordbook**. Logos Research Systems, Inc, 2014. (Recurso Eletrônico)
- SWANSON, J. (Org.), **A Dictionary of Biblical Languages**: Hebrew (Old Testament). Logos Research Systems, Inc, 2001. (Recurso Eletrônico)
- SLOYAN, G. **Giovanni**. Torino: Claudiana, 2008.
- TAMEZ, E. **Las mujeres em el movimiento de Jesús**: Lecturas Bíblicas Em Perspectiva Feminista. Hialeuah: Juan Uno, 2020.
- TASKER, R. V. G. **The Gospel Acoording to St. John**: an Introduction and Comment. Tyndale New Testament Commentaries. Leicester: Inter-Varsity Press, 1976.
- TEPEDINO, A. M. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- THEISSEN, G.; MERZ, A. **O Jesus histórico**: um manual. São Paulo: Loyola, 1996.
- THOMPSON, M. M. **John**: a commentary. Louisville: Westminster John Knox Press, 2015.
- TOMMASO, W. S. **Maria Madalena**: história, tradição e lendas. São Paulo: Paulus, 2022.

- UTRINI H. C. S. Discípulo ou rival? A imagem de Simão Pedro no Quarto Evangelho a partir de Jo 21,1-14. *Atualidade Teológica*, v. 23, n. 63, p. 606-632, set./dez. 2019.
- VAN DEN BUSSCHE, H. **Jean**. Commentaire de L'Évangile spirituel. Bruges: Desclée de Brouwer, 1967.
- VAN TILBORG, S. **Comentario al Evangelio de Juan**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2005.
- VANNI, U. **Il Tesoro Di Giovanni**: un percorso bíblico-spiritual nel Quarto Vangelo. Assisi: Citadella Editrice, 2010.
- VELANDIA COCUNUBO, W. F. **Una nueva mujer para una nueva sociedad**. Una experiencia de liberación a la luz de Juan 20,11-18. Pontificia Universidad Javeriana, 2018 (Tese de Doutorado).
- VERBRUGE, V. D. **Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- VIEGAS, A. S. **Uma heroína chamada Rute: análise narrativa e intertextual de Rt 3**. Rio de Janeiro: Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017. (Tese de doutorado)
- VIGNOLO, R. **Personaggi del Quarto Vangelo**: figure della fede in San Giovanni. Milano: Glossa, 1994.
- WALLANCE, D. B. **Gramática grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.
- WENGST, K. **Il Vangelodi Giovanni**: commentari biblici. Brescia: Editrice Queriniana, 2005.
- WIKENHAUSER, A. **El Evangelio según San Juan**. Barcelona: Herder, 1967.
- WINKETT, L. Go Tell! ThinkingAbout Mary Magdalene. *Feminist Theology*, v.10, n. 29, p. 19-31, 2002. <https://doi.org/10.1177/096673500200002903>
- ZEVINI, J. **Evangelho Segundo João**, volume II. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1996.
- ZUMSTEIN, J. O evangelho segundo João. In: MARGUERAT, D. (org.). **Novo Testamento**. História, escritura e teologia. 3ª edição. São Paulo: Loyola, 2015, p. 437-470.
- ZUMSTEIN, J. **Il Vangelo secondo Giovanni**. vol. 2 (13,1-21,25). Torino: Claudiana, 2017.